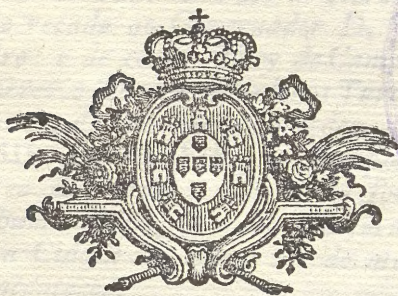
DA ASIA
DE
DIOGO DE COUTO

DOS FEITOS, QUE OS PORTUGUEZES FIZERAM NA CONQUISTA, E DESCUBRIMENTO DAS TERRAS, E MARES DO ORIENTE.

DECADA SEXTA

PARTE SEGUNDA.

LISBOA

NA REGIA OFFICINA TYPOGRAFICA.

ANNO M.DCC.LXXXI.

Com Licença da Real Meza Censoria, e Privilegio Real.

INDICE

DOS CAPITULOS, QUE SE CONTÉM NESTA PARTE II. DA DECADA VI.

LIVRO VI.

LI-

LIVRO VII.

LIVRO VIII.

LIVRO IX.

mo

LIVRO X.

pai

te-

DE-

DECADA SEXTA.

LIVRO VI.

Da Hiſtoria da India.

CAPITULO I.

De como os naturaes da Cidade de Adém ſe confederáram com ElRey de Camphar, e lhe entregáram aquella Cidade: e do recado que mandáram a Ormuz, e a Goa a pedir ſoccorro.

NO Cap. IV. do V. Liv. da quinta Decada fica dito, como o Baxá Soleimão Eunuco, depois de ſe levantar desbaratado de ſobre Dio, fugindo á Armada Portugueza, fora ter á Cidade de Adém, onde deixou por Baxá Mir Moſtafá, torto de hum olho, com quinhentos Turcos de guarnição. Em ſeu lugar ſuccedeo depois outro Baxá, chamado Marzão, homem tambem máo, e perverſo,

como todos os Turcos o são. Este com todos os mais usando de suas naturezas, assim avexáram, maltratáram, e perseguíram aos naturaes, e moradores daquella Cidade, affrontando-os em suas mulheres, e filhas, que de não poderem já soffrer mais, tratáram de sacudir do pescoço tão pezado jugo, e izentarem-se de tão tyrannica servidão; e pera isso se carteáram em muito segredo com Alibem Soleimão, Rey de Camphar seu vizinho, promettendo-lhe entrada dentro na Cidade, e de o levantarem por seu Rey. Por tal modo tratáram este negocio, que lhe deo ElRey orelhas, e lançou mão dos cumprimentos. E ordenado antre elles o modo que se havia de ter, depois de tudo assentado, partio ElRey de Camphar com mil homens do seu Reyno, que deixou entregue a seu filho mais velho, levando comsigo dous que tinha mais; hum legitimo, moço de treze, ou quatorze annos; e outro bastardo de vinte e dous, homem mui formoso, e bem disposto, e de muito bom entendimento; e tal ordem teve na jornada, que chegou de noite a Adém, e foi demandar a porta por onde havia de entrar a Cidade, onde já os conjurados o esperavam, que o mettêram dentro sem serem sentidos. E logo commettêram o Castello, que foi entrado a poucos golpes, e mortos os

que nelle eſtavam de guarnição , e cativos vinte e ſinco Turcos, os mais delles bombardeiros, ficando ſenhor do Caſtello.

O Baxá Marzão tanto que ſentio o reboliço, ajuntou os Turcos, que ſeriam perto de quinhentos, e ſe fez forte em ſeus Paços , porque não ſabia o que aquillo era , e alli eſteve até amanhecer. ElRey de Camphar, que eſtava no Caſtello, paſſada a noite , ſe poz em ordem pera ir dar batalha ao Baxá , porque já ſabia que eſtava forte nos Paços, mandando-lhe diante hum recado, em que lhe fazia a ſaber , como fora chamado dos moradores daquella Cidade pera ſeu Rey, que ſe quizeſſe, que ſe viſſem ambos em campo , e que ſe averiguaſſe aquelle negocio por armas em huma batalha campal, que eſtava preſtes pera iſſo. E que ſe tambem lhe quizeſſe largar aquella Cidade, que era ſua, que elle lhe dava licença pera ſe poder ſahir della livremente com ſuas mulheres, filhos, armas, e tudo o mais que comſigo pudeſſem levar.

Dado eſte recado ao Baxá, como elle, e todos eſtavam medroſos , aſſentáram deixar a Cidade, como logo fizeram, levando cada hum o que pode , ficando ElRey de Camphar ſenhor de tudo, e havido de todos os naturaes por Rey. E logo mandou fortificar a Cidade, e proveo os paſſos , e

baluartes de gente de guarnição, porque bem entendeo que os Turcos não eram homens, que dissimulavam com affrontas. O Baxá Marzão com todos os seus se foram metter em huma fortaleza, que estava pera o certão, quasi oito leguas, donde sahia todos os dias a dar vista á Cidade, occupando-lhe os campos todos, e tomando-lhe os passos do certão, pera que lhe não pudessem entrar mantimentos, no que lhe deo grande trabalho. Vendo ElRey que daquella maneira ficava arriscado a huma desaventura, e fome, chamou a conselho os moradores de Adém, e praticou com elles o modo que se podia ter pera os Turcos os não inquietarem, nem pôrem de cerco, porque hia já sentindo a falta de tudo.

E praticando sobre isto, foram os mais de parecer, que mandassem a Ormuz a pedir soccorro aos Portuguezes, e que se lhes promettesse a fortaleza, pera com seu favor, e protecção ficarem seguros dos Turcos. E que entre tanto mandasse recado a seu filho, que ficava em Camphar, que ajuntasse toda a gente que pudesse, e fosse cercar a fortaleza dos Turcos, e trabalhasse pela tomar, primeiro que fossem soccorridos de Baçorá. Pareceo-lhe a ElRey muito bem aquelle conselho, e com muita pressa escreveo a seu filho, que ajuntasse tres

mil

mil homens, e foſſe cercar os Turcos, e ſe não levantaſſe de ſobre aquella fortaleza ſem lha tomar; e juntamente deſpedio huma terrada com cartas ao Capitão de Ormuz, em que lhe pedia o mandaſſe ſoccorrer, offerecendo-lhe os partidos que diſſemos da fortaleza da Cidade, e Alfandega della.

O Principe de Camphar em lhe dando as cartas do pai, ajuntou logo tres mil homens muito bem negociados, e foi com elles marchando pera a fortaleza, em que os Turcos eſtavam, que tendo aviſo de ſua ida, ſe recolhêram dentro, e ſe fortificáram. O Principe lhe poz cerco; mas por ſer mancebo, e pouco experimentado, deixou de tomar a fortaleza nos primeiros dias. Os que levavam o recado pera Ormuz, foram tomar Caxém pera fazerem agua; e ſabendo aquelle Rey como hiam buſcar os Portuguezes pera lhe entregarem a Cidade de Adém, como era grande inimigo dos Turcos, por ſerem aborrecidos de todos, e era muito amigo dos Portuguezes, deſpedio logo trezentos Fartaquins em ſoccorro de Adém, mandando offerecer a ElRey de Camphar tudo o que mais houveſſe miſter até os Portuguezes chegarem. Eſtes chegáram em poucos dias áquella Cidade, onde foram mui bem recebidos de ElRey, e póſtos nos mais impor-

portantes , e principaes paſſos , e baluartes pera ſua defensão.

A terrada que hia pera Ormuz, entrou em breves dias do Cabo de Reſolgate pera dentro no mez de Outubro paſſado , e alli encontrou D. Paio de Noronha , que andava por Capitão mór daquelle Eſtreito com doze navios de remo. E ſabendo do Embaixador de ElRey de Camphar ao que hia a Ormuz , deſpedio huma das fuſtas da ſua Armada em ſua companhia , com cartas ao Capitão D. Manoel de Lima , em que lhe pedia por mercê , que ſe elle não havia de ir em peſſoa áquelle negocio , lhe déſſe licença pera o fazer com aquella Armada que trazia. Chegado eſte recado a Ormuz , pareceo-lhe ao Capitão eſte negocio duvidoſo, e houve que não poderia ElRey de Camphar ſuſtentar-ſe contra os Turcos, porque eſtava certo acudir-lhe ſoccorro de Baçorá; e que ſe ſe metteſſe cabedal naquella jornada, eſtava arriſcado a ſer de nenhum effeito: pelo que logo deſpedio o Embaixador de ElRey , e a fuſta de D. Paio , a quem eſcreveo, que foſſe em companhia do Embaixador de Adém , em dous navios quaes elle eſcolheſſe, e os mais deixaſſe em guarda daquelle Eſtreito ; e que ſe achaſſe ainda ElRey de Camphar naquella Cidade, que ſe metteſſe dentro com ſincoenta homens ,

por-

porque esses bastavam pera se defender dos Turcos, em quanto lhe não hia mais soccorro; e que lhe despedisse logo recado pera lhe mandar gente, e navios; e quando não, que se tornasse pera aquelle Estreito.

Dado este recado a D. Paio de Noronha, logo se partio pera Adém na galeota em que andava, que se chamava Santa Isabel, em que levava quarenta soldados escolhidos; e outro navio, de que era Capitão Pero Fernandes de Carvalho com trinta. Os Cavalleiros conhecidos que D. Paio escolheo pera esta jornada foram, João de Alboquerque, Antonio da Rocha, Francisco Vieira, Diogo Correa, Antonio de Figueiredo, Antonio Cornejo, que ainda hoje vive em Chaul, de quem soubemos a mór partes destas cousas, Pero Cornejo seu irmão, Christovão das Neves, Martim Gralho, Francisco Rodrigues, e outros. E dando á véla pera Adém em companhia do Embaixador, foram correndo a costa de Arabia, tomando todas as angras, enceadas, e bahias, por onde encontráram algumas gelvas, e terradas de Mouros da outra costa de Barborá, Zeilá, Mete, que tomáram, humas vasias, outras com seus recheios, fugindo-lhes pera a terra todos, sómente tres que se cativáram. E chegando á fortaleza de Dofar, entrando a bahia, lhe atirá-

rá-

ráram muitas bombardadas; e achando surta huma náo carregada de cifas, lhe puzeram o fogo, que ardeo bravissimamente; e huma terrada que se foi abicar a terra, a foram tirar a poder de espingardadas, e affastando-a pera fóra, armáram nella huma forca, em que enforcáram os tres Mouros, que tomáram nas terradas atrás, e outros alguns que acháram na náo; e depois puzeram fogo á terrada á vista da fortaleza.

Partidos dalli chegáram a Xaél, cujo Rey foi sempre amigo dos Portuguezes, e estava fóra em campo contra o Rey de Caxém, que tendo sabido que tinham de Adém mandado chamar os Portuguezes pera lhe entregarem aquella Cidade, receando-se delles, deixou recado na fortaleza, que se por alli passasse Armada Portugueza, a provessem de tudo o necessario, fazendo da necessidade virtude; porque já que vinham ser seus vizinhos, queria começar a grangear sua amizade. Os Regedores da fortaleza tanto que víram as fustas em seu porto, mandáram visitar D. Paio com hum presente de cousas da terra, e agua em abundancia, offerecendo-lhe o de que mais tivesse necessidade. Dom Paio pela que tinha acceitou tudo, detendose alli aquelle dia, e ao outro tornou a continuar seu caminho, e foram tomar o porto de Berrumá antes de Adém, donde parti-

tíram á meia noite, e foram tomar de madrugada a bahia daquella Cidade, onde surgíram. Foram logo dadas a ElRey novas, que eram chegadas fustas dos Portuguezes, com o que toda a Cidade se alvoroçou, e despedio pessoas principaes de sua casa, pera que fossem desembarcar o Capitão, a quem mandou os parabens de sua vinda, e muito refresco de carneiros, gallinhas, e de outras cousas que havia na terra.

D. Paio se negociou logo, e desembarcou com só quatro homens que escolheo, e na praia achou alguns cavallos, mui bem concertados, e acubertados pera sua pessoa. E cavalgando em hum, os mais levou diante de si, e os soldados derredor delle, e entrou em casa de ElRey, que o recebeo com muita honra, deitando-lhe aos hombros huma formosa Xamata, que são huns pannos de seda, e algodão lavrados de ouro, que aquelles Reys costumam a trazer por capas, e he a mór honra que podem fazer a huma pessoa grande, quando a querem muito festejar, e honrar. Alli logo praticáram sobre as cousas daquella Cidade, dizendo-lhe, que era de ElRey de Portugal, e que como sua lha entregava, pera tratar de sua fortificação, e defensão. E por serem horas de jantar, o mandou agazalhar em humas casas, que pera isso tinha despejadas, e se lhe deo to-

todo o neceſſario. Aqui eſteve D. Paio até noite, que ſe recolheo ao ſeu navio, e ao outro dia deſembarcou com toda a gente das fuſtas poſta em armas, que ainda que tão pouca, luſtrava muito, e foi ver ElRey que o levou pela mão, e lhe foi a moſtrar o muro, e fortificação da Cidade da banda do certão, entrando nos baluartes, em que eſtavam os dous filhos, que recebêram Dom Paio com muita honra. Alli deixou em companhia do legitimo Pero Fernandes de Carvalho com dez ſoldados, e com o baſtardo Antonio de Figueiredo com outros tantos, e os outros repartio por eſtancias mais perigoſas: com iſto ficáram os naturaes mais deſcançados, por deſcarregarem ſobre os noſſos todo o trabalho da fortificação, e vigia.

CAPITULO II.

De como D. Paio de Noronha deſpedio recado ao Governador D. João de Caſtro: e de como ElRey de Camphar foi ſoccorrer o filho, que tinha os Turcos cercados: e do que mais ſuccedeo.

ANtre as couſas que D. Paio de Noronha tratou com ElRey, das primeiras foi, que devia mandar Embaixador ao Governador a dar-lhe conta do que era paſſado, e pedir-lhe ſoccorro, porque elle deter-

terminava de mandar hum navio com recado, de como ficava naquella Cidade. A ElRey pareceo bem aquelle conselho, e mandou logo embarcar hum seu cunhado, irmão de sua mulher, no navio S. Francisco, em que tinha ido Pero Fernandes de Carvalho, de que D. Paio de Noronha deo a Capitanía a Diogo Correa, e por elle escrevêram ambos ao Governador todas as cousas succedidas até então, pedindo-lhe, que lhe mandasse gente, e munições pera segurança daquella Cidade, que ficava a devoção, e serviço de ElRey de Portugal, dando ElRey a seu cunhado todos os seus poderes pera tudo o que assentasse com o Governador.

Este navio se fez á véla tres dias depois de D. Paio chegar áquella Cidade, e de sua jornada adiante daremos razão, porque he necessario continuarmos com o Principe de Camphar, que estava sobre a fortaleza dos Turcos.

Este Principe se houve tão floxo neste negocio, pela pouca experiencia que tinha das cousas da guerra, que deo atrevimento aos Turcos pera lhe sahirem algumas vezes, e dar-lhes alguns assaltos com perda, e affronta sua, do que o pai foi logo avisado; e receando que a pouca disciplina militar do filho désse occasião aos Turcos pera o des-

ba-

baratarem de todo, determinou de lhe ſoccorrer. E porque tinha a Cidade de Adém ſegura em poder dos Portuguezes, quiz elle em peſſoa acudir áquelle negocio primeiro, que vieſſe a maior mal. Diſto deo conta a D. Paio, pedindo-lhe, que em quanto elle hia ſoccorrer ſeu filho, quizeſſe tomar aquella Cidade em ſua guarda com os dous filhos que nella deixava, e com os trezentos Fartaquins que lhe vieram de ſoccorro, porque ſe elle não foſſe averiguar aquelle negocio, nunca teria fim, que como elle lá chegaſſe enviaria ſeu filho; que lhe pedia muito, que tanto que tiveſſe novas de ſua chegada, o foſſe eſperar á porta da Cidade, e o levaſſe pela mão até o metter em ſua eſtancia, e lhe déſſe alguns Portuguezes pera ſua guarda. Iſto lhe pedio parece, por ſegurar o filho que havia de ſer o herdeiro, porque devia de ſe recear dos outros filhos. Pedindo mais a D. Paio, que ſe elle morreſſe naquella demanda, o fizeſſe logo alevantar por Rey. D. Paio diſſe, que o ſerviria em tudo como lhe mandava.

ElRey ſe deſpedio delle, levando dous mil homens comſigo, e no caminho encontrou o filho que ſe hia recolhendo, por não poder aturar os aſſaltos dos Turcos, em que lhe matáram muita gente. E ſabendo o que era paſſado, ficou enfadadiſſimo, e apai-

xo-

zonando-se contra o filho, não lhe querendo escutar razões, tomando-lhe a gente que trazia, lhe mandou, que se fosse pera Adém, e que não entrasse na Cidade sem o Capitão dos Portuguezes o ir buscar, e o levár pela mão até o pôr na sua estancia; e que não fizesse senão o que lhe elle mandasse.

Despedido o Principe, foi ElRey marchando pera a fortaleza dos Turcos, e o Principe pera Adém. Aquella noite que se ElRey partio, se recolheo D. Paio de Noronha nos Paços com alguns Portuguezes, e toda a noite ouvíram por toda a Cidade grande revolta, e muitos gritos, e alaridos, e andar a gente pelas ruas de huma parte pera a outra, o que embaraçou muito os nossos, por não saberem o que aquillo era, e toda a noite estiveram com as armas nas mãos na mór confusão, e temor que podia ser. Tanto que amanheceo, não fazendo D. Paio discurso, nem consideração alguma, e sem mandar saber o que aquillo era, se sahio dos Paços, e se foi embarcar na sua galeota, e della mandou recado a Pero Fernandes de Carvalho, e aos mais que estavam nas estancias, que se recolhessem, como fizeram. Isto sentíram os filhos de El-Rey muito, porque estavam com elles seguros, e descançados.

Ao outro dia chegou á porta da Cidade

de o filho mais velho de ElRey , e não quiz entrar dentro , senão pela ordem que seu pai lhe tinha dado ; pelo que mandou recado a D. Paio de Noronha , de como era chegado , pedindo-lhe o fosse recolher na Cidade , porque não podia entrar nella sem elle , por assim lho ter seu pai mandado. D. Paio se lhe mandou escusar com se fingir mal disposto , mandando-lhe dizer , que mui bem podia entrar na Cidade , pois era sua. Sobre isto tornou o Principe a lhe mandar dizer , que todavia elle não havia de traspassar os mandados de seu pai , nem havia de entrar sem elle ; e sobre isto corrêram recados de parte a parte por quatro vezes , sem D. Paio querer desembarcar. Vendo o Principe aquillo , entrou na Cidade , e se foi metter na estancia do pai com seus criados , e apaniguados. Tanto que anoiteceo , mandou D. Paio a Antonio de Figueiredo , e a Pero Fernandes de Carvalho com os soldados de sua companhia , que se fossem pera a estancia do Principe , e que tanto que fosse manhã , logo se recolhessem ao navio , onde elle se deixou ficar. Isto foi continuando muitos dias , sem D. Paio desembarcar nelles , com ter cada dia muitos recados do Principe , e com alguns Cavalleiros honrados de sua companhia lhe fazerem algumas lembranças de sua honra , determinan-

nando esperar alli no mar recado do Governador, porque houve por sem dúvida que lhe fariam traição.

CAPITULO III.

De como ElRey de Camphar commetteo os Turcos: e de como foi morto em hum assalto, e os Turcos foram cercar a Cidade de Adém: e do mais que lhe aconteceo.

ELRey de Camphar tanto que se apartou do filho, como dissemos no Capitulo atrás, foi marchando pera a fortaleza dos Turcos, que logo foram avisados de sua ida, e estavam recolhidos nella. E chegando ElRey a ella, lhe poz cerco á roda, e a commetteo com muita determinação por alguns dias, havendo sempre mortes, e damnos de ambas as partes. ElRey como era muito animoso, e bom cavalleiro, determinou de averiguar aquelle negocio depressa, e mandou pera este effeito fazer muitas escadas, pera metter todo o cabedal naquelle derradeiro assalto. E tendo tudo prestes, commetteo a fortaleza com grande furia, e animo, rodeando-a de escadas, e commettendo os Camphares a subida mui animosamente; mas todavia como o haviam com Turcos, homens tão experimentados na guerra, e tão cursados nos trabalhos, custou-lhes

lhes muitas mortes, e feridas, mas não sem damno seu. ElRey de Camphar andava animando os seus, fazendo-os subir, e acudindo ás partes mais necessarias; e em fim tanto trabalhou, que cavalgáram os seus o muro, travando-se em sima huma aspera batalha. Mas quiz a ventura dos Turcos, que se désse huma espingardada em ElRey de Camphar, de que cahio logo morto. Os seus tanto que o víram assim, perdendo o animo, tornáram a alargar os lugares que tinham ganhado, e se recolhêram a seu arraial com bem de damno. E sem tratar mais de Adém, foram logo caminhando pera Camphar, sem lhes lembrar que deixavam o seu Principe naquella Cidade; porque estavam certo irem os Turcos com esta vitoria a cercallo, ficando tão descoraçoados, que nem mandáram avisar o Principe, nem tratáram de mais, que de segurarem suas vidas.

As novas da morte de ElRey, ou huma fama surda della, chegou a Adém, sem se saber como, nem por onde, e assim chegáram ás orelhas do Principe, que as encubrio o melhor que pode, porque receou que os Portuguezes o desamparasse, e que todos os da Cidade se levantassem contra elle. Não deixou de chegar a D. Paio de Noronha hum rumor deste negocio, com que se embaraçou, e mandou perguntar ao Prin-

cipe, que novas tinha de ElRey ſeu pai, elle lhe mandou dizer, que muito boas; e todavia indo-ſe ellas declarando mais, lhe tornou a mandar dizer, que ſe era verdade que ElRey era morto, lho não negaſſe, porque ſoubeſſe certo, que ſe tal fizeſſe, que ſe iria. Vendo-ſe o Principe apertado, lhe mandou dizer em ſegredo a verdade de tudo, e que por lhe parecer aſſim neceſſario, e por os ſeus ſe não alterarem, o tinha encuberto, e que iſſo havia elle tambem de fazer, por não darem animo aos naturaes pera tratarem alguma alteração, porque o tempo não eſtava pera nojos, nem pera deſconfianças.

Iſto fez algum abalo em D. Paio de Noronha; mas já lhe era neceſſario eſperar recado do Governador, como lhe tinha eſcrito. Os Turcos tanto que víram o arraial dos inimigos levantado, mandando-os eſpiar, ſabendo de certo que ſe hiam pera Camphar, foi o ſeu alvoroço grande, porque bem entendêram que em Adém havia de haver alguma mudança com as novas da morte de ElRey, e alguns deſconcertos antre os filhos; e não querendo perder tão boa occaſião, foram logo pôr cerco á Cidade, amanhecendo hum dia ſobre ella. D. Paio de Noronha foi aviſado diſto, e mandou dizer ao Principe, que a primeira couſa que ha-

havia de fazer, era mandar arrecadar em boa prizão aos vinte e ſinco Turcos, que ſerviam de bombardeiros, ainda que pera mais ſegurança, era melhor mandar-lhes cortar as cabeças pelos não vigiarem. O Principe os mandou logo metter em huma forte maſmorra, e a chave della mandou entregar a Pero Fernandes de Carvalho.

Os Turcos começáram a dar muitos, e mui continuos aſſaltos á Cidade, ainda que não tinham altilheria, mas tinham muitos, e mui groſſos moſquetões, que aſſeſtavam ſobre pontaletes, amparados com huma rocha que eſtava perto, donde os deſparavam nos muros, e baluartes, com que derribavam muitos; e da banda da praia de baixa mar faziam o meſmo. A todos eſtes rebates acudiam Pero Fernandes de Carvalho, e Antonio de Figueiredo com ſeus ſoldados, que ſuſtentavam o pezo todo, rebatendo os inimigos, e animando aos naturaes. O Principe, e ſeus irmãos moſtráram ſempre muito grande animo, pelejando, e animando os ſeus nas eſtancias em que eſtavam. D. Paio de Noronha a alguns aſſaltos que houve apreſſados, ſahio a terra, e acudio a elles, mas paſſados tornou-ſe a embarcar. Os Turcos, que eram homens que ſe não deſcuidavam de couſa alguma, tiveram algumas intelligencias com alguns dos naturaes, que [illegible] guar-

guardavam algumas estancias, peitando-os grandemente pera lhe darem entrada; e de tal maneira tratáram estas cousas, que as leváram ao cabo, concertando de em hum dia limitado lhes darem de noite entrada, como fizeram. E pera divertirem os nossos, commettêram o baluarte do Principe, em que estava Pero Fernandes de Carvalho, com grandes gritas, e estrondos. E estando a cousa embaraçada na briga, deram os naturaes entrada a Marzam, que com duzentos e sincoenta Turcos foi mettido dentro na Cidade por huma porta, sem os sentir alguem, e deixou-se ficar da banda de dentro, ou porque senão atreveo a entrar, ou por esperar pela manhã, porque era já no quarto d'alva.

Na estancia do Principe se pelejava com muito valor, laborando a espingardaria dos nossos, com que derribáram alguns Turcos. A manhã vinha já esclarecendo, e os Capitães Turcos, que estavam no assalto, não sabiam o que era acontecido a Marzam, porque não sentiam revolta na Cidade, o que os embaraçou muito. Os que estavam dentro foram sentidos, e correo logo huma voz pelas estancias, que eram Turcos entrados na Cidade, a que acudíram alguns Fartaquins pera aquella parte, por onde diziam que estavam. Na estancia do Principe

foi ſentida a confusão, ſem ſe ſaber couſa alguma; e ſahindo-ſe Pantaleão da Maia pera ir ver o que era, foi ajuntando alguns Fartaquins, e chegando áquella parte, que vio os Turcos dentro, que começavam a arrebentar (porque já eſclarecia a manhã) não deſmaiou, nem moſtrou fraqueza, antes com muito animo remetteo com elles, bradando por *Sant-Iago*; e com iſto os embaraçou de feição, que os deteve, ſendo mui bem ajudado de ſincoenta, ou ſeſſenta Fartaquins, que pelejáram valoroſamente. Pantaleão da Maia apertou tanto com elles, que os fez outra vez acuar, e tornar ao lugar em que dantes eſtavam, pondo-ſe ás eſpingardadas com elles, não deſparando tiro que não mataſſe algum. As novas diſto corrêram logo por toda a Cidade, a que acudio Pero Fernandes de Carvalho com alguns Portuguezes, pedindo ao Principe, que ſe não buliſſe de ſua eſtancia; e ajuntando toda a gente que pelo caminho achou, foi correndo aquella parte, onde achou Pantaleão da Maia ás eſpingardadas com os Turcos, e dando nelles com grande furia, os foram levando, matando daquelle primeiro impeto oitenta, e os mais ſe deitáram pelos muros abaixo ſobre as rochas, que daquella parte havia, em que ſe alguns eſpedaçáram, ficando-lhes alli ſuas armas, que

os

os Fartaquins recolhêram, que ainda que todos pelejáram neſte trance muito valoroſamente, todavia a honra, e gloria deſta vitoria ſe deve a Pantaleão da Maia, porque elle foi a unica occaſião della. Os Turcos, que eſtavam no aſſalto, tendo as novas do que tinha acontecido ao Baxá Marzam, ſe recolhêram muito triſtes pera ſuas tendas; e tanto que foi noite, levantáram o campo, e ſe foram metter na fortaleza, onde primeiro eſtavam com mais de cento menos.

Tanto que ao outro dia amanheceo, que os noſſos tiveram rebate de ſerem os inimigos recolhidos, diſſe Pero Fernandes de Carvalho ao Principe, que ſahiſſe ao campo, e ſeguiſſe os inimigos, que hiam desbaratados, que eſtava certa a vitoria. O Principe o fez aſſim, levando todos os Portuguezes, e foi mais de huma legua ſem os poder encontrar. E voltando, chegou ao arraial dos Turcos, onde acháram muitos mortos, e alguns feridos tão mal, que os não pudéram levar. O Principe mandou pôr a tudo o fogo, em que ſe tudo conſumio. D. Paio de Noronha, que eſtava embarcado, mandou viſitar o Principe, e dar-lhe os parabens da vitoria, e dizer-lhe, que os Turcos que eſtavam prezos lhes mandaſſe logo cortar as cabeças, porque não ficaſſe daquella gente, que era perverſa, algum vivo. O Principe

o fez logo aſſim, mandando-os matar, e lançar no fogo, que andava no exercito, e ſe recolheo á Cidade, onde mandou caſtigar alguns culpados na entrada dos Turcos.

Ao outro dia ſahio D. Paio a terra, e foi viſitar o Principe, e lhe diſſe, que devia mandar recado a Camphar a fazer gente, pera ir commetter a fortaleza dos Turcos, e acaballos de deſtruir de todo, e lançallos fóra daquellas terras, porque com o medo que levavam, não haviam de eſperar. Ao Principe pareceo bem aquelle conſelho, e mandou hum criado ſeu em huma embarcação pequena, e ligeira, e com elle hum ſoldado, chamado Franciſco Vieira, pera fazer dar preſſa áquelle negocio, ficando o Principe provendo na guarda, e defensão da Cidade, que tudo carregava ſobre os noſſos.

CAPITULO IV.

Do recado, que o Governador D. João de Caſtro teve de Adém: e de como mandou ſeu filho D. Alvaro de Caſtro de ſoccorro: e das galés dos Turcos, que ſahíram de Moçá em favor dos ſeus: e do que D. Paio fez.

PArtido Diogo Correa de Adém, com o cunhado de ElRey de Camphar, que levavam recado ao Governador, como fica di-

dito no ſegundo Capitulo deſte ſexto livro, como hiam com monção, foram na entrada de Janeiro tomar a coſta da India; e ſabendo eſtar o Governador em Baçaim, foram demandar aquella Cidade, onde deſembarcáram, mandando o Governador receber o cunhado de ElRey mui bem, e lhe fez muitas honras, e gazalhados. E vendo as cartas, e ſabendo o que era ſuccedido, e como a Cidade de Adém eſtava por ElRey de Portugal, ficou muito alvoroçado, e o houve por grande ventura ſua, tendo muitos cumprimentos de ElRey, mandando-o agazalhar, e dar-lhe todo o neceſſario.

O Governador mandou logo chamar ſeu filho D. Alvaro de Caſtro, e lhe diſſe, que ſe fizeſſe preſtes pera acudir áquelle negocio com muita brevidade. As novas corrêram logo pela Cidade, que cauſavam em todos grande alvoroço, acudindo todos os Fidalgos, e Capitães a ſe offerecerem ao Governador pera aquella jornada, o que elle eſtimou muito, fazendo logo rol dos que haviam de ir nella, indo-ſe pôr na praia a dar ordem á Armada, que havia de mandar. E antre todos os navios de remo eſcolheo trinta, os melhores negociados, que logo mandou cifrar, concertar, e aperceber de todo o neceſſario, nomeando os Fidalgos que haviam de ir nelles, que eram os ſeguintes:

D.

D. Antonio de Noronha, filho do Visó-Rey D. Garcia de Noronha, Antonio Moniz Barreto, que diziam que hia nomeado por Capitão de Adém, D. Pedro Deça, D. Fernando Coutinho, Pero de Taíde Inferno, D. João de Taíde, Alvaro Paes de Sotto-Maior, Fernão Peres de Andrade, Pero Lopes de Sousa, Ruy Dias Pereira, Pero Botelho o Porca, irmão de Diogo Botelho do Infante D. Luiz, Luiz Homem, Alvaro Serrão, Belchior Botelho, Veador da Fazenda, que hia pera os negocios daquella Cidade, Gomes da Silva, Antonio da Veiga, Luiz Alvares de Sousa, João Rodrigues Correa, Diogo Correa, o mesmo que veio de Adém, Diogo Banha, hum catur de Pero Preto, Alvaro da Gama, Feitor da Armada, e outros.

E porque o Governador estava falto de dinheiro, mandou carregar huma caravella de drogas pera as despezas da Armada, (porque valiam na costa de Arabia muito,) de que fez Capitão André de Aguiar. E mandou carregar outra caravella de mantimentos, de que fez Capitão Affonso Jorge.

Andando o Governador dando pressa á Armada, chegou áquelle porto hum navio da outra costa de Arabia, em que vinha hum Embaixador de ElRey de Caxém, que o Governador mandou desembarcar, e levar

var diante de si. Elle se humilhou a seus pés, dando-lhe cartas que lhe o seu Rey mandou, em que lhe dizia: » Que confiado em ser » grande servidor de ElRey de Portugal, e » muito antigo amigo do Estado da India, » lhe mandava pedir ajuda, e soccorro pe- » ra tornar a cobrar parte do seu Reyno, » que ElRey do Fartaque seu vizinho lhe ti- » nha tomado; que lhe pedia puzesse os olhos » em sua necessidade, e lhe quizesse valer » nella, porque não acabasse de perder o » Reyno, em que todos os Portuguezes, que » por alli passavam, achavam gazalhado, e » recolhimento. » O Governador disse ao Embaixador, que tudo o em que pudesse ajudar, e favorecer a ElRey seu Senhor, o faria. E que fora ditoso em succeder o negocio de Adém, e em mandar lá aquella Armada, porque teria o soccorro mais depressa; mandando-lhe que se agazalhasse, e negociasse, porque a Armada havia de partir logo.

O Governador vendo que era muito necessario acudir-se a Adém com muita pressa, e que seu filho D. Alvaro de Castro era forçado deter-se alguns dias por causa dos provimentos da Armada, despedio com muita pressa D. João de Taíde com quatro navios, de que eram Capitães, a fóra elle, Gomes da Silva, Antonio da Veiga, e outro,

a

a que não achámos o nome; dando-lhe por regimento, que se mettesse na fortaleza de Adém até chegar seu filho. Estes navios deram á véla, e por lhes dar o Noroeste grosso, desapparelhou hum, de cujo Capitão não achámos o nome, e foi-lhe forçado tornar-se pera Baçaim: os mais foram seguindo sua jornada, em que os deixaremos até tornar a elles.

O Governador ficou dando pressa á mais Armada, que despedio alguns dez dias depois de se partir D. João de Taíde, dando grandes regimentos a seu filho, e encommendando-lhe muito, que restituisse ElRey de Caxém a seu Estado; e mandou embarcar o cunhado de ElRey de Adém com D. Antonio de Noronha, muito satisfeito, e contente, mandando áquelle Rey muitas pessas ricas, e curiosas; e o Embaixador de Caxém se foi no seu navio, muito encommendado a D. Alvaro de Castro. Dada esta Armada á véla, foi seguindo sua viagem, em que a deixaremos, porque he necessario continuarmos com as cousas de Adém.

D. Paio de Noronha (como assima dissemos) esteve sempre embarcado, esperando por recado de Ormuz, aonde tinha mandado huma champana com cartas ao Capitão, em que lhe dava conta de todas as cousas succedidas até então, e lhe pedia lhe

man-

mandasse gente, munições, e mantimentos. E estando alli, sahio da boca do Estreito huma naveta, que se foi chegando pera a bahia. D. Paio a foi demandar, e della soube ser do Guazil de Ormuz, e não lhe souberam dar razão, nem novas de Moçá, nem de Suéz, porque vinha dos portos do Abexim, e fazendo-a surgir em huma enceada, antes de chegar a Adém, se tornou ao porto, e mandou recado ao Principe da embarcação, porque já se tinha visto da fortaleza. Este mesmo dia sobre a tarde teve Dom Paio recado, que apparecia outra embarcação, e mandou Pantaleão da Maia, que a fosse reconhecer de sima de huma guarita alta, donde se affirmou ser galé, e assim o disse ao Principe, que logo mandou metter na naveta do Guazil quarenta espingardeiros. Pouco depois deram duas almadías recado a D. Paio, que appareciam duas galés de Turcos, com o que ficou sobresaltado, mandando pedir ao Principe, que o provesse de gente, como fez, com sincoenta Fartaquins, que mandou embarcar em hum tarranquim, que alli estava, de que fez Capitão Christovão das Neves; e fazendo-se prestes na sua galeota com todos os Portuguezes que mandou recolher, foi buscar a terrada do Guazil pera a recolher ao porto, e chegando a ella a achou mui crespa;

e póstos os Mouros, que eram perto de cento, em armas pera se defenderem das galés, que já viam, e vendo os nossos, deram grandes apupadas de alvoroço. As galés, que eram pequenas, huma vinha a terra a remo, e a outra ao mar á véla. Esta vendo os nossos navios, com muita pressa ferrando do remo se foi chegando pera a outra, que já a hia demandar. D. Paio deo toa á naveta do Guazil, e foi-se sahindo da enceada, e as galeotas o hiam seguindo; o que visto por elle, poz em parecer de todos os Portuguezes se pelejaria com as galeotas, dizendo-lhes, que eram pequenas, e que naquellas tres embarcações que tinham havia muita gente. Os companheiros lhe disseram, que se recolhesse a Adém, que lhe estava entregue, e que defendessem até morrerem todos sobre ella. Com isto se foi D. Paio recolhendo pera a bahia, vindo já as galeotas a tiro de camello.

Recolhido D. Paio, mandou com muita pressa deitar ao mar huma galeota de tres, que estavam varadas de longo da couraça, e a provêo de artilheria, que lhe mandou o Principe, com muitas munições, e a entregou a Christovão das Neves, com os Fartaquins, que lhe o Principe tinha mandado; e ajuntando os Portuguezes todos, lhes disse, que elle sem embargo de tudo determina-

na-

nava de pelejar com as galés, (que foram ſurgir na enceada, onde eſtava a naveta,) porque pera iſſo tinha aquellas duas galeotas cheias de muito boa gente, e a naveta do Guazil, que ſe offereceo pera o acompanhar. A todos pareceo bem, e toda aquella noite ſe preparáram de pelouros, e polvora; e tanto que amanheceo, tomáram o remo em punho, e foram demandar a enceada até onde as galés ſe tinham recolhido; e antes de chegarem, as víram ſahir de dentro com huma galé Real mais, que aquella noite ſe foi ajuntar a ellas. Vendo D. Paio quão deſigual partido ficava tendo, ſe tornou a recolher pera a bahia.

As galés ſurgíram fóra da enceada, onde eſtiveram ſinco, ou ſeis dias, em que ſe ajuntáram a ellas mais oito galés mui formoſas, e outras quatro galeotas, que tomáram o remo, e paſſáram de largo por defronte da Cidade, e foram ſurgir em outra enceada adiante de Adém, onde havia obrigada dos Levantes, que ventavam rijo, deſemmaſteando-ſe, e armando ſuas tendas, como quem queria eſtar devagar. Dalli mandou o Baxá, que nellas vinha, recado aos Turcos que eſtavam na fortaleza, e huma companhia mais de duzentos homens, pera que foſſem pôr cerco a Adém, como logo fizeram, tanto que ſe lhe deo. E partindo della,

la, vieram assentar seu arraial á vista dos muros, commettendo-os por assaltos algumas vezes, achando sempre grande resistencia nos nossos; porque sempre D. Paio mandou assistir Pero Fernandes de Carvalho na estancia do Principe, por não desamparar tudo de todo. O Baxá das galés mandou desembarcar algumas peças de artilheria, pera batarem a Cidade da banda do certão, e antre ellas foi huma, que lançava pelouro de tres palmos e meio de roda, que se assestou em hum morro, que ficava sendo padrasto da fortaleza, donde a começou a bater rijamente, lançando-lhe dentro muitos pelouros, de que recebêram assás de damno.

CAPITULO V.

De como D. Paio de Noronha se foi secretamente de Adém: e os Turcos entráram aquella Cidade, e matáram ao Principe, e seus irmãos: e do que aconteceo a D. João de Taíde na jornada: e de como os Turcos lhe corrêram.

VEndo o Principe as rijas batarias que lhe davam, e o damno que faziam cada dia de mortos, e feridos, e o medo que todos os naturaes mostravam, se houve por perdido; e mandou pedir a D. Paio, que o quizesse ver, porque tinha muitas cousas

que

que tratar com elle. D. Paio o fez, indo á estancia em que elle estava. O Principe lhe deo conta de tudo o que passava, pedindolhe, que passasse com todos os Portuguezes pera aquellas estancias, e que o ajudasse a defender aquella Cidade, que era de ElRey de Portugal. D. Paio lhe disse que si, e deixou-se ficar aquelle dia com elle, em que os Mouros foram continuando com sua bataria, mettendo aquella peça grossa muitos pelouros dentro na Cidade. D. Paio como a não tinha visto, e vio o estrago que fazia todas as vezes que tirava, houve aquelle negocio por muito arriscado; e dissimulando, tanto que foi sobre a tarde, que a bataria cessou, foi-se elle recolhendo pera a sua embarcação, e escreveo hum escrito a hum soldado, por nome Diogo Vaz, de sua obrigação, em que lhe dizia: » Que tanto que » aquelle visse, désse recado em segredo a » todos os Portuguezes, pera que depois que » anoitecesse se recolhessem aos navios de » dous em dous, sem fazerem alvoroço; » o que todos fizeram. Sómente hum Manoel Pereira, que disse que aquella Cidade era de ElRey de Portugal, que a não havia de largar, nem havia por onde, deixando-se ficar no baluarte do filho mais moço de El-Rey, onde estavam recolhidos todos os soldados. D. Paio se sahio da bahia de noite

sem

sem o ninguem saber, e dando á véla, se fez na costa do Abexim por se desviar das galés. Ao outro dia foi o Principe avisado de sua ida, o que sentio em estremo; mas encubrio-o aos seus o melhor que pode, assim por não haver alteração nos naturaes, como por os Turcos o não saberem, (porque só a fama de estarem os Portuguezes naquella Cidade lha fazia inexpugnavel, e accommettiam com desconfianças.) Não deixáram elles de continuar nas suas batarias, em que Manoel Pereira fez cousas de homem de grande animo, esforço, e honra, correndo as estancias, animando a todos, com lhes segurar, que não tardaria muito o soccorro de Goa; com o que o Principe, e os irmãos já não receavam os inimigos, fazendo tudo o que lhes parecia necessario pera defensão daquella Cidade, repairando-a, e reedificando-a o melhor que podiam, pelejando em todos os assaltos mui esforçadamente, não os largando nunca o Manoel Pereira, que era todo o seu conselho, porque nada faziam sem elle.

E certo, que nos faz perder o gosto desta escritura, não sabermos dar a conhecer este Manoel Pereira por patria, e parentes, porque era muito justo ficasse bem conhecido no Mundo; mas coube-lhe a sorte, e ventura de outros muitos, a quem o descuido

Por-

Portuguez, (de que nos não podemos deixar de queixar muitas vezes,) tem ſepultado em perpétuo eſquecimento.

E não ficará tambem de todo nelle hum Franciſco Vieira, de quem no Capitulo atrás démos razão, que o Principe tinha mandado de Adém a Camphar buſcar gente. Eſte eſtando-a fazendo naquella Cidade, dandolhe as novas de como D. Paio ſe fòra de Adém, largando tudo por mão, ſe embarcou na almadía em que tinha ido, e de noite entrou na bahia por antre as galés, e deſembarcou em terra, e foi muito bem recebido na Cidade, dando conta ao Principe, de como deixava alguma gente ordenada pera vir apôs elle, e que não lhe ſoffrêra o coração eſperar por ella; que vinha alli offerecido ao ſerviço de ElRey de Portugal, e ſeu. O Principe o eſtimou muito, e aſſim elle, e Manoel Pereira fizeram, em quanto durou o cerco, couſas muito notaveis, e dignas de maior galardão, do que ambos tiveram.

Havendo vinte e hum dias que D. Paio ſe tinha ido de Adém ſem os Turcos o ſaberem, quiz a deſaventura que fugiſſe hum dos naturaes da Cidade, e ſe foſſe ao arraial dos Turcos, e ſendo levado ao Baxá, lhe diſſe como os Portuguezes eram idos, e que a Cidade eſtava com pouca gente, of-

ferecendo-se-lhe pera os metter dentro nella por hum passo mui escuso. Parece que neste negocio não entrou este só, mas havia de ir concertado com algum dos Capitães de alguma estancia; porque esta mesma noite no quarto da modorra foram mettidos na Cidade, e como áquellas horas estavam todos descuidados, arrebentando pelos baluartes, foram matando, e espedaçando a quantos achavam. Sentindo o Principe a grita, e alvoroço, sem saber o que era, tomou as armas, e com os que o seguíram acudio ao baluarte do irmão bastardo, onde a revolta era grande, porque aquelle Infante pelejava com muito valor, e esforço. E acudindo o Principe alli, deo com os Turcos, que vinham recrescendo; e depois de elle, e seu irmão terem bem mostrado seu esforço, e coração, foram este Principe, e seu irmão mortos com todos os seus, não sem damno, e estrago dos Turcos, de que elles por suas mãos derribáram muitos. O irmão mais moço do Principe, com quem estava Manoel Pereira, e Francisco Vieira no seu baluarte, tambem foi entrado de hum número de Turcos, com quem todos tiveram huma muito aspera batalha, fazendo assim o Principe, como os Portuguezes, cousas muito notaveis, sustentando aquelle baluarte até se perderem todos. E vindo-lhes novas que o

Prin-

Principe era morto, e a Cidade toda entregue nas mãos dos Turcos, tomáram Manoel Pereira, e Francisco Vieira o moço Infante, e se foram sahindo do baluarte, o que então pudéram fazer, assim pelo grande escuro que fazia, como pela confusa revolta que havia em todas as partes, andando já tudo misturado sem se conhecerem huns aos outros, e se sahíram fóra da Cidade com alguns da casa do Principe, e foram caminhando apressadamente pera Camphar. Os Turcos andáram pela Cidade fazendo tamanhas cruezas, que foi espanto, não dando vida a cousa alguma que a tivesse, tornando a ficar senhores della como dantes.

D. João de Taíde, que deixámos partido de Baçaim com os tres navios, foi seguindo sua viagem atravessando de largo, e em poucos dias foi haver vista da costa de Arabia, e de longo della foi demandar a Cidade de Adém, cuidando achar nella Dom Paio, porque não tomou falla por toda aquella costa do que lá hia. E entrando a bahia a remo, foram dar de rosto com as galés, que estavam dentro bem chegadas ao baluarte que faz a bahia, e não se embaraçando em cousa alguma, tornáram a voltar pera fóra largando as vélas, porque ventava ainda o levante rijo. Os Turcos em ven-

do os navios leváram ancora com muita pressa, e sahíram apôs elles tão apressados, que antes de terem andado huma legua os alcançáram. Gomes da Silva, e Antonio da Veiga, que lhe ficáram mais perto, vendo-se debaixo dos esporões das galés, como hiam cozidos com a terra, houveram por melhor partido vararem nella, e salvar suas pessoas, como fizeram. D. João de Taíde, que levava melhor navio, foi mettendo de ló tudo o que pode, escapando algumas vezes debaixo dos esporões de tres galés que o seguiam, ajudando-se da véla, e do remo, animando os marinheiros, e dando-lhes muito dinheiro; e quiz sua boa fortuna que sobreveio a noite, e tanto que o ar escureceo, fazendo-se em outro bordo, foi correndo pera a costa do Abexim, e em poucos dias foi tomar o Ilheo de Mete na costa de Barborá, e Zeilá. Alli varou o navio, e o espalmou, e o alimpou, dando huma larga folga aos marinheiros do trabalho passado.

A gente dos dous navios que varáram em terra, foram de longo do mar pera Camphar, onde acháram Manoel Pereira, e Francisco Vieira, que tinham chegado com o Infante, que já estava jurado por Rey, que os mandou agazalhar mui bem, e dar-lhes todo o necessario.

E tornando a D. Paio, tanto que se sahio de Adém, foi demandando a costa do Abexim, e della tornou a voltar pera ir esperar a Caxém recado da India. E correndo a costa da Arabia, tomou por ella falla, e soube ficar já a Cidade de Adém em poder dos Turcos, e o Principe, e todos mortos; e indo demandar Caxém, antes de lá chegar encontrou com dous navios, que D. Manoel de Lima, Capitão de Ormuz, lhe mandava de soccorro, de que eram Capitães Aleixos de Carvalho, e Braz Cortez, que levavam gente, mantimentos, e munições, e vendo-se com elles lhes deo conta do que passava, e de como tinha por novas, que a Cidade de Adém era perdida, o que elles muito sentíram, ainda que o não pudéram crer, dizendo-lhes Aleixos de Carvalho, que elle havia de passar a Adém, e saber a certeza do que lá hia, pois elle não tinha outra, que a que lhe deo a gente da terra. D. Paio o quiz tirar disso, mas não pode, pelo que lhe foi forçado tornar a voltar com elles. E chegando a Xaél, querendo entrar no porto a saber novas, lhes atiráram da fortaleza (que tinham os Fartaquins tomada a ElRey de Caxém nosso amigo) tantas bombardadas, que os houveram de metter no fundo. E sahindo-se pera fóra, tomando conselho, assentáram ir es-

esperar recado da India aos Ilheos de Canecanim, (porque por huma terrada que acháram de Caxém souberam como os Turcos estavam em Adém,) e assim os foram demandar, e alli se deixáram ficar.

D. João de Taíde tanto que espalmou, e alimpou o seu navio, determinou de ir esperar na costa de Caxém a D. Alvaro de Castro, que não podia tardar muito, e dando á véla com os Ponentes, se foi affastando de Adém, e depois foi demandar a terra; e chegando aos Ilheos de Canecanim, achou D. Paio de Noronha com os outros navios, e delle souberam o que lhe tinha succedido com as galés, e assentáram de esperar alli a Armada, como fizeram, tendo grande vigia no mar.

CAPITULO VI.

De como D. Alvaro de Castro chegou aos Ilheos de Canecanim, onde soube a perda da Cidade de Adém: e de como foi sobre a fortaleza de Caxém, e a tomou.

PArtido D. Alvaro de Castro de Baçaim, logo o Governador D. João de Castro o fez tambem pera Goa, pera acudir ás cousas do Sul, e pera de mais perto continuar na guerra do Idalxá, dando despacho a todas as cousas daquellas fortalezas do Norte,

te, deixando na enceada de Cambaya com huma boa Armada D. Jorge Baroche, e escusando-se de tudo o mais, deo á véla pera Goa já em Abril. Chegado áquella Cidade, começou logo a entender no despacho das cousas do Sul, aviando pera ir entrar em Malaca D. Pedro da Silva da Gama, filho do Conde Almirante D. Vasco da Gama, por acabar Simão de Mello, que lá estava, seu tempo. E pela mesma maneira despachou Duarte de Miranda Capitão da carreira de Maluco, que foi embarcado no galeão Bufara, carregado de gente, provimentos, roupas, mantimentos, e munições, e de caixões cheios de esquipações feitas, convem a saber, calções, chapeos, çapatos, pera lá se repartirem pelos soldados; porque neste tempo tinham os Governadores tanta conta com elles, que até os vestidos feitos lhes mandavam, o que tudo se lhes dava; e como chegava o galeão da carreira, mandava o Capitao chamar a todos, e repartia por elles tudo, e com isso lhes pagava seus quarteis, e mantimentos. O que tudo se mudou, porque todas as cousas boas acabam depressa, e as más nunca.

Despedidos estes Capitães, ficou o Governador desaffogado pera proseguir na guerra do Idalxá, mandando dobrar as fustas, e manchuas, que andavam nos rios, que fize-

zeram grandes deſtruições em ſuas aldêas. E porque he razão que continuemos com Dom Alvaro de Caſtro , deixaremos por ora tudo o mais até ſeu tempo.

Partido de Baçaim , como temos dito no Cap. IV. deſte VI. Liv. com toda ſua Armada junta , como levava os levantes em poppa , foi em poucos dias haver viſta da coſta de Arabia , e ſem tomar porto algum , foi de longo della demandar a Cidade de Adém. Chegando aos Ilheos de Canecanim , lhe ſahíram os noſſos navios , de quem ſoube tudo o que era ſuccedido , aſſim da perda de Adém , como das galés que corrêram a D. João de Taíde. Iſto ſentio D. Alvaro de Caſtro em eſtremo , porque bem entendeo que fora tudo pelo grande deſcuido , e pouco diſcurſo de D. Paio de Noronha. O Embaixador , e cunhado do Rey velho morto de Adém , que hia embarcado com D. Antonio de Noronha , ſe foi ao navio do Capitão mór muito triſte , e deſconſolado pelas ruins novas que tinha ouvido. Dom Alvaro de Caſtro trabalhou pelo conſolar , mas não pode elle : pedio que mandaſſe algum navio a Camphar a ſaber a certeza daquellas novas dos Portuguezes , que lá diziam que eſtavam , porque elle as não podia crer. O Capitão mór lhe pareceo bem , e deſpedio logo D. João de Taíde pera ir

lá

lá a ſaber o que era paſſado , e a recolher a gente das fuſtas de ſua companhia , que já ſabiam que lá eſtava.

D. João de Taíde chegou a Camphar , e os Portuguezes o foram receber á praia com grande alvoroço , e delles ſoube toda a verdade , e em ſua companhia foi viſitar ElRey , que lhe fez muitas honras , e lhe contou por extenſo tudo o que era paſſado , e de como depois de D. Paio ſe ſahir de Adém , ſe ſuſtentára vinte e hum dias , pelo esforço , e animo de Manoel Pereira , e Franciſco Vieira , e de como elles o livráram , e por elles eſtava naquelle ſeu Eſtado. Dom João de Taíde ſentio muito as novas , e pedindo licença a ElRey pera levar todos os Portuguezes , lha deo , e hum tarranquim pera irem , porque não cabiam todos na fuſta , e com elles voltou pera o Capitão mór. D. Alvaro de Caſtro recebeo aquelles perdidos com muitos gazalhados , e de Manoel Pereira , e Franciſco Vieira ſoube muito particularmente todas as novas , de que ficou muito anojado , por ſe perder huma couſa tamanha por culpa de hum Fidalgo tão honrado.

O Embaixador cunhado de ElRey de Camphar , certificado da morte de ſeu cunhado , e de ſeus filhos , ficou em tão grande eſtremo deſconſolado , que pedio ao Capi-

pitão mór, que lhe désse licença pera se ir pera Camphar, já que fora tão mofino, que foi seu trabalho debalde. D. Alvaro teve com elle muitas palavras de cumprimentos, e lhe deo algumas pessas, assim pera elle, como pera ElRey seu sobrinho, dizendo-lhe, que se consolasse, porque ElRey seu cunhado, e seus sobrinhos morrêram como muito bons cavalleiros em defensão do seu Reyno; que quem morria tão honradamente, mais se lhe devia ter inveja, que mágoa. A isto respondeo o Mouro, (que era muito avisado,) que antes essa era a dor que levava, de ver morrer em serviço de ElRey de Portugal hum cunhado, e dous sobrinhos, e muitos parentes, e hum Capitão Portuguez não querer fazer outro tanto por serviço, e honra de seu Rey; com isto se despedio delle. D. Alvaro sentio muito aquellas palavras, pelo que tocava ao crédito, e honra dos Portuguezes, e muito mais as devia pera bem de sentir D. Paio de Noronha, diante de quem as elle disse.

Despedido o Embaixador pera Camphar, poz o Capitão mór em conselho o que faria, e por todos os Capitães se assentou, que no negocio de Adém não havia que fazer, e que já que ficava de vago, deviam de ir favorecer ElRey de Caxém, e restituir-lhe a fortaleza de Xaél, assim pelo mandar

dar o Governador , como pera caſtigarem os Fartaquins que nella eſtavam , por esbombardearem os noſſos navios, quando no ſeu porto entráram , como diſſemos no Capitulo atrás. Aſſentado iſto , deo D. Alvaro de Caſtro á véla pera Xael , onde chegou na entrada de Abril , e entrou dentro com todos os navios , ſem da fortaleza lhe atirarem bombardada alguma , e logo deſembarcou em terra com toda a gente , e mandou ordenar algumas eſcadas dos deſtures dos navios pera commetterem a ſubida.

A fortaleza de Xaél era hum Caſtello pequeno de adobes com quatro cubellos , e tudo tão eſtreito , que baſtava pera o guardar , e defender trinta e ſinco Fartaquins , porque não tinha mais dentro em ſi. O Capitão delles vendo deſembarcar os noſſos , lançou fóra huma mulher velha , que ſabia fallar Portuguez , por quem mandou perguntar ao Capitão , que era o que queria , que elle era ſervidor de ElRey de Portugal ; e ſe queria aquelle Caſtello , que logo lho entregaria , e que ſe iriam com ſuas peſſoas , e armas. D. Alvaro de Caſtro ouvio a velha , perante os Capitães , e houve alguns de parecer , que lhe haviam de acceitar a fortaleza aſſim como a offereciam , pois della não queriam mais , que entregalla a ElRey de Caxém ; mas os mais diſſeram , que ſe entre-

tregaſſem todos os que nella eſtavam á mercê do Capitão mór. Ao que a velha diſſe, que os Fartaquins não eram homens que ſe entregaſſem aſſim. E tornando-ſe pera a fortaleza, diſſe de fóra o que ſe tinha aſſentado. A iſto reſpondêram os de dentro: *Que chamais entregar á mercê?* E deitando fóra algumas bandeiras, começáram a atirar algumas bombardadas, de que matáram alguns, e feríram muitos. D. Alvaro abalou com todo o poder, e rodeou a fortaleza, arrimando logo algumas eſcadas, por onde os noſſos começáram a ſubir, franqueando-lhes os outros o muro com a arcabuzaria, que era tanta, que não ouſáram os Fartaquins a apparecer. Fernão Peres foi o primeiro que começou a ſubir por huma eſcada, levando o ſeu guião diante, e a poder de golpes o poz em ſima do muro. Por outra parte tambem ſubio Pero Botelho quaſi ao meſmo tempo, e diante delle o ſeu guião, que levava hum Reynol, de hum pelote preto comprido, mui valente homem, que ſubio ao muro, e com huma mão ſuſtentou o guião, e com a outra pelejou valoroſamente, e tudo ſe notava debaixo mui bem. Como eſtes dous Capitães foram em ſima, e ganháram aquella parte, ficou logo franca pera ſubirem todos.

Antonio Moniz Barreto, D. Antonio de Noronha, D. João de Taíde, e outros Capi-

pitães foram demandar a porta, levando os ſeus ſoldados deſtures pera vaivens; e indo Antonio Moniz Barreto diante, deo em huma trapeira, que eſtava cuberta, onde ſe eſcalavrou todo de mãos, e roſto, e todavia levantando-ſe foi ſeguindo os mais que chegáram á porta, e a começáram a arrombar. Os noſſos, que já eſtavam em ſima do muro, foram accurralando os Fartaquins em dous cubellos, onde ſe fizeram fortes, e ſe defendêram valoroſamente. Alguns dos noſſos deſcêram abaixo pera abrirem as portas aos que eſtavam de fóra, e as acháram por dentro entulhadas com fardos de tamaras, de que eſtavam tão maciſſas, que não davam de ſi nada aos vaivens; e deſentulhando-as, as abríram, e entráram todos, e ſubidos aos muros, acháram os Fartaquins, que ſe defendiam nos cubellos, que eſtavam cercados dos noſſos, pelejando como leões bravos, e algumas vezes ſahiam fóra a dar nos noſſos, ferindo-os bravamente, ſem receio de morte, nem de feridas, que todos traziam. De huma vez ſahio hum valente Fartaquim de hum deſtes cubellos, por ſe ver apertado dos de fóra, e remetteo com Gomes Ferreira, homem Fidalgo, mui bom cavalleiro, que era o que mais o perſeguia, e ſerrando com elle, o levou nos braços; e como era mui forçoſo, e membrudo, deo com elle no chão,

e o levou debaixo; mas Belchior Rabello, que eſtava perto delle, ſe lançou logo ſobre o Mouro, e ás adagadas o matou, ficando ferido em huma mão. Em fim, a referta foi grande, e os Fartaquins com ſerem tão poucos, pelejáram esforçadamente; mas como o número era tão deſigual, foram entrados nos cubellos, e mortos todos á eſpada, cuſtando eſta cavalgada ſinco dos noſſos, que ficáram mortos, e mais de quarenta feridos de eſpingardadas.

Deſpejada a fortaleza, a entregou Dom Alvaro ao Embaixador de ElRey de Caxém, mandando curar os feridos, em que havia alguns perigoſos, que o meſmo dia embarcou na fuſta de D. Paio, e o mandou pera Goa, pera ir dar conta ao Governador do que era ſuccedido. D. Alvaro ſe vio com ElRey de Caxém; e porque era o tempo gaſtado, não ſe deteve com elle muito, e ſe fez á véla já em oito de Abril. D. Paio chegou a Goa com os doentes, e deo ás cartas de D. Alvaro de Caſtro ao Governador; e ſabendo por ellas o que paſſava, ficou mui magoado, e deſpedio Dom Paio ſem o querer ouvir, mandando deſembarcar os doentes para o Hoſpital, onde logo os foi viſitar, levando dinheiro na algibeira, que repartio por todos, encommendando muito ſua cura.

Cer-

Certo, que antre as virtudes que eſte Fidalgo tinha, que eram muitas, a que mais reſplandecia nelle era a da caridade pera com os ſoldados da India, porque os não tratava ſenão como ſe foram todos ſeus filhos. As novas de Adém corrêram logo por Goa, ficando D. Paio tão deſacreditado com todos, que era vergonha; e aſſim teve ElRey com elle tão pouca conta, que nunca o deſpachou, ſenão depois de velho, e caſado, e em quanto viveo ficou com eſte labéo; porque ainda que eſtas couſas de ſi não ſão pera eſquecer, na India andam ſempre mais vivas na memoria dos homens, que em toda a outra parte, tanto, que ſendo eſte Fidalgo já velho, paſſou pela ſua rua hum Cidadão rico, e honrado, e achou á ſua porta chorando huma moça, e perguntando-lhe de que ſe queixava, lhe reſpondeo a moça, que em caſa de D. Paio lhe tomáram os ſeus moços huma gallinha, e que lha não queriam dar. Ao que o Cidadão lhe diſſe: *Cala-te, filha, não te mates, ſe fora Adém, largáram-ta; mas gallinha, não ta hão de dar.*

D. Alvaro chegou alguns dias depois de D. Paio, e o Governador lhe fez hum grande recebimento. E porque ſabiam todos quanto folgava o Governador de lhe engrandecerem o negocio de Xaél, não ſe fallava em

Goa

Goa em outra cousa, sendo ella em si tão pequena como temos dito. E porque sobre isso aconteceo huma galanteria, que disse hum Cortezão, não deixaremos de a contar.

Tinha o Bispo D. João de Alboquerque hum Clerigo avisado, e de ditos, com que elle folgava de praticar, e a quem fazia muitas perguntas por esta maneira. Qual he a cousa, que de amarga se faz doce, e a que de grande se faz pequena, e a que de pequena se faz grande? Ao que o Padre lhe respondeo mui apressado: Que a cousa que de amarga se faz doce, foram as bombardadas de maçapães, com que recebêram o Governador D. João de Castro, quando veio de Dio. E a cousa que de grande se faz pequena, foi a tomada de Baroche, porque a tomou D. Jorge de Menezes. E a que de pequena se faz grande, foi Xaél, porque a tomou o filho do Governador. O Bispo festejou muito a resposta, e a galanteria do aludir; mas todavia ambas estas cousas foram muito boas, e muito dignas de louvar.

CA-

CAPITULO VII.

Da Armada de Lourenço Pires de Tavora, que chegou ao Reyno com as novas da vitoria de Dio: e das náos que ElRey despedio em Outubro: e das honras, e mercês que mandou ao Governador D. João de Castro.

LOurenço Pires de Tavora, Capitão mór da Armada que partio da India, teve tão prospera viagem, que chegou ao Reyno com todas as suas náos juntas, e surgio na barra de Lisboa, onde ElRey estava, que já tinha sabido as novas da vitoria de Dio, por cartas que da Ilha Terceira lhe mandáram, por huma caravela que foi diante alguns dias. Tanto que ElRey soube das náos, mandou desembarcar o Capitão mór, a quem acudíram todos os Grandes, e Fidalgos da Corte, que o acompanháram até o Paço, onde elle entrou, levando sempre pela mão Rax Nordim, filho do Guazil de Ormuz. ElRey os recebeo mui bem; e sabendo do Capitão mór as cousas do cerco, e da vitoria mais particularmente, ordenou de festejar ao outro dia as boas novas, como fez, vestindo-se elle, e os Infantes, e toda a Corte de festa, e houve hum solemne Officio, e Missa em Pontifical, e hum dou-

douto, e grande Sermão em louvor daquella espantoſa vitoria, em que ſe tratou da prudencia, preſteza, e esforço do Governador D. João de Caſtro, em que todos os que ſe acháram naquelle negocio tiveram mui grande quinhão, principalmente os mortos, affirmando que eram dignos de ſerem nomeados por Martyres, pois morrêram pela Fé de Chriſto. ElRey eſcreveo logo ao Summo Pontifice, e a todos os Reys Chriſtãos, a mercê que lhe Deos fizera na grande vitoria, que o ſeu Governador da India alcançára dos Capitães do Rey de Cambaya, do que todos lhe mandáram os parabens. Não ſe fallava em toda a Europa n'outra couſa, ſenão naquelle temeroſo cerco de Dio, e na grande vitoria, que os Portuguezes alcançáram do mais poderoſo Rey de todo o Oriente, cuja memoria durou por muitos tempos.

ElRey D. João, depois que aſſim por informação de Lourenço Pires de Tavora, como pelas cartas do Governador, ſoube o eſtado em que a India ficava, e que as couſas de Cambaya ficavam ainda prenhes, quiz acudir a ellas com muita preſſa, mandando negociar ſeis náos pera lhe mandar de ſoccorro, fazendo chamamento de gente por todo o Reyno, que acudio toda a que ſe houve miſter.

E

E porque se não pode dar expediente a todas as seis náos juntas, despedio ElRey tres, que fez á véla o primeiro de Novembro, dia de Todos os Santos, de que deo a Capitanía mór a Martim Correa da Silva, a quem fez mercê da fortaleza de Dio. Os outros dous Capitães eram Antonio Pereira, e Christovão de Sá. E querendo ElRey gratificar ao Governador D. João de Castro os grandes serviços que lhe tinha feito, e o grande zelo com que arriscou seus filhos na força do Inverno, e a morte de seu filho D. Fernando de Castro, lhe mandou mais tres annos da governança da India, com titulo de Viso-Rey, e lhe fez mercê de dez mil cruzados pera ajuda de pagar suas dividas, que tomaria nos direitos da Alfandega. E a seu filho D. Alvaro de Castro mandou o cargo de Capitão mór do mar da India, com o ordenado que teve Martim Affonso de Sousa, e lhe fez mercê mais de dous mil cruzados pera ajuda de custo; e a todos os Fidalgos que se acháram no cerco, e na batalha escreveo cartas mui honrosas, e lhes mandou honras, e mercês, tendo tanta conta com todos, que nenhum ficou queixoso.

Partidas estas náos, mandou ElRey dar muita pressa ás outras tres, de que deo a Capitanía mór a Francisco Barreto, fazendo-

lhe mercê da fortaleza de Baçaim, a quem despachou, e fez á véla entrada de Dezembro. Os Capitães de sua companhia eram D. Heitor Aranha, Fidalgo casado em Evora com huma D. Maria Careche, e Pero de Mesquita, que ElRey despachou com a Capitanía do galeão da carreira de Maluco. Todas estas náos foram seguindo sua derrota; e porque estas da conserva de Francisco Barreto partíram mais tarde, quando tomáram Moçambique foi a tempo, que affirmáram os Pilotos, que o não poderiam já passar á India, pelo que ficáram alli invernando.

Martim Correa da Silva foi seguindo sua viagem até se apartarem as náos de sua conserva com alguns temporaes que lhes deram, e em Moçambique se tornáram ajuntar, donde partíram meado Março, e acháram na linha muitas calmarias, pelo que se detiveram muito. A náo de Antonio Pereira, depois de passar a linha, se foi encostando a Sacotorá, onde as correntes o leváram, e por aquella paragem gastou todo o mez de Abril. E vendo que era tarde pera ir demandar a barra de Goa, se fez na volta de Ormuz pera ir lá invernar, onde chegou por fim de Maio, e D. Manoel de Lima festejou muito sua chegada. Antonio Pereira lhe deo as cartas de ElRey, que hiam cheias de

de grandes agradecimentos de ſeus ſerviços. Eſta náo invernou naquelle porto, e não ſabemos ſe tornou pera o Reyno, ou ſe ficou na India.

Martim Correa da Silva, e Chriſtovão de Sá, paſſadas as calmarias, foram ſeguindo ſua derrota, e indo demandar a coſta da India, lhes deram algumas trovoadas, com que Martim Correa da Silva foi deſgarrando, e ſem poder ferrar a barra de Goa, foi tomar Angediva, onde ſe recolheo pera invernar, deſpedindo dalli recado ao Governador, pera que o mandaſſe prover de amarras, e de todo o mais neceſſario, e pera que mandaſſe buſcar os doentes, que trazia muitos. Chriſtovão de Sá, ſoube-ſe o ſeu Piloto marear melhor; porque tanto que tomou fundo na coſta da India, foi mettendo de ló pera ſe pôr a balravento de Goa, como fez, e foi haver viſta da terra por Carapatão, e dalli foi demandar a barra de Goa, onde ſurgio quaſi no meſmo tempo, que Martim Correa da Silva tomou Angediva. O Governador tanto que lhe deram novas da náo do Reyno na barra, mandou com muita preſſa muitos navios pera a deſcarregarem, e metterem dentro, e deſembarcar Chriſtovão de Sá, que recebeo com muitos gazalhados, e lhe deo a via de El-Rey, que o Governador abrio, e achou as

Pro-

Provisões, e Alvarás das honras, e mercês que lhe fazia a elle, e a ſeu filho, o que eſtimou muito, por ver que tinha ElRey conta com ſeus ſerviços. E ainda houve por mór mercê a carta, que lhe eſcreveo de ſatisfações delles; e não eſtimou menos a carta que o Infante D. Luiz lhe eſcrevia, porque era Principe que elle muito amava pelas obrigações que lhe tinha, porque elle foi o que o poz naquelle Eſtado, e o que ſolicitou com ElRey todas ſuas couſas.

E porque ambas são ſubſtanciaes, nos pareceo bem irem aqui inſertas, pera a todo tempo ſe ſaber como os Reys de Portugal tratavam os vaſſallos que o ſerviam; e para que os Viſo-Reys, e Governadores da India vejam quanto os Reys eſtimam eſcreverem-lhes os merecimentos dos homens na verdade, ſem odio, nem affeição, e não formarem em alguns deſmerecimentos, que pela ventura não tiveram, ſó por paixão, e pera os homiziarem com o Rey, como alguns fizeram. E tambem foi neceſſario irem aqui as cópias deſtas cartas por honra deſte bom Governador, pera que todos ſaibam quão bem tomou ElRey a batalha que deo aos Capitães de ElRey de Cambaya, porque não faltáram calumniadores, que attribuíram aquelle commettimento mais a doudice, que a prudencia, e esforço.

CA-

CAPITULO VIII.

Que contém a cópia das cartas, que ElRey D. João, e o Infante D. Luiz ſeu irmão eſcrevêram ao Viſo-Rey Dom João de Caſtro.

CARTA DE ELREY.

» VIſo-Rey amigo, eu ElRey vos en-
» vio muito ſaudar. A vitoria que noſ-
» ſo Senhor vos deo contra os Capitães de
» ElRey de Cambaya, foi de grande con-
» tentamento para mim, como he razão que
» eu tiveſſe por tal, e tamanho vencimen-
» to, e por quão grandes mercês, e ajudas
» niſſo recebeſtes de noſſo Senhor; pelo que
» elle ſeja louvado. Muito ſe deve á voſſa
» prudencia, e grande animo, que naquelle
» dia moſtraſtes, e aſſim no que fizeſtes no
» grande, e apreſſado ſoccorro que mandaſ-
» tes á fortaleza de Dio em tão deſvairado
» tempo, offerecendo o amor de voſſos fi-
» lhos, em que ſe vio bem, quanto mais
» pode comvoſco o que importava a meu
» ſerviço, que o effeito natural de pai, o
» que eu aſſim eſtimo como he razão; ven-
» do que não tão ſómente desbarataſtes tão
» grande poder de inimigos, mas ainda déſ-
» tes ſegurança a toda a India no grande

» re-

» receio que aos inimigos della fica com ef-
» ta tão grande vitoria; e todos eftes fervi-
» ços que me fizeftes, he razão que eu te-
» nha na conta que elles merecem.

» Do falecimento de voffo filho D. Fer-
» nando de Caftro recebi muito grande def-
» prazer, e affim por elle fer voffo filho,
» como porque hia bem moftrando naquella
» idade qual houvera de fer em toda a ou-
» tra; e pois acabou tão honradamente, e
» em tão grande ferviço de noffo Senhor, e
» meu, deveis de fentir menos fua perda, e
» dar graças a noffo Senhor, por como foi
» fervido que acabaffe, o que fei que vós
» fizeftes, moftrando ainda no efquecimento
» de fua morte a lembrança do que com-
» pria a meu ferviço. Deftas coufas todas eu
» ferei fempre lembrado, e não fómente vo-
» las conhecerei no grande contentamento
» dellas, mas ainda com muitas mercês, a
» que agora quiz dar principio neffas que
» vos faço a vós, e a voffo filho D. Alvaro
» de Caftro, guardando o remate dellas pe-
» ra o cabo de voffos ferviços, que eu con-
» fio, e tenho por muito certo, que feram
» taes, quaes foram os que até agora me
» tendes feitos. E com efta confiança, e com
» a experiencia que diffo tenho, defejando
» muito nefte tempo de vos fazer em tudo
» mercê, confiderando quanto ifto compria
» a

» a meu ſerviço, e vendo por voſſas obras
» quanta mais conta tinheis com elle, que
» com todas voſſas couſas, houve por bem
» de vos não dar a licença pera vos virdes,
» como me pedís: pelo que vos encommen-
» do muito, e mando, que o hajais aſſim
» por bem, e que neſſe cargo me queirais
» ainda ſervir outros tres annos, e no fim
» delles vos mandarei licença pera vos vir-
» des embora; e eu eſpero em Deos noſſo
» Senhor, que vos dê muito boa diſpoſição
» pera o fazerdes. E porém ſe por ſima do
» que tanto cumpre a meu ſerviço, como
» he ficardes ainda ſervindo-me neſſas par-
» tes, vos a vós parecer que tendes toda-
» via neceſſidade de vos virdes, folgarei de
» mo eſcreverdes, e entre tanto eſperareis
» por minha reſpoſta. Pero de Alcaçova Se-
» cretario a fez em Lisboa a 20. de Outu-
» bro de 1547.

CARTA DO INFANTE D. LUIZ.

» HOnrado Viſo-Rey. Recebi voſſa car-
» ta, que veio neſta Armada de Lou-
» renço Pires de Tavora, em que dizeis, que
» recebeſtes a minha, que por Luiz Figuei-
» ra vos mandei; e agradeço-vos muito di-
» zerdes-me, que vos parecêram bem as lem-
» branças que vos fazia, e muito mais o por-

» del-

» de-las em obra: e abastava pera o eu crer
» que sería assim, ainda que vos eu não co-
» nhecêra, ouvir o que lá fazeis, e ver quão
» á boca cheia me escreveis vossos trabalhos,
» pobreza, e abstinencia, cousas com que se
» vence o diabo, o Mundo, e a carne, que
» nessas partes da India tem tanto poder, o
» que he maior vitoria, que a de ElRey de
» Cambaya, nem ainda de todo o poder do
» Turco. Pelo que em quanto viverdes, não
» deveis de temer cousa alguma, mas antes
» esperai em nosso Senhor, que vos ajudará,
» como agora fez na defensão, e batalha de
» Dio. Em cuja vitoria vós tendes muito que
» lhe louvar, pois vos fez instrumento de tan-
» to serviço seu, e de ElRey meu Senhor,
» e de tanta honra vossa, e de todos os Por-
» tuguezes, assim dos que se acháram com-
» vosco, como dos que estiveram ausentes.
» E certo, que vós tendes feito nesta jorna-
» da, des do primeiro dia que tivestes no-
» vas do cerco de Dio, até o dia de vossa,
» e nossa vitoria, tudo o que entendo que
» hum valoroso, e astuto Capitão podia fa-
» zer, assim na presteza dos soccorros, co-
» mo em pordes vossos filhos por balisas da
» fortuna, e perigos do inverno, e mares
» da India, pera que os outros os tivessem
» em menos; no que se mostra bem claro,
» quanto mais parte tem em vós o serviço
» de

» de ElRey meu Senhor, e obrigação de
» vosso cargo, que os effeitos naturaes de
» pai, que são os que mais forção a natu-
» reza; e no soffrimento que mostrastes na
» morte de D. Fernando de Castro vosso fi-
» lho, se confirma bem esta opinião: e cer-
» to, que eu o senti por mim, e por vós, e
» o houve por mui grande perda, por quão
» certos sinaes se nelle viam de seu grande
» esforço, e creio que nisto lho quiz Deos
» pagar com o tirar de vida tão trabalho-
» sa, por meio tão honrado, e de tanta glo-
» ria sua, que deve de ser grande causa de
» vossa consolação.

» D. Alvaro de Castro vosso filho não
» empregou mal sua jornada, pois com tan-
» tos trabalhos, e perigos soccorreo a for-
» taleza de Dio, a tempo que sua chegada
» foi por então o remedio della; e de co-
» mo se nisso houve, e no dar nas estancias
» dos inimigos, e em tudo o mais, lhe lan-
» ço muitas benções por vossa parte, e mi-
» nha.

» E tornando a vossa determinação de
» aventurardes vossa pessoa, e o Estado da
» India, por soccorrerdes Dio, foi mui
» boa, pois de o não fazerdes estava tanto
» mais aventurado: e o chegardes a Dio,
» e ordenardes vossa desembarcação, e man-
» dardes que os navios commettessem a ter-

» ra,

» ra, ao tempo que havieis de dar a bata-
» lha, e o modo do commetter que nisso
» tivestes, tudo me pareceo digno de agora,
» e sempre darmos muitas graças a Deos
» nosso Senhor, e de Sua Alteza vos fazer
» muitas mercês, a que agora dá principio,
» como vereis ácerca de vós, e de vosso fi-
» lho, e assim o deve fazer, e fará aos Fi-
» dalgos, e Cavalleiros, que nessa jornada
» comvosco o servíram, em especial a Dom
» João Mascarenhas, que se houve no pezo
» desse cerco como honrado Capitão, e es-
» forçado cavalleiro. Folguei muito de ver
» o modo que tivestes no escrever a S. A.
» sobre os serviços que os Fidalgos, e Ca-
» valleiros, que nessas partes andam, lhe fi-
» zeram no negocio de Dio, no que se vio
» que tinheis com seus trabalhos conta: is-
» to fazei sempre por amor de mim, e fol-
» gai de louvar os homens, porque já que
» está certo não faltar quem diga delles os
» males, (que haveis de castigar, os que nel-
» les sentirdes,) razão he tambem que os
» bons os alevanteis, pera que os que lá não
» puderdes galardoar, Sua Alteza por vossa
» informação o faça.

» Eu fallei sobre vossa vinda, como me
» escrevestes, que me elle não concedeo,
» e me deo pera isso duas razões, que a meu
» parecer, ainda que vós tenhais muitas pe-

» ra

» ra vos desejardes de vir, Sua Alteza tem
» muitas mais pera vos mandar rogar, que
» o sirvais nesse governo outros tres annos,
» o que haveis de folgar de fazer por ser-
» virdes a nosso Senhor, pela grande mer-
» cê que vos tem feito, e a Sua Alteza pela
» confiança que de vós tem, e contentamen-
» to de vosso serviço. E confiai em Deos,
» que vos dará forças pera poderdes com os
» grandes trabalhos, e desordens da India.
» E eu espero nelle, que fazendo-o vós as-
» sim, venhais encher estes picos da serra de
» Cintra, de Ermidas de vossas vitorias, e
» que as visiteis, e logreis com muito des-
» canço vosso. Nas cousas particulares vos
» não fallo, porque ElRey meu Senhor vos
» escreve o que ha por seu serviço, em re-
» sposta da carta geral, que lhe escrevestes,
» que vinha em muito bom estilo, e em mui-
» to boa ordem. Escrita em Lisboa a 22. de
» Outubro de 1547.

CA-

CAPITULO IX.

De como o Viſo-Rey D. João de Caſtro adoeceo: e de huma notavel falla que fez aos Officiaes de ElRey ſobre ſua pobreza: e de como faleceo: e em que tempo: e das partes, e qualidades de ſua peſſoa.

O Viſo-Rey D. João de Caſtro (de cujo titulo logo começou a uſar) deſpedio com muita preſſa as cartas de ElRey pera Dio aos Fidalgos que lá ficavam invernando, e pera os Capitães de Chaul, e Baçaim, porque a todos ElRey eſcreveo; e o meſmo fez pera Cananor, e Cochim. E logo teve o Viſo Rey recado de Martim Correa da Silva. E ſabendo eſtar em Angediva, deſpedio apreſſadamente alguns navios de remo, com todas as couſas que Martim Correa lhe pedia, e muitas eſquipações novas, e conſervas pera os doentes, que mandava trazer, e muito dinheiro, e provimentos pera toda a mais gente, que havia de ficar invernando na náo, pera ſe lhe pagarem ſeus quarteis, e darem ſeus mantimentos. Eſtes navios voltáram logo, e por elles mandou Martim Correa da Silva as vias de ElRey, e os doentes todos, que foram levados ao Hoſpital, onde foram mui bem curados. O Viſo-Rey ſe pagou de dez mil cruzados,

de

de que lhe ElRey fez mercê, que logo pagou a peſſoas que lhos tinham empreſtado pera as deſpezas das jornadas que fez.

Andava o Viſo-Rey neſte tempo achacoſo, triſte, e melancolizado, e com huns faſtios de tudo; porque na verdade depois da morte de ſeu filho D. Fernando nunca mais o víram ſem achaques; e ſobre iſſo era homem, que tratava mal ſua peſſoa nos regalos della, porque o ſeu comer foi ſempre muito moderado, e o ſeu dormir pouco, e os trabalhos que tinha levados na guerra, foram muitos, e muito grandes, e em fim todas eſtas couſas o traziam mui fraco, e debilitado. E ſobre tudo lhe deram humas febres, de que logo cahio em cama, com ruim opinião dellas, e elle ſe ſentio de feição, que bem vio que não eſtava pera entender em couſa alguma. Pelo que entregou o governo ao Biſpo D. João de Alboquerque, e ordenou-lhe por Coadjutores o Capitão da Cidade D. Diogo de Almeida Freire, e o Doutor Franciſco Toſcano, Chanceller do Eſtado, e Baſtião Lopes Lobato, Ouvidor Geral, e Ruy Gonçalves de Caminha, Veador da Fazenda, ſobre quem deſcarregou todas as couſas do Eſtado, porque ſe recolheo com ſeu Confeſſor pera tratar ſó de ſua alma.

E porque eſtava tão pobre, que não havia

via

via em ſua caſa dinheiro com que ſe corresse com as deſpezas de ſua enfermidade, e com o ordinario de ſeus criados, e elle não ſe queria individar, nem pedir já aos homens empreſtimo, fez hum dia chamamento de todos os Deputados, e de outros Prelados, e peſſoas doutas, e religioſas, como foram o Padre Meſtre Pedro, Vigario Geral da India, Fr. Antonio do Caſal, Cuſtodio de S. Franciſco, o Padre M. Franciſco, da Companhia de Jeſus, e os Officiaes da Fazenda de ElRey. E tendo todos preſentes, aſſim deitado em ſua cama, já fraco, e debilitado, lhes fez eſta breve falla:

Falla do Viſo-Rey.

» MAndei-vos, Senhores, chamar pe-
» ra vos dizer o eſtado, e neceſſida-
» des a que ſou chegado, que não houve
» hoje neſta caſa dinheiro com que ſe com-
» praſſe huma gallinha pera minha peſſoa;
» porque fiquei tão deſpezo, e individado
» pelos grandes gaſtos, que fiz eſtes dous an-
» nos nas guerras paſſadas, que até dos meus
» ordenados eſtou pago adiantado até quin-
» ze de Setembro que vem: e confeſſo-vos,
» que não ouſo a pedir dinheiro empreſta-
» do a peſſoa alguma pera mim, como nun-
» ca fiz, porque o houve por mui grande

» in-

» inconveniente pera o homem que eſtá neſ-
» te cargo, porque lhe convem que eſteja li-
» vre, e iſento com os homens, pera fazer
» juſtiça direita a todos. E pois não tenho
» outro remedio, peço aos Veadores da Fa-
» zenda, e Officiaes de ElRey, que aqui
» eſtam, que eſtes quatro mezes, que ha da-
» qui até virem as náos do Reyno, me quei-
» ram ordenar huma deſpeza honeſta da Fa-
» zenda de ElRey pera os gaſtos de minha
» caſa, conforme a minha qualidade, e á
» peſſoa que repreſento. E ſe virdes que te-
» nho alguns gaſtos deſneceſſarios, e ſobe-
» jos, vos peço que os corteis; e pera iſſo
» não quero que peſſoa de minha caſa cor-
» ra com as deſpezas della, pera que o dinhei-
» ro de S. A. ſeja deſpendido com muito
» reſguardo. Tambem vos peço que orde-
» neis hum official pera ſe lhe dar aquillo
» que alvidrardes que ſe póde deſpender
» comigo, pera correr tudo por ſua mão.
» E aſſim vos peço, que algumas dividas
» que ainda ficáram, que não pude pagar,
» (que todas tenho feitas em ſerviço de El-
» Rey nas guerras paſſadas por mar, e por
» terra, em dar de comer a muita gente, e
» ſuſtentar muitos ſoldados,) que as queirais
» mandar pagar do dinheiro de ElRey. E
» aſſim iſto, como tudo o mais, mandareis
» aſſentar em hum livro ſeparado, que eſta-

» rá em poder do Thesoureiro de ElRey,
» pera a todo o tempo que eu o puder pa-
» gar, o faça. E se eu morrer, elle haverá
» por bem de me fazer mercê de tudo.

E tomando hum Missal, poz sobre elle a mão direita, dizendo: » Por este jura-
» mento dos Santos Evangelhos, que até es-
» ta hora em que estou, não sou em encar-
» go á Fazenda de ElRey de hum cruzado,
» nem a alguma outra pessoa de cousa que
» tomasse Christão, Judeo, Mouro, ou Gen-
» tio, nem nunca, em quanto governei a In-
» dia, tive genero algum de trato de mer-
» cadoria, nem por outra alguma via tenho,
» ou tive proveito algum; antes até agora
» vivi, e gastei de meus ordenados, sem me
» ajudar de outra alguma cousa. Nem em
» meu poder, nem fóra delle tenho senão
» aquillo, que trouxe de Portugal pera o
» serviço, e authoridade deste cargo. E ain-
» da dessa pouca prata de meu serviço he
» quasi ametade diminuida, parte por ma fur-
» tarem, parte por se gastar, e quebrar. E
» de tal maneira, e tão registado fui sempre
» em minhas despezas, que fóra do ordina-
» rio, não tive alguma hora posse pera com-
» prar outra colcha, além desta que tenho
» na cama; nem em minha casa se achará
» peça, que eu fizesse neste Estado, tirando
» huma espada de ouro, com algumas pe-

» dras

» dras de pouca ſubſtancia , e hum capace-
» te guarnecido de prata , que fiz pera meu
» filho D. Alvaro , porque determinava de o
» mandar eſte anno , que embora vem , a Por-
» tugal , a ſervir ElRey noſſo Senhor na
» Corte , e na guerra. E de tudo iſto que
» aqui diſſe , e jurei vos peço que mandeis
» fazer hum Termo , em que todos os que
» aqui eſtais ſe aſſinem , pera que a todo o
» tempo que ſe achar o contrario diſto , que
» aqui jurei , ElRey noſſo Senhor me caſ-
» tigue como a perjuro á fé , e deſtruidor de
» ſua honra , e fazenda. »

Eſte auto ſe fez logo , e hoje eſtá o proprio , em que todas as peſſoas nomeadas ſe aſſináram em hum livro dos regiſtos da Fazenda dos Contos de Goa , donde o nós tirámos , e trasladámos. E certo , que aſſim devia de andar eſcrito nos animos de todos os Governadores , e Viſo-Reys da India. E ſe iſto ſuccedêra em tempo daquelles antigos Gregos , que com muita razão pudéram trasladar eſte Termo em laminas de ouro , e pregarem-nas ſobre as portas do Oraculo de Delphos , junto daquella notavel , e memoravel ſentença , que nellas tinham de *Noſce te ipſum.* Porque não ha mór conhecimento de ſi meſmo , nem mór deſprezo de tudo , que o que teve eſte Viſo-Rey ; porque nem aquelle grande deſprezo de ouro ,

e riquezas daquelle famoſo Capitão Fabricio Romano, nem o de eſſoutro Themiſtocles Grego, chegáram a eſte. E com muita razão pudéra a vida deſte Viſo-Rey ſer regra, e nivel de todos os outros, e os Reys de Portugal darem o traslado deſte auto por regimento a todos os que pera a India deſpachaſſem, porque nelle lhes moſtra bem a pureza, que hão de ter em ſua Fazenda, o como hão de ſer regiſtados, e deſapegados de tudo pera poderem fazer juſtiça. O como hão de deixar ſervir aos Officiaes ſeus cargos, pois lhos ElRey dá por ſeus ſerviços, como a elles a governança da India; e não taparem as bocas tanto a todos, como depois alguns fizeram, que os não deixavam comer, ſendo a tenção de ElRey que ſe fartem em ſeus cargos, (como ElRey D. João o II. diſſe áquelle Almoxarife, que dizia, que morria de fome, que pois tinha carne, peſcado, azeite, vinho, e biſcouto, que ſe fartaſſe.) Mas foi o Mundo tanto de mal em peior, e aſſim ſe trocáram eſtas bolas depois, que eſte Viſo-Rey pedia aos Officiaes de ElRey que lhe déſſem de comer; e hoje não baſta pedirem elles aos Viſo-Reys que os fartem, porque comem todos tanto por ſuas mãos por regra, que não levam bocado á boca, que lhes não ſeja contado. E deixando eſta mate-

teria que eſcandaliza, tornemos á noſſa hiſtoria.

Os Veadores da Fazenda com os Deputados do governo, ordenáram ao Viſo-Rey pera deſpezas de ſua caſa tudo abaſtadamente; mas o que lhe limitáram, e o livro em que ſe lançou eſta deſpeza, nós o não achámos, buſcando-o bem. A doença do Viſo-Rey foi tanto por diante, que aos quatorze dias della deo a alma a Deos noſſo Senhor, depois de feitos todos os actos de muito bom Chriſtão, com grande dor, e mágoa de toda a India, que todos o ſentíram em extremo, porque o amavam como pai.

Faleceo a ſeis de Junho de 1548. em idade de quarenta e oito annos, tendo governado dous e oito mezes, em que entráram quatorze dias, que ſó logrou o titulo de Viſo-Rey. Buſcou-ſe ſeu teſtamento pera verem o que mandava ácerca do ſeu enterramento, e achou-ſe em huma boceta do Reyno, cuja chave elle comſigo trazia, e dentro nella lhe acháram humas diciplinas, que moſtravam que uſava muito dellas, e a guedelha da barba, que mandou de Dio em penhor á Cidade de Goa do empreſtimo, que lhe pedio pera repairar a fortaleza dos grandes damnos, que no cerco lhe fizeram, e tres tangas Larins. Aberto o teſtamento, achou-ſe nelle, que ſua mulher, e ſeu filho

Dom

D. Alvaro de Caſtro eram ſeus teſtamenteiros; e mandava que o enterraſſem em São Franciſco, e que ſeus oſſos foſſem depois levados á ſua Capella de Cintra. E encommendava a ſeu filho D. Alvaro de Caſtro, que logo ſe foſſe pera o Reyno. As mais particularidades do teſtamento não apontamos, por nos não ſerem neceſſarias pera a hiſtoria.

Foi D. João de Caſtro filho do Governador de Lisboa D. Alvaro de Caſtro, (como no principio da hiſtoria diſſemos,) foi caſado com Dona Leonor Coutinho, filha de Lionel Coutinho, que matáram em Calecut com o Marichal, e de D. Mecia de Azevedo. No eſtado da mocidade foi bem inſtruido nas artes liberaes, depois de tão bom Latino, que podia julgar de antre eſtilo, e eſtilo, (como ſe vio naquelle curioſo Tratado que fez na jornada do Eſtreito do Mar Roxo, quando foi com D. Eſtevão da Gama,) em que muito curioſamente dá razão do porque ſe chama Roxo, e daquellas manchas vermelhas, que ſe acham por todo aquelle Eſtreito, com bem differentes fundamentos do que fizeram outros, que eſcrevêram ſobre iſto, cujo Tratado dirigio ao Infante D. Luiz. Foi muito inclinado, e affeiçoado á Mathematica, de que teve por Meſtre o grande, e inſigne Dou-

tor

tor Pero Nunes, em companhia do Infante D. Luiz, que tambem a aprendeo. Naquella Armada, que ElRey mandou de ſoccorro, de que foi por Capitão mór Antonio de Saldanha, foi elle por Capitão de huma caravela. E conta-ſe delle, que acabada a jornada, mandando o Imperador fazer mercê de dous mil cruzados a cada Capitão daquella Armada Portugueza, ſó D. João de Caſtro os não quiz acceitar, dizendo, que elle fora por mandado de ElRey de Portugal, e que elle lhe faria mercê. Depois o mandou ElRey a Ceita com huma Armada a talhar a Almina. E aſſim ſe ſervio delle nas Armadas das Ilhas, e depois foi á India com D. Garcia de Noronha, ao primeiro cerco de Dio, (como fica dito no Cap. VIII. do III. Liv. da V. Decada,) e em tudo deo de ſi grande ſatisfação. Morreolhe ſeu pai, herdou aquella quinta de Cintra, aonde ſe recolheo a filoſofar já depois de ſer de quarenta annos, cortando todas as arvores de fruito que tinha, em cujo lugar fez plantar outras agreſtes, e peregrinas, e fez alli debaixo de huma lapa huma Ermida muito devota. Aqui o hia o Infante D. Luiz ver, e communicar, e dalli ſe lhe affeiçoou de feição, que o inculcou a ElRey pera o mandar por Governador á India, onde o ſervio com muito zelo, amor,

in-

inteireza, e pouca cubiça, como pelo decurso da historia se tem visto, fazendo tantas, e tão continuas guerras aos inimigos, por mar, e por terra, andando de continuo embarcado com as armas ás costas, que se affirma, que de puro trabalho morreo. E tambem se póde affirmar de sua muita caridade, continencia, pouca cubiça, grande temor de Deos, e em todos os mais exteriores de Christão, que sua alma estará na gloria recebendo o premio, e galardão de todos os seus trabalhos.

DE-

DECADA SEXTA.

LIVRO VII.

Da Hiſtoria da India.

CAPITULO I.

De como por morte do Viſo-Rey D. João de Caſtro ſuccedeo Garcia de Sá: e das pazes que fez com o Idalxá.

ESTANDO ainda o corpo do Viſo-Rey D. João de Caſtro por enterrar, poſto no meio da Capella, mandou o Veador da Fazenda Ruy Gonçalves de Caminha trazer o cofre, em que eſtavam as ſucceſsões da governança da India, que eram ſinco; e abrindo-o perante todos os Officiaes, Fidalgos, e Capitães, tirou a primeira, e a deo a D. Diogo de Almeida, Capitão da Cidade, que a examinou com o Ouvidor Geral, e achou que eſtava sã, e inteira, ſem nella ſe bolir. E tornando-a ao Veador da Fa-

Fazenda, elle a deo ao Secretario, que leo em alta voz o titulo de fóra, que dizia assim: *Primeira succesſsão da governança da India, que se abrirá, falecendo o Viso-Rey D. João de Castro, o que Deos não permitta*; e ao pé estava ElRey assinado. E abrindo-a, a foi lendo alto, pera que todos a ouvissem, e achou nella D. João Mascarenhas, que era ido pera o Reyno. E tornando-a ao cofre, tiráram a segunda, com quem se fez a mesma diligencia; e lendo-a, acháram Dom Jorge Tello, que tambem era ido pera o Reyno. E tirada a terceira, com quem tambem se fez a mesma diligencia, que com a primeira, e segunda, acháram succeder Garcia de Sá, que estava presente, a quem logo alli lhe fizeram entrega da governança da India, na fórma acostumada naquelles Estados, dando a menagem do Estado da India nas mãos de D. Diogo de Almeida, Capitão da Cidade.

Aqui aconteceo huma galanteria, que se notou a Jorge Cabral, que estava presente, que vendo abertas tres succesſsões, disse: » Dera alguma cousa agora por saber qual » he o rapaz da quinta succesſsão, que a quar- » ta bem sei que sou eu; » e assim o foi por falecimento deste Governador, como adiante em seu lugar se dirá.

Feito o auto da entrega da India, que foi

foi aos ſeis dias do mez de Junho do anno de 1548, depois de ſe enterrar o corpo do Viſo-Rey, o mais ſolemnemente que pudéram, ſe recolheo o Governador pera ſua caſa, e começou a entrar nos negocios de ſeu cargo, viſitando a Ribeira das Armadas, e os Armazens, mandando prover todos muito bem, e negociar os navios com muita preſſa, porque determinava de ſe embarcar no verão.

As novas da morte do Viſo-Rey Dom João de Caſtro corrêram logo por eſſe certão, com que o Idalxá deſpedio hum Embaixador, chamado Motabarcão, Regedor do ſeu Reyno, com grande apparato pera ir viſitar o novo Governador, e a lhe fazer novos requerimentos ſobre as couſas de Mealecan, dando-lhe todos os ſeus poderes pera tratar, e aſſentar pazes, porque lhe não vinha bem ter guerra com os Portuguezes, porque lhe era neceſſario deſoccupar-ſe de tudo, pera reſiſtir ao Rey do Canará, que lhe fazia dura guerra, e por haver á mão certas Cidades, que lhe elle tinha tomadas. Eſte Embaixador chegou a Goa em Agoſto, e o Governador o mandou buſcar, e o recebeo com grande apparato, e depois de paſſada a viſita o ouvio. Elle lhe diſſe: » Que o Idalxá ſeu Senhor dera as terras fir- » mes de Salſete, e Bardés ao Governador

» Mar-

» Martim Affonſo de Souſa, com condição, » que Mandaria Mealecan pera o Reyno, » ou pera Maluco, como conſta daquelles » contratos que apreſentava. Que lhe pedia » lhos cumpriſſe, e lhe entregaſſe Mealecan, » ou lhe largaſſe as ſuas terras, e tanadarias. » O Governador lhe reſpondeo: » Que o Go» vernador, que com elle fizera aquelles con» tratos, eſtâva no Reyno, e que elle ſem » recado d'ElRey de Portugal não podia » fazer couſa alguma naquelle negocio. Que » ſe tratava ſó de ſe ſegurar de Mealecan, » que elle o teria tão fechado, e guardado, » que na ſua imaginação eſtiveſſe tão longe » de paſſar ao Balagate, como ſe eſtivera no » Reyno de Portugal. E que ſe o pedia pe» ra o ter em cuſtodia em outra parte, que » em nenhuma elle podia eſtar mais ſeguro, » que na Ilha de Goa, rodeada de hum mui» to largo rio, e com tantas guardas, e vi» gias, que não podia dar huma volta na » ſua cama, que não foſſe ſentido; com o » que ſe havia de haver por ſatisfeito. » O Embaixador deſpedio logo correio ao Idalxá deſta reſpoſta, que lhe eſcreveo, que confirmaſſe novas pazes, mandando-lhe Capitulos dellas. E tornando o Embaixador a apertar com o Governador, e moſtrando-lhe os apontamentos do Idalxá, depois de viſtos em conſelho, e praticados por todos os Ca-

pitães, e Fidalgos, concluíram-se as pazes com os Capitulos seguintes.

» Que de novo se confirmavam as pazes, » e amizades como d'antes eſtavam feitas com » os Governadores paſſados, com condição, » que logo entregaria o Idalxá o Embaixa- » dor, que lá tinha reteudo do tempo de » Martim Affonſo de Souſa com todos os » Portuguezes, e todas ſuas fazendas.

» Que nunca mais daria ſoldo a nenhum » Portuguez, que foſſe fugido pera ſeus Rey- » nos.

» Que as terras firmes de Salſete, e Bar- » dés nunca mais fallaria nellas, e ficariam » a ElRey de Portugal pera todo ſempre, » ſem os Reys de Viſapor terem mais nellas » direito algum.

» Que ſe em algum tempo vieſſem galés » de Rumes á India, ſería elle Idalxá obri- » gado a ajudar, e ſoccorrer o Governador, » que no tal tempo governaſſe a India, com » mantimentos, marinheiros por ſeu dinhei- » ro, e que nada diſto dariam em algum dos » ſeus portos aos Rumes, nem os agazalha- » riam nelles.

Eſtes quatro Capitulos aſſima são os que o Idalxá concedeo ao Governador; e os que concedêram ao Idalxá, são os ſeguintes:

» Que os Governadores da India ſeriam » obrigados a terem hum Feitor na Cidade

» de

» de Dabul, que daria cartazes a todas ſuas
» náos, e navios, que daquelle porto ſahiſ-
» ſem, e nelle carregaſſem.

» Que os mercadores, que dos portos de
» Perſia, e Arabia foſſem a Goa com caval-
» los, os poderiam paſſar ao Balagate, e que
» os donos delles pudeſſem levar ſuas armas
» ſem lhes entenderem com ellas.

» Que o Idalxá poderia mandar levar to-
» dos os annos da Cidade de Goa quinze ca-
» vallos forros de direitos pera ſua peſſoa.

» Que poderia o Idalxá mandar levar de
» Goa todos os annos tres mil pardáos, em-
» pregados nas fazendas que quizeſſe, ſem
» pagar direitos, nem lagimas da ſahida.

» Que o Governador da India teria Mea-
» lecan em muito boa guarda, e vigia, e o
» não mandaria pera fóra de Goa, ſem pri-
» meiro o fazer a ſaber ao Idalxá. »

Deſtas pazes foram linguas Coge Porco-
li por parte do Idalxá, e João de Caſtro
pela do Governador, e logo ſe juráram na
Cidade de Goa com grandes ſolemnidades;
e o Governador deſpedio hum Embaixador
pera ir á Corte de ElRey a vellas jurar, e
tomar entrega do Embaixador, e Portugue-
zes. Eſte Embaixador foi muito bem rece-
bido de ElRey, que jurou perante elle as
pazes, e as mandou apregoar por ſeus Rey-
nos, e lhe fez entrega do Embaixador, e

Por-

Portuguezes. O Governador entendeo o que faltava do Inverno em algumas cousas do governo da Republica. E porque faltava moeda na Cidade, mandou bater huma de ouro da lei dos pagodes, redondas, que vinham da terra firme, que era de quarenta e tres pontas, que responde a vinte quilates e hum quarto, e cada marco de ouro fica respondendo a sessenta e sete moedas, e duas tangas, oito grãos, e dezeseis avos de grão. Esta moeda mandou chapar, e cunhar de huma parte com a figura do Bemaventurado Apostolo S. Thomé, Padroeiro da India, e da outra com as quinas das Armas Reaes de Portugal, e ficáram-se chamando S. Thomés, moeda que ainda dura na India, e corre por toda ella. E toda a pessoa que mettesse ouro na moeda, mandou, que de cada marco de ouro lavrado pagasse dous S. Thomés, hum pera ElRey, e outro pera os Officiaes.

CAPITULO II.

De como matáram em Dio Luiz Falcão, Capitão daquella fortaleza: e das Armadas, que ElRey despedio pera a India.

ESTando huma noite Luiz Falcão no quarto da prima em sua casa, assentado em huma cadeira, com o rosto pera huma porta,

ta, que ſahia pera hum baluarte, onde os ſoldados vigiavam toda a noite, e tinha antre as pernas hum menino, ſeu filho natural, (que depois ſe chamou Aires Falcão, e foi Capitão de Baçaim, e de Dio, e tem hoje filhos, e netos,) e como elle eſtava com candeas accezas, e os que paſſavam pera o baluarte hiam de longo da porta, que eſtava hum pouco aberta, apontáram da banda de fóra com huma eſpingarda nelle, e tomando-o pela cabeça, deram com elle morto no chão; e acudindo os ſeus aos gritos do menino, acháram já o Capitão morto, e correndo a voz pela fortaleza, acudíram todos a ſua caſa, ſem ſaberem donde lhe aquillo podia vir, e alli de commum conſentimento elegêram por Capitão hum Fidalgo pobre, acanhado, mas bom homem, e bom Chriſtão, chamado D. Artur de Caſtro. Ao outro dia depois de Luiz Falcão ſer enterrado, ſe tiráram grandes inquirições, ſem acharem raſto de couſa alguma.

E como iſto era já entrada de Setembro, deſpedio D. Artur hum navio pera Goa, com cartas ao Governador do que era ſuccedido. Eſte navio foi tomar Baçaim; e ſabendo D. Jeronymo de Menezes, Capitão daquella fortaleza, o ſucceſſo, receando que houveſſe na terra alguma alteração, ſe embarcou logo, levando dous navios com ſincoenta

ta homens, e atraveſſou o Golfo, (porque os Fidalgos daquelle tempo traziam mais o penſamento no ſerviço de Deos, e do Rey, que em outro algum intereſſe, e aſſim Deos os ajudava, e honrava, e logravam o ſeu pouco, que então tiravam das fortalezas, o que hoje não vemos fazer ao ſeu muito dos d'agora.) Chegado D. Jeronymo a Dio, o foi D. Artur com todos os da fortaleza buſcar ao caes, e o levou pera ſua caſa, e logo perante todos lhe pedio que quizeſſe tomar entrega daquella fortaleza, e lhe offerecia as chaves, porque elle não queria aquella carga. D. Jeronymo de Menezes teve com elle grandes cumprimentos, não querendo tomar as chaves, dizendo-lhe, que elle vinha alli a ſer ſeu ſoldado, e que tudo eſtava bem nelle; e aſſim ficou ſendo ſeu hoſpede até chegar Martim Correa da Silva, como logo diremos, porque he neceſſario que continuemos com as náos do Reyno.

Depois que ElRey deſpedio aquellas duas Armadas, de que eram Capitães móres Martim Correa da Silva, e Franciſco Barreto, pelas novas que teve da vitoria de Dio, ſabendo que ainda ficava o Eſtado de guerra com Cambaya perigoſo, determinou mandar mais Armadas, e gente; porque pera couſa tão importante, como era ſoccorrer a India, em que eſperava que a Lei do Evan-

gelho tanto se dilatasse, não receava despezas, nem o impediam trabalhos (que não faltavam no Reyno,) e assim mandou com muita pressa negociar onze náos, que repartio em tres Capitanías. Das sinco fez Capitão mór Manoel de Mendoça, que despachou com as fortalezas de Çofala, e Moçambique, que despedio entrada de Março. Os Capitães de sua companhia eram, Jorge de Mendoça, que levava a Capitanía de Goa, Alvaro de Mendoça, Manoel Rodrigues Coutinho, e Bastião de Taíde.

As outras seis náos partíram até vinte do mesmo mez. Das tres dellas era Capitão mór D. João Henriques, que levava a Capitanía de Malaca, e os Capitães das outras duas náos eram Aires Moniz, e Antonio de Azambuja. O outro Capitão mór era João de Mendoça o Chú, que tambem trazia a Capitanía de Malaca; e os Capitães de sua conserva eram, Fernão de Alvarez da Cunha, e Diogo Rebello. Estas Armadas tiveram tão boa viagem, que Fernão de Alvarez da Cunha foi ferrar a costa da India em Julho, e por achar o tempo verde se recolheo a Angediva, onde estava Martim Correa da Silva, e dalli despedio recado ao Governador, das Armadas que eram partidas do Reyno, e das novas da saude de ElRey, que foram muito festejadas. E entrada de Setembro se

fi-

fizeram á véla pera Goa, e juntamente com ellas furgíram as Armadas todas, e a de Francifco Barreto, que eftava de invernada em Moçambique; que foi huma formofa coufa pera ver, porque enchiam aquellas náos todo aquelle porto.

Neftas Armadas mandou ElRey os primeiros Frades da Ordem dos Prégadores, pera na India exercitarem feu officio, e veio por Vigario Geral de todos o Padre Fr. Diogo Bermudes, Caftelhano, Varão douto, e de vida religiofa, e exemplar, e trouxe doze Frades, que foram bem recebidos em Goa, e fundáram o célebre Convento, que hoje tem naquella Cidade.

CAPITULO III.

De como nefta Armada do anno de 1548. de que era Capitão mór Manoel de Mendoça, trouxeram os Padres da Companhia huma cabeça das onze mil Virgens, que foi muito bem recebida em Goa: e das novas que o Governador Garcia de Sá teve de Dio, e defpachou Martim Correa da Silva pera aquella fortaleza: e dos Embaixadores que a Goa vieram dos Reys vizinhos.

MUitas coufas vieram neftas Armadas, que alegráram a India; mas fobre todas foi huma cabeça das onze mil Virgens,

que alguns Padres da Companhia trouxeram, Reliquia muito pera eſtimar, e que a Cidade de Goa o fez muito, e aſſim foi recebida com procisſão muito ſolemne, em que ſe achou o Biſpo reveſtido, e o Cabido com todas as Freguezias, e Ordens, e foi levada da Sé de Goa até o Collegio de Santa Fé, que ſe agora chama de S. Paulo, que he hum dos Collegios ſumptuoſiſſimos, que os Padres da Companhia tem pelo Mundo dos principaes. Com eſtas Armadas ficou a India proſpera de náos, que ficáram nella, (porque ſó quatro tornáram com a carga,) de gente, de dinheiro, e mais couſas. Manoel de Mendoça, Capitão mór das ſinco náos, em chegando a Goa faleceo de humas camaras de que vinha doente.

No meſmo tempo chegou o catur de Dio com as cartas de D. Artur de Caſtro, e de D. Jeronymo de Menezes, em que lhe davam conta da morte de Luiz Falcão, que o Governador Garcia de Sá ſentio muito; pelo que logo deſpachou Martim Correa da Silva, pera ir entrar naquella fortaleza, e mandou em ſua companhia o Doutor Manoel de Mergulhão a tirar devaſſa da morte de Luiz Falcão; e eſcreveo cartas de grandes agradecimentos a D. Jeronymo de Menezes, pela preſteza com que acudio a Dio. E aſſim deſpachou Jorge Cabral pera ir entrar

trar na Capitanía de Baçaim, por ter Dom Jeronymo de Menezes acabado ſeu tempo. Martim Correa da Silva partio em navios muito ligeiros, e em oito dias foi áquella fortaleza, e tomou poſſe della, e D. Artur de Caſtro ſe embarcou com D. Jeronymo de Menezes pera Baçaim, que entregou a fortaleza a Jorge Cabral, e dahi ſe paſſou a Goa.

O Doutor Manoel de Mergulhão fez muito grandes diligencias ſobre a morte de Luiz Falcão, até dar tratos a hum ſoldado por alguns indicios que houve; mas não confeſſou couſa alguma, nem nunca ſe pode deſcubrir a verdade, e aſſim ficou eſte negocio em ſegredo muitos tempos, até que ſendo Franciſco Barreto Governador da India, falecendo em Bengala hum mulato, que ſe chamava João Leite, que á hora de ſua morte diſſe, que ſe não demandaſſe a morte de Luiz Falcão a peſſoa alguma, porque elle o matára.

O Governador tratou de ir ao Norte, porque as couſas de Cambaya eſtavam em aberto, e quiz prover a coſta do Malavar, pera onde deſpedio por Capitão mór Franciſco de Siqueira com quinze navios. Era eſte homem de caſta de Nayres, muito grande Cavalleiro, e tinha feito tantos ſerviços ao Eſtado, que o fez ElRey Fidalgo, e

lhe

lhe mandou o habito de Chrifto com boa tença. Efte verão fez pela cofta de Cananor, que eftava alevantada, muita guerra, queimando-lhes muitas povoações, e deftruindo-lhes, e cortando-lhes muitas palmeiras, e fazendas.

Partidos eftes navios, ficou o Governador defpachando os Embaixadores do Çamorim, que foram confirmar as pazes, e outros do Rey do Canará, e do Zamaluco, do Cotamaluco, e outros que foram a vifitar o Governador por fua fuccefsão, e a confirmar as pazes. Todos eftes foram bem recebidos, e defpachados. E nas pazes que confirmou com o Rey do Canará, fez mudança nos Capitulos contra o Idalxá, por já ter com elle feito pazes, ficando de fóra, que nem favorecia hum, nem outro.

Paffado ifto, defpachou as náos que haviam de ir tomar a carga pera o Reyno, e efcreveo a ElRey o eftado em que a India ficava. Neftas náos fe embarcou D. Alvaro de Caftro, filho do Vifo-Rey D. João de Caftro, por Capitão da náo Rofairo, e fe embarcáram outros muitos Fidalgos a requerer feus ferviços. Nefta Armada mandou Coge Cemaçadim mil quintaes de gengivre, e duzentos de pimenta, de ferviço á Rainha D. Catharina, pera huns chapins, porque tinha della todos os annos cartas mui-

to

to honroſas, e peças, e brincos curioſos da Europa, e aſſim mandou hum Alifante pera ſervir na Ribeira das náos.

Deſpedidas todas as couſas do Reyno, ficou o Governador fazendo preſtes toda a Armada pera ſe embarcar, e acudir ás couſas de Cambaya, porque eſtavam prenhes, e podiam parir novos trabalhos. E andando-ſe negociando com muita preſſa, lhe chegáram cartas de Ormuz do Capitão D. Manoel de Lima, em que lhe fazia a ſaber, como ficava alevantado nas terras do Magoſtão hum Capitão Abexim Abixlalá, e que tinha tomado a fortaleza de Manojão, donde fazia grande guerra a todo o Reyno, e lhe impedia as Cafilas que vinham pera Ormuz, com que a Alfandega padecia grandes faltas. Eſtas novas ſentio o Governador muito, por ſerem aquellas rendas as principaes da India; e deſpedio com muita brevidade Pantaleão de Sá com quatro navios de remo, em que levava perto de cento e ſincoenta ſoldados, que ſe fez á véla na entrada de Novembro, e de ſua jornada adiante daremos razão.

CAPITULO IV.

De como o Governador Garcia de Sá partio pera o Norte: e das pazes que fez com ElRey de Cambaya, e mandou Francisco de Sá a Surrate.

DEspachados todos os Embaixadores, e náos pera Cochim, logo o Governador se começou a embarcar, entregando o governo ao Bispo, e a D. Francisco de Lima, Capitão daquella Cidade, e com elles outros Deputados. E na entrada de Janeiro deste anno de quarenta e nove, em que com o favor Divino entramos, se fez á véla: levava seis galés, quatro galeões, dez caravelas, e sessenta navios de remo. Os Capitães dos navios grandes eram, Francisco Barreto, Christovão de Sá, Francisco de Sá de Menezes, D. João Henriques, João de Mendoça, Alvaro de Mendoça, Manoel Rodrigues Coutinho, Manoel de Sousa de Sepulveda, D. Antonio de Noronha, filho do Viso-Rey D. Garcia de Noronha, D. João de Taíde, Pero de Taíde Inferno, D. Paio de Noronha, D. João Lobo, Lopo Vaz de Siqueira, D. Duarte Deça, D. Jorge Deça, Jordão de Freitas, e outros muitos Fidalgos, e Cavalleiros, que hiam nos navios pequenos. E com bom tempo foi o Governador

dor tomar Chaul , onde ſe deteve poucos dias, e paſſou logo a Baçaim, pera mandar continuar na guerra de Cambaya.

Dalli deſpedio Franciſco de Sá de Menezes com huma galé , e doze navios pera ſe ir pôr ſobre Surrate , por ſer aviſado , que ſe eſperava por huma náo do Achém muito rica. Franciſco de Sá ſe foi lançar ſobre aquella barra , defendendo a navegação aos navios de Cambaya, em que fez algumas prezas. Da chegada do Governador a Baçaim foi logo aviſado ElRey Soltão Mahamude; e como eſtava já enfadado da guerra, e por cauſa della ſeus vaſſallos pobres, e perdidos , e todo o mantimento de ſeu Reyno aſſolado, e deſtruido, e os pobres, e meſquinhos clamavam por paz , determinou de a mandar pedir. Pera iſto deſpedio logo hum Embaixador, peſſoa principal de ſua caſa , pera ir viſitar o Governador , e dar-lhe os parabens de ſua ſucceſsão , e á volta diſſo apalpallo com pazes , dando-lhe poderes pera tudo o que com elle aſſentaſſe. Eſte Embaixador partio da Cidade de Cambayete em tres navios muito ligeiros , com muitos criados , e caſa, e em poucos dias foi ter a Baçaim, e ſurgio na aguada; donde mandou recado de ſua vinda. O Governador mandou preparar ſeu recebimento, e embandeirar toda a Armada , e deo reca-

do

do a todos os Fidalgos, e Capitães pera se irem pera elle vestidos muito custosamente. E tendo tudo prestes, mandou buscar o Embaixador, que foi passado a huma galé, ricamente toldada, e alcatifada, e acompanhada de outras foi entrando pelo rio por antre a Armada, que lhe deo huma formosa salva, e chegado a terra foi desembarcado, e acompanhado da guarda do Governador, e de todos os casados até á fortaleza, onde estava esperando em sala ricamente aparamentada, e o recebeo com grandes gazalhados. E depois de lhe perguntar pela saude de ElRey, e por outras cousas, brevemente o despedio, e o mandou agazalhar na Cidade em casas, que pera isso tinha mandado preparar.

Dalli a tres dias o ouvio com o Secretario, e alguns Fidalgos velhos, e elle lhe deo sua embaixada, cuja substancia era: » Queixar-se ElRey do Governador D. João » de Castro, não querer cumprir os contra» tos das pazes, que tinha feitas com o Vi» so-Rey D. Garcia de Noronha; e que fo» ra causa da guerra, desejando elle de con» servar a paz, e amizade com ElRey de » Portugal; e que pois elle succedêra em seu » lugar, lhe pedia quizesse emendar aquel» las cousas, e cumprir-lhe os Capitulos das » pazes. » O Governador lhe respondeo em fór-

fórma, deitando de tudo a culpa a Coge Çofar, que fora o author de todas as guerras. E vindo o Embaixador a puxar por pazes, o remetteo ao Secretario, e outros Officiaes. E fazendo ſeus apontamentos, elle por parte do Soltão Mahamude, e o Secretario pela de ElRey de Portugal, que viſtos em conſelho, ſe vieram a concluir as pazes com as meſmas condições, que eſtavam d'antes aſſentadas, tirando o negocio da parede, que não foi licito conceder-ſe-lhe; e nas couſas da Alfandega, que ficaſſe ametade do rendimento della pera ElRey de Portugal, aſſim como já eſtava concedido ao Governador D. Eſtevão da Gama.

Eſtas pazes mandou o Governador logo apregoar por Baçaim, e Dio, jurando-as muito ſolemnemente; e deſpedio o Embaixador com hum rico preſente pera ElRey; e mandou outro Embaixador pera ir á Cidade de Amadabá a ver jurar as pazes por Soltão Mahamude, que elle fez com grandes feſtas, e alegrias de todos, e as mandou apregoar por todo o ſeu Reyno, e na Cidade de Dio. Paſſado iſto, mandáram logo, aſſim ElRey, como o Governador, Officiaes pera correrem com os rendimentos da Alfandega, pelo modo, e ordem que eſtava aſſentado pelos contratos feitos com o ViſoRey D. Garcia de Noronha, que ſe veram

na quinta Decada no Cap. VII. do V. Liv. Com isto cessáram as guerras de Cambaya; e a Cidade de Dio se tornou a engrandecer como no estado primeiro. O Governador vendo tudo quieto, e que não havia que fazer no Norte, voltou logo pera Goa, onde chegou em Janeiro, e começou a entender nos provimentos de Maluco, e em outras muitas cousas; e ordenou em Goa a casa da polvora no lugar em que hoje está, e mandou armar alguns galeões, caravelas, galés, e fustas, a que deo tanta pressa, que antes que falecesse (como logo diremos) tinha acabado huma somma disto.

CAPITULO V.

De como ElRey de Tanor na costa do Malavar se fez Christão, e veio a Goa: e do grande recebimento que se lhe fez.

NÃo se descuidavam neste tempo os Conquistadores espirituaes de exercitar seu officio por todas as partes, e assim cada dia mettiam na manada de Christo grande somma de Infieis, em que entravam muitos Reys, e Senhores; e destes, os que merecêram muito, foram o Padre M. Diogo, Clerigo, e Letrado, que he aquelle a que Mapheo chama Diogo de Borba, por ser natural daquella mesma Villa, e Miguel Vaz,

Vigario Geral, ambos grandes Religiosos; e de muita virtude, que por serem estes, indo depois o Miguel Vaz pera o Reyno, o tornou ElRey D. João logo a mandar com o mesmo cargo de Vigario Geral, e com Breves do Papa, pera como Inquisidor Apostolico devassar em segredo de certos Christãos novos muito ricos, que viviam em Goa escandalosamente, fazendo as ceremonias Judaicas, de que a India se começava a inçar.

E chegando este Religioso a Goa, prendeo alguns, e os mandou pera o Reyno, o que lhe custou a vida, porque os mais tiveram maneira com que o matáram com peçonha. O Mestre Diogo, seu grande amigo, sentio tanto sua morte, que logo se metteo Frade em S. Francisco, onde em poucos dias faleceo, e affirmava-se que de nojo. Estes homens ambos fizeram muita Christandade, e o Mestre Diogo em tempo do Governador D. Estevão da Gama passou á costa da Pescaria chamado dos Paravás, pera se fazerem Christãos.

São estes Paravás naturaes de toda aquella costa, e viviam de pescar aljofres, que por ella ha muitos; e depois que os Mouros fizeram alli sua vivenda, e tiveram posse, e poder, começáram aos avexar, e privar daquella pescaria, querendo-lhes tomar aquelle proveito pera si. E querendo elles re-

mir sua vexação, por conselho de hum João da Cruz, de sua nação, que já tinha andado no Reyno de Portugal, mandáram Embaixadores a Cochim a pedir soccorro, e que se queriam fazer Christãos. Era então neste tempo Capitão daquella Cidade hum Fidalgo bom homem, chamado Gonçalo Pereira, que zeloso do serviço, e honra de Deos, mandou em seu favor huma Armada, que opprimio os Mouros, e libertou os Paravás, que se começáram a baptizar, (porque na Armada mandou o Capitão Religiosos pera isso.) A isto acudio o Padre Mestre Diogo, e fez muitos Christãos. E como então não havia na India mais que os Frades de S. Francisco, que não podiam acudir a tanto, porque eram poucos, e andavam repartidos pelas Armadas, e estavam na Cidade de S. Thomé, (cuja Casa já estava á sua conta,) ficáram aquelles tenros Christãos sem poderem ser visitados de Religiosos, senão pelas Quaresmas, a que lhes acudiam alguns de Cochim; até que chegáram os Padres da Companhia, que tomando o Padre M. Francisco Xavier informação daquella costa, e daquelles Christãos, se foi lá com alguns companheiros, que já tinha recebidos, e tornou a aquentar aquella Christandade, e augmentalla com hum grande número de Infieis, que converteo;

e fundou por aquella Comarca perto de quarenta Templos, em que se lhes administrassem os Officios Divinos; e alli deixou alguns Religiosos de vida approvada pera os doutrinarem, e ensinarem as cousas de nossa Fé.

Daqui se passou o Padre M. Francisco á Ilha de Malaca, onde fez Christãos dous Reys, e huma grande quantidade do povo, o que aconteceo estes annos atrás passados. E neste presente em que andamos, estava por Vigario na fortaleza de Chale hum Clerigo, chamado João Soares, homem de boa vida, que tomou grande amizade com o Rey de Tanor, que costumava a ir muitas vezes á fortaleza; e assim se lhe affeiçoou, que se atreveo ao convidar ás vodas do Senhor, sobre o que lhe disse tantas cousas, que o rendeo, e o catequizou. E indo ter áquella fortaleza o Padre Fr. Vicente, companheiro do Bispo, que andava visitando em seu nome, e achando aquelle Rey disposto pera receber o santo Baptismo, lho deo em segredo, sem o saber mais que o Vigario, e o Capitão, que era Luiz Xira Lobo, que foi seu Padrinho, e lhe puzeram nome Dom João. Este segredo quiz elle que se tivesse, porque receava alteração nos seus, e todavia continuava com os Padres, e ouvia suas Missas, e prégações, sem mudar o trajo de

Gen-

Gentio, nem tirar a linha, que he a ſua inſignia pera maior diſſimulação, mas trazia hum Crucifixo muito eſcondido, a que ſe encommendava. E como Deos o tinha tocado, e elle andava ſatisfeito, não pode deixar de ſe deſcubrir á mulher; e tanto lhe prégou, e tantas couſas lhe diſſe da bondade de noſſa Lei, que a converteo, e a trouxe a Chale, e em ſegredo a baptizou o Padre Vigario com dous, ou tres filhos meninos que tinha. E como elle de verdade eſtava abrazado em ſeu coração com a Lei de Chriſto, e todas as couſas della lhe pareciam cada vez melhor; e ouvindo fallar nos Officios Divinos, que em Goa ſe celebrayam, no grande apparato, e ceremonia delles, deſejou ſummamente de ir a Goa, aſſim pera os ver, como pera ir dar obediencia ao Biſpo, como a Prelado maior da India. Iſto communicou com o Vigario, que lho louvou, e o eſcreveo ao Governador Garcia de Sá, e ao Biſpo, a quem ElRey tambem ſignificou por cartas ſua vontade.

Eſtas cartas chegáram ao Governador em fim de Março; e praticando com o Biſpo ſobre eſte negocio, offereceram-ſe-lhe algumas difficuldades, pera o que foi neceſſario fazer ajuntamento de Theologos. E ſendo todos preſentes, lhes leo o Governador a carta daquelle Rey Chriſtão, e a do Vigario,

pe-

pera que ſoubeſſem dos grandes deſejos que tinha de vir a Goa a dar obediencia a ſeu Prelado, como filho Catholico da Igreja, que elle folgaria de o ſatisfazer em tudo como homem convertido de novo á noſſa Santa Fé, pera que os outros ſe moveſſem a recebella, vendo quanto nós honravamos, e eſtimavamos os que ſe convertiam a ella. Os Theologos praticáram ſobre aquelle negocio, e diſſeram alguns: » Que não era licito receber-ſe hum homem, que ſendo Chriſtão, trazia ainda deſcuberta a inſignia de » Gentio; porque a Fé não ſe havia de confeſſar ſómente com o coração, mas com » a boca; » e ſobre iſto deram muitas razões, e allegáram a Divina Eſcritura. O Biſpo votando naquelle negocio, diſſe: » Que quanto á linha, que aquelle Rey trazia por fóra, não era inconveniente algum pera deixar de ſer havido por Catholico; porque » da Eſcritura Sagrada tinhamos, que Joſé » ab Arimathea, Nicodemus, Gamaliel, e » outros homens havidos por juſtos, e ſantos, que foram Diſcipulos do Senhor encubertamente por medo dos Judeos, não » mudáram ſeus veſtidos; e que os Apoſtolos de Chriſto Senhor noſſo, primeiro que » foſſem cheios do Eſpirito Santo, eſtiveram alguns dias eſcondidos em huma caſa; e que S. Sebaſtião, ſendo Chriſtão, an-

» dava com trajos de Gentio, e soldado Ro-
» mano, e que quando lhe foi necessario con-
» fessar a Fé de Christo, o fez, e morreo
» por ella: que aquelle Rey estava ainda ten-
» ro na Fé, e era licito concederem-lhe al-
» gum tempo pera ir mollificando seus vas-
» sallos pera os trazer á Lei de Christo, o
» que se havia de fazer com tempo, porque
» (segundo o Sabio) todas as cousas o ti-
» nham.» Com estas razões concedêram to-
dos, que se lhe désse licença pera vir a Goa,
com o que despedio o Governador logo Dom
João Lobo com oito navios pera ir buscar
aquelle Rey, e huma galeota muito bem pe-
trechada pera sua pessoa, e hum João Lo-
pes, Cidadão de Goa nella, com todo o
serviço de cama, e meza pera sua pessoa.

Estes navios chegáram em poucos dias á
barra de Tanór, tendo já este Rey recado
da vinda dos navios, por cartas que Luiz
Xira Lobo lhe mandou diante. ElRey se co-
meçou a negociar pera se embarcar escondi-
damente, o que não pode ser com tanto se-
gredo, que os seus familiares o não viessem
a saber; e acudindo os Regedores, lhe fize-
ram força, e o fecháram na fortaleza. Mas
como elle bastava com aquelle fervor, e de-
sejo, lá teve maneira com que de noite se
lançou do muro abaixo por huma corda, e
escalavrado na cabeça, e mãos, foi ter á

praia, e a nado foi tomar hum dos navios da Armada, e dando-se a conhecer, foi levado ao Capitão mór, que com grandes honras o embarcou na galeota, e o entregou a João Lopes, que o agazalhou, e servio muito bem, dando-lhe trajos á Portugueza, que pera isso levava feitos; e por todo o caminho até Goa o foi servindo muito abastadamente.

D. João Lobo despedio diante recado ao Governador, que lhe mandou preparar hum muito honroso recebimento, pedindo á Cidade, que lhe fizesse todas as honras, que faria a hum Rey de Portugal, se alli viesse. Chegado ElRey á barra de Goa, achou nella D. Francisco de Lima, Capitão da Cidade, que o esperava com muitos navios embandeirados, e huma formosa galé ricamente paramentada pera sua pessoa. Depois de o receber, e salvar, o passou á galé, e foram entrando pelo rio dentro até ás casas de Santos, que estavam prestes pera elle. O rio estava coalhado de embarcações grandes, e pequenas, embandeiradas, e enramadas, com muitos, e diversos instrumentos, danças, folías, e invenções, de feição, que foi a mais formosa cousa, que ElRey nunca vio; e sobre tudo o que mais estimou, foi ver aquella formosura, e grandeza da Cidade de Goa, e os divinos Templos, que de huma,

e de outra parte do rio lhe hiam mostrando, a quem elle hia fazendo seu acatamento. Chegado ás casas de Santos (que eram de Antonio Pessoa) foi desembarcado, e agazalhado aquelle dia, e noite com todo o serviço Real, que o Governador tinha repartido por casados, com camas muito ricas, e curiosas. Ao outro dia se tornou a embarcar na galé, e rodeado de mais de cem navios de remo, cheios de muitos instrumentos de alegria, foi até o caes, que hoje he dos Viso-Reys, onde se lhe deo huma soberba salva de artilheria com grande terror, e espanto. Alli desembarcou á Portugueza, com çapatos, calças, capa, e espada de ouro, colar, gorra com plumas; e no caes achou o Governador acompanhado de todos os Fidalgos, e Capitães, que o recebeo com muitas honras. E pondo-o á sua mão direita, foram andando pera a Cidade por baixo de muitos, e formosos arcos de rama, e de peças de seda de todas as cores, e com muitas outras louçainhas.

E chegando á porta, que sahe ao caes, achou o Capitão da Cidade com os Vereadores, e Officiaes da Camara muito bem vestidos; e o Capitão D. Francisco de Lima, primeiro que ElRey entrasse pera dentro, chegou a elle com o Procurador da Cidade, que levava nas mãos hum muito rico pra-

prato de baſtiães dourado, e nelle as chaves da Cidade, que lhe o Capitão apreſentou, dizendo-lhe:

» Eſtas, Senhor, são as chaves deſta Ci-
» dade, que hoje em nome de ElRey de Por-
» tugal apreſento a V. A., e nella póde de
» hoje por diante mandar tudo, como ſe fo-
» ra de V. A. porque diſto he elle muito ſer-
» vido.» ElRey com muita graça, e com moſtras de grande contentamento daquella honra, que elle eſtimou ſobre todas, tomou as chaves, e diſſe: » Que era irmão, e ſer-
» vidor de ElRey de Portugal, e que como
» tal merecia todas aquellas honras, e ga-
» zalhados que lhe faziam,» e pondo-as ſobre ſua cabeça, ás tornou ao Capitão.

Acabado iſto, eſtendêram os Vereadores hum muito rico pallio, e o tomáram debaixo, indo o Governador ſempre á ſua mão eſquerda, praticando com elle muito rizonho, e alegre. E entrando na Cidade, acháram o Biſpo reveſtido em Pontifical, com hum Crucifixo nas mãos, e todo o Cabido, Clerigos, e Religioſos em prociſsão. Chegado ElRey ao Biſpo, proſtrou-ſe de giolhos diante delle com muita veneração, e fez ſua adoração ao Crucifixo, e o beijou com muita humildade. E aſſim em prociſsão foi levado pela rua direita, que eſtava muito ricamente paramentada, com lindas,

e

e curiosas invenções, e muitas Damas pelas janellas, ricamente ornadas, e ataviadas, que de sima lançavam muitas, e preciosas aguas de cheiro, e muitas rosas, e boninas; e a Cidade, e aquella rua toda se desfazia em danças, bailes, tangeres, e folías. E era tão grande o concurso da gente, que não podiam todos os Meirinhos, e Justiças fazer caminho. As bombardadas assim no mar, como na terra eram tantas, que parecia que se desfazia o Mundo. Chegados á Sé, que estava formosamente armada, e com muitas charamelas, e trombetas, poz o Bispo o Crucifixo no Altar maior, e ElRey fez sua oração muito devotamente, e a Capella, que era excellente, cantou o Hymno *Te Deum laudamus*, *&c.* e no cabo delle lançou o Bispo a benção assim vestido como estava em Pontifical.

Acabado este devoto acto, (que moveo muito aquelle Rey,) foi dalli levado ás suas proprias casas a cavallo, acompanhado do Capitão, e de todos os Cidadãos, indo diante delle a guarda do Governador com os seus Officiaes. Ao outro dia foi ElRey visitar o Governador, e lhe pedio mandasse chamar o Bispo, e Prelados, e os Fidalgos velhos, que tinha que lhe dizer; e vindo todos, lhes fez alli esta breve falla.

» Depois que Deos nosso Senhor foi ser-

» vi-

» vido, e ordenou por ſua Divina miſeri-
» cordia, que eu ſahiſſe das trévas em que
» eſtava, e entraſſe na luz da verdade, e que
» tiveſſe conhecimento de ſua Divina Lei;
» nenhuma outra couſa mais deſejei, que tra-
» zer á meſma verdade, não ſó meus ſub-
» ditos, e vaſſallos, mas ainda todos os
» Reys, e Principes Malavares, meus vizi-
» nhos, e accender em todos o lume da Fé;
» mas he neceſſario proceder neſte negocio
» (que he de mudar Lei) com muita ordem,
» e brandura, por quão difficultoſo he que-
» rella arrancar logo da primeira pancada
» das gentes, que eſtam tão arreigadas em
» ſeus antigos ritos, e ſuperſtições. E eu co-
» mo quem os conhece, e fui de ſua meſ-
» ma lei, e natureza, entendo que he neceſ-
» ſario muito tempo, e muitas mollificações,
» e mimos, com que determino correr com
» todos. E quanto ao que toca a mim, eu
» me atrevo (mediante a graça Divina) pro-
» metter diante deſte tão catholico ajunta-
» mento, que tenha ſempre muito inteira-
» mente abraçada a Fé de Chriſto, e ao meſ-
» mo Deos dou por teſtemunha de minha
» conſciencia, e cada dia lhe peço com gran-
» de veneração, e humildade me dê for-
» ças pera poder reſiſtir nas batalhas eſpiri-
» tuaes contra os inimigos da alma, porque
» ſem elle o não poderei fazer; e como Ca-
» tho-

» tholico filho da Igreja, dou d'agora por
» diante a obediencia ao Bispo meu Prela-
» do, que está em lugar do Summo Ponti-
» fice; e conheço a Igreja Romana por ca-
» beça de toda a Christandade. E assim lhe
» peço como Prelado, e Cura de minha al-
» ma, que me dê o Sacramento da Confir-
» mação, porque me não fique acto algum
» de Christão por fazer. »

Acabada esta falla, lhe respondeo o Bispo: » Que louvava, e engrandecia muito
» ao Senhor Deos por tamanha mercê co-
» mo aquella; e que aquelle santo zelo Ca-
» tholico, que mostrava de seu serviço, el-
» le teria cuidado de lho pagar com o sus-
» tentar em sua Fé. E que quanto a seus
» vassallos, era necessario pera se moverem
» a receberem a Santa Lei de Christo, sabe-
» rem elles que a tinha elle recebido, por-
» que os costumes dos Reys era muito na-
» tural seguirem-nos os vassallos; e que os
» homens mais se moviam por exemplos,
» que por preceitos. Que pera merecer mais
» com Deos, e obra tamanha ir diante, cum-
» pria descubrir-se a seus vassallos; e que não
» receasse alteração alguma, e que confiasse
» mais na ajuda, e favor Divino, que na
» prudencia, e saber humano. E que quan-
» to ao Sacramento da Confirmação, estava
» prestes pera isso; » e logo na Capella do

Go-

Governador lhe deo a ſanta Criſma, e o Governador foi ſeu Padrinho.

Eſteve ElRey dez dias em Goa, em que correo, e viſitou todos os Templos ſantos, e eſteve aos Officios Divinos, e a hum de Pontifical, que o Biſpo celebrou com mui grande apparato. Em todas as Igrejas ſe lhe armava ſetial, e lhe davam o Evangelho, e a paz, e o incenſavam, como coſtumam fazer aos Reys Chriſtãos. Em todos eſtes dias, aſſim de dia, como de noite, houve muitas feſtas, danças, momos, autos, touros, canas, com tantas riquezas, e apparatos, que eſtava aquelle Rey paſmado de ver o Eſtado, e coſtume dos Portuguezes. Deram-lhe os Fidalgos muitos banquetes, e peças.

Paſſados os dez dias, deſpedido do Governador, Biſpo, e Cidade, ſe tornou pera ſeu Reyno nos meſmos navios. Eſtas novas eſcreveo o Governador, e o Biſpo a ElRey nas náos ſeguintes, que elle feſtejou muito, e as mandou a Roma a D. Affonſo de Alencaſtro, que lá eſtava por Embaixador, pera que o fizeſſe a ſaber ao Santo Padre, que então era Julio III., que mandou fazer em Roma grandes prociſsões, e diſſe Miſſa em Pontifical, e houve hum douto Sermão; em que ſe diſſeram muitos, e grandes louvores de ElRey D. João de Portu-

tugal, por em ſeu tempo entrarem na manada dos Catholicos os mais barbaros Principes do Oriente.

CAPITULO VI.

Das couſas, que acontecêram a Franciſco de Sá em Surrate com humas náos de Mouros: e de como o Governador Garcia de Sá deſpachou as couſas de Maluco: e do caſamento de duas filhas.

FRanciſco de Sá de Menezes, que eſtava ſobre Surrate eſperando as náos do Achém, ſe deixou eſtar ſobre aquelle porto até meado Março; e huma tarde houve viſta de duas formoſas náos, e de huma galeota, que com o Noroeſte em poppa vinham demandar a terra. Eram eſtas náos do porto de Tanaçarim na coſta de Pegú, e vinham carregadas de muitas, e ricas fazendas. Franciſco de Sá tanto que as vio, preparou-ſe, e poſto em armas as foi demandar, e ſendo a tiro de camello, lhes atirou a amainarem; mas como ellas vinham confiadas na muita artilharia, e na muita, e esforçada gente que traziam, não fizeram caſo de couſa alguma, e deixaram-ſe vir ſeu caminho com o vento, que era muito freſco. Franciſco de Sá as rodeou, e foi esbombardeando, por ver ſe as podia deſap-

pa-

parelhar, o que não fez, ainda que todavia lhes foi desfazendo as obras de sima, com cujas rachas lhes matáram muita gente; mas ellas como vinham aviadas, e com vento prospero, foram tambem laborando com a sua artilheria com que desapparelháram algumas fustas, e matáram alguns soldados. Os nossos não ousáram a investir as náos, assim por serem os mares grandes, como por ellas serem muito alterosas, e não quizeram arriscar os navios, e assim foram com ellas até á barra de Surrate, onde lhes anoiteceo. Francisco de Sá vendo que tinha os navios destroçados, e que as náos estavam surtas no primeiro poço, onde lhes não podiam já fazer damno, que o não recebesse elle maior, voltou pera Baçaim, onde reformou os navios, e dalli se fez á véla pera Goa.

O Governador depois de chegar áquella Cidade, começou logo a entender nos negocios de Maluco, e nos de Jordão de Freitas, que se andava livrando das culpas, que lhe Bernaldim de Sousa tinha mandado, o que cessou pela morte do Viso-Rey Dom João de Castro. E mandando o Governador que se corresse com elle, fizeram o feito findo, e o despachou com os Letrados, e pronunciou, que fosse Jordão de Freitas acabar o tempo de sua Capitanía, e que se lhe tornas-

naſſe toda a fazenda que lhe eſtava ſocreſtada. Com eſta ſentença ſe começou a fazer preſtes pera ſe embarcar no galeão da carreira, de que era Capitão D. Jorge Deça. O Governador porque ſabia que Jordão de Freitas viera de Maluco muito quebrado com Bernaldim de Souſa, a quem por ſuas partes, e qualidades quiz moſtrar reſpeito, e evitar eſcandalos, deſpachou Chriſtovão de Sá, ſeu ſobrinho, por Capitão de huma caravela pera ir a Maluco, e lhe deo huma Provisão em ſegredo, pera Bernaldim de Souſa lhe entregar a elle a fortaleza, em que ficaria por Capitão até Bernaldim de Souſa ſe embarcar pera a India, e que depois entregaſſe a fortaleza a Jordão de Freitas; porque não quiz que Bernaldim de Souſa, o tempo que eſtiveſſe em Maluco, ficaſſe debaixo da jurdição de Jordão de Freitas, por atalhar deſgoſtos, e deſordens.

Partidos eſtes navios, deſpachou o Governador alguns Capitães pera irem invernar a Dio, e a Ormuz, e proveo nas couſas daquellas fortalezas, e de outras, como lhe melhor pareceo.

E porque ſe via velho, e com duas filhas mulheres, e ſem mãi, ordenou de as caſar, como fez. A mais velha, chamada D. Leonor de Alboquerque, com Manoel de Souſa de Sepulveda, com quem ſe dizia,

zia, que eſtava já caſada a furto do pai. E a outra D. Joanna de Alboquerque com Dom Antonio de Noronha, filho do Viſo-Rey D. Garcia de Noronha, que tinha a Capitanía de Malaca, e era o maior, e mais formoſo homem, que na India havia, a quem deo o bom velho em caſamento tudo o que tinha, e ambos foram juntos á porta da Igreja a pé, porque pouſava o Governador nas caſas do Sabayo, que eſtavam perto da Sé. O Biſpo os recebeo, e a Cidade lhes fez muitas feſtas. D. Antonio de Noronha hia muito galante, e cuſtoſamente veſtido. Manoel de Souſa não levava mais que os trajos ordinarios, que coſtumava a trazer.

De Manoel de Souſa não ficou no Mundo geração alguma de ſua mulher, porque ſe perdeo indo pera o Reyno com ſua mulher, e filhos, como em ſeu lugar diremos. Teve dous filhos antes de caſar, hum macho, e huma femea, em huma mulher caſada com hum homem muito nobre, e Fidalgo nos livros de ElRey, que ſua mãi depois da morte do marido declarou por ſeus: a filha foi levada pera o Reyno, onde a mettêram Freira; o filho era hum ſoldado tão pontual, e cavalleiro, que não ouſou peſſoa alguma a lho deſcubrir, e aſſim faleceo cá.

D. Antonio de Noronha viveo tambem pouco elle, e ſua mulher, e ficou-lhe hum fi-

filho, chamado D. Garcia de Noronha, como o avô, que foi levado a Portugal menino, onde ſe criou; e depois de ter idade pera ſervir ElRey, tornou á India com hum Alvará de lembrança pera lhe darem Ormuz. Caſou-ſe na India com D. Filippa, filha do Licenciado Tintino Martins, Procurador dos Feitos da Fazenda de ElRey, homem nobre, Chriſtão velho: viveo tambem eſte Fidalgo pouco, ficou-lhe huma filha, chamada D. Joanna, como ſua avó, que ſua mãi levou pera o Reyno, e ſe foi apreſentar em Aveiro, em companhia de huma ſua irmã, mulher de Franciſco de Souſa Tavares, o manco.

CAPITULO VII.

Das couſas, que acontecêram em Ormuz no alevantamento do Bislalá: e de como Dom Manoel de Lima o mandou matar.

HAvia no Reyno de Ormuz hum Capitão Abexim, chamado Bislalá, que ElRey de Ormuz trazia com guarnição de ſoldados nas partes de Manojão, pera favorecer as cafilas que vinham pera Ormuz, das partes de Perſia, e Coraçone, e todas as mais, pera as ſegurar de muitos ladrões, que por alli as coſtumavam a ſaltear, por cujo medo deixavam muitas vezes de vir a Ormuz,

muz, e aquella Alfandega padecia muitas faltas. Eſte Abexim vendo-ſe com poder, fez o que todos os Mouros fazem, quando ſe lhes offerece occaſião, que foi grangear a gente que trazia, e adquirir outra, e levantar-ſe com aquellas partes todas, recolhendo-ſe na fortaleza de Manojão, que he vinte leguas pelo ſertão dentro. E dalli ſahia a ſaltear, e roubar as cafilas, e todas aquellas terras, com que veio a engroſſar, e a ſe fazer muito poderoſo. Diſto foi logo ElRey de Ormuz aviſado, e deo conta do negocio a D. Manoel de Lima, Capitão daquella fortaleza, pedindo-lhe que lhe déſſe ajuda pera mandar contra o Bislalá, pois aquelle Reyno era de ElRey de Portugal, e as perdas lhe tocavam mais que a elle. D. Manoel de Lima mandou logo negociar hum Aleixo Carvalho, e lhe deo cento e vinte Portuguezes pera paſſar á outra banda, em companhia dos Capitães de ElRey de Ormuz, pera irem buſcar o alevantado, e ſegurarem os naturaes, que fugiam, e deſamparavam as terras. Eſta gente andou da outra banda perto de dous mezes, tendo alguns recontros com os inimigos de pouca importancia.

Eſtando o negocio neſte eſtado, chegou Pantaleão de Sá, que atrás diſſemos no Cap. III. do Liv. VII. partido de Goa pera acu-

dir

dir a efte negocio. D. Manoel de Lima o defpedio logo pera a outra banda com a gente que levava, e com a outra que lá tinha. Aleixo Carvalho perfez trezentos homens, e em companhia dos Capitães de ElRey de Ormuz, que levavam dous mil, foram bufcar o alevantado. E como elle andava muito poderofo, e era ladrão de cafa, que fabia as entradas, e fahidas, não lhe dava dos noffos coufa alguma, nem tambem fe queria encontrar com elles; porque como trazia grandes efpias, não fazia mais que defviar-fe, e fazer todos os damnos que queria, e podia, comendo as terras fem contradicção alguma. Pantaleão de Sá andou por aquelle Magoftão mais de dous mezes, fem fazer coufa alguma, e enfadado de tudo fe recolheo pera Ormuz fem ordem do Capitão, que fe tomou muito, e tiveram fobre iffo taes palavras, que o mandou Pantaleão de Sá defafiar por huma carta. D. Manoel de Lima lhe refpondeo por outra: » Que » elle guardava fua carta pera refponder a » ella, como acabaffe o tempo daquella for- » taleza, de que tinha dado a menagem a » ElRey; e como fe defobrigaffe, elle lho » lembraria. » Pantaleão de Sá fe embarcou pera a India; e depois que D. Manoel de Lima acabou o feu tempo, não fe encontráram nella, porque o tempo o defviou,

que

que Pantaleão de Sá foi despachado depois com Çofala, e casou na India, onde esteve até o tempo do Conde do Redondo, em que se foi pera o Reyno, e lá encontrando-se em huma rua, (estando a cousa bem esquecida de tantos annos, e elles tão velhos,) saudando-se, perguntou D. Manoel de Lima a Pantaleão de Sá como estava? Elle lhe respondeo, que velho. Ao que Dom Manoel de Lima lhe disse: » Velho não es» ta vossa mercê, senão muito bem dispos» to. » Desta palavra (segundo que na India nos contáram alguns Fidalgos) entrou a desconfiança em Pantaleão de Sá, de maneira, que indo-se pera casa lhe mandou huma carta, em que lhe tornou a alembrar as cousas de Ormuz, pedindo-lhe que se vissem no campo. D. Manoel de Lima o foi esperar a elle, e pelejáram, e se feríram; e o que mais passou, lá se sabe no Reyno, e ficáram pera não deixarem de ser amigos, como foram.

Tornando ás cousas de Ormuz. Vendo D. Manoel de Lima que o levantado andava senhor das terras sem lho poder impedir, tratou de o mandar matar. Tinha elle hum criado Gallego, valente homem, e muito determinado, e tomando-o em segredo, lhe perguntou, se se atrevia a fazer-se fugidisso pera a outra banda, e metter-se no

exercito de Bislalá, e matallo á béſta? E dizendo-lhe o Gallego que ſim, praticou eſte negocio com ElRey, e elle lhe paſſou hum formão com letras grandes, e formoſas, chapado com chapa de ſuas Armas; em que perdoava geralmente a todos os que andavam com Bislalá, e que ninguem entendeſſe com aquelle Gallego, ſe mataſſe a Bislalá, antes a todos os que o favoreceſſem lhes faria muita mercê. Com eſte formão ſe fingio o Gallego aggravado, e fugido de D. Manoel de Lima, e paſſou-ſe ao exercito, onde andavam outros Portuguezes fugidos, e ſe agazalhou com elles. Alli ſe deixou andar alguns dias, e hum delles, andando o Bislalá a cavallo em campo no meio de ſua gente, encarou o Gallego nelle huma béſta com hum farpão, e tomando-o pelos peitos, deo com elle do cavallo abaixo morto. E no meſmo inſtante alevantou em huma lança o formão de ElRey, bradando alto: » Formão de ElRey, for» mão de ElRey, perdão de ElRey pera to» dos. » E acudindo alguns Parſeos, tomando o Gallego, vendo o formão de ElRey, e o perdão tão copioſo, e o Bislalá já morto, ſe desfez o exercito, e huns ſe foram pera Ormuz, e outros pera outras partes. O Gallego ſe foi pera Ormuz; e ElRey, e o Capitão lhe fizeram muitas mercês; e deſ-

desta maneira ficáram as cousas do Manojão quietas.

CAPITULO VIII.

Do que aconteceo a Diogo Soares de Mello em Pegú: e de como foi em companhia daquelle Rey contra o de Sião: e do poder, estado, e ordem com que este Rey caminha: e do que lhe aconteceo até chegar a Sião.

NO Cap. IX. do Liv. V. da quinta Decada temos dado conta, como o Bramá Rey dos Reynos de Ovú, e outros, conquistou os de Pegú, e sujeitou todos aquelles vizinhos. Este vendo-se tamanho senhor, sabendo que o Rey de Sião tinha hum alifante branco, a que todos os Gentios tinham muito grande veneração, havendo que a elle como a cabeça de toda aquella gentilidade lhe pertencia mais, que ao Rey de Sião, mandou-lho pedir por Embaixadores, que lhe enviou com grande magestade, de que o outro zombou, não lhe respondendo a proposito. O Bramá havendo-se por muito offendido, e affrontado, determinou logo de ir conquistar aquelle Reyno, e trazer o alifante branco. E fazendo chamamento de todos os Reys seus vassallos, ajuntou innumeraveis exercitos, com

que partio contra aquelle Reyno quasi nos annos de 1544. E chegando áquella Cidade, lhe poz tão estreito cerco, que lhe mandou aquelle Rey commetter todos os partidos que quizesse, tirando o alifante branco, que elle havia por cousa religiosa, affirmandolhe, que sobre elle havia de perder seus Reynos. O Bramá, que havia muitos mezes que estava naquelle cerco, e se esperava pelas enchentes daquelle rio, que alagão todos aquelles campos, fez com elle pazes com estas condições.

» Que o Rey de Sião ficaria seu vassal» lo, e lhe daria huma filha pera casar com » ella; e que todos os annos lhe mandaria » outra dos seus principaes, e certos alifan» tes de serviço. » Assentadas as pazes, lhe mandou o Rey de Sião a filha, que elle recebeo por mulher, e alevantando os exercitos, voltou pera seus Reynos. Foram continuando com estas pareas até este anno passado de quarenta e oito, em que o Bramá mandou a Sião recolher as pareas como costumava, e a lhe trazerem a mulher. E querendo ElRey de Sião tomar huma filha a hum daquelles seus principaes, como tinha feito os annos passados a outros, de que estavam escandalizados, fallando-se todos, ou fosse por consentimento do Rey, ou não, basta que deram nos Embaixadores, e os matáram.

Che-

Chegadas eſtas novas ao Pegú, ſentio-as muito o Bramá, e determinou vingar aquella offenſa, mandando logo chamar todos ſeus vaſſallos, e ajuntou grandes exercitos, e grandes preparamentos pera não tornar de Sião ſem tomar aquelle Reyno, e haver aquelle Rey ás mãos. Diſto foi logo o Rey de Sião aviſado, e fez chamamento de ſeus vaſſallos, e fortificou a Cidade de Odia, em que reſidia, lançando fóra toda a gente inutil, deixando ſó a que podia pelejar, que ſe affirma que eram perto de ſeiscentos mil homens. E mandou fortificar hum paſſo de humas ſerras, por onde o Bramá havia de paſſar, e poz daquella parte vinte mil homens de guarnição, e na Cidade recolheo mantimentos pera dous annos; e mandou fundir muitas peças de artilheria de bronze, porque tinha officiaes excellentes, e muito cobre, que lhe vinha da China todos os annos; e affirmava-ſe, que tinha quatro mil peças aſſeſtadas pelos muros, em que havia algumas, que lançavam pelouros de quatro palmos de roda, e dalli pera baixo até falcões; e além diſſo muitos trabucos, e petrechos de guerra pera ſua defensão.

O Bramá depois que ajuntou ſeus exercitos, ſe poz com elles em campo, e diziaſe que tinha hum milhão e quinhentos mil homens, e quatro mil alifantes, e tantos

bois,

bois, cavallos, e outras beſtas de carga, ſervidores, roſſadores, e officiaes de todas as mecanicas, em tanta quantidade, que quaſi ſe não podiam numerar. E eſtando ElRey já pera ſe partir, chegou Diogo Soares de Mello, (que deixámos partido do rio de Parles, depois daquella grande vitoria das galés do Achém, como atrás fica dito no Cap. II. do V. Liv.,) que ElRey eſtimou muito, convidando-o pera ir com elle naquella jornada, com todos os Portuguezes que em Pegú havia; e lhe mandou dar muito dinheiro pera repartir por elles, como fez, ajuntando perto de oitenta. ElRey começou logo a marchar neſta fórma.

Cada Rey vaſſallo com toda a gente de ſeu Reyno hia ſeparado a huma parte, tanta diſtancia huns dos outros, que nunca ſe ajuntavam, nem miſturavam, e por tal ordem, que ſempre ElRey de Pegú ficava no meio; e o meſmo era ao aſſentar dos arraiaes, porque cada hum o punha ſobre ſi, perto de meia legua huns dos outros. Só Diogo Soares de Mello com os Portuguezes punha ſua eſtancia muito perto da de ElRey, porque fiava mais delles a guarda de ſua peſſoa, que de ſeus naturaes.

As principaes peſſoas que neſta jornada ſe acháram com Diogo Soares de Mello, foram ſeu irmão, D. Fernando de Noronha,

fi-

filho de hum irmão do Marquez de Villa-Real, Clerigo, que foi o que se perdeo em Baçaim, sendo Capitão da náo do Governador Martim Affonso de Sousa, João de Sousa Rates, Athanasio de Aguiar, e outros.

Assim foi caminhando este barbaro gentio com tanta magestade, e grandeza, que excedia a todos os Reys do Mundo, porque nenhuma noite se agazalhava, senão em casas muito formosas, todas douradas, e lavradas, que cada dia lhe armavam de novo pera isso; porque de Pegú lhe levavam a madeira, armação, tectos, portas, e todo o mais necessario sobre alifantes, que caminhavam sempre diante; e na paragem em que ElRey havia de assentar o arraial, se armavam as casas com tanta brevidade, que era espanto, porque só pera isso hiam mais de dous mil officiaes, ferreiros, carpinteiros, cerradores, pintores, douradores, e todas as mais; e huns armavam, outros douravam, e pintavam; outros forjavam pregos, e ferragem; de maneira, que quando já ElRey chegava, tinha huns formosos Paços de muitas camaras, varandas, retretes, cozinhas, em que se recolhia com suas mulheres, e os Paços todos cercados á roda, como huma fortaleza muito forte; deixando outra magestade de baixellas de ouro, e

pe-

pedraria, de cavallos a deſtro, de alifantes ajaezados pera ſua peſſoa, de carros triunfantes guarnecidos, e lavrados de ouro, que era huma máquina infinita. Deſta maneira foram caminhando por via de Martabão, que era mais perto.

E chegando a hum rio, que alli vem embocar, (que era hum grande braço do Menaó, que ſerá mais de huma legua de largura,) mandou ElRey armar huma ponte ſobre barcas ſurtas a muitas amarras, por cauſa da grande corrente, pera por ella paſſar todo o exercito, que aſſim na grandeza, como na obra paſſou pela que mandou fazer Xerſes ſobre o Eleſponto, quando paſſou a Grecia. Por ella paſſáram aquelles innumeraveis exercitos, que o Pegú levava, e foram caminhando de longo de humas altiſſimas ſerras, quaſi vinte e ſinco dias, ſem acharem paſſagem pera a outra banda, que parece ſerem os montes Mandius de Ptholomeu.

Por eſte caminho paſſáram os noſſos grandes fomes, porque os Pegús, e Bramás não coſtumavam levar nos exercitos mais que arroz, porque comem todas as cevandilhas da terra, folhas, e raizes de arvores. E tanto que aſſentam ſeus exercitos, logo ſe mettem pelos matos á caça de cobras, lagartos, bogios, uſſos, tigres, e de toda a outra couſa

ſa

ſa peçonhenta, de que fazem ſuas iguarias, que comem com o arroz. Mas os Portuguezes foram comendo á falta de outras carnes, as de alifantes, cavallos, bufaras, e outras a que não eram coſtumados. E no cabo de vinte e ſinco dias, que caminhavam de longo daquellas ſerras, foram dar em huma quebrada que alli faziam, como aquellas dos montes Caſpios, que hoje chamam Derbent. Aqui tinha ElRey de Sião feitos huns muros fortiſſimos, que tapavam aquella entrada, com vinte e ſinco mil homens de guarnição pera ſua defensão.

E porque não havia outro paſſo ſenão aquelle, aſſentou o Bramá ſobre elle ſeu exercito, e commetteo a Diogo Soares de Mello aquelle negocio, e deo-lhe Calagoni, Senhor de Martabão, com trinta mil homens. Diogo Soares de Mello mandou aſſentar algumas peças de artilheria em alguns baſtiães, que ordenou, com que mandou bater as tranqueiras dos inimigos por muitos dias, ſem lhe fazerem mais damno que pelos altos, por ſerem muito fortes. Os noſſos quaſi que andavam deſconfiados daquelle negocio, e determináram de commetter aquellas tranqueiras por aſſalto, o que prováram por algumas vezes ſem as poderem cavalgar, e tanto porfiáram, que ſe puzeram em ſima com muito riſco ſeu, porque lhe matáram

dous

dous companheiros, e feríram todos os mais, e D. Fernando de Noronha levou huma efpingardada pelo pefcoço, que lho paffou de parte a parte, mas não perigou; porque lhe não tomou a guela. Subida a tranqueira, deram os noffos entrada franca ás gentes de Calagoni, e da outra banda tiveram grandes batalhas com os Siões, em que foram desbaratados de todo. ElRey de Pegú paffou todos os feus exercitos por aquella parte, e foram caminhando por campos muito grandes, e efpaçofos, até haverem vifta da Cidade de Odia, onde aquelle Rey eftava recolhido com feiscentos mil homens de guerra, provído de mantimentos, e munições pera dous annos. O Bramá affentou o feu exercito em huma parte alta, meia legua da Cidade, e a todos os outros Reys feus vaffallos mandou, que cada hum por fi affentaffe o feu em torno delle; de forte que ficaffe impedida a entrada, e fahida; e encommendou a Diogo Soares de Mello a bateria, que fabricou algumas trincheiras em partes mais accommodadas pera baterem a Cidade, e nellas mandou affeftar muitas peças de campo de todas as fortes.

CA-

CAPITULO IX.

Da descripção da Cidade de Sião: e de como o Bramá a commetteo, sem fazer cousa alguma: e de como foi contra a Cidade de Camambee.

A Cidade de Odia principal do Reyno de Sião, que he esta sobre que o Bramá está, fica pelo rio assima quarenta leguas, que he aquelle a que Abrahão Hortelio chama Menaó, que pela situação das Taboas de Ptholomeu parece *Doris fluvium*, cujas bocas elle mette em perto de vinte gráos. He este rio tamanho, e de tal fundo, que até á Cidade podem chegar juncos, e náos nossas; será aqui de largura de meia legua. E pela margem delle de huma, e outra parte he todo povoado de lugares, Villas, quintas, palmares, arequaes, e de todas as fruitas da India. Dá-se de longo delle muito gengivre, e tantas canas de açucar, que he hum número infinito, de que fazem muito açucar, e hum vinho estilado como agua ardente, que bebem. Ha por este rio assima algumas Tabancas, que são como portagens, em que se registão os que vão pera a Cidade, e pagão alguns direitos, e costumes. E assim mesmo ha muitas Varelas, que são Mosteiros, em que vivem seus Re-

li-

ligiosos, e alguns delles muito sumptuosos, e dourados pelos tectos, e curucheos. Vasa este rio seis mezes, e enche outros tantos; e no tempo das vasantes vão os navios pera sima á toa, porque he muito alcantilado de ambas as partes. A vasante desce com muito grande ímpeto; mas a enchente tão vagarosa, e branda, que se não enxerga. E o dia da Lua do derradeiro mez subitamente arrebenta, e alaga todos aquelles campos, muitas leguas á roda, de feição, que ficam duas, e tres braças de agua. E por esta razão tem os Siões suas povoações em lugares muito altos, como os moradores do Egypto, e ficão no tempo destas inundações em Ilheos no meio do mar, e servem-se de humas povoações ás outras com embarcações pequenas. Nas costas da Cidade, que fica pelo rio assima da banda do levante, he a terra mais alta, e posto que se alaga, não he tanto.

No tempo que o rio começa a encher, começam os lavradores a lavrar suas terras, e a semeallas; e quando chegam as enchentes, já o arroz está assasonado, e tão alto, que ficam as espigas por sima da agua; porque he tão fertil, que a palha do arroz he tão grossa como hum dedo, e naquelles quarenta dias, que duram estes enchentes, vão os lavradores com estas embarcações, que

são

são infinitas, e nellas muitas festas, e tangeres, a segar, e a cortar as espigas que ficam por sima da agua, e levam as almadías carregadas pera suas povoações, onde tem suas eiras. Estes dias são os de maior regozijo seu, que todos os mais do anno.

No tempo destas inundações todas as alimarias do mato, veados, gazellas, tigres, vacas bravas, e outros se acolhem aos altos, e alli vam os Siões com muitas embarcações á caça, e dellas os estam matando ás espingardadas, fréchadas, e ás pancadas, que he huma caça de muito gosto, e recreação. E he tão grande o número destas alimarias que matão, que carregam dalli todos os annos muitos juncos de seus pellames, e os levam a Japão, onde fazem muito proveito, porque daquellas pelles fazem muitos trajos, quimões, e outras cousas muito lavradas, como cada dia vemos trazer á India, de que fazem formosos caparazões, bastardas, couras, e outras curiosidades, porque são as pelles formosissimamente lavradas.

Quando este rio quer tornar a vasar, (que he em outra certa conjunção da Lua,) sahe ElRey da Cidade com todos os seus Grandes, em muitas embarcações muito douradas, e paramentadas com muitas festas, tangeres, e instrumentos de toda a sorte; e dizem

zem, que vai ElRey lançar a agua fóra; e esta he a sua maior festa de todas. Tem ElRey mandado pôr hum masto no meio do rio, guarnecido, e forrado de sedas de cores, e nelle pendurada huma formosa joia pera o que mais remar, e chegar primeiro a ella. E póstos todos os navios em ala, arrancão a hum sinal que lhes fazem, e vam remando á porfiá, com tamanhos gritos, alaridos, e vozarias, que parece que o Mundo se funde; e o primeiro que chega, leva o preço. E neste curso se encontram huns com os outros, e se quebrão, e se espedação, e desapparelhão dos remos, de maneira, que he huma confusão muito pera ver de fóra. Por onde não são tão barbaros, que em seus jogos, e festas não imitem os antigos Troianos, (porque da mesma maneira Eneas, quando chegou a Sicilia, festejou com o curso de suas galés, pondo curiosos preços pera a mais ligeira.) E depois destes Siões ganharem o preço, tornam a voltar pera a Cidade com tantas festas, gritas, e tangeres, que parece que se desfaz o mar, e a terra em estrondos. Recolhido ElRey á Cidade, como naquella maré, que he a conjunção que começa a vasar a agua, dizem, que o seu Rey a foi lançar fóra; porque estes Gentios todos os attributos que se devem a Deos, os dam aos seus Reys, e

crem

crem que todos os bens lhes vem delles.

Quanto á grandeza da Cidade de Odia, não ha Portuguez que disso possa dar verdadeira informação, porque os não deixam andar por ella; mas póde-se conjecturar por huma experiencia que fez hum curioso, com quem nós communicámos isto.

Este diz, que estando naquella Cidade, desejando de saber a grandeza della, se embarcára em huma daquellas embarcações da terra, pequena, e muito ligeira, com determinação de rodear a Cidade, (que he toda cercada de agua,) e que partíra hum dia de madrugada do bairro dos Portuguezes, e que quando tornára era já alta noite, e affirmava, que por sua estimativa andaria mais de oito leguas. He esta Cidade, como agora dissemos, rodeada do rio, e ella toda cercada de muros de adobes, e não fica antre ella, e o rio mais que hum releixo de oito, ou nove passos. Tem toda á roda formosos baluartes, e muitas guaritas, guarnecido tudo de muita, e mui grossa artilheria de bronze. Na face da Cidade, onde as náos surgem, tem hum arrebalde, que tambem he cercado de muro, com seus baluartes, onde se agazalhão os forasteiros, e he feito a modo de Ilha, e se divide da Cidade por hum esteiro, sobre que estam al-

gumas pontes pera ſua ſerventia. Tem eſte arrebalde bairros ſeparados pera todas as nações, pera não viverem miſturados, e cada bairro tem ſuas portas com que ſe fecha. A Cidade he toda retalhada de braços do rio, que por muitas partes entram, e tornam a ſahir por outras ao meſmo rio, e em todas eſtas entradas, e ſahidas tem portas fechadas com cancellas mui fortes, e groſſas, por onde abrindo-ſe, entram dentro na Cidade todas as embarcações pequenas. Ha por dentro muitos, e freſcos jardins, hortas, e quintaes pera ſeus paſſatempos, e outras grandezas que deixamos, porque não ſoffre a hiſtoria tanto.

E tornando a ella: o Bramá tanto que aſſentou o arraial, começou a bater a Cidade por muitas partes. ElRey de Sião, a parte de que ſe mais temia, (que era hum baluarte, onde o rio era mais eſtreito, e de menos fundo,) à não quiz fiar ſenão dos Portuguezes, que mandou recolher dentro, que quaſi ſeriam ſincoenta, e elegêram por ſeu Capitão Diogo Pereira, (de que já em outra parte fallámos, ſogro de D. Pedro de Caſtro, irmão do Conde do Baſto, e do Arcebiſpo de Lisboa D. Miguel de Caſtro, filhos de D. Diogo de Caſtro, e de D. Leonor de Taíde,) que alli eſtava com huma náo ſua, que com muito valor, e esforço de-

defendeo aquella parte, fazendo della muito damno nos Pegús, e Bramás; e sem dúvida, que foram os Portuguezes a total occasião de se não tomar aquella Cidade. E porque as particularidades deste cerco não fazem acaso pera nossa historia, as deixamos.

Vendo o Bramá que tinha gastado o tempo sem ter feito cousa alguma, e que se hiam chegando as crescentes do grande rio Menáo, temendo que se o tomassem naquellas varzeas, o alagassem, e subvertessem, teve modo com que mandou commetter os Portuguezes, que estavam dentro, que ou lhe déssem por alli entrada na Cidade, ou deixassem de pelejar, e defender aquella parte, (porque nisso estava entralla elle,) e que lhes daria a todos tantas riquezas, e ouro, que ficassem todos bem ricos. A isto lhe mandáram os Portuguezes aquella resposta, que os da Cidade de Synania deram ao Consul Bruto, quando os tinha cercados, que vendo a constancia, e valor com que se defendiam, lhes mandou pedir huma somma de ouro, e que levantaria o cerco; ao que lhe respondêram, que seus passados lhes não deixáram ouro pera remirem as vidas, senão armas pera as defenderem.

Esta resposta diz Valerio Maximo, que desejára sahíra da boca de algum Romano,

porque não era digna de ser dada por outra alguma nação. Assim estes valorosos cavalleiros Portuguezes, que estavam em Sião, mandáram dizer ao Bramá, que os Portuguezes não remiam suas vidas senão com as armas, nem vendiam sua lealdade por todo o ouro do Mundo; que soubesse em certo, que em quanto elles fossem vivos, não entraria elle naquella Cidade: e que ainda depois de todos mortos, e espedaçados, se pudesse ser, lha haviam de defender.

Vejam logo quanto mais dignos de louvor, e engrandecer foram estes, que aquelles Romanos, que estando no Capitolio cercados dos Francezes, se resgatáram com ouro.

Vendo o Bramá tão grande desengano, levantou seu exercito, e foi marchando á vante com tenção de ir cercar a Cidade de Camade, ou Campape, como lhe alguns chamam, que era a segunda do Reyno, e onde o Sião tinha todos os seus thesouros, e assim de longo daquelle formoso rio Menaó foi caminhando vinte dias, até chegar áquella Cidade, que era muito grande, e formosa, cercada toda á roda com seus baluartes, e guaritas, e com huma formosissima cava. Estava dentro hum Capitão Sião com duzentos mil homens de peleja; e com todos os provimentos necessarios pera muitos

tos tempos. O Bramá assentou seus exercitos derredor da Cidade, e deo o cargo de a combater a Diogo Soares de Mello com os Portuguezes, que depois de feitas suas trincheiras, vallos, e repairos, e prantar as peças de artilheria, começou por huma parte a bater a Cidade, e por outra a entulhar a cava por algumas partes, pera poder chegar a picar o muro, o que tudo de dentro lhe defendêram, e atalháram com muito fogo, desarmando em vão todos os trabalhos, que naquelle negocio tinham commettido.

Calagoni, Senhor de Martabão, que era homem muito avisado, e esperto, mandou fabricar hum grande castello de tres sobrados, sobre grandes rodas, e máquinas mui fortes, guarnecido por fóra de traves, e mastos mui grossos, fechados com ferragens fortissimas pera poderem sustentar a furia da artilheria. E depois de acabado com grande custo, e trabalho, o fez chegar ao muro com os alifantes, pera por elle o entrar, levando dentro muitos homens de espingardas, e algumas peças de artilheria, e muitas panelas de polvora, e outros artificios de fogo. Os de dentro vendo abalar aquella máquina, (que era huma cousa espantosa,) mettêram em algumas bombardas grossas huns virotões de páo ferro, tão grossos como entenas, e nas cabeças atravessadas em cruz

humas traves grandes ferradas, e pondo fogo ás bombardas, deram aquelles virotões no castello com tamanho terremoto, que o desfizeram por sima; e dando-lhe com outros, o acabáram de desmanchar, e arruinar de todo. O Bramá andava affrontado de não fazer naquella jornada alguma cousa notavel, e os nossos tambem andavam bem desconfiados.

Athanasio de Aguiar, que era hum soldado valoroso, ordenou humas muito grossas, e fortes mantas com grandes traves, e taboões ferrados por sima, e com muitas rodas, com que as fez encostar ao muro, que mandou picar por huma grande multidão de gastadores Pegús, e Bramás, e começáram a fazer alguns pequenos postigos. Os de dentro acudíram áquella parte com muitos artificios de fogo, que lançáram sobre as mantas, e se consumiam elles sem fazerem nenhum nojo aos que trabalhavam. Vendo os Siões que nada daquillo aproveitava, por causa das mantas com que se amparavam os que trabalhavam debaixo dellas, e que estavam arriscados a se perderem por alli, começáram a fazer repairos por dentro; e não curando já do fogo, por verem que não impeciam com elle aos Pegús, e Bramás, que os tinham cercados, usáram d'outro ardil, e este foi, que enchêram muitas jarras de

de çujidade de gente, delida com ourina, e dando com ellas do muro abaixo em ſima das mantas ſe fizeram em pedaços; e aquelle çujo, e fedorento licor coando-ſe pelas gretas do taboado, foi calar abaixo, e deo ſobre os que trabalhavam, e em lhes tocando aquelle fedorento material, largáram logo tudo, e ſe recolhêram pera as ſuas eſtancias por não poderem ſoffrer tão máo cheiro, e paſmados daquelle negocio, diziam que os Siões eram diabos, porque quando lhes não aproveitavam as armas ordinarias, pelejavam com outras, de que nunca outra alguma nação do Mundo uſou, e contra quem não havia repairo algum. O Bramá vendo o tempo gaſtado, depois de paſſadas as enchentes, levantou ſeu exercito, e ſe recolheo pera ſeus Reynos pelo meſmo caminho que levou.

CAPITULO X.

De como faleceo o Governador Garcia de Sá: e das partes, e qualidades de ſua peſſoa.

DEpois que entrou o Inverno, não ſe occupou o Governador Garcia de Sá em outra couſa mais, que em reformar a Armada, e mandar dar preſſa aos navios, que tinha começados, viſitando os mais dos

dias

dias a ribeira, armazens, e a casa da polvora. E na entrada do mez de Junho desta era de 1549 em que andamos, adoeceo de humas febres agudas; e como era homem de setenta annos, logo o cortáram de feição, que deo ruins sinaes de sua saude; e entendendo os Medicos que se lhe hia chegando seu termo limitado, avisáram disso o Bispo, pera que lhe dissesse, que tratasse das cousas de sua alma, como fez. E entendendo elle aquella verdade, largou tudo por mão, e se fechou pera tratar do que lhe convinha, confessando-se muito devagar, e tomando os Divinos Sacramentos, e depois fez seu testamento, e cumprio com todas as cousas de verdadeiro Christão, e temente a Deos; e aos treze dias do dito mez faleceo desta vida presente, com grandes exteriores de arrependimento de seus peccados. Estiveram com elle o Bispo, os Padres de S. Francisco, de S. Domingos, e da Companhia, que o consoláram, e lhe lembráram as cousas que convinham á sua alma. Foi sua morte muito sentida de todos, porque era Fidalgo muito brando, affavel, humano, e tão desinteressado, que com haver sido duas vezes Capitão de Malaca, e huma de Baçaim, e hum anno Governador da India, não tinha de seu mais que o dote que deo a suas filhas, que não

pas-

paſſou de vinte mil cruzados a cada huma. Falecido o Governador, ſe abrio ſeu teſtamento, e acháram por ſeus teſtamenteiros ſeus genros. Mandava que ſeu corpo foſſe enterrado na Capella mór de noſſa Senhora do Roſario, no chão ao pé da ſepultura de ſua mulher D. Catharina, e que foſſe veſtido no habito do Padre S. Franciſco, como ſe fez. Foi acompanhado de todas as Ordens, Cabidos, e Freguezias, e de todos os Fidalgos, veſtidos de preto, e da Irmandade da Miſericordia.

Foi eſte Fidalgo filho de João Rodrigues de Sá, o primeiro Alcaide mór do Porto: era homem de boa eſtatura, muito gentilhomem, e tão alegre, que alegrava a todos; tinha huma muito alva, e veneranda barba, que lhe dava pelos peitos; foi homem de muita verdade, grande conſelho, e muito zeloſo do ſerviço de ElRey; foi de muito boas reſpoſtas, e nunca deo eſcandalo público em quanto andou na India, ſenão aquelle da mãi de ſuas filhas, antes que a recebeſſe por mulher. Fez de novo ſinco, ou ſeis galeões, e caravelas, e muitas fuſtas; mandou reformar as fortalezas de Ormuz, Dio, e Cananor. Deixou nos armazens duas mil eſpingardas, que mandou fazer em Cochim, Coulão, e Ceilão, e em outras partes. Fez de novo a caſa da pol-

vo-

vora, onde hoje eſtá, proveo-a de novos engenhos, e encheo os armazens de mantimentos, cotonias, cifas, remos, e de tudo o mais. Não fez dividas no Eſtado, e pagou algumas velhas. Não ficou delle poſteridade no Mundo, mais que ſua biſneta D. Joanna de Noronha, filha de D. Garcia de Noronha ſeu neto, (como pouco ha diſſemos,) que por não ter ſua mãi dote que lhe dar, a metteo Freira no Moſteiro de Aveiro, ſegundo nos diſſeram. Não deixou eſte Governador morgados na terra, que he ſinal que lhos teria o Senhor guardado no Ceo, onde ſua alma iria deſcançar perpetuamente. Governou hum anno, hum mez, e ſete dias.

DE-

DECADA SEXTA.

LIVRO VIII.

Da Hiſtoria da India.

CAPITULO I.

De como por morte do Governador Garcia de Sá ſuccedeo na governança da India Jorge Cabral: e da Armada que eſte anno de 1549 partio do Reyno, de que era Capitão mór D. Alvaro de Noronha.

LEVADO o corpo do Governador Garcia de Sá a noſſa Senhora do Roſario, depois de ſe lhe fazer o Officio muito ſolemnemente, primeiro que foſſe enterrado, abrio o Veador da Fazenda o cofre, em que eſtavam ainda duas ſucceſsões da governança da India, de ſinco que El-Rey tinha mandado na Armada de Manoel de Mendoça, e tirou a quarta, (porque na terceira tinha ſuccedido Garcia de Sá,) e

deo-a

deo-a ao Capitão D. Francifco de Lima, que com o Licenciado Antonio de Barbuda, Ouvidor Geral da India, a examinou, pera ver fe fe tinha nella bolido; e achando-a pura, e fem fe nella tocar, a deo ao Secretario que a abrio, e lendo-a alto fe achou nella Jorge Cabral, que eftava por Capitão de Baçaim, o que todos eftimáram muito, porque era hum Fidalgo, em que havia todas as partes neceffarias pera o cargo. E vendo que eftava em Baçaim, donde não podia vir fenão em Setembro, fe abrio o Regimento que na India havia fobre efte negocio, e fe achou que mandava ElRey: » Que fuccedendo algum Governador nas » vias, eftando fóra de Goa defdo cabo do » Comorim até á ponta de Dio, fe efperaf- » fe por elle, e entre tanto governaffe a In- » dia o Bifpo, Capitão da Cidade, e Ou- » vidor Geral; e que eftando deftes limites » pera fóra, fe não efperaffe por elle, e fe abrif- » fe a outra fuccefsão, » (o que ElRey mandou ordenar depois daquellas grandes differenças que houve antre Pero Mafcarenhas, e Lopo Vaz de Sampaio, como temos contado na quarta Decada no Cap. VI. do Liv. II.) E porque o Bifpo, D. Francifco de Lima, e o Ouvidor Geral eftavam prefentes, lhes fez o Veador da Fazenda entrega da India, até vir o Governador Jorge Cabral;

de

de que ſe fez hum Termo, em que todos ſe aſſignáram. Paſſado iſto, foi o corpo do Governador Garcia de Sá enterrado, e os Regentes ſe recolhêram, e começáram a correr com as couſas do governo, e deſpedíram logo correios por terra com cartas pera o Governador, em que lhe faziam a ſaber de ſua ſucceſsão. Eſtas cartas lhe chegáram primeiro, que ſe acabaſſe o mez de Julho; e vendo-as elle, e ſabendo da morte do Governador Garcia de Sá, e de ſua ſucceſsão, ſentio muito ſua morte, e não ſe alvoroçou com a governança, antes eſteve pera a não acceitar; porque ſe as cartas que ſe mandáram por terra a ElRey da morte do Viſo-Rey D. João de Caſtro chegáram antes das náos ſerem partidas, ſem dúvida viria Governador nella; e quando não, não poderia faltar no Setembro ſeguinte. E que pera ſe arriſcar a não ſer Governador mais que hum mez, ou quando muito hum anno, muito melhor lhe era deixar-ſe eſtar em Baçaim, e acabar quatro annos, que tinha daquella Capitanía, e ir-ſe pera o Reyno com couſa com que pudeſſe viver, e não depois de Governador embarcar-ſe pobre, e ſem couſa alguma, e aſſim ficou ſuſpenſo, ſem ſe ſaber determinar. Mas ſua mulher, que era vã, como o são todas, lhe diſſe: » Que » melhor era ſer quinze dias Governador da In-

» India, que dez annos Capitão de Baçaim;
» e que já ElRey lhe ficava em mais obri-
» gação, e lhe havia de fazer differentes hon-
» ras, e mercês. » A Cidade de Baçaim acudio logo ao novo Governador, e lhe fez muitas festas, e elle se começou a negociar pera se partir pera Goa, mandando pera isso armar alguns navios muito ligeiros, em que se embarcou aos oito dias de Agosto, e aos quinze dias de nossa Senhora da Assumpção chegou á barra de Goa, e desembarcou em Pangim, onde os Regentes lhe foram entregar a India, e depois entrou na Cidade, onde se lhe fez o recebimento costumado, e começou a entender nas cousas do governo. E a primeira que fez, foi despachar Francisco Barreto pera ir entrar na Capitanía de Baçaim, de que era provído, e mandou dar pressa á Armada, e lançalla ao mar, porque determinava de ir a Cochim, por andarem as cousas d'antre o Çamorim, e ElRey de Cochim muito rotas, e os odios antigos muito accezos.

E sendo alguns dias passados de Setembro, surgíram na barra de Goa quatro náos, de sinco que do Reyno partíram, de que era Capitão mór D. Alvaro de Noronha, filho do Viso-Rey D. Garcia de Noronha, que vinha despachado com a Capitanía de Ormuz. Os mais Capitães de sua conserva

eram

eram Diogo de Mendoça, Jacome Triſtão, e João Figueira. Da outra que faltava, era Capitão Diogo Botelho Pereira, o que foi na fuſta ao Reyno, (como na quinta Decada no Cap. II. do I. Liv. fica dito,) que em Outubro foi tomar Cochim. Vinha com elle embarcado Rax Nordim, filho de Rax Xarrafo, Guazil de Ormuz, que o pai mandou pera Portugal na Armada de Lourenço Pires de Tavora, como no principio deſta Decada ſe vê, no Cap. III. do IV. Liv., que eſteve tres annos no Reyno com grandes gaſtos, e deſpezas, e ſempre lhe fez ElRey tantas honras, que nos ſerões Reaes o mandava aſſentar nos degráos do eſtrado com os filhos do Duque de Bargança; e ſervia huma Dama daquellas, a que mandava muitas peças, e brincos, muito ricos, e curioſos, e ella o favorecia pelo honrar. E depois de ſer Guazil de Ormuz, foi áquella fortaleza hum irmão deſta Senhora, mancebo o mais gentil-homem de ſeu tempo, e ſabendo o Guazil delle, o foi buſcar, e lhe deo muito dinheiro, e peças ricas. Deſpachou ElRey a Rax Nordim com os cargos de Guazil do Reyno de Ormuz, e com o de Juiz da Alfandega daquella Cidade, aſſim como ſeu pai os tinha por ſua morte.

Eſte Diogo Botelho Pereira, por aquella ida que fez ao Reyno na fuſta, não lhe

quiz

quiz ElRey responder muitos annos a seus requerimentos, e depois lhe deo a Capitanía de S. Thomé, onde adoeceo de hydropesia, e engrossou tanto como hum tonel, e se foi pera o Reyno; e este anno o despachou ElRey com a Capitanía de Cananor, e se embarcou assim enfermo, e grosso; e affirmava-se, que bebia dous almudes de agua cada dia. Entrou logo na sua Capitanía, que não logrou, porque morreo no primeiro anno.

Antes que esta Armada partisse do Reyno, foi ElRey avisado, que em Hespanha se faziam sinco náos prestes pera passar a Maluco, e que o Capitão mór dellas era o mesmo Fernão de la Torre, que Fernão de Sousa de Tavora trouxe de Maluco; e que os outros Capitães eram D. Alonso Henriques, Pero Pacheco, Gonçalo de Avalos, e João Cayetano, que todos tinham ido a Maluco em companhia de Ruy Lopes de Villa-Lobos. Disto avisou ElRey ao Governador, e lhe mandou que provesse naquellas cousas, e que mandasse huma Armada a Maluco; o que elle determinou fazer como fosse tempo. E porque a costa do Malavar não ficasse desamparada, despedio por Capitão mór della Francisco de Siqueira o Malavar, (de quem muitas vezes temos fallado na quinta Decada, nos soccorros do

pri-

primeiro cerco de Dio, ſendo Capitão daquella fortaleza o grande Antonio da Silveira,) que era grande Capitão, e entendia a guerra muito bem, e tinha deſtruido o Malavar, como quem ſabia as entradas, e ſahidas; e pelos muitos ſerviços que tinha feito ao Eſtado, o fez ElRey D. João Fidalgo, e lhe mandou o habito de Chriſto com boa tença. Levou doze navios, com que andou a mór parte do verão por aquella coſta, fazendo-lhe toda a guerra que pode. E o Governador ficou dando deſpacho a outras muitas couſas, e aviamento ás náos pera irem tomar a carga a Cochim.

CAPITULO II.

De como o Rey da Pimenta ſe paſſou á parte do Çamorim perfilhando-ſe com elle: e do recado que o Governador teve diſſo.

OS Reys de Cochim (como já algumas vezes temos dito) ficam tendo antre toda aquella Gentilidade do Malavar toda a ſuperioridade no eſpiritual, como Bragmane mór que he. E por hum muito antigo coſtume, que não podemos bem averiguar, são obrigados os Reys da Pimenta a lhe darem ſuas mulheres, e filhas pera as levarem de ſua honra, que he a maior que ſe lhes póde fazer, quando casão; porque to-

todos estes Gentios do Oriente tiveram sempre em seus costumes o intento em suas delicias, e torpezas, que não póde ser maior na vida, que quando estas Princezas casão, entregarem-nas primeiro ao Rey, que a seus maridos, havendo que com isso ficavam purificados. E assim depois disto, todos os filhos que ellas parem, sejam cujos forem, são havidos, e perfilhados pelo Rey de Cochim, e elle os recolhe, e cria como filhos. E como o Principe de Bardela se creava por esta razão com ElRey de Cochim, tinha tanta amizade com os Portuguezes, que hia a Cochim ver as festas, touros, e canas, porque naquelle tempo tudo eram regozijos, e desenfadamento. E assim este verão passado, parindo a mulher do Rey da Pimenta, mãi daquelle Principe, foi Francisco da Silva, Capitão de Cochim, com todos os casados a Bardela, onde residia, e lhe festejou o parto com lhe jogar as canas, e com outros passatempos; e algumas vezes foi ajudar aquelle Rey nas guerras que tinha contra ElRey de Porcá seu vizinho, tudo á conta de ElRey de Cochim.

Este Principe, que já era Rey da Pimenta, por certos aggravos que teve de ElRey de Cochim, que o creára como pai, determinou de se passar á parte do Çamorim, pera o que se carteou com elle, e tratou de

se

ſe verem, o que o Çamorim grangeou muito, e lhe mandou ſobre iſſo cartas mui honroſas, e de grandes offerecimentos, com que elle ſe fez preſtes pera ſe paſſar a Calecut.

Deſtes tratos foi aviſado ElRey de Cochim, e o Capitão, que ſentio muito aquelle negocio, e tratou de o impedir por todas as vias que pudeſſe, pelo grande prejuizo que ſe ſeguiria ao Eſtado daquellas lianças; porque ſe aquelles Reys ſe ajuntaſſem, sería total deſtruição do Reyno de Cochim, e ficariam as náos do Reyno ſem terem porto, nem eſcala aonde foſſem carregar, nem a pimenta, que era o mais importante de tudo, porque logo os Mouros a haviam de haver toda pera ſi, e paſſalla a Meca, que era o que elles muito pertendiam, porque com a noſſa entrada na India lhes arrancámos das mãos aquelle trato, com que todos vieram a empobrecer. E lançando Franciſco da Silva ſuas contas a tudo, ſe foi ver com ElRey de Cochim ſobre aquelle negocio, e o perſuadio a emendar os aggravos de que ſe o Principe queixava, ao que ElRey diſſe: » Que faria tudo o que » naquelle negocio lhe pareceſſe bem, e que » tomaſſe elle á ſua conta acaballo com elle. »

Com eſta reſpoſta ſe paſſou logo Franciſco da Silva a Anche Queimal, onde aquelle Principe eſtava, e o foi viſitar; e no diſ-

diſcurſo da viſita lhe pedio : » Que ſe deſ-
» ceſſe da opinião em que eſtava, e que ſe
» lembraſſe que ElRey de Cochim era ſeu
» pai , e que o creára ſempre com muito
» amor ; que não era razão que por peque-
» nos aggravos fizeſſe tão grande mudança,
» como paſſar-ſe ao Çamorim , que era o
» mór inimigo que tinha ; que elle acabaria
» com elle que o ſatisfizeſſe em tudo , e
» que lhe lembrava a muito antiga amiza-
» de que tinha com os Portuguezes , que
» ſempre ſe moſtráram grandes ſeus amigos,
» e o ſervíram em todas ſuas guerras con-
» tra ſeus vizinhos ; e que pela meſma ra-
» zão que ficaſſe inimigo de ElRey de Co-
» chim , ficavam os Portuguezes ſeus delle ; »
e com iſto lhe diſſe outras muitas couſas.
Mas o Principe como eſtava com aquelle ap-
petite , diſſe : » Que elle entendia mui bem
» o que lhe importava aquelle negocio , e
» que já ſe não havia de deſcer de ſua opi-
» nião. » Vendo-o Franciſco da Silva tão re-
ſoluto , e determinado , lhe diſſe : » Que dal-
» li por diante teria o Eſtado por ſeu inimi-
» go , e que como a eſſe lhe faria toda a
» guerra que pudeſſe, por mar , e por terra,
» até o deſtruir de todo. » E apartando-ſe
delle , mandou logo apregoar guerra a fo-
go , e a ſangue. E deſpedio Fernão Rodri-
gues de Mariz com algumas embarcações pe-
ra

ra tomar os paſſos por onde aquelle Principe havia de paſſar pera Calecut. O que elle fez de feição, que não tendo aquelle Principe outro remedio, paſſou ſó, e disfarçado pelo pé do Gate, e aſſim foi ter a Calecut, onde o Çamorim o recebeo com muitas honras, e fez com elle novas perfilhações, por eſta maneira.

» Que elle perfilhava o Çamorim em ſeu » Principe, herdeiro de ſeu Reyno por ſua » morte, poſto que já tinha Principe herdei» ro; e que o Çamorim perfilhava o Prin» cipe herdeiro do Reyno da Pimenta, em » Principe ſegundo herdeiro do Imperio de » Calecut por falecimento do Principe ſeu » ſobrinho, que era o direito herdeiro. O » que o Principe da Pimenta pelo muito que » ganhava, ſe vieſſe a ſer herdeiro do Rey» no de Calecut, porque pela meſma razão » o ficava ſendo tambem do Reyno da Pi» menta. » A eſtas perfilhações ſe fizeram grandes feſtas em Calecut, a que acudíram todos os Principes Malavares do bando do Çamorim. Franciſco da Silva deſpedio logo hum navio muito ligeiro com cartas ao Governador Jorge Cabral, em que lhe dava conta de todas aquellas couſas, e que era neceſſario acudir a ellas em peſſoa, porque começava a haver impedimentos nos rios por onde corria a pimenta. ElRey de Cochim

começou a ajuntar ſuas gentes pera acudir áquellas couſas, pelo muito que lhe importava.

CAPITULO III.

De como o Governador Jorge Cabral partio pera Cochim: e das couſas que paſſáram naquella Cidade, em quanto nella eſteve: e de como ElRey da Cota lhe mandou pedir ſoccorro contra o Madune.

POucos dias depois das náos do Reyno chegadas, teve o Governador cartas de Franciſco da Silva, Capitão de Cochim, em que lhe dava conta das alterações que havia antre aquelles Reys, do que ficou enfadado, porque bem entendia que eram trabalhos que ſe levantavam contra o Eſtado, e que lhe era neceſſario acudir a iſſo em peſſoa; porque receou que ſe o não fizeſſe, não haveria carga de pimenta pera as náos, e mandou dar preſſa a toda a Armada. E na entrada de Outubro deſpedio Baſtião de Sá, o Çapeca, por Capitão mór do Malavar, com huma galé, e vinte navios de remo, de cujos Capitães não achámos os nomes, e elle ficou dando deſpacho ás náos pera as deſpedir pera Cochim, como logo fez por todo Outubro. O Governador deo expediente a muitas couſas outras, e começou-ſe a embarcar, entregando o governo ao

ao Bispo, e ao Capitão da Cidade, e ao Ouvidor Geral, que era o Licenciado Christovão Fernandes; e meado o mez de Novembro deo á véla, levando antre galeões, caravelas, e galés mais de trinta, e de navios de remo perto de sessenta. Os Capitães que nesta jornada o acompanháram nas vazilhas grandes, e galés (porque aos das fustas não achámos os nomes) são os seguintes.

D. Antonio de Noronha, filho do Viso-Rey D. Garcia de Noronha, D. João Henriques, Jorge de Mendoça, João de Mendoça Cação, outro João de Mendoça o Chú, D. Jorge de Castro, Pantaleão de Sá, Martim Affonso de Mello Pereira o Ombrinhos, Manoel de Sousa de Sepulveda, Martim Affonso de Miranda, Francisco de Mello Pereira, Fernão de Sousa de Castello-branco, Gonçalo Vaz de Tavora, Pero Botelho, Fernão Gomes de Sousa, Belchior Botelho, que hia por Veador da Fazenda da carga das náos, Pedro Affonso de Avelar, Diogo Botelho, Nuno Alvares Carneiro, Escrivão da Matricula, que hia em huma caravela, com todos os Officiaes daquelle cargo, pera em Cochim fazerem os despachos dos Officiaes das náos, e de outras pessoas que se hiam pera o Reyno, (porque todos os annos hiam lá estes Officiaes a isso, por se

ſe haver por melhor aviamento das partes,) porque como todos os homens de todas as partes da India, que ſe querem ir pera o Reyno, vam buſcar as náos a Cochim, achavam alli ſeus deſpachos.

Partido o Governador, foi em poucos dias a Cochim, e tomou caſas em terra, começando a entender na carga das náos; mas como o Rey da Pimenta eſtava lançado com o Çamorim, começou a faltar, porque ſe impedia a paſſagem della pelo rio abaixo, por Mouros que eſtavam em hum forte. O Governador mandou hum Capitão, a que não achámos o nome, com quinhentos homens pera os tirar dalli, o que elle fez, commettendo-os huma madrugada; e poſto que achou muita reſiſtencia, por ſerem os de dentro mais de oitocentos, foi o forte entrado, e os mais dos Mouros mettidos á eſpada, e o forte derribado, queimado, e poſto por terra, ficando eſte Capitão naquelles rios, favorecendo a paſſagem aos mercadores, que traziam a pimenta de ſima da ſerra, e ao pé a embarcavam em toneis, em que a levavam ao pezo, e Feitoria de El-Rey; mas não corria tanta quanta era neceſſaria.

Não havia muitos dias que o Governador era chegado, quando lhe veio hum Embaixador de ElRey da Cota, que como vaſ-

ſal-

ſallo de ElRey de Portugal, lhe mandava pedir com muita piedade » o quizeſſe ſoc-
» correr, porque eſtava no derradeiro eſtre-
» mo de perder ſeu Reyno; porque o Ma-
» dune, Rey de Ceitavaca ſeu irmão, lhe ti-
» nha tomado a mór parte delle, e o tinha
» cercado na Cidade da Cota, em muito riſ-
» co de ſe perder; que aquelle Reyno era
» de ſeu neto, que ElRey de Portugal lhe
» tinha concedido, e o alevantára na Cida-
» de de Lisboa por herdeiro delle, e que o
» Madune lho queria tomar; que lhe pedia
» o ſoccorreſſe com muita gente, que elle
» daria logo dez mil cruzados em pimenta
» pera a carga de huma náo de Portugal,
» que entregaria ao Capitão mór que lá foſ-
» ſe; e que daria mais de pareas cento e
» ſincoenta bares de canela, além dos tre-
» zentos que já pagava; e que daria logo
» dez alifantes pera o ſerviço das ribeiras das
» Armadas de ElRey de Portugal.»

Ouvida a Embaixada, poz o Governador aquellas couſas em conſelho dos Capitães, e Fidalgos, que aſſentáram todos: » Que ſe
» devia de dar ſoccorro áquelle Rey, tanto
» porque era vaſſallo do de Portugal, e pe-
» los partidos que offerecia, quanto por ata-
» lhar que o Madune ſe não vieſſe a fazer
» Senhor daquella Ilha, porque daria mui-
» to grande trabalho ao Eſtado, e ElRey
» de

» de Portugal perderia os proveitos que del-
» la tinha.

Concluido isto, elegeo o Governador pera aquella jornada D. Jorge de Castro seu tio, irmão de sua mãi, e lhe nomeou seiscentos homens, em que entravam muitos Fidalgos, e Cavalleiros; e mandou negociar os navios que havia de levar, pera cujas despezas deo logo o Embaixador os dez mil cruzados que offereceo. O Governador mandava dar pressa á Armada, e ás náos, que tudo determinava despedir entrada de Janeiro.

Succedeo neste tempo andar Jacome Tristão, Capitão de huma das náos, fazendo seu negocio na rua direita hum dia pela manhã, e estando bem descuidado, prepassou por elle hum homem em trajos de escravo, e deolhe com huma machadinha pelo rosto tamanho golpe, que lhe derribou ambos os queixos, e descendo ás guelas lhas cortou, cahindo logo morto no chão; e o que lhe deo escoou-se por antre a gente de feição, que nunca mais appareceo. O Governador sentio muito aquillo, e mandou tirar grandes inquirições sobre o caso; mas nunca se achou rasto de cousa alguma. Suspeitou-se que lhe nascêra aquillo de hum Christovão de Castro, que com elle viera na náo, com quem teve humas palavras na viagem. Este homem

mem na volta deſtas náos o mandava ElRey levar prezo pera o Reyno, de que elle parece foi aviſado, e ſe metteo Frade. Depois no anno de ſincoenta e oito, indo pera o Reyno com D. Luiz Fernandes de Vaſconcellos, (quando ſe perdeo na Ilha de São Lourenço, como em ſeu lugar diremos,) ficou na náo com outros Frades, porque querendo-os D. Luiz Fernandes de Vaſconcellos tomar no batel, não ſe quizeram ſahir da náo por ficarem confeſſando, e conſolando os que ficavam nella, onde todos acabáram. A Capitanía deſta náo deo o Governador a João de Mendoça o Chú, que ſe foi nella pera o Reyno. O Governador deo preſſa á carga, e á eſcritura do Reyno, e até dez de Janeiro deſpedio as náos, que tiveram tão boa viagem, que todas chegáram a ſalvamento a Lisboa por todo o mez de Julho, tendo ElRey deſpedido no Março paſſado a D. Affonſo de Noronha por Viſo-Rey da India, como logo adiante diremos.

CA-

CAPITULO IV.

De outro recado que o Governador Jorge Cabral teve de Ceilão do Principe de Candea: e de como D. Jorge de Caſtro partio pera Ceilão: e do que o Governador fez em Cochim até ſe recolher: e o que aconteceo a Baſtião de Sá no Malavar.

DEſpedidas as náos, ficou o Governador dando preſſa á Armada de D. Jorge pera a deſpedir logo; e tendo-a já preſtes, lhe chegáram cartas dos Padres de São Franciſco, que eſtavam no Reyno de Candea, em que lhe pediam, que mandaſſe alguma gente em favor do Principe daquelle Reyno, porque ſe queria fazer Chriſtão. E porque he neceſſario darmos particular razão das couſas deſte Principe, o faremos. Tinha eſte Rey de Candea hum filho legitimo, chamado Caralea Bandar, que era herdeiro do Reyno. Eſte Principe teve maneira com que fez com o pai que ſoltaſſe os Frades de S. Franciſco, (que prendeo, quando Antonio Moniz Barreto foi áquelle Reyno, como atrás temos contado no Cap. VIII. do IV. Liv.,) que tomou tão grande amizade com Fr. Paſcoal, que era ſeu Commiſſario, que o commetteo o Padre pera ſer Chriſtão, prégando-lhe muitas veze das cou-

ſas

ſas de noſſa Fé, a que ſe elle hia inclinando, e affeiçoando, de maneira, que lhe não faltava mais que receber a agua do ſanto Baptiſmo. Diſto foi o pai aviſado, e tratou de matar o filho, e de dar o Reyno a outro baſtardo que tinha, chamado Comar Singa Adaſana, a que queria muito grande bem. Deſtas couſas teve o Principe atoardas, ou aviſo de dentro da caſa do pai; e querendo fugir á ſua ira, tomou comſigo os Frades, e ſe foi pera huma ſerra do Reyno de Huná, e com muita gente que o ſeguio, fazia dalli guerra ao pai.

De todas eſtas couſas aviſáram os Padres ao Governador por aquellas cartas que lhe mandáram, pedindo-lhe que mandaſſe ſoccorrer aquelle Principe contra o pai, que lhe queria tomar o Reyno, e dallo a outro, porque ſe queria fazer Chriſtão. Iſto eſtimou o Governador muito, e deo por regimento a D. Jorge de Caſtro, que tanto que acabaſſe as couſas de Ceitavaca, paſſaſſe ao Reyno de Candea, e caſtigaſſe aquelle Rey pela traição de que uſou com Antonio Moniz Barreto.

Eſta Armada partio na entrada deſte Janeiro do anno de 1550, em que com o favor Divino entramos; e a nenhum dos Capitães, e peſſoas principaes, que neſta jornada ſe acháram, ſoubemos os nomes, e de

ſua

ſua jornada adiante daremos razão. Partida eſta Armada, tratou o Governador com El-Rey de Cochim ſobre as couſas que cumpriam, pera ſe atalharem as pertenções do Rey da Pimenta, e Çamorim. E porque já não havia outro meio, ſenão levar o negocio por guerra, aſſentáram como ſe lhe havia de fazer, encarregando ao Capitão fazer-lhe por mar toda a que pudeſſe, pera o que lhe deixou navios, e gente pera andarem por aquelles rios. E que ElRey de Cochim, com todos os ſeus alliados, lha fizeſſem por terra.

Aſſentadas eſtas couſas, e ordenadas, ſe deſpedio o Governador de ElRey, e a Cidade, e ſe embarcou pera Goa, deixando de Cochim até Panane Fernão Rodrigues de Caſtello-branco com oito navios, e pera ſe recolher a invernar a Cochim; e Baſtião de Sá com a ſua Armada na coſta, onde andava; e elle chegou a Goa no fim de Janeiro.

Baſtião de Sá andou pela coſta do Malavar todo o reſto do verão, fazendo ao Çamorim toda a guerra que pode, dando-lhe em muitas povoações, e tomando-lhe muitos navios, e defendendo-lhe os mantimentos de feição, que poz aquelle Reyno em muitas neceſſidades. E ſendo tempo de ſe recolher a invernar a Goa, o fez, paſſando pe-

la

la costa do Canará , onde recolheo as pareas, que aquelles Reys costumavam a pagar. Só os Chatins da Cidade de Barcelór se refusáram a dar setecentos fardos que lhes pediam , dizendo : » Que elles não tinham » obrigação alguma que os obrigasse a isso, nem elles estavam penhorados a elles, » nem por pareas, nem por contratos de pazes; porque se alguns annos os pagáram, » foi porque de suas proprias vontades offerecêram ao Governador Martim Affonso » de Sousa aquelles setecentos fardos de arroz, em modo de serviço, e não de obrigação ; que quando lhes mostrassem alguma sua, então não tinham que fazer. » Bastião de Sá lhes mandou dizer : » Que bastava a posse em que ElRey estava de oito, ou nove annos ; e que pois elles todos esses annos os pagavam aos outros Capitães móres, elle se não havia de levantar de sobre aquelle porto, sem os levar. » Vendo os Chatins, e Governadores da Cidade aquella determinação , lhe mandáram os setecentos fardos de arroz ; e logo despedíram dous Procuradores , homens antre elles principaes, chamados Trametim Chatim, e Drimy Chatim , pera irem tratar aquelle negocio com o Governador.

Estes homens foram a Goa , e o Governador Jorge Cabral os ouvio mui bem , e el-

elles em nome de ſua Republica lhe diſſeram : » Que os Capitães móres do Malavar » os obrigavam a lhe darem ſetecentos far» dos de arroz cada anno, não tendo elles » obrigação alguma pera iſſo ; mas ſómen» te porque de ſuas livres vontades os de» ram , e offerecêram ao Governador Mar» tim Affonſo de Souſa de ſerviço. E por» que elles deſejavam de ter paz, e amiza» de com o Eſtado da India, e ſeus Gover» nadores, e eſtarem debaixo de ſua guarda, » e amparo, que haviam por bem os Rege» dores daquella Cidade de Barcelór de da» rem, e pagarem cada anno de pareas qui» nhentos fardos de arroz pera ajuda das Ar» madas , e que os pagariam em Outubro, » (que era o tempo em que a novidade ſe » recolhia. ») O Governador vendo ſuas razões , e ſabendo da caſa dos Contos que não havia obrigação alguma dos ditos fardos de arroz , lhes acceitou os quinhentos fardos, de que os Procuradores daquella Cidade lhe fizeram ſuas obrigações , e o Governador lhes paſſou carta de vaſſallagem , em que ſe obrigava elle, e todos os Governadores da India a favorecerem os moradores daquella Cidade, e que lhes não ſería feito aggravo, nem ſem razão alguma ; e que lhes dariam ſeguros , e cartazes pera ſuas náos, e navios poderem navegar por aquel-

la costa seguramente. Com isto se despedíram os Procuradores satisfeitos, e contentes, e corrêram dalli por diante os Regedores daquella Cidade com a obrigação destas pareas muito bem, sem nunca deixarem de as pagar.

CAPITULO V.

De como o Governador Jorge Cabral despachou D. Alvaro de Noronha pera entrar na fortaleza de Ormuz: e da Armada que mandou em sua companhia, de que foi por Capitão mór Luiz Figueira: e das novas que a Goa vieram de galés: e de como o Governador mandou Gonçalo Vaz de Tavora a espiallas: e da Armada que mandou a Maluco, de que foi por Capitão mór D. Rodrigo de Menezes.

CHegado o Governador a Goa, tratou logo de despachar D. Alvaro de Noronha, filho do Viso-Rey D. Garcia de Noronha, pera ir entrar na Capitanía de Ormuz. E porque andavam humas novas surdas de galés, sem se saber donde vieram, ordenou de mandar huma Armada ao Estreito pera ficar invernando em Ormuz pera segurar aquella fortaleza. E mandou negociar dez navios de remo, elegendo pera esta jornada Gil Fernandes de Carvalho, irmão de Ruy de Sousa de Carvalho, que os Mou-

ros

ros matáram em Tangere. E depois de lhe ter promettido esta Armada, desejou de a dar a Luiz Figueira, filho do Estribeiro mór do Infante D. Luiz, e diziam, que pelo tirar de Goa, por respeitos que se calão; e pera isto negou a Gil Fernandes de Carvalho cousas, e Provisões que lhe pedia, porque elle desgostasse da jornada, como fez, enjeitando-a ao Governador, que era o que elle muito desejava, e logo a deo a Luiz Figueira, e mandou dar pressa a seu aviamento. Gil Fernandes de Carvalho, que era hum Fidalgo muito pontual, vendo que todavia o Governador desconcertára com elle, e dera a Armada a outro, (porque não sabia a razão que naquelle negocio houve, porque só estava no peito do Governador,) como aquelle negocio era de galés, não querendo que dissessem que deixára huma jornada contra Turcos por pontos leves, fretou hum navio de remo, e ajuntou quarenta soldados, a quem pagou de sua casa, e fez todos os mais gastos pera ir em companhia de Luiz Figueira invernar a Ormuz.

O Governador despachou D. Alvaro de Noronha, e lhe deo hum galeão com muitas munições, e juntamente com elle despedio Luiz Figueira com a sua Armada, que todos deram á véla em Março, indo em sua companhia Gil Fernandes de Carvalho,

lho, e em poucos dias chegáram a Ormuz. D. Manoel de Lima lhe entregou a fortaleza por ter já acabado ſeu tempo ; e Luiz Figueira andou por aquelle Eſtreito de Baçorá o reſto do verão, e depois ſe recolheo a Ormuz, ficando Gil Fernandes de Carvalho naquella fortaleza, dando meza a todos os ſoldados que levou á ſua cuſta, ſem querer tomar couſa alguma da fazenda de ElRey pera iſſo.

O Governador depois de deſpachar eſta Armada pera Ormuz, começou a negociar outra pera Maluco contra os Caſtelhanos, porque aſſim lho mandava ElRey, e elegeo pera eſta jornada D. Rodrigo de Menezes, Fidalgo de muitas partes. E dando preſſa á Armada, a fez á véla na entrada de Abril. Hiam ſinco navios groſſos, de que eram Capitães D. Rodrigo de Menezes, João de Almeida, e hum foão Marecos da obrigação do Governador. Os outros dous Capitães eram, D. João Coutinho, e Bernardo de Souſa, que eram provídos das viagens de Maluco; e hiam cada hum em ſeu galeão pera tornarem com a carga do cravo, e ambos hiam debaixo da Capitanía de D. Rodrigo de Menezes, que levava Provisões de Capitão mór de todo aquelle Archipélago de Maluco. Neſta Armada hiam trezentos homens, muitas munições, roupas,

e outros provimentos; e de ſua viagem adiante daremos razão.

Eſqueceo-nos dizer como o Governador pelas novas das galés de que já ſe fallava, eſtando em Cochim, deſpedíra Gonçalo Vaz de Tavora com ſinco navios, com regimento que foſſe ao Eſtreito de Meca, e tomaſſe falla de alguma peſſoa, e ſoubeſſe da certeza das galés; e que quando ſe recolheſſe pera ſe vir pera Goa, (onde levava por regimento tornaſſe a invernar,) que vieſſe por Caxém, e viſitaſſe aquelle Rey, que era muito amigo do Eſtado, a quem eſcreveo cartas mui honroſas, e que ſoubeſſe delle as novas que havia (porque ſempre aviſava aos Governadores do que havia no Eſtreito de Meca.)

Partido eſte Capitão na entrada de Fevereiro, foi ſeguindo ſua derrota até ferrar Monte de Felix; e dalli foi demandar o Eſtreito, e entrou dentro, onde tomou algumas gelvas com alguns Mouros, de quem ſoube que em Suez ſe faziam preſtes vinte e ſinco galés, mas que não ſabiam pera onde. E não podendo Gonçalo Vaz de Tavora alcançar mais, ſe tornou com algumas prezas que tomou, e navegando de longo da coſta da Arabia, foi tomar o porto de Caxém, e ſe vio com aquelle Rey, que lhe fez muitos gazalhados. Elle lhe deo as cartas

tas do Governador, e algumas peças, e brincos, que por elle lhe mandava, que elle estimou muito; e disse a Gonçalo Vaz de Tavora: » Que elle era avisado, que em Suez » se preparavam vinte e sinco galés pera con- » tra Portuguezes, mas que se não sabia, » nem declaravam pera onde, nem que ten- » ção era a dos Turcos; mas que como el- » le fosse certo da verdade, logo avisaria o » Governador em Agosto; » e deo-lhe cartas pera elle de grandes cumprimentos pera o serviço de ElRey de Portugal. Gonçalo Vaz de Tavora, depois de se prover do necessario, que lhe ElRey mandou dar de graça, se despedio delle, e deo á véla pera Goa, aonde chegou em Maio. O Governador sabendo delle, e das cartas que ElRey de Caxém lhe escreveo a certeza das galés, alvoroçou-se muito, porque havia que se passassem á India lhe não poderiam escapar, e assim se vestio mui galantemente, por mostrar a alegria que tinha, e foi-se logo á ribeira das Armadas, e deo ordem pera se reformarem, e renovarem todos os galeões, náos, e galés, tomando cada vasilha destas os seus Capitães á sua conta com os seus Officiaes, porque todo o anno os tinham ordenados, e pagos; e as cousas de fóra repartio pelos Capitães velhos por esta maneira.

A Manoel de Sousa de Sepulveda deo o cargo dos Armazens das munições, pera mandar fazer panellas de polvora, lanças de fogo, e pelouros de toda a sorte. A Dom Antonio de Noronha encarregou a casa da polvora. A D. João Lobo deo o cuidado dos calafates. A Francisco de Mello Pereira entregou a tanoaria, pera mandar fazer barrís, celhas, pipas, e todas as mais cousas desta qualidade. A Bastião de Sá deo a cordoaria. A João de Mendoça deo os Officiaes de poleame. A D. João Henriques a ferraria. Todos estes Capitães residiam de dia, e de noite nas casas que tinham a cargo, dando muitos banquetes a seus soldados, com muitas folías, danças, tangeres, jogos, e outros passatempos, com que todos trabalhavam com muito gosto, e muito contentes; e pelos escritos destes Capitães dava o Feitor, e Thesoureiro todo o dinheiro que pediam pera se comprarem as cousas, que se haviam mister, e pera as ferias, e pagas dos Officiaes, que elles faziam todos os sabbados; e todo este inverno se deram mezas geraes aos soldados em muita abastança. O Governador estava todo o dia na ribeira vendo aquelle trafego, e aquella presteza com que então trabalhavão, e acudiam a todas as cousas, porque só do serviço, e obrigação da ribeira havia perto

de

de ſeiscentos homens Portuguezes de todos os officios, a quem nunca ſe lhes devia couſa alguma, porque ſe lhes pagavam a todos ſuas ferias no tempo ordenado mui bem. A Cidade toda ſe desfazia em feſtas, e alegrias, e aſſim andavam todos tão deſejoſos de ſe verem já ás mãos com os Turcos, que o inverno já lhes parecia grande, e lhes era enfadonho, e os ſoldados a eſſa conta traziam ſuas armas limpas, e muito bem concertadas, e aparelhadas. E todos os Domingos, aſſim elles, como os bombardeiros, ſe hiam exercitar na barreira, eſtando o Governador preſente, favorecendo-os, louvando-os, e dando-lhes preços aos que melhor o faziam.

CAPITULO VI.

Da diſſimulação com que ElRey de Candea mandou pedir a D. Jorge de Caſtro Padres pera ſe fazer Chriſtão: e de como lhe mandou dous, e com elles o Capitão Francez: e do que lhes ſuccedeo na viagem.

PArtido D. Jorge de Caſtro de Cochim, como atrás diſſemos no Cap. III. deſte Liv. VIII., chegou a Columbo no fim deſte mez de Janeiro, e deſembarcando ſua gente, começou a marchar pera Cota. O Madu-

dune, que eſtava com todo ſeu poder ſobre aquella Cidade, em lhe dando novas que a noſſa Armada era chegada a Columbo com muita gente em ſoccorro do irmão, alevantou o campo, e ſe recolheo pera Ceitavaca, deixando as tranqueiras dos caminhos provídas de muita gente pera defenderem os paſſos aos noſſos, ſe quizeſſem ir a Ceitavaca. D. Jorge chegou á Cota, e foi muito feſtejado daquelle Rey; e logo tratáram de irem ambos juntos contra o Madune, e não levarem mão daquelle negocio até o deſtruirem de todo, pera não dar mais trabalho ao Eſtado com ſoccorros, e Armadas em favor de ſeu irmão, que era vaſſallo de ElRey de Portugal. Pera a jornada começou ElRey a ajuntar ſeu poder, e negociar as couſas neceſſarias de mantimentos, e ſervidores pera todo o exercito. A fama da Armada de D. Jorge de Caſtro, e de ſua chegada a Columbo, correo logo por toda aquella Ilha.

O Rey de Candea como eſtava culpado no negocio de Antonio Moniz Barreto, começou a tremer, e recear que o quizeſſem caſtigar pelas culpas que tinha commettidas; e como era homem de grande artificio, e malicia, determinou de entreter D. Jorge de Caſtro, e enganallo, até ver em que paravam as couſas de antre o Madune, e ſeu ir-

irmão, e pera isto despedio logo Embaixadores ao visitarem. Estes Embaixadores tomáram a D. Jorge de Castro ainda na Cota, fazendo-se prestes pera a jornada de Ceitavaca. D. Jorge de Castro os mandou levar diante de ElRey, onde os ouvio, e elles lhe disseram: » Que ElRey de Candea o » mandava visitar, e offerecer-se pera tudo » o que fosse de serviço de ElRey de Por- » tugal. Que elle lhe fazia a saber, que nos » negocios de Antonio Moniz Barreto, em » que elle não negava ter culpa, tinha tam- » bem satisfações bastantes pera ser perdoa- » do. Que o Madune seu primo o inquietá- » ra, e removêra dos desejos que tinha de se » fazer Christão, pondo-lhe diante dos olhos » medos, e perdição de seu Reyno, e ale- » vantamento de seus vassallos, com a mu- » dança da lei; e que do caso passado el- » le estava arrependido, porque sempre fo- » ra affeiçoado á Lei dos Christãos, como » os Frades sempre entendêram nelle; que » elle estava muito resoluto em se fazer Chri- » stão; que lhe pedia muito lhe mandasse al- » guns Frades pera correrem com elle; e » que tambem se queria reconciliar com seu » filho; e que assim esperava em Deos de » pouco, e pouco ir movendo os seus vas- » sallos, pera que se fizessem Christãos. » D. Jorge de Castro estimou muito aquella em-

embaixada, e ordenou logo de ſatisfazer áquelle Rey, mandando com os Embaixadores dous Frades de S. Franciſco, e com elles o Capitão Francez com doze ſoldados, e lhes deo por regimento, que foſſem por via de Negumbo, por ſe deſviarem das terras do Madune.

Partidos os Embaixadores com os noſſos, foram ſeguindo ſeu caminho, não deixando de terem algumas brigas com gentes do Madune, em que os noſſos corrêram muito riſco, e perigo, mas livrou-os Deos de todos pelo valor de ſeus braços, e aſſim com muito trabalho chegáram a Candea. ElRey os recebeo muito bem, e mandou apoſentar os Frades na meſma Ermida, que os primeiros fizeram, que eſtava ainda em pé, e ao Capitão Francez com ſeus ſoldados perto delles, mandando-lhes dar todas as couſas neceſſarias. Os Frades começáram a fazer alguns Chriſtãos, e entendendo em ElRey vontade pera iſſo, que não tinha, porque era máo, e perverſo, e o medo o fazia contrafazer, em quanto não ſoubeſſe o que lá ſe paſſaſſe antre D. Jorge de Caſtro, e o Madune, a quem elle favorecia em ſegredo; e aſſim trazia tanto reſguardo, e olho no Capitão Francez, e nos Frades, que os não deixava ſahir de hum certo limite, trazendo eſpias em Ceita-

tavaca, pera ſer cada dia aviſado de tudo o que lá ſe paſſava.

CAPITULO VII.

De como ElRey da Cota, e D. Jorge de Caſtro partíram pera Ceitavaca: e dos ſitios dos fortes que por eſte caminho achάram: e de como os ganhάram, e desbaratάram o Madune, e lhe tomάram a Cidade de Ceitavaca.

DEpois de ElRey da Cota ter juntas ſuas gentes, e negociadas as couſas neceſſarias pera a jornada, começou a marchar; indo D. Jorge de Caſtro na dianteira com todos os Portuguezes, e ElRey com ſinco mil homens na retaguarda. Aſſim caminhάram todo aquelle dia até chegarem a huma tranqueira muito grande, ſobre hum paſſo que ficava entre o rio de Matual, e huma alagôa tamanha, que ſe affirma ter ſinco leguas em roda, que eſtava duas leguas do porto de Columbo. Neſta parte (porque não havia outro paſſo pera Ceitavaca) tinha o Madune feito eſta fortaleza, que era de madeira, de duas faces, com entulhos muito largos, e ficava da banda do Norte do rio; e na face que cahia pera a banda da Cota tinha o panno do muro trinta braças de comprido, e na ponta que ficava pe-

ra

ra a parte do rio, eſtava hum formoſo baluarte com muitas peças de artilheria. Deſte baluarte até a alagôa corria hum muito eſpeſſo Bambual, por eſpaço de meia legua, tão intratavel, que nem as feras o podiam romper. De longo a longo pela face de fóra deſte forte ſe fazia huma formoſa, e larga cava, que ſe enchia de agua da alagôa, que ſe ſervia por huma ponte levadiça.

Chegado aqui o exercito, aſſentáram aquelle dia o campo affaſtado do forte, e tiveram conſelho ſobre o modo de como ſe commetteria; e aſſentou-ſe, que foſſe pelos cantos do muro, pera o que ſe fabrícáram grandes pontes de madeira ſobre rodas, e algumas mantas fortes, e eſcadas, em que ſe gaſtáram dous, ou tres dias. E tendo tudo preſtes, hum dia de madrugada commettêram a fortaleza os noſſos por huma parte, e ElRey pela outra. E pondo as pontes em que pez a muitas bombardadas, e eſpingardadas, que ſobre elles choviam, encoſtáram as eſcadas ao muro, e ſubindo os noſſos por ellas, o cavalgáram, e a poder de golpes, e cutiladas deram comſigo da banda de dentro, onde tiveram huma muito grande batalha com os inimigos, em que houve muitos damnos, e mortes de parte a parte. ElRey da Cota com a ſua gente, tambem depois de muitos trances, entrou a tran-

quei-

queira, com que os inimigos ſe acabáram de pôr em desbarato, e a largáram de todo, mandando-lhe D. Jorge de Caſtro dar logo fogo, em que toda ſe conſumio. Eſte dia paſſáram naquella parte, e mandáram (que eram muitos) a Cota pera ſe curarem.

A outro dia foram caminhando até chegarem á outra tranqueira, chamada a Maluana, que eſtava em outro paſſo da meſma traça, e modo de paſſada. E commettendo-a os noſſos por huma parte, e ElRey pela outra, foi entrada, e tomada, ainda que com muitos riſcos, e mortes dos noſſos, e com perda de mais de ſeiscentos dos inimigos, que a largáram.

A outro dia foram ter a outra tranqueira, duas leguas deſta, chamada Grubabilem, que era maior, e mais forte que as outras, por ſer perto da Cidade de Ceitavaca. O panno do muro, que corria na face, era maior, e mais groſſo que os das outras atrás. Em cada ponta tinha dous baluartes mui grandes, e pelo muro muitas guaritas muito bem provídas de gente, e munições. Da parte do rio, que era o meſmo Matual, corria hum eſpeſſo Bambual, e da outra hum muito intratavel mato. Aqui neſta tranqueira eſtava o poder do Madune, poſto que elle eſtava na Cidade. Eſta tranqueira foi commettida com muito grande de-

determinação, e houve neste commettimento muitos casos espantosos, que não particularizamos, porque não sabemos os nomes dos que os obráram; mas por fim do negocio, ainda que foi com perda dos nossos, a tranqueira foi ganhada, e nella ficáram aquelle dia descançando do trabalho, e curando os feridos, que eram muitos.

Ao outro dia foram marchando pera Ceitavaca, que estava duas leguas adiante, e no caminho acháram o Madune com todo o poder. E vindos a batalha, (que foi muito aspera, e cruel, em que houve muito damno,) ficou o Madune vencido, e desbaratado, e foi fugindo pera as serras de Dina Vaca, largando a Cidade em mãos dos nossos, que entráram nella vitoriosos.

He esta Cidade muito grande, e está situada antre quatro serras, e este mesmo rio de Matual a partia pelo meio, (que por outro nome se chama de Calane,) que vem dos confins do Reyno de Candea. Da banda do Sul estam os Paços de ElRey sobre hum tezo, que são feitos a modo de huma formosa fortaleza, com seus muros muito grossos, e fortes, e sobe-se a elles por vinte degráos mui largos, e grandes. He a fortaleza quadrada, e em cada quadra tem tres portas por onde se serve; desta banda fica ametade da Cidade, e da outra do Norte

ou-

outra ametade ; e neſta parte tem o mais ſoberbo, e ſumptuoſo Pagode, que ha em toda àquella Ilha, que he dedicado a hum Idolo ſeu, que ſe chama Paramiſura. A fabrica deſte Pagode he eſtranha, e affirma-ſe que ſe poz nella perto de vinte annos, trabalhando de continuo nella mais de dous mil obreiros.

Entrados os noſſos na Cidade, apoſentou-ſe ElRey nos Paços do irmão, onde achou muitas riquezas; e D. Jorge de Caſtro com os ſeus ſoldados naquella parte da Cidade, que foi mettida a ſacco dos noſſos, e acháram muito ouro, drogas, e fazendas de todas as ſortes, de que ſe enchêram bem. Depois ſe paſſáram á outra banda, e fizeram o meſmo, ſem tocarem os Pagodes, que lho mandou aſſim D. Jorge de Caſtro por amor de ElRey da Cota, que nelles mandou pôr guardas. E as gentes de ElRey foram as que mais roubáram, porque como ladrões de caſa caváram, e deſenterráram muitas riquezas. O Madune, que eſtava recolhido nas ſerras de Dina Vaca, vendo-ſe perdido, e desbaratado, e o irmão ſenhor da ſua Cidade, quiz uſar de ſeu artificio, deſpedindo ſeus Embaixadores a ElRey ſeu irmão, e a D. Jorge de Caſtro, que entráram por Ceitavaca, e foram levados a ElRey, que os ouvio, preſente D. Jorge de Caſtro.

El-

Elles lhe disseram: » Que o Madune seu » irmão lhe mandava pedir misericordia, e » que bem confessava que tinha muitas cul» pas, de que já estava bem castigado, e » arrependido. Que lhe pedia muito se qui» zesse reconciliar com elle, que estava pres» tes pera lhe dar todas as satisfações neces» sarias. » ElRey, que era homem de muito bom coração, e natureza, (cousa alheia desta nação Chingalá,) compadecido das miserias do irmão, parecendo-lhe que já não tentaria contra elle mais suas maldades, disse a D. Jorge de Castro, que elle queria pazes com seu irmão, se lhe a elle parecesse bem. D. Jorge de Castro lhe disse: » Que » fizesse elle naquella materia o que lhe bem » viesse, e o que fosse melhor pera elle, e » pera quietação do seu Reyno. » Com isto despedio ElRey os Embaixadores, por quem mandou dizer a seu irmão: » Que se viesse » pera Ceitavaca, e que alli se reconcilia» riam, e assentariam as pazes, » mandando-lhe hum seguro seu, e outro de D. Jorge de Castro. O Madune foi logo acompanhado de alguns Modeliares mui principaes; e chegando a Ceitavaca, o recebeo o irmão muito bem, abraçando-o com muito amor, e boa vontade, (não havendo cousa alguma disto no Madune,) e presente Dom Jorge de Castro se reconciliáram, e fi-

fizeram pazes , com as condições seguintes:

» Que nunca mais elle Madune faria » guerra a seu irmão, e que lhe largaria to» das as terras que lhe tinha tomadas. E que » daria logo a D. Jorge de Castro cem mil » pagodes pera as despezas daquella Arma» da , pois elle fora occasião da guerra. E » que pera a jornada de Candea daria todos » os servidores , e mantimentos necessarios » por dinheiro. E que ElRey da Cota sería » obrigado a lhe dar tres mil homens pera » o acompanharem nella. »

Feitos estes contratos , ambos os Reys firmáram pazes a seu modo, ficando alli muito amigos. D. Jorge de Castro se começou a fazer prestes pera passar a Candea, como lhe era mandado; e se aquelle Rey se tivesse feito Christão, haveria o trabalho da jornada por bem empregado , e favorecello-hia contra os seus se tentassem alguma novidade, e tambem o reconciliaria com o filho; e quando não, castigallo-hia pelas culpas passadas. E começou a puxar por aquelles Reys , pelas cousas que eram obrigados a lhe dar. O Madune cumprio logo com os cem mil pagodes que devia , com o que D. Jorge de Castro fez duas pagas aos soldados, e assim lhe deo os mantimentos, e servidores que lhe foram necessarios.

El-

ElRey da Cota como era grande amigo dos Portuguezes, pelas muitas obrigações que lhes tinha, entendendo, e conhecendo a malicia do Rey de Candea, e que tudo eram invenções, pelo receio com que estava, quiz tirar a D. Jorge de Castro daquella jornada, pondo-lhe diante muitos inconvenientes, e affirmando-lhe: » Que a jornada era muito arriscada, e perigosa por causa dos passos difficultosos que tinha. E que aquelle Rey posto que era seu primo com irmão, muitas mais obrigações tinha aos Portuguezes que a elle: que lhe affirmava, que não tinha por seguro o fiar-se delle, e porque todas as vezes que visse tempo, e occasião, lhe havia de ordenar todas as traições que pudesse. » D. Jorge de Castro lhe agradeceo aquelle conselho; mas como estava amarrado ao regimento do Governador, não se quiz mover a cousa alguma fóra delle, e lhe pedio a gente que lhe tinha promettido, que lhe elle logo deo.

E depois de tudo prestes, se partio na entrada de Abril, despedindo-se daquelles Reys, e o da Cota se foi juntamente pera seu Reyno. D. Jorge foi caminhando por suas jornadas, de que o Rey de Candea era avisado todos os dias. E receando-se que entrando D. Jorge de Castro no seu Reyno com aquelle poder o prendesse, e castigasse,

ſe, não querendo ficar á ſua cortezia, ajuntou quarenta mil homens, e fortificou a ſua Cidade, com tenção de lhe defender a entrada, trazendo nelle grandes vigias. E huma noite teve rebate, que já os noſſos eſtavam huma legua da Cidade, e acudindo ElRey com aquelle alvoroço, com toda a gente pera o eſperar á entrada della, quiz noſſo Senhor que tiveſſe o Capitão Francez (que eſtava como reteudo com os ſeus ſoldados) tempo pera fugir, e com a eſcuridão da noite foi caminhando, e chegou a D. Jorge de Caſtro, eſtando com o exercito aſſentado huma legua da Cidade, pera ao outro dia entrar nella, e dando-lhe rebate do modo de como ElRey o eſperava, e do grande poder que tinha, e de como tudo foram invenções, ficou D. Jorge ſobreſaltado, e chamou logo os Capitães a conſelho, e perante todos tornou a ouvir o Capitão Francez. Vendo todos aquillo, votáram, » que ſe deviam tornar logo a recolher, por» que eſtavam trinta leguas pelo coração da » Ilha, e que haviam de paſſar muitos paſ» ſos eſtreitos, e difficultoſos; e que ſe a» quelle Rey os foſſe commetter, não tinham » poder pera pelejarem com elle. » Com eſta reſolução alevantáram logo o campo, e voltáram com grande preſſa, mas com muito boa ordem. ElRey de Candea teve pela

manhã recado de ſua retirada, e ſahindo com todo ſeu poder os foi ſeguindo por deſviados caminhos, e adiantando-ſe os eſperou em huns paſſos muito eſtreitos, e difficultoſos, e tomando-os naquellas eſtreituras, em que os noſſos ſe não podiam revolver, os foram derribando ás eſpingardadas, e fréchadas ſem os noſſos terem repairo algum, nem defensão. D. Jorge de Caſtro com os Fidalgos, e Capitães ficáram ſem poderem governar os ſeus, porque como todos hiam a fio, e divididos, e muita diſtancia huns dos outros, não lhes podiam valer, nem elles tinham quem o fizeſſe a elles, que tambem hiam no meſmo riſco, e todos feridos. Aſſim foram pelejando até ſahirem das terras de Candea, em que os deixáram, ficando ſetecentos homens mortos, e perdidos por eſſes matos, em que entravam quatrocentos Portuguezes; e os mais Chriſtãos da terra, e gente da Cota, e todos os mais que eſcapáram feridos de muitas feridas. E indo caminhando pelas terras do Madune, lhe ſahio hum Modeliar ſeu com quinhentos homens, e diſſe a D. Jorge de Caſtro, que o Madune lhe pedia que ſe recolheſſe por Ceitavaca, que o eſperava pera lhe dar todo o neceſſario. D. Jorge de Caſtro moſtrou agradecer-lho muito, e como era prudente, bem entendeo a malicia do Madune,

e diſſe ao Modeliar, que aſſim o faria. E tanto que foi noite, que ſe apoſentou em hum lugar deſviado do Modeliar, depois de o ſegurar, ſe levantou, e tomou o caminho da Cota por caminhos deſviados de Ceitavaca, ficando-lhe nas eſtancias trinta homens mal feridos, e que não podiam caminhar. Ao outro dia pela manhã ſe levantou o Modeliar, e achou as eſtancias vaſias, e tomando o fato que achou, e os feridos, ſe foi pera Ceitavaca. O Madune mandou cortar a cabeça a todos os Portuguezes, dizendo-lhes, que o meſmo houvera de fazer ao Capitão, e a todos. Iſto ſe ſoube depois de hum daquelles, que teve modo com que fugio, e ſe embrenhou, e dahi a alguns dias foi ter a Cota. D. Jorge foi ſeu caminho muito apreſſado, e encontrou ElRey da Cota com toda a ſua gente, que o vinha buſcar, porque já tinha aviſo da deſaventura acontecida, e adivinhada delle. D. Jorge de Caſtro vendo ElRey, ficou deſalivado, e deo-lhe grandes agradecimentos daquelle ſoccorro, e foi-ſe com elle até á Cota, onde ElRey agazalhou a todos os Portuguezes, e os curou, e deo todo o neceſſario. D. Jorge como ſarou ſe foi pera Columbo, e na entrada de Setembro ſe paſſou a Cochim, onde chegou pouco antes do Governador Jorge Cabral.

CAPITULO VIII.

De como o Rey da Pimenta se tornou pera o seu Reyno: e de como o Capitão de Cochim o foi buscar a Bardela: e da grande batalha que lhe deo, em que elle, e ElRey de Bardela morrêram.

DEpois que o Rey da Pimenta fez com o Çamorim as ceremonias de suas perfilhações, se tornou pera o seu Reyno, pouco depois do Governador partido pera Goa, e se metteo em Bardela com gente, e poder pera se defender de ElRey de Cochim, e pera lhe fazer guerra, como começou a continuar com muitos navios por aquelles rios dentro. ElRey de Cochim, e o Capitão da Cidade tratáram de tomar aquelle Rey ás mãos, e de o destruirem de todo; pera o que ajuntáram suas gentes, e foram contra elle, ElRey de Cochim por terra, e os nossos por mar em muitas embarcações. Levava o Capitão Francisco da Silva perto de seiscentos Portuguezes, em que entravam os da Armada de Fernão de Sousa de Castello-branco, que já eram recolhidos por ser em fim de Abril.

Chegados os nossos a Bardela, desembarcáram em terra, sem lho ninguem estorvar, e foram assentar seu exercito em hum

cam-

campo muito grande, que eſtava fóra da Cidade, em que o Rey de Bardela eſtava com todo o ſeu poder, com as coſtas na Cidade. Franciſco da Silva mandou alguns recados a ElRey ſobre ſe tornar a confederar com ElRey de Cochim. E correo iſto de feição, que pedio ElRey que ſe viſſem ſós no meio do campo antre ambos os exercitos, o que Franciſco da Silva acceitou; e vindo ambos ſós á falla, lhe tornou Franciſco da Silva a pôr diante as obrigações que tinha a ElRey de Cochim, e perjuizo que era pera todos aquelles Reys, ajuntar-ſe, e perfilhar-ſe com o Çamorim; porque como era maior em poder que todos, eſtava muito certo fazer-ſe ſenhor de todos aquelles Reynos, o que nunca poderia fazer ſe eſtiveſſem unidos ao de Cochim. Sobre iſto lhe deo tantas razões, que lhe diſſe ElRey, » que faria naquelle negocio tudo o » que quizeſſe. » Franciſco da Silva lhe diſſe: » Que ſe havia de entregar nas mãos de El- » Rey de Cochim, que era ſeu pai, e que » elle diſporia de ſuas couſas como bom fi- » lho. » A iſto refuſou ElRey tanto, que diſſe: » Que antes perderia a vida, e o Eſ- » tado, que fazer tal; que ſe elle o quizeſ- » ſe levar pera Cochim, e tello na fortale- » za em refens, em quanto ſeguraſſe as cou- » ſas da paz, que ſe iria com elle; e que

» tor-

» tornaria a desfazer as perfilhações com o » Çamorim. » Francifco da Silva como era homem de pouco confelho, e governo, ainda que grande cavalleiro, amarrou-fe a fe elle entregar a ElRey de Cochim, fendo bem baftante fatisfação a que elle de fi dava, como era entregar-fe a elle, e depois que tivera em feu poder, o tempo pudera curar tudo, e tornáram-fe aquelles dous Reys a unir, e a aparentar. E vendo que Francifco da Silva não queria concluir com elle naquelle negocio, defpedio-fe delle, dizendo-lhe: » Que pois não acceitava o que lhe » offerecia, que elle trabalharia tudo o que » pudeffe por defender fua cafa. » E recolhido a feu exercito, achou mais dous mil Nayres, que lhe chegáram de refrefco, com que ficou tão foberbo, que fez final de batalha. Francifco da Silva fe poz tambem em campo, e começáram a travar huns com os outros, e da primeira furriada lhe derribou a noffa efpingardaria huma fomma de Nayres, e antre elles quiz Deos que déffe huma efpingardada no Rey da Pimenta, com o que fe foi recolhendo pera a Cidade. E como hia ferido de morte, á porta de feus Paços cahio morto, fem o faberem os que ficavam no campo em batalha muito travada, e cruel, em que houve muito damno de parte a parte.

As novas da morte de ElRey começáram logo a correr, com o que os seus se recolhêram pera a Cidade desbaratados. Francisco da Silva foi seguindo a vitoria, e entrou na Cidade até chegar aos Paços de El-Rey, a que mandou pôr fogo. Os inimigos tanto que víram as labaredas nas casas do seu Rey, tornáram a voltar sobre os nossos com tamanho ímpeto, que começáram a derribar nelles, e a mór parte se começou a recolher com grande desarranjo, ficando Francisco da Silva com perto de cento e sincoenta homens de opinião, que o não quizeram deixar. Alguns casados de Cochim, que sabiam muito bem os costumes dos Nayres, disseram ao Capitão, que se recolhesse, e se contentasse com a vitoria, porque antre os Malavares a maior affronta de todas era queimarem as casas do Rey. Com isto se foi sahindo pera o campo, pelejando sempre com os inimigos, sem saber ainda da morte do Rey. Os inimigos foram crescendo, e carregando sobre os nossos de feição, que se víram perdidos; e ainda quiz a desaventura, pera maior perdição, que naquelle mesmo tempo descarregasse, e se desfizesse em agua huma medonha trovoada, que já estava armada, que era a primeira do inverno, e foi a agua tanta, que affogava os nossos, e impedio a espingardaria com que

não

não pode laborar. Os inimigos entendendo o negocio, e vendo cessar a espingardaria, que era o que os mais assombrava, cobrando animo carregáram sobre os nossos, e com seus arcos, que a chuva não impedia, foram encravando, e derribando bem á sua vontade. Os nossos vendo-se perdidos viráram as costas, e foram-se recolhendo pera a praia, onde estavam os navios, a que se lançavam a nado. Francisco da Silva, que era grande cavalleiro, acompanhado de alguns Fidalgos, e Cavalleiros (que nunca o deixáram) não quiz virar as costas, e foi sempre pelejando com os inimigos, com o rosto nelles, mostrando bem seu valor, e esforço; mas como os inimigos eram muitos, e estavam no campo largo, cercáram os nossos, e apertáram com elles de feição, que derribáram D. Pedro de Sousa, Fernão de Sousa de Castello-branco, Fernão Rodrigues de Mariz, Antonio Machado de Gouvea, e outros Fidalgos, e Cavalleiros, todos de feridas mortaes.

Francisco da Silva vendo aquelle estrago, disse pera os que ainda o acompanhavam: » Que se recolhessem, porque elle se » não queria salvar onde via perder tantos, » e tão esforçados Fidalgos, e Cavalleiros. » E com esta furia remetteo com os inimigos como hum touro feroz, e mettendo-se em

meio

meio delles, fez couſas que eſpantou a todos. Mas como elle era ſó, e os inimigos tantos, e as forças lhe cançáram, cahio ataſſalhado de crueliſſimas feridas. Os inimigos vendo-o cahir, remettêram a elle pera o deſarmarem, ſobre o que houve tamanha referta, (por quererem todos levar delle ſeu pedaço,) que ſe deſcuidáram dos noſſos; e os feridos, que já atrás nomeámos, tiveram tempo pera ajudados dos outros ſe recolherem á praia, onde ſobre a embarcação havia tamanho deſarranjo, que andava o rio coalhado de homens a nado, e aſſim ſe recolhêram com trabalho aos navios: Fernão de Souſa de Caſtello-branco com muitas feridas, e com huma eſpingardada por huma perna, de que ſempre foi manco: D. Pedro de Souſa outra, de que não perigou, e todos os mais com tantas feridas, que Fernão Rodrigues de Mariz levava quatorze; e ſenão fora a morte de Franciſco da Silva, cujos deſpojos embaraçáram os inimigos, nenhum eſcapava.

Recolhidos todos, foram-ſe pera Cochim, e ſuccedeo na Capitanía Henrique de Souſa Chichorro. Ao outro dia mandou buſcar o corpo de Franciſco da Silva, ao que foram alguns navios, e gente, e ao longo da praia o acháram, e a dezeſete Portuguezes mais, nús todos, com feridas mortaliſſimas; e reco-

colhidos todos, ſe tornáram pera Cochim, e lhes deram mui honroſas ſepulturas.

Desbaratados os noſſos, ſe recolhêram os inimigos pera a ſua Cidade, e fizeram as exequias ao ſeu Rey, conforme ao ſeu modo, e coſtume, com muita pompa. E depois de feitas, todos os de ſua caſa, e que tinham delle tenças, e comedías, que ſeriam perto de quatro mil Nayres, ſobre a meſma cova ſe fizeram Amoucos, com ſuas ceremonias, rapando as barbas de huma ilharga, (que he o ſinal pera ſerem conhecidos,) e juráram em ſeus Pagodes de morrerem todos em vingança da morte do ſeu Rey. Feito iſto, logo ſe ajuntáram quinhentos os de mais obrigação, e foram dar na Ilha de Arú, que he de ElRey de Cochim, e a puzeram a fogo, e a ferro. Dalli paſſáram a Cochim de ſima, e entráram huma madrugada pela Cidade, em que fizeram grandes damnos, e cruezas, matando, e eſpedaçando muita gente. ElRey com os da ſua caſa, e todos os mais que puderam, ſe recolhêram pera a noſſa Cidade, que ſe metteo em revolta, porque chegáram os Amoucos até os arrabaldes. O Capitão Henrique de Souſa Chichorro, ajuntando todos os moradores, ſahio a buſcar os Amoucos, e foi apôs elles até Cochim de ſima, e os achou pelejando na Judiaria com os Judeos, que ſe lhes defen-

fendiam mui bem. Os noſſos deram nelles, e os mettêram todos á eſpada ſem lhes eſcapar hum ſó. Feito iſto, deixou o Capitão nas caſas de ElRey Antonio de Sá Pinheiro com trinta ſoldados pera ſua guarda, e elle ſe recolheo pera a Cidade, e fortificou as entradas das ruas, porque ſe eſperava pelos mais Amoucos, tendo ſempre no campo grandes vigias, e atalaias.

CAPITULO IX.

De como o Çamorim paſſou ao Reyno da Pimenta pera tomar poſſe delle, por lhe pertencer pela perfilhação: e de como Fernão Rodrigues de Mariz partio pera Goa no mez de Junho com novas das galés: e da eſpantoſa viagem que fez.

TAnto que o Çamorim teve novas da morte de ElRey da Pimenta, com quem eſtava perfilhado, logo determinou de ir tomar poſſe daquelle Reyno, como herdeiro delle, e começou a ajuntar ſeu poder com muita preſſa. Diſto foi logo aviſado ElRey de Cochim, que mandou rebate a Henrique de Souſa Chichorro, que vendo a importancia do negocio, mandou com muita preſſa armar perto de quinze navios, catures, manchuas, e tones, em que vam cento e ſincoenta homens, e por Capitão mór de todos elegeo

geo ſeu cunhado Antonio Correa, irmão de ſua mulher, cavalleiro mui honrado, e antigo no ſerviço de ElRey, e lhe deo por regimento, que foſſe pelos rios dentro metter em Chor a Manchora. (He eſta huma alagôa, que fica nas coſtas da Cidade de Panane, que he tão grande, que affirmam os naturaes que tem vinte leguas em roda, e nella entram todos aquelles rios, que vão ſahir ao mar, que deſcem da ſerra, e por elles podem entrar navios de remo até ſe metterem nella. No verão ſe ſécca toda, ficando no meio della ſempre hum braço do rio, em que nadão catures; e todos os campos á roda ſe ſemeão de arroz, de que ſe colhe huma grande quantidade.) E porque forçado o Çamorim havia de paſſar hum daquelles rios pera eſtoutra banda de longo da alagôa, mandou o Capitão a ſeu cunhado que ſe metteſſe nella, e lhe defendeſſe o paſſo.

Partidos eſtes navios pelos rios de Cochim dentro, foram entrar na alagôa, onde ſe deixáram eſtar com grande vigia. João Pereira, Capitão de Cranganor, com a gente de ſua obrigação, e ElRey de Cochim, tambem ſe foi pôr em outros paſſos, porque tiveſſe o Çamorim tudo impedido. Elle tanto que teve a ſua gente junta, começou a marchar, e chegando aos eſtreitos por onde havia de paſſar, achou todos impedidos
dos

dos noſſos navios. Antonio Correa tanto que vio a gente do Çamorim, começou-os a varejar com a artilheria de feição, que lhe ferio, e derribou muitos; e os inimigos da outra banda ſe puzeram tambem com os noſſos ás eſpingardadas todos os dias, e noites, que foram muitos, em que houve damno d'ambas as partes. As munições dos noſſos ſe gaſtáram todas; mas João Pereira os proveo de tudo o neceſſario, por hum paſſo que ſe chama de Matepirão, que he o mais ſecco de todos.

Diſto foi aviſado o Çamorim, e mandou hum groſſo poder a tomar aquelle paſſo pera impedir os provimentos aos noſſos navios. João Pereira, Capitão de Cranganor, tanto que teve rebate daquelle negocio, ſe paſſou ao paſſo com todo o poder, donde ſe poz á bataria com a gente do Çamorim, com quem teve algumas eſcaramuças, em que os noſſos fizeram couſas muito notaveis, que por ſerem muitas, e miudas as deixamos, porque não ſoffre a hiſtoria tanto. E todavia de tal maneira lhe defendêram os noſſos os paſſos, que deſconfiado o Çamorim, ſe carteou com ElRey de Diamper, que era do ſeu bando, pera que lhe déſſe paſſagem por ſeu Reyno pera o da Pimenta. Diſto foi tambem aviſado Antonio Correa, e mandou-lhe tomar o paſſo de Malu-

tur,

tur, que he pelo pé da ſerra, por onde elle pertendia paſſar; mas como o rio alli de maré vaſia não deixava agua pera os navios nadarem, foi-lhes neceſſario affaſtarem-ſe por não ficarem em ſecco. Com iſto teve o Çamorim tempo pera paſſar á outra banda, o que ainda não pode fazer ſenão em trajos de Jogue, que foi a couſa mais vituperada pera elle, que todas as da vida. E ajuntando-ſe com ElRey de Diamper, e com outros do ſeu bando, paſſou ao Reyno da Pimenta, e tomou poſſe delle, perfilhando o Principe ſobrinho do morto em Principe herdeiro, como tinha feito em vida de ſeu tio.

O Capitão de Cochim, tanto que ſoube ſer o Çamorim paſſado, armou todos os navios que pode, e mandou recolher Antonio Correa ſeu cunhado, e lhe deo mais navios, e gente, com que andou pelos rios de Bardela, e Diamper dentro, fazendo toda a guerra que pode, dando-lhes em muitos lugares que lhes abrazou, e queimou. O Capitão de Cochim ajuntando todos os caſados, e toda a mais gente que havia em Cochim, foi dar na Ilha de Parebalão, que era do Rey da Pimenta, e a deſtruio de todo, matando-lhe muita gente. E deſejando de dar em Bardela, mandou ſolicitar os Reys de Porca, e de Palur, e o Mangate Caimal, e

o Mangate Casta de Lua, e outros Senhores, e Caimais, (que sempre foram do bando de ElRey de Cochim,) pera se ajuntarem com elle; e não só se escusáram, mas ajudáram o Çamorim, porque estavam escandalizados do Governador Martim Affonso de Sousa lhes tirar as tenças, que lhes ElRey de Portugal mandou dar, pelos muitos serviços que todos lhe fizeram nas guerras contra o Çamorim, quando se quiz ir coroar a Repelim, (como na quinta Decada no Cap. I. do I. Liv. fica dito,) por onde se verá quanto em prejuizo da Fazenda de ElRey, e do Estado da India são algumas crecensas, que certos Governadores, e Viso-Reys querem fazer á Fazenda de ElRey, só pera tirarem Certidões de serviços, podendo-se chamar mais deserviços, e destruição de sua Fazenda, que o nome que lhe elles querem pôr; porque desta pouquidade que estes tinham de tença, que se lhes tirou, com que os tinham seguros no serviço de ElRey de Portugal, nasceo passaremse á parte do Çamorim em damno do Estado, e não acudir pimenta pera as náos, em que ElRey recebeo muitos annos huma mui notavel perda, e fazerem-se muitas despezas em grandes Armadas pera andarem pelos rios de Cochim, fazendo vir a pimenta não só comprada a mais dinheiro, mas ain-

ainda á custa de muito sangue de vassallos Portuguezes.

E tornando á nossa ordem, a guerra ficou durando todo o inverno com muitos trabalhos, gastos, e despezas, com que tambem os inimigos ficáram bem quebrantados. Neste tempo, que era em Junho, escreveo o Capitão de Chalé huma carta ao de Cochim, em que lhe dizia, » que chegára huma náo a Capocate em Maio, que viera
» de Meca, e dava por novas certas, que
» ficava em Suez huma Armada de galés pos-
» ta já no mar pera passar á India, e que
» elle tinha mandado tres, ou quatro Pata-
» mares por terra com recado ao Governa-
» dor, e que todos lhe tomáram a gente do
» Çamorim; que lhe pedia, vista a impor-
» tancia do negocio, trabalhasse por avisar
» ao Governador por todas as vias que pu-
» desse. »

Vendo Henrique de Sousa Chichorro quanto aquillo importava, e que não havia ainda o caminho pelas terras do Pande (que são pera sima da serra) descuberto, como depois se descubrio, quiz arriscar hum navio por mar, (posto que era começo do inverno,) que começou logo a negociar com muita pressa. Pera esta jornada se offereceo Fernão Rodrigues de Mariz, que se negociou, e a tres dias do mez de Junho deo á

vé-

véla, levando comsigo sete companheiros. E navegando com mares muito grossos, alagados, e destroçados, foram tomar Chalé, onde se reformáram de todo o necessario; e dando-lhe o tempo hum pequeno jazigo, tornou a seu caminho, com mares tão grossos, e soberbos, que os comiam, e assim foram ferrar a bahia de Cananor com mantimentos podres, e perdidos. Alli se refizeram de outros, e tornáram á sua jornada. E indo de monte Deli pera diante lhe cursou o tempo de feição, que se víram perdidos; e o que peior foi, que era o vento travessão, que os não deixava navegar. E por não darem á costa, surgíram tanto á vante como o rio de Mangesirão, onde estiveram com infinito trabalho já desconfiados das vidas. Os mares cresciam tanto, e tão apressados, que se affirma lhe deram oito juntos, com que o navio se virou; e os Portuguezes tiveram tanto acordo, que cortáram a amarra, e afferrados todos no navio, e amarrados a cordas, e assim mesmo os marinheiros, permittio Deos que os mesmos mares fossem encaminhando o navio até o embocar pelo rio de Mangesirão dentro; e tanto que o masto, que hia direito pera baixo, tocou no fundo, com a força da pancada saltou o navio pera sima, e tornou a ficar virado, e os Portuguezes encapellados;

e a nado tornáram a ferrar o navio, sem perigar algum delles, e assim chegáram á povoação com o navio destroçado, e desbaratado. Os naturaes deste rio estavam de paz com o Estado, mas andavam travados em guerra huns vizinhos com outros; e os da terra agazalháram os nossos, e lhes deram por seu dinheiro tudo o de que tiveram necessidade pera o concerto do navio. Só mantimentos não acháram, porque por causa da guerra estava tudo perdido, e por grande aderencia lhes deram dous fardos de arroz por sincoenta pagodes, e com elles, e algum peixe tornáram a sua viagem, e alagados muitas vezes, e com immensos trabalhos, e perigos foram ferrar Goa a velha pelo S. João, e por dentro dos rios chegáram a Goa.

Fernão Rodrigues de Mariz se vio com o Governador, e lhe deo as cartas, que de molhadas se não podiam ler, e lhe contou todas as novas do que era passado, assim das galés, como da morte de Francisco da Silva, e da passagem do Çamorim ao Reyno da Pimenta. Isto sentio o Governador muito, porque eram cousas que molestavam o Estado, e porque as novas das galés lhe não haviam de deixar acudir áquellas cousas, como era necessario. A Fernão Rodrigues de Mariz fez muitas honras, e mercês, e o mes-

mesmo a seus soldados, por se arriscarem assim em huma viagem tão perigosa pelo serviço de ElRey. Com estas novas mandou o Governador dar mais pressa ás cousas da Armada, porque sem dúvida esperava as galés na entrada de Setembro. E deixallo-hemos agora por hum pouco, porque he necessario continuar com as cousas de Maluco, que nos cabem aqui.

CAPITULO X.

Das cousas, que acontecêram em Maluco até chegar Jordão de Freitas: e de como Bernaldim de Sousa entregou a fortaleza a Christovão de Sá: e de outras cousas que mais passáram.

TEmos deixado as cousas de Maluco em tregoas, os nossos com o Rey de Geilolo, que se tinha feito o mais poderoso de todos os daquelle Archipelago. E como era máo, e tyranno, e inimigo do nome Christão, fazia toda a guerra que podia aos Christãos de Moro, dando-lhes em suas povoações, destruindo-lhas, matando, e cativando muitos; e contra o contrato das tregoas recolhia em sua Cidade todos os escravos dos Portuguezes que fugiam de Ternate. Disto andava tão escandalizado Bernaldim de Sousa, que desejava de lhe dar hum

muito grande caſtigo, primeiro que foſſe outro Capitão. E pera ter occaſião de quebrar as tregoas, commetteo-o ElRey de Ternate, que lhe deixaſſe fazer repreza em alguma gente de Geilolo, que alli andava na Cidade, pera a troco della haver os eſcravos que aquelle Rey lá tinha em ſeu poder. Diſto ſe eſcuſou ElRey, aſſim por ſe temer do outro, como por ſer ſeu genro, ſeu parente, e Mouro como elle. Mas depois tendo alguns aggravos delle, diſſe a Bernaldim de Souſa, que naquella materia podia fazer tudo o que lhe bem pareceſſe, que elle o ajudaria com tudo o que pudeſſe. Com iſto mandou logo Bernaldim de Souſa armar algumas fuſtas, e corocoras, e as proveo de gente, e munições, e as repartio em duas Capitanías, huma dellas deo a Ruy Dias Coelho, moço da Camara do Duque de Bragança, (que então ſervia de Capitão mór do mar,) a outra deo a Manoel Lobo, e os deſpedio, dando-lhes por regimento, que ſe foſſem á Ilha do Moro, cada hum por ſua parte, e que fizeſſem por aquella coſta do Reyno de Geilolo toda a guerra que pudeſſem.

Paſſados eſtes Capitães ao Moro, deram em alguns lugares, que mettêram a ferro, e a fogo, e cativáram algumas peſſoas. E depois de terem bem de cativos, mandáram

di-

dizer ao Rey de Geilolo por via de Raque Naque, Regedor do Tolo: » Que lhes » mandasse a artilheria que tinha da fortale» za, e os escravos dos Portuguezes, e que » lhe mandariam os cativos que tinham. » A isto respondeo elle: » Que não daria o » mais ruim berço por todos os cativos. » Com este desengano se recolhêram a Ternate. O Capitão mandou apregoar logo guerra contra ElRey de Geilolo, e concertou-se com ElRey de Ternate de lhe fazerem toda a que pudessem; e assim armou logo ElRey suas corocoras, e mandou Cachil Guzarate seu meio irmão da parte da mãi, e seu Capitão mór do mar, pera que fosse por toda a costa de Geilolo, e a destruisse; e o Capitão mandou em sua companhia Ruy Dias Coelho com toda a Armada da fortaleza. Passados ambos ao Moro, deram em muitos lugares de Geilolo, e depois de os destruirem se foram pôr sobre a sua barra, e os tiveram de cerco, sem ousarem as embarcações dos pescadores a sahirem fóra, porque logo eram tomadas, o que aquelle Rey teve por muito grande affronta. Passado o tempo do seu provimento, voltáram pera Ternate com muitas prezas, e cativos. Depois disto se embarcou o Rey de Ternate na mesma Armada, levando comsigo os Portuguezes, e passou a Geilolo; e huma

ma-

madrugada desembarcou em hum lugar chamado Geima, e o destruio, e abrazou de todo, não deixando cousa alguma em pé; e querendo dar em outros lugares, lhe chegáram novas, que eram vindos navios da India, e que Jordão de Freitas vinha por Capitão da Fortaleza. E como elle era seu inimicissimo, sentio-o tanto, que levou mão da guerra, e voltou pera Ternate. Christovão de Sá, e Jordão de Freitas chegáram ao porto de Talangame, onde surgíram, e logo se foram á fortaleza, e Bernaldim de Sousa os recebeo muito bem. Christovão de Sá lhe apresentou a Provisão, e a carta de guia que levava, por cuja virtude lhe entregou logo a fortaleza, do que Jordão de Freitas ficou sobresaltado, porque não sabia das Provisões. Bernaldim de Sousa vendo que não se podia ir aquelle anno pera a India, (porque estava fazendo huma náo no porto de Talangame pera se ir nella,) passou-se pera lá com todos seus criados, e amigos, que eram mais de trinta pessoas, (porque se receou que os Geilolos lhe fossem queimar a náo,) e alli se deixou estar, dando-lhe pressa. Christovão de Sá ficou correndo com a obrigação da fortaleza.

Jordão de Freitas tomou casas em terra, onde se aposentou até lhe caber o tempo, sem correr com ElRey, nem ElRey

com

com elle ; antes muitas pessoas lhe aconselhavam, que devia reconciliar-se com ElRey, pois havia de ficar naquella fortaleza, o que elle não quiz fazer. O Rey de Geilolo affrontado, e magoado dos nossos lhe destruirem seus lugares, armou as suas corocoras, e mandou ao seu Capitão mór que trabalhasse por lhe queimar a náo de Bernaldim de Sousa. Esta Armada chegou huma madrugada ao porto de Talangame, e querendo desembarcar sentio grandes vigias, e tornou-se a recolher. Dalli passou adiante, e foi dar em hum lugar da mesma Ilha, chamado Xulá, e o queimou, e abrazou. Bernaldim de Sousa tanto que sentio os inimigos, acudio á praia pera lhes defender a desembarcação, e dahi a pouco vio o fogo no lugar de Xulá, e sentio muito não ter navios pera sahir aos inimigos ; e vindo amanhecendo chegáram alli seis corocoras, em que vinha Cachil Page, irmão de El-Rey, acudir a Xulá, pelo fogo que em Ternate víram. Bernaldim de Sousa estimou muito sua chegada, e embarcando-se com vinte homens em huma corocora, foi com elles buscar os inimigos ; e chegando a Xulá, víram ir a Armada de Geilolo já affastada, e recolhendo-se. Cachil Page, e Bernaldim de Sousa os foram seguindo até á tarde com tanta furia, que Bernaldim de Sousa,

ſa, que hia diante, chegou a tiro de eſpingarda. E olhando pelas corocoras de Cachil Page, vio que ficavam mais de huma legua atrás, o que Cachil Page fez de induſtria, porque era fraquiſſimo, e muito puſillanime; e entendendo de Bernaldim de Souſa que havia de pelejar com a Armada de Geilolo, ſe fez manco, e deixou-ſe ficar. Bernaldim de Souſa vendo-ſe tão perto dos inimigos, e que não levava navios pera os commetter, foi ſua paixão tamanha, que rebentava; e vendo que ſería temeridade commetter ſó os inimigos, tornou a voltar pera Ternate, e os inimigos foram ſeu caminho ſem o querer ſeguir. E chegando a Talangame muito affrontado daquella retirada, querendo-ſe ſatisfazer della, mandou fazer queixume a ElRey de ſeu irmão Cachil Page, e pedir-lhe que lhe mandaſſe ſinco corocoras, e mandou convidar á fortaleza ſeus amigos pera o acompanharem em huma jornada que queria fazer. ElRey lhe mandou as corocoras, e da fortaleza lhe acudíram mais de ſincoenta homens. E embarcando-ſe com todos os Portuguezes que alli tinha, e com os que lhe acudíram, partio pera Geilolo. Chegando ao ſeu porto, lançou em terra huma peſſoa, por quem mandou deſafiar ElRey pera huma batalha no mar com todas as corocoras que elle quizeſſe, porque

que elle com ſó aquellas ſinco o eſperava. ElRey acceitou o deſafio, mas não lhe ſahio. Bernaldim de Souſa eſperou todo aquelle dia, e noite, e ao outro dia tornou dar á vela pera Ternate, ficando ElRey muito abatido daquelle negocio. A guerra ficou correndo huns aos outros, toda a que podiam, dando huns nos lugares dos outros. Em hum deſtes aſſaltos foi cativo aquelle ſoldado de Geilolo, que cortou a cabeça ao Portuguez, por cujo feito lhe deo o Rey de Geilolo a filha que tinha caſada com ElRey de Ternate; e ſendo conhecido, o leváram a ElRey de Ternate, que o mandou enforcar na praia. Neſte eſtado deixamos as couſas de Maluco até ſer tempo de tornar a ellas.

CAPITULO XI.

Das couſas, que o Governador Jorge Cabral fez em Goa: e de como lhe vieram novas, que as galés ſe tornáram a deſarmar, e deſpedio Manoel de Souſa de Sepulveda pera Cochim: e de como cercou os Principes Malavares na Ilha de Bardela: e do que mais ſuccedeo.

PAſſado o Çamorim ao Reyno da Pimenta, (como atrás temos dito no Cap. IX. deſte Liv. VIII.,) mandou logo convocar todos os Principes Malavares do ſeu bando, que

que eram dezoito, em que entrava ElRey de Tanor feu vaſſallo, o que ſe fez Chriſtão em tempo de Garcia de Sá, (como fica dito no Cap. V. do VII. Liv.) que lhe acudíram com todo o ſeu poder. Elle os mandou paſſar á Ilha de Bardela com trinta mil Nayres, e ſinco, ou ſeis mil Amoucos da obrigação do Rey morto, pera dalli paſſarem a Cochim a tomar vingança da morte daquelle Rey, deixando-ſe elle ficar da banda do Chembe com cem mil homens de guerra, de maneira, que toda a potencia do Malavar eſtava alli junta. Henrique de Souſa Chichorro, Capitão de Cochim, fortificou muito bem a Cidade, e ElRey de Cochim ajuntou perto de quarenta mil homens pera defender ſeu Reyno. Diſto aviſáram por terra ao Governador por muitos Patamares, que chegáram logo após Fernão Rodrigues de Mariz. O Governador andava muito occupado na preparação da Armada, porque determinava ir buſcar os Rumes, e ficou embaraçado, vendo que ſe lhe offereciam eſtoutros trabalhos de novo, que não eram menores, nem de menos obrigação pera acudir, que os das galés, porque eſtava aquelle Reyno arriſcado a ſe perder de todo, o que ſería deſtruição do Eſtado.

Com eſtas couſas ficou ſuſpenſo, e chamou muitas vezes a conſelho os Fidalgos,

e

e Capitães, e em todos ouvio varios pareceres. E como o Governador desejava de saber o de todos os da Cidade sobre aquella materia, mandou pôr na Sé de Goa huma caixa com algumas fendas por sima por onde podiam caber cartas, e mandou pregar escritos pelas portas das Igrejas, e prégar pelos Pulpitos: » Que toda a pessoa, de » qualquer qualidade que fosse, que lhe qui- » zesse dar seu parecer naquella materia, o » fosse lançar dentro naquella caixa, ou de- » clarando seu nome, ou encubrindo-o, pe- » ra que mais livremente pudessem dizer tu- » do o que entendiam; » e assim se começáram a lançar muitos.

E pela mesma maneira escreveo ás Cidades de Chaul, e Baçaim o trabalho em que ficava, pedindo que tambem lhe dessem sobre elle seus pareceres, e o quizessem ajudar com navios, e gente pera aquella jornada, pondo-lhes diante as obrigações de leaes, e bons vassallos, e como aquella necessidade era general, e cabia a todos sua parte. Estas cartas lhes foram dadas, e logo lhes respondêram: » Que estavam todos » prestes pera sacrificarem as vidas por ser- » viço de Deos, do Rey, e defensão de seu » Estado. » Ainda que a Cidade de Chaul dizia na sua carta, (cuja cópia temos em nosso poder:) » Que sem embargo dos mui-

» tos

» tos aggravos que tinham dos Governado-
» res paſſados, em neceſſidade tão urgente,
» e forçada, elles ſe não lembravam mais que
» do ſerviço de Deos, e de ElRey; que el-
» les offereciam doze navios armados á ſua
» cuſta, de marinheiros, ſoldados, manti-
» mentos, e munições pera tres mezes; e ou-
» tros doze com ſeus marinheiros, e que de
» ſoldados, e mantimentos os proveſſe elle;»
e aſſim os começáram logo a negociar com
muita preſteza. O Governador dava em Goa
muita preſſa a todas as couſas, pera como
o Verão entraſſe, eſtar poſto no mar pera
acudir aonde foſſe mais neceſſario. E como
tinha Armada, e armazens encarregado a
Capitães, que corriam com iſto, deſcançava
nelles, e provía nas couſas de fóra; porque
naquelle Inverno ſe não tratou de outra cou-
ſa, mais que das que cumpriam á Arma-
da. E indo veſpera de Sant-Iago á ribeira
a viſitar a Armada, perguntou áquelles Ca-
pitães, em que eſtado eſtavam, e elles lhe
diſſeram, que tudo preſtes; e que cada vez
que quizeſſe pôr toda a Armada no mar,
o podia fazer. Diſto ficou o Governador tão
alvoroçado, que vendo eſtar o meſtre da
ferraria, o chamou, e lhe diſſe: » Que fizeſ-
» ſe logo trezentos pandeiros pera ſe re-
» partir pela Armada,» (porque era muito
amigo de folías.) E aſſim andavam as Arma-

das

das tão alegres naquelle tempo, que se podia embarcar nellas por entretenimento.

E estando com este alvoroço, mandando lançar os navios ao mar, lhe chegáram as cartas de Chaul, e Baçaim do offerecimento dos navios. E juntamente lhe escreveo Francisco Barreto, Capitão de Baçaim: » Que chegára áquelle porto huma náo que » viera de Meca no fim de Maio, que affir» mava que o Turco mandára ao Baxá, que » estava em Suez negociando a Armada, que » sobreestivesse, e não se bolisse até seu re» cado, e com isso se tornáram as galés a » desarmar; e que era nova muito certa, e » averiguada. » Estas novas festejou o Governador muito, por lhe ficar tempo desoccupado pera as cousas de Cochim.

E logo com muita pressa despedio Manoel de Sousa de Sepulveda com quatro navios de remo, de cujos Capitães não achámos mais nomes, que de Gonçalo Vaz de Tavora. E lhe deo por regimento, que se fosse a Cochim, e que com a Armada de Fernão de Sousa, e com todos os navios que mais se pudessem armar, se fosse lançar sobre a Ilha de Bardela, onde estavam os Principes Malavares; e que os tivesse dentro reteudos até elle chegar, porque logo partia apôs elles. Manoel de Sousa de Sepulveda sahio com os navios por Goa a ve-

lha

lha no fim de Julho, (por a outra barra eſtar ainda ſoberba, e perigoſa.) E dando á véla foi ſeguindo ſeu caminho com muito riſco, e trabalho, e em poucos dias chegou a Cochim. E ajuntando-ſe com o Capitão da Cidade, armáram todos os navios que havia, que eram perto de trinta, e embarcando nelles muita, e boa gente, que alli invernou, ſe paſſou logo a Bardela, e ſe lançou ao derredor de aquella Ilha, fechando nella aos Principes Malavares, de feição, que ſe não podiam ſahir, nem ſerem ſoccorridos do Çamorim, que eſtava da outra banda do Chambe, como diſſemos. E logo deſpedio recado ao Governador de ſua jornada, e de como os Principes Malavares eſtavam enſerrados em Bardela, e que alli lhos tinha todos pera lhos entregar nas mãos quando quizeſſe.

CAPITULO XII.

Do que aconteceo a Luiz Figueira com humas galés de Rumes: e de como foi ao Cinde, e favoreceo aquelle Rey contra os Nautaques: e da deſgraça que lhe aconteceo.

LUiz Figueira, que deixámos invernando em Ormuz com a ſua Armada, tanto que entrou Agoſto, negociou os navios,

e

e os proveo do neceſſario; e de quinze do mez por diante ſe embarcou, ficando Gil Fernandes de Carvalho em Ormuz com a ſua fuſta. Depois em Setembro partio pera Goa, onde chegou em Novembro, e ſabendo ſer o Governador em Cochim, o foi lá buſcar. Luiz Figueira foi ſeguindo ſua jornada pera o cabo de Reſolgate, (porque já em Ormuz havia novas, que ſe víram pôr naquella paragem quatro galés pequenas, e as meſmas novas achou em Maſcate, onde os Portuguezes eſtavam já ſobre aviſo, e preſtes com grandes vigias ſobre elles, com determinação de lhes defenderem a deſembarcação, ſe a quizeſſem commetter,) e paſſando adiante chegou á ribeira de Teve, onde fez aguada, e alli lhe deram novas, que as galés eſtavam em Jór, hum lugar dalli a... leguas. E negociando os navios, e fazendo preſtes as munições, ſahíram dalli todos poſtos em armas, e antes de chegarem a Jór, houveram viſta de quatro galeotas grandes, e formoſas. Andava nellas hum Mouro grande coſſario, chamado Cafár, que tinha ſahido de Meca com tenção de ſaquear Maſcate, e ſaquear as náos que em Outubro haviam de partir de Ormuz pera Goa, e pera outros portos da coſta da India. Os inimigos tanto que houveram viſta da noſſa Armada, virando em outro bordo, voltáram

pe-

pera trás, dando toda á véla, e ajudando-se do remo foram fugindo o mais que pudéram. Luiz Figueira foi seguindo os inimigos tambem com a mesma pressa; e como elles lhes levavam muita vantagem, e as galeotas eram muito ligeiras, se foram melhorando de feição, que dobráram o cabo de Rosalgate pera fóra, e tomáram o caminho pera o Estreito de Meca de longo da costa. Luiz Figueira tambem dobrou o cabo apôs ellas, levando-as á vista, e seguio-as pouco, porque desconfiado de as não poder alcançar, as largou. Alguns lhe deram culpa de não as seguir até o Estreito de Meca, havendo que sem dúvida as alcançára, e tomára em algum pòrto. Deixadas as galés, voltou Luiz Figueira pera o caminho de Goa, e foi tomar o Cinde; os respeitos porque, nós o não sabemos. ElRey que estava na Cidade de Tatá, sabendo da nossa Armada, mandou hum Embaixador ao Capitão mór della a pedir-lhe » que lhe quizesse castigar os Nautaques, que lhe estavam rebellados, e que lhe faria paga aos » soldados, e despeza da Armada. » Luiz Figueira querendo servir naquelle negocio, mandou sinco, ou seis navios pera irem dar no porto dos Nautaques, e destruillos. Estes navios foram áquelle negocio com o olho nas prezas que se esperavam, e andáram pe-

las

las coſtas dos Nautaques dando-lhes em alguns portos, e povoações, em que fizeram algum damno. E andando por ella, deo hum dos noſſos navios em ſecco, em parte onde acudíram os da terra, e cortáram as cabeças a todos os Portuguezes, e tomáram o navio com toda ſua artilheria, ſem os noſſos lhes poderem valer: e não ceſſando aqui o mal, deo outro navio em huma reſtinga, onde ſe perdeo, mas ſó ſe ſalvou a gente nos mais navios. Com eſtas avalias ſe recolhêram os mais pera o Capitão mór, que ſentio em eſtremo aquelle negocio, e o houve por grande mofina ſua. E como andava com ſobeja deſconfiança do negocio das galés, (que os ſoldados lhe não perdoáram em matracas, que de noite lhe davam,) acabou aquella deſgraça, ou deſaſtre de o deſconfiar de todo, entriſtecendo-ſe de maneira, que o entendêram todos nelle; e dando á véla pera Goa, chegou áquella Cidade já em Novembro, ſendo o Governador Jorge Cabral partido pera Cochim, como no Capitulo adiante ſe dirá; e tomando algumas couſas neceſſarias, ſe partio em buſca delle, e chegou áquella Cidade, depois do Viſo-Rey D. Affonſo ſer nella, como tudo melhor ſe dirá adiante.

CAPITULO XIII.

De como o Governador Jorge Cabral partio pera Cochim, e de caminho destruio as Cidades de Capocate, Tiracole, Coulete, e Panane: e de como estando pera dar em Bardela, lhe deram novas que era chegado o Viso-Rey D. Affonso de Noronha.

TAnto que o Governador despedio Manoel de Sousa de Sepulveda, logo poz toda a sua Armada no mar, e ficou esperando que viessem náos do Reyno pera saber novas, e tomar dellas mais gente. E tanto que o Verão entrou, escreveo a Chaul, e Baçaim, que ficava posto no mar esperando pelos navios que lhe haviam de mandar, e entre tanto deo despacho a muitos negocios, e fez paga aos soldados, no que se gastou todo o mez de Setembro. E vendo que tardavam náos, e que já não podiam ir senão a Cochim, foi-lhe necessario aviar-se mais depressa, porque se lá as achasse, e lhe viesse successor, se poderia embarcar pera o Reyno; e assim se saffou de todos os negocios, e se embarcou de quinze de Outubro por diante, entregando o governo ao Bispo, Capitão da Cidade, e Ouvidor Geral, e na barra esteve até lhe chegarem os

na-

navios do Norte, que foram perto de trinta, com muitos, e bons ſoldados, com cuja vinda ſe fez logo á véla já no fim do mez. A Armada que levava era de mais de cem navios, em que entravam perto de vinte galeões, náos, e galés, e tudo o mais fuſtas, e bargantis. Os Capitães, e Fidalgos, que neſta jornada o acompanh{aram}, dos que pudemos achar os nomes, são os ſeguintes:

D. Antonio de Noronha, filho do Viſo-Rey D. Garcia de Noronha, Baſtião de Sá, Pantaleão de Sá ſeu irmão, D. João Henriques, Franciſco de Mello Pereira, João de Mendoça, D. João Lobo, Martim Affonſo de Miranda, Pero Botelho, Martim Affonſo de Mello Ombrinhos, Fernão Gomes de Souſa, Gil Fernandes de Carvalho, Lopo Vaz de Siqueira, Diogo Botelho, Pedro Affonſo de Avelar, Jorge de Mendoça, e outros muitos Fidalgos, e Cavalleiros. E ſeguindo ſua jornada, foi pela coſta do Malavar, aſſolando, e deſtruindo tudo, e deſembarcou em Tiracole (cujo proprio nome he Quiçore) huma Cidade do Reyno do Çamorim, grande, e formoſa, e de muito trato, e mercadores, aſſentada, e eſtendida ſobre a coſta brava duas leguas do rio de Pudepatão pera o Sul, que queimou, deſtruio, aſſolou, e roubou, achando os ſoldados nella grandes prezas. O meſmo fez á

Cidade de Coulete, que deixou abrazada, e ſeus palmares cortados, e todas ſuas embarcações feitas em carvões. E chegando a Calecut, determinou de deſembarcar, e deſtruir aquella Cidade, (porque ſería a maior affronta que ſe poderia fazer ao Çamorim,) mas foi contrariado de todos os Fidalgos da Armada, que lhe diſſeram: » Que não era » bem ſe arriſcaſſe a lhe acontecer hum deſ» aſtre; que era neceſſario poupar-ſe, e ir » inteiro pera o negocio de Bardela, aonde » tinha todos os Reys, e Principes Malava» res, e lhe não podiam fugir das mãos, que » era o mór, e mais importante negocio da » India, e o mais honroſo, pera o que era » neceſſario ir com a mão muito folgada. » Sómente D. João Henriques, e Luiz Xira Lobo foram de contrario parecer, dizendo: » Que ſe quando alli não eſtava o Çamorim » ſe não queimaſſe aquella Cidade, quando » ſe eſperava poder-ſe fazer? Que ſó por cre» dito de ſe dizer antre os Reys Mouros da » India, que deſembarcára nella, o havia » de fazer. » Mas como os outros votos foram tantos, e mais, deixou o Governador aquelle negocio, e paſſou adiante. Chegando ao rio de Panane, entrou nelle com todas as galés, e navios de remo pera queimar aquella Cidade, por ſer a ſegunda do Reyno de Calecut, e a mais rica, e de mór

trato que todas, e porque dellas ſahiam todos os annos muitas náos carregadas de pimenta, e gengivre pera Meca. E entrando no rio, deſembarcou em terra, e commetteo a Cidade; e poſto que nella achou grande reſiſtencia, foi entrada dos dianteiros, que foram por dentro della pelejando com os inimigos, e huma multidão delles ſe recolheo a huma formoſa Meſquita, que foi commettida dos noſſos, e a entráram, mettendo á eſpada a mór parte dos que eſtavam dentro; e hum tropel delles, que ſeriam quaſi ſeſſenta, ſe recolhêram a huma torre, a que ſe ſubia por huma eſcada de caracol. Os noſſos commettêram a entrada da porta, que lhes foi muito bem defendida, e ſobre ella feríram alguns dos noſſos, em que entrou Baſtião de Sá, que eſtava mais chegado á porta, trabalhando por entrar dentro com muito valor, e esforço. A eſte tempo chegou D. Antonio de Noronha, filho do Viſo-Rey D. Garcia de Noronha, que era hum homem agigantado, e muito grande cavalleiro; e vendo o trabalho em que os noſſos eſtavam, e como os Mouros ſe defendiam, paſſou por todos, e chegando á porta com huma eſpada de mão e meia, que levava, e alçando o eſcudo ſobre a cabeça, commetteo a porta, e a entrou, e ao tempo que levantou o eſcudo ſe arremeſſou hum

Mou-

Mouro a elle, e lhe deo huma ferida por debaixo do braço, que lhe ficou descuberto; mas elle tanto que foi dentro, começou a cortar nos inimigos de feição, que os arrancou do lugar, e os foi levando pela escada assima, indo já com elle alguns dos nossos, em que entrava Bastião de Sá; e chegando com elles ao alto, que era mais largo, tiveram huma mui formosa batalha, em que os Mouros por defensão de sua vida pelejáram muito bem; mas em fim todos foram despedaçados.

Despejada a Cidade, poz o Governador toda a sua gente no campo, que seriam perto de quatro mil homens, e mandou Francisco de Siqueira com alguns Capitães, que fossem com os navios de remo queimar as náos, que estavam duas leguas pelo rio dentro. E por terra de longo da ribeira mandou hum esquadrão de dous mil homens pera os favorecerem, e elle ficou com outros dous mil no campo. Os navios chegáram ás náos, e lhes deram fogo, em que todas ellas se consumíram, e mais de trinta navios outros.

Feito este negocio, se embarcou o Governador, e ao outro dia surgio com a Armada grossa na barra de Cochim, e elle com as galés, e todos os mais navios de remo (a que toda a gente se passou) entrou

trou pelo rio dentro, e paſſou pela Cidade com elles embandeirados, e poſtos em armas, e foi ſurgir aquelle dia no caſtello de ſima. Ao outro chegou á Ilha de Bardela, onde achou Manoel de Souſa de Sepulveda com toda a Armada, que tinha a Ilha cercada com os Principes dentro, e ſalvaram-ſe as Armadas com grandes feſtas, e alegrias.

Surtos os navios, chamou o Governador os Capitães, e lhes diſſe, que ao outro dia havia de dar em terra, que ſe fizeſſem preſtes: mandou-lhes que fizeſſem alardo da gente que havia pelas embarcações, o que elles foram fazer, e achḿram ſeis mil homens Portuguezes, com todos os moradores de Cochim, que alli foram logo em tones, e outras embarcações; e mandou dizer a ElRey de Cochim, que eſtava da outra banda com quarenta mil homens: » Que » tiveſſe preſtes muitos tones, e almadías pe» ra a ſua gente paſſar á Ilha, quando lhe » mandaſſe recado. » Aquella noite gaſtáram todos em prepararem ſuas armas, e o Governador em dar ordem no modo que ſe havia de ter na deſembarcação, que foi por eſta maneira.

Manoel de Souſa de Sepulveda havia de levar a dianteira com dous mil homens, que havia de deſembarcar por huma parte, e o

Ca-

Capitão de Cochim com outros dous mil por outra, e o Governador com o resto em meio d'ambos, e ElRey de Cochim pela outra parte. E tanto que amanheceo, tocou o Governador suas trombetas, (que era o final a que se leváram todos os navios,) e os nossos póstos em armas foram demandar a terra, com grandes gritas de alvoroço, e antes de chegarem lhes alevantáram de lá huma bandeira branca grande capeando com ella.

O Governador mandou levar o remo, e esperou hum pouco, e logo chegou á sua embarcação huma almadía pequena, em que vinha hum homem, que lhe pedio da parte de ElRey de Tanor (o que Garcia de Sá fez Christão:) » Que sobreestivesse naquillo, » que os Principes Malavares queriam com » elle paz, com todos os partidos que qui» zesse, e que lhe désse licença pera elle vir » fallar com elle sobre aquelle negocio. » O Governador chamou os Capitães a conselho, e antre todos houve varios pareceres; mas os mais disseram: » Que se devia de saber » o que aquelles Principes queriam; e que » sendo os partidos taes, e tão honrosos, » como era razão que fossem, se lhes con» cedessem, porque assim se escusavam da» mnos, e mortes, que forçado havia de ha» ver, e mais quando não havia perigo na

» tar-

» tardança, nem lhes podia entrar mais gen-
» te da que tinham, nem elles podiam ſa-
» hir pera fóra, que a todo o tempo os ti-
» nham alli fechados. » O Governador deſ-
pedio o homem com recado a ElRey de Ta-
nor, dizendo-lhe: » Que por amor delle eſ-
» perava que ſe viſſe com elle depreſſa, e ſe
» determinaſſem, que elle não ſe podia alli
» deter muito. »

Com eſte recado deſpedio logo ElRey
outro ao Governador a ſaber delle os par-
tidos que queria que lhe fizeſſem. O Gover-
nador lhe mandou dizer: » Que os Principes
» todos que eſtavam naquella Ilha ſe haviam
» de entregar em ſeu poder, com lhe elle ſe-
» gurar as vidas, e que então fariam as pa-
» zes, e concertos, que foſſem licitos, e ho-
» neſtos. » Sobre iſto foram, e tornáram re-
cados apreſſados, e em eſperanças, e com
invenções foi ElRey de Tanor entretendo o
Governador tres dias, e ao derradeiro á tar-
de chegou huma embarcação que vinha de
Coulão, por dentro dos rios, em que vinha
hum Fidalgo, que já andára na India, cu-
jo nome nos não lembra, e trazia duas car-
tas do Viſo-Rey D. Affonſo de Noronha,
que ficava em Coulão, huma pera o Capi-
tão de Cochim, e outra pera Manoel de
Souſa de Sepulveda, porque não ſabia ain-
da da chegada do Governador alli. E ſaben-
do

do este Fidalgo que estava elle alli, foi demandar o seu navio, e entrou com elle, e lhe deo razão de si, e novas do Viso-Rey, e das cartas que trazia.

O Governador ficou sobresaltado, porque receou que fosse aquillo causa de elle não dar fim a huma empreza tão honrosa, e mandou chamar o Capitão, e Manoel de Sousa de Sepulveda, e abrio com elles as cartas, que com poucas palavras lhes dizia: » Que elle ficava em Coulão, e que ao outro dia sería em Cochim, que lhes mandava que entre tanto sobreestivessem no negocio que tinham antre mãos, nem fizessem paz, nem guerra até elle chegar. »

As novas do Viso-Rey logo se espalhẫram por toda a Armada, e começou a haver na gente grande alvoroço, (porque a da India he mais amiga de novidades, que todas as do Mundo.) O Governador ficou magoado pelo erro que tinha feito naquellas dilações, e todavia determinou de não perder aquella honra, por lha não vir outrem arrancar das mãos, e mandou logo chamar todos os Capitães, e lhes disse: » Que em quanto elle não entregava a India ao Viso-Rey, » todas as cousas della estavam á sua conta, » como quem della tinha dado a menagem. » Que bem viam todos o cabedal que esta» va mettido naquella jornada, e que não era

ra-

» razão ficasse sem effeito algum; que a vi-
» toria estava certa, e que a honra della era
» de todos; que lhes pedia, e rogava, que
» a quizessem ganhar, e se fizessem prestes
» pera o outro dia pela manhã darem em ter-
» ra, porque segundo aquelles Principes es-
» tavam medrosos, e faltos de tudo, havia
» de haver pouco que fazer em os tomar ás
» mãos; que trabalhassem todos por fazer
» com que os Reynoes quando chegassem fi-
» cassem invejosos de á sua vista ganharmos
» tão grande honra, como na verdade sería
» a maior de todas as que se ganháram na
» India. »

Todos lhe disseram que estavam prestes pera o acompanharem, e que lhes parecia mui bem sua determinação. Com isto se despedíram, e foram fazer prestes pera o outro dia de madrugada. Estando todos com este alvoroço, quiz Deos (que nenhuma cousa faz sem causa) que aquella noite, e todo o outro dia fosse tanta a chuva, que alagava os navios, e não havia poder-se accender murrão, nem cevar espingarda, pelo que deixou o Governador de desembarcar; e sobre a tarde chegou o recado, que o Viso-Rey era já chegado a Cochim, que acabou de desconfiar o Governador daquella empreza. Com estas novas, os mais dos Capitães tanto que anoiteceo deixáram o Gover-

vernador, e ſe foram pera Cochim, ficando elle com muito poucos.

Vendo-ſe elle aſſim atalhado, não querendo que Manoel de Souſa de Sepulveda ficaſſe ſem ſe lhe pagarem as muitas deſpezas, que naquella jornada tinha feito á ſua cuſta, e dinheiro que tinha empreſtado a El-Rey pera ellas, o mandou chamar, e juntamente ao Secretario, e Theſoureiro, e fazendo diante delle conta do que lhe era devido, ſe acháram perto de ſeis mil pardáos, que alli lhe mandou logo contar, e fazer ſuas Proviſões, e papeis correntes, porque ſabia quão pouco coſtumavam, os que ſuccediam na governança, pagar as dividas que ſeu anteceſſor tinha feitas, ainda que ſejam em couſas tão importantes, e neceſſarias. E todavia mandou que ſe não deixaſſe a guarda da Ilha de Bardela, encarregando-a a Manoel de Souſa de Sepulveda, até o Viſo-Rey determinar o que ſe havia de fazer, deixando-ſe elle alli ficar até lhe vir recado ſeu.

DECADA SEXTA.
LIVRO IX.
Da Historia da India.

CAPITULO I.

De como ElRey D. João o III. mandou por Viso-Rey da India D. Affonso de Noronha no anno de 1550: e do que lhe aconteceo na viagem até chegar a Cochim.

PELA Armada de Manoel de Mendoça, que da India partio em Janeiro de quarenta e nove, soube ElRey da morte do Viso-Rey D. João de Castro, que sentio muito pela perda de tão bom vassallo, e recebeo mui bem a seu filho D. Alvaro de Castro, que naquella Armada veio; mas todavia os merecimentos de seu pai, e seus não luzíram por então muito nelle, porque andou muitos tempos aggravado, sem lhe responderem, até que depois o despacháram

com

com menos do que merecia. Mas em tempo de ElRey D. Sebaſtião veio a ſer Veador da Fazenda do Reyno, e dos principaes do ſeu Conſelho de Eſtado, (de quem ſe dizia que lhe tinha dado Alvará pera ſeu Camareiro mór, por ter partes, e qualidades pera iſſo.) Sabendo ElRey que ficava no governo da India Garcia de Sá, que era muito velho, determinou de prover a India, e elegeo pera iſſo D. Affonſo de Noronha, filho do ſegundo Marquez de Villa-Real Dom Fernando de Noronha, a quem deo o titulo de Viſo-Rey, e lhe fez outras honras, e mercês. Pera eſta jornada mandou ElRey negociar ſinco náos, e pagar dous mil homens.

A fama deſta eleição correo logo pelo Reyno, e acudíram á Corte muitos Fidalgos pera o acompanharem nella, a que ElRey deſpachou, e fez muitas mercês; e os que achámos nomeados são eſtes: D. Fernando de Menezes, filho do Viſo-Rey Dom Antão de Noronha, ſeu ſobrinho, filho de ſeu irmão; D. Garcia, e D. Luiz Tello de Menezes irmãos, filhos do Craveiro; Gonçalo Pereira Marramaque, D. Filippe de Caſtro, Gaſpar de Mello de Sampaio, deſpachado com a Capitanía de Goa; D. Martinho Rolim, D. Franciſco Maſcarenhas o Palha, D. Rodrigo Lobo, filho de D. Pedro Lobo, que faleceo neſta viagem; D. Manoel

noel Maſcarenhas, Jeronymo Barreto Rolim, D. Franciſco da Coſta, filho de D. Alvaro da Coſta; D. Antonio Pereira, filho de D. João Pereira; Filippe Carneiro, filho de Antonio Carneiro, irmão de Pero de Alcaçova; D. Braz de Almeida o torto; Pero da Silva de Menezes, filho de Manoel de Magalhães, Senhor da Nobrega; D. Affonſo de Monroy, Franciſco Lopes de Souſa, que tinha a Capitanía de Maluco; D. Braz da Silva, Luiz de Souſa, filho do Chanceller mór do Reyno; João da Fonſeca, Mantieiro da Rainha, que levava o cargo de Veador da Fazenda da India; Simão Ferreira, que hia por Secretario, e outros muitos Fidalgos, e Cavalleiros.

Preſtes eſta Armada ſe embarcou o Viſo-Rey em Abril; mas foram os tempos tão contrarios, que não pode ſahir pera fóra todo aquelle mez, e ao primeiro de Maio dando-lhe jazigo, ſahíram pera fóra quatro náos; S. Pedro, em que hia o Viſo-Rey; Flor de la mar, de que era Capitão D. Diogo de Noronha o Corcoz, irmão de D. Fernão de Alvarez de Noronha, Capitão geral das galés de Portugal, e Sumilher que foi de El-Rey D. Sebaſtião; o galeão Biſcainho, de que era Capitão Lopo de Souſa; e a náo Santa Anna, em que hia D. Jorge de Menezes o Baroche. A outra náo, que era o galeão

leão S. João, de Diogo de Caſtro do Rio, e hia por ſeu contrato, de que era Capitão D. Alvaro de Taíde da Gama, filho do Conde Almirante, que deſcubrio a India, que hia provído da Capitanía de Malaca, não pode ſahir aquella maré, e mudando-ſe o outro dia o vento, eſperou até dezoito de Maio, em que ſe fez á véla, tempo em que todos deſconfiavam de ella poder paſſar; porque das náos que partíram diante, arribáram (poucos dias depois de elle partir) o galeão Biſcainho, e a náo Santa Anna. Mas eſte Capitão D. Alvaro de Taíde da Gama com partir tão tarde teve muito boa viagem, porque parece que aos deſcendentes daquelle valoroſo Capitão D. Vaſco da Gama em certo modo reconhecem os mares, e os ventos alguma vaſſallagem, e lhes tem acatamento; nem ſabemos que até eſta hora em que iſto eſcrevemos, aconteceſſe neſta carreira da India algum naufragio, ou perigo aos deſcendentes deſte valoroſo Conde, paſſando por ella todos os ſeus filhos, netos, e biſnetos.

As náos paſſáram quaſi a hum meſmo tempo o Cabo de Boa Eſperança, e Flor de la mar tomou logo derrota pera Moçambique, por ir falta de agua, onde ſe deixou ficar até Março, em que ſe partio pera a India, como adiante diremos. O Viſo-Rey, e D. Alvaro de Taíde, ſem ſe verem, tomá-

máram a derrota por fóra da Ilha de São Lourenço, e passáram muitos riscos, e trabalhos, com que lhes morreo alguma gente; e indo demandar a costa da India em Outubro, deram-lhes os Levantes de rosto, de feição, que foi o Viso-Rey descahir a Ceilão, e D. Alvaro de Taíde varou por fóra da Ilha, e foi tomar Pegú, onde se refez de agua, e mantimentos. O Viso-Rey tanto que vio terra, disse o seu Piloto que era da costa da India; mas João Rebello de Lima, Piloto affamado que alli hia por passageiro, disse que a terra que apparecia era Columbo, e Ceilão. O Piloto começou a porfiar que era a costa da India; e estando nesta confusão, chegou huma embarcação, e disse ao Viso-Rey que a terra que apparecia era Columbo. O Piloto vendo aquillo, como era havido pelo melhor da carreira, ficou tão corrido, que se metteo no seu camarote, e em tres dias morreo de nojo.

O Viso-Rey mandou governar pera Columbo, e surgio fóra. Os da terra conhecendo a náo ser do Reyno, foram logo a ella alguns navios, que alli ficáram da companhia de D. Jorge de Castro; e sabendo ser o Viso-Rey, despedíram logo recado a Cota a ElRey, e a Gaspar de Azevedo, Alcaide mór, que logo acudíram a Columbo; vindo ElRey muito bem acompanha-

do, que mandou visitar o Viso-Rey com muito refresco, e algumas peças. O Viso-Rey soube de Gaspar de Azevedo o succedido havia pouco a D. Jorge de Castro, (como dissemos no Cap. VII. do Liv. VIII.) e as guerras que o Madune fazia a seu irmão; e sabendo ser ElRey em Columbo, desembarcou nos navios, e se foi a terra pera se ver com elle, indo acompanhado de todos os Fidalgos, e gente da sua náo; e recolheo-se em Santo Antonio, Mosteiro dos Frades Menores, onde ElRey se foi ver com elle, passando-se de parte a parte grandes cumprimentos.

Alli lhe deo ElRey conta de suas cousas, e lhe pedio, que pois era vassallo de ElRey de Portugal, que ordenasse as cousas de modo, com que segurasse aquelle Reyno de seu irmão, que o tratava mal, e desejava de o matar. O Viso-Rey lhe disse, que elle trazia isso muito encarregado, e que a primeira cousa em que puzesse as mãos, havia de ser naquella; e a voltas disso lhe pedio duzentos mil pardáos de emprestimo, de que se ElRey escusou, dizendo-lhe, que estava muito despezo por causa das guerras, e que havia pouco gastára mais de setenta mil pardáos com D. Jorge de Castro. O Viso-Rey não ficou muito contente; e despedindo-se delle, se embarcou; e ElRey lhe

deo

deo pera mandar á Rainha naquellas náos as peças ſeguintes.

Hum colar de ouro grande com perolas, e rubins, e tres cruzes de pedraria no pé com huma grande perola em baixo; outro colar com rubins, hum no meio grande; outro colar de ouro com alguns rubins, olhos de gato, e no meio hum olho de gato grande com rubins á roda; tres braceletes de ouro, e pedraria; hum annel grande com hum olho de gato, e rubins á roda; hum formoſo olho de gato ſolto: o que tudo ſe carregou ſobre o Feitor da Armada, e aquelle anno foi pera o Reyno. O Viſo-Rey tambem levou ſeus brincos; e antes de dar á véla, ſe foi ver com elle hum filho do Madune, Rey de Ceitavaca, e o que paſſou com o Viſo-Rey não ſe ſabe. Depois de o ouvir deo á véla pera Cochim.

ElRey da Cota vendo como o Viſo-Rey ſe apartára delle deſgoſtoſo, deſpedio nas ſuas coſtas hum Bragmane Pandito com quinze mil pardáos, que lhe mandava de preſente. O Viſo-Rey chegou a Coulão, e alli ſoube do ajuntamento dos Principes Malavares em Bardela, pelo que deſpedio aquella embarcação com as cartas que atrás diſſemos no derradeiro Capitulo do oitavo livro. Ao outro dia depois da tempeſtade, (por cuja cauſa Jorge Cabral deixou de dar

na Ilha,) ſurgio o Viſo-Rey na barra de Cochim, e foi recebido em terra muito bem. Jorge Cabral o mandou viſitar por D. Jorge de Caſtro, ſeu tio meio irmão de ſua mãi, e elle lhe pagou a viſita por hum Eſcudeiro ſeu, por quem lhe mandou dizer, que ſe foſſe pera Cochim, e deixaſſe ſobre a Ilha Manoel de Souſa de Sepulveda com os navios de remo. O Governador aſſim o fez, e deſembarcou em Cochim, e foi viſitar o Viſo-Rey, que o recebeo ſeccamente; e alli lhe fez entrega da India, e ſe recolheo pera ſua caſa, mandando logo navios a Goa em buſca de ſua mulher pera ſe embarcar pera o Reyno, correndo ſempre muito bem com o Viſo-Rey; porque como ſe não receava de couſa alguma, não quiz quebrar com elle, ſoffrendo-lhe algumas couſas, de que outros houveram de lançar mão pera queixas, (porque he mui ordinario em alguns Governadores que acabam, quebrarem de induſtria com os que lhe ſuccedem, pera lhes ficarem ſuſpeitos nas couſas que delles eſcreverem.)

O Camorim tanto que ſoube da chegada do Viſo-Rey, lhe mandou Embaixadores, que tratáram com elle de pazes, que lhe elle concedeo; e não achámos com que fundamentos, nem a ſubſtancia dellas. Sómente nos diſſeram algumas peſſoas, que ficou

o Çamorim de desistir do direito, e perfilhação que tinha feita com o Rey de Bardela; e que daria dous Principes em refens, até se sahirem os que estavam naquella Ilha, que ficaria a ElRey de Cochim. Com isto mandou o Viso-Rey recolher Manoel de Sousa de Sepulveda, e os Principes Malavares se foram da Ilha, e o Çamorim se foi pera Calecut.

D. Alvaro de Taíde da Gama, Capitão do galeão S. João, que foi tomar Pegú, depois de tomar agua, e mantimentos, deo á véla pera a India, e foi tomar a ponta de Calé, onde surgio, sendo entrada de Novembro, e alli desembarcou em terra pera curar os doentes, porque estavam alli Portuguezes, e Frades de S. Francisco com huma casinha pequena. Alli se deteve todo o mez de Novembro, sem lhe dar dos muitos requerimentos que lhe fez Manoel de Castro, procurador de Diogo de Castro, cujo o galeão era. Passado o mez se tornou a embarcar, foi tomar Cochim a treze de Dezembro, e por não ser já tempo pera o galeão ir pera o Reyno, e haver mister concerto, o mandou pera Goa, e se recolheo em Goa a velha, onde invernou, e se concertou.

CA-

CAPITULO II.

De algumas cousas, em que o Viso-Rey Dom Affonso de Noronha provêo em Cochim: e da Armada que mandou ao Estreito sobre que houve differenças antre D. Jeronymo de Castello-branco, e D. Fernando de Menezes, filho do Viso-Rey: e da grande vitoria que os nossos houveram em Cochim de sima de oito mil Nayres Amoucos: e de como Jorge Cabral se embarcou pera o Reyno: e das partes, e qualidades de sua pessoa.

DAs primeiras cousas em que o Viso-Rey entendeo, foi em mandar huma Armada de sinco fustas ao Estreito de Meca, pera vigiar as galés pelas novas que havia dellas. E quando sahio este negocio em conselho, que se soube, pedio D. Jeronymo de Castello-branco ao Viso-Rey de mercê aquella jornada, e elle lha prometteo, e os navios se começáram a fazer prestes. Acertou de chegar neste tempo a Cochim Luiz Figueira, de que atrás demos conta no Cap. XII. do Liv. VIII., que o Viso-Rey recebeo bem, por sima das desgraças que lhe succedêram, por ser cousa do Infante Dom Luiz, e que lhe elle encommendava muito. Este Fidalgo sabendo dos navios que se faziam

ziam prestes pera o Estreito, como andava muito desconfiado da jornada passada, desejando de lhe succeder cousa em que emendasse aquella quebra, metteo todas as valías que pode com o Viso-Rey, pera que lhe désse aquella jornada, apertando D. Fernando de Menezes, filho do Viso-Rey, tanto com o pai, que lha concedeo, (tirando-a a Dom Jeronymo de Castello-branco, a quem a tinha promettido de pessoa a pessoa, ainda que não estava declarado,) e não sabemos com que achaques. D. Jeronymo de Castello-branco, que era hum Fidalgo muito honrado, e mancebo de grandes espiritos, e opinião, havendo-se por affrontado, e injuriado do Viso-Rey, sabendo o cabedal que seu filho D. Fernando de Menezes mettêra naquelle negocio em favor de Luiz Figueira, o mandou desafiar. E indo elle já pera o campo, ou fazendo-se prestes pera isso, foi sabido o negocio, e acudio o Capitão da Cidade com todas as justiças, e lhes tomou as menagens, prendendo-os em suas casas, até que o Viso-Rey, e Fidalgos parentes de huns, e de outros mettêram a mão em meio, e os apasiguáram de maneira, que ficáram ambos satisfeitos, e amigos.

Prestes a Armada, despedio-a o Viso-Rey em Janeiro com regimento, que tornasse a invernar a Goa com as novas que achas-

achaſſe. Os Capitães dos ſinco navios eram, Luiz Figueira, D. Filippe de Caſtro, Inofre do Sevoral, João da Coſta Peleja, e Gaſpar Nunes, da obrigação de Manoel de Souſa de Sepulveda. Dada á vela, foram ſeu caminho, a que logo tornaremos. O Viſo-Rey ficou eſcrevendo pera o Reyno, e dando deſpacho a muitas couſas. Jorge Cabral corria com a ſua náo, que era a em que o Viſo-Rey veio, e dava preſſa a ſeu concerto. E na entrada de Janeiro chegou ſua mulher, que tinha mandado buſcar a Goa, que vinha muito anojada, porque á ſua embarcação lhe falecêra hum filho macho, que não tinha outro, de idade de nove annos, de beber deſattentadamente de huma pouca de agua de Solimão de hum fraſco, que as mulheres coſtumam curar pera o roſto, o que Jorge Cabral ſentio tanto, que eſteve pera morrer de paixão.

O Viſo-Rey depois de eſcrever, e dar deſpacho a muitas couſas, deſpedio-ſe de Jorge Cabral, que ficava correndo com a carga das náos, e o meſmo fez de ElRey de Cochim, e Cidade, e ſe embarcou de vinte de Janeiro por diante, e de caminho foi viſitando as fortalezas de Chale, e Cananor, e deixou por Capitão mór na coſta do Malavar D. Antonio de Noronha, filho do Viſo-Rey D. Garcia de Noronha, com

vin-

vinte navios de remo, com que andou todo o resto do verão.

O Viso-Rey chegou a Goa, onde a Cidade lhe tinha preparado hum grande recebimento, por terem sabido ser irmão do Marquez de Villa-Real, a quem ElRey chamava sobrinho. E porque fora Capitão de Ceita, e era inclinado a gente de cavallo, quando entrou pela barra de Goa dentro, indo de longo da terra, lhe apparecêram na praia de nossa Senhora de Guadalupe duzentos de cavallo em ginetes ricamente jaezados, e os homens vestidos á Mourisca muito custosamente. E por aquella praia até á ponta de Pangim, que continúa sempre, foram á vista do Viso-Rey escaramuçando com tal ordem, que folgou muito o Viso-Rey de os ver. Pelo rio dentro foi o Viso-Rey achando infinidade de embarcações embandeiradas, e enramadas, com muitos, e diversos instrumentos de tangeres, e folías, e em terra muitas salvas de artilheria, e o mesmo das náos, e galeões que estavam no porto. Desembarcou no caes, e foi recebido da Cidade com as ceremonias acostumadas, e com grande applauso, e contentamento do povo, ficando correndo com suas obrigações, onde o deixaremos por continuarmos com as cousas de Cochim.

Jorge Cabral ficou dando pressa á sua em-

embarcação; e porque faltava pimenta por causa das guerras passadas, ficou esperando que descesse pelos rios, o que foi tão devagar, que o deteve até quatorze dias de Fevereiro, em que estava pera se embarcar pera ao outro dia dar á véla. Aquelle dia á noite chegáram novas, que entravam por Cochim de sima oito mil Nayres Amoucos, e que vinham fazendo grandes estragos, com o que a Cidade se poz em revolta. Jorge Cabral acudio á rua direita, e com elle o Capitão, e Manoel de Sousa de Sepulveda, que o Viso-Rey tinha deixado por Capitão mór dos rios pera fazer correr a pimenta; e tocando tambores, acudio toda a gente, com que se tomáram as bocas das ruas, porque os Amoucos não entrassem na Cidade; e tanto que foi manhã, querendo Jorge Cabral passar em busca dos Amoucos, não o consentíram os Vereadores, e sobre isso lhe fizeram grandes requerimentos, com o que sobreesteve. Despedio o Capitão Manoel de Sousa de Sepulveda com mil e quinhentos Portuguezes, e outra gente da terra pera irem buscar os inimigos, ficando Jorge Cabral com a mais gente em guarda da Cidade. Os nossos feitos em dous esquadrões entráram por Cochim de sima, onde os Amoucos andavam fazendo destruições, e cruezas muito grandes, e dando nelles, tiveram

hu-

huma muito grande, e arriſcada briga, por eſtarem os inimigos determinados a morrerem. A batalha foi a mais aſpera, e accezа de quantas os noſſos tiveram, e em que nunca ſe víram; e todavia ainda que foi com perda de mais de ſincoenta dos noſſos, os inimigos foram rotos, e desbaratados, ficando dous mil delles mortos, e ataſſalhados no campo, e os mais ſe recolhêram, feridos muitos de eſpingardadas, porque a noſſa arcabuzaria foi a que fez nelles grande eſtrago.

Havida eſta vitoria, ſe recolhêram os noſſos pera a Cidade, onde foram recebidos com muitas honras, e feſtas. Eſta noite ſe embarcou Jorge Cabral; e teve tão ruim, e trabalhoſa viagem por partir tarde, que poz oito mezes no caminho, porque chegou a Lisboa em Outubro. Foi bem recebido de ElRey, que lhe eſtranhou as dilações, porque deixou de dar em Bardela; mas deſpachou-o com quatrocentos mil reis de juro.

Foi eſte Fidalgo filho de João Fernandes Cabral, Alcaide mór de Belmonte, e Senhor de dous, ou tres lugares á roda. Sua mãi ſe chamava D. Joanna de Caſtro, (que foi a primeira Camareira mór que a Rainha D. Leonor teve, quando logo caſou com ElRey D. Manoel, porque era huma Dona de tantas partes, e merecimentos, que por eſ-

eſta razão foi eleita pera aquelle cargo.) Foi Jorge Cabral caſado com huma filha de hum Cavalleiro muito honrado, chamado João Fialho Borges, que ſe chamava D. Lucrecia, e em mancebo ſe namorou della por ſer muito formoſa; e parece que houve antre ambos alguns penhores, por onde ElRey D. João depois o obrigou a caſar com ella, porque parece que ſe arrependia. E quando foi pera a India deſpachado com a fortaleza de Baçaim, a levou comſigo, e em ſua companhia juntamente foi hum irmão ſeu della, chamado Chriſtovão Borges, que caſou em Goa, e teve huma filha, chamada D. Maria Borges, que depois caſou com Ayres Falcão. Dantre ambos naſcêram muitos filhos, que são vivos. Não teve Jorge Cabral mais que huma filha, que caſou com hum ſeu primo com irmão, filho de Fernão de Alvarez Cabral, irmão mais velho de Jorge Cabral, e por morte de ambos herdáram ambas as caſas.

Foi Jorge Cabral homem bem feito, de boa eſtatura, muito bom Cavalleiro, de muita verdade, de bom conſelho, liberal, e ſobre tudo bom Chriſtão. Foi tão amigo dos bons Cavalleiros, e do ſerviço de ElRey, que eſtranhando-lhe o Viſo-Rey D. Affonſo de Noronha (quando logo chegou a Cochim) as muitas mercês que fizera aos homens,

mens, lhe reſpondeo: » Bem parece, Se-
» nhor, que não viſtes ainda pelejar os da
» India; como os virdes, então me deſculpa-
» reis. » Foi tão deſintereſſado, que nunca
ſe lhe achou que tachar; e tanto, que lan-
çando-ſe humas trovas em Goa, em que pra-
guejavam de todos os Officiaes, nelle não
ſe fallou, nem tocáram, ſendo os Governa-
dores da India os primeiros a que os ho-
mens não perdoam couſa alguma, notando-
lhes ainda couſas que nunca fizeram. O tem-
po do ſeu governo foi notado por hum dos
melhores da India; e tanto, que andando
Antonio Moniz Barreto, ſendo Governador,
paſſeando na caſa, onde os retratos de todos
os Viſo-Reys, e Governadores, que gover-
náram a India eſtam, diſſe pera alguns Fi-
dalgos que alli ſe acháram, apontando pe-
ra o de Jorge Cabral: » Eſte Caldeireiro foi
» muito bom Governador. » Chamou-lhe aſ-
ſim, porque era de Belmonte, donde são os
Caldeireiros.

CA-

CAPITULO III.

Do que aconteceo a Luiz Figueira no Eſtreito do mar Roxo: e de como encontrou o Turco Cafár com as ſuas galeotas: e de como de deſconfiado inveſtio a Capitania: e de como foi morto, e o ſeu navio tomado.

PArtido Luiz Figueira de Goa, (como no Capitulo paſſado diſſemos,) foi atraveſſando aquelle Golfo, até haver viſta de Monte de Felix de longe da coſta de Arabia, e foi demandar o Eſtreito por onde entrou, e andou por elle tomando falla das galés; e chegando ás Ilhas Aparcelladas, (que são logo da banda de dentro,) tomou huma gelva, que lhe deo por novas, que o Cafár andava por aquella paragem com ſinco galeotas. Luiz Figueira ſurgio nellas, e deixou-ſe alli ficar, e por lhe faltar agua a mandou fazer por Inofre do Soveral, que era grande homem daquelle Eſtreito, que a foi tomar da outra banda do Abexim, que era ſete leguas donde elle ficava, porque alli he o mais eſtreito. E havendo ſinco, ou ſeis dias que alli eſtava Luiz Figueira, veio o Cafár demandallo com as ſuas ſinco galeotas, (porque algumas gelvas lhe deram rebate dos noſſos navios.) E havendo viſta

del-

delles, mandou huma galeota que rodeasse a Ilha pela outra banda, porque se lhe não fossem os nossos navios por lá, e elle os foi demandar, affastando-se das restingas que alli havia. Luiz Figueira tanto que vio as galeotas, chamou a si os navios, que tambem eram quatro, e disse a seus Capitães:

» Senhores, este he o dia, em que podemos mostrar o esforço, e valor Portuguez, » e ganharmos huma muito grande honra: » commettamos aquelle inimigo, que eu confio em Deos que nos ha de dar vitoria » delle. »

E pondo-se logo em armas sem esperar resposta, tomou o remo na mão, e foi demandar as galeotas; e como homem que andava desconfiado, endireitou com a de Cafár, que vinha diante; e dando-lhe huma surriada de arcabuzaria, e de artilheria, a investio pela prôa, e os que hiam no esporão do navio se lançáram dentro, e destes ficáram dous soldados dependurados dos remos, e com trabalho se subíram á galeota, onde ficáram pelejando com muito valor, (porque a fusta da pancada que deo tornou a recuar, e ficou hum pouco affastada.) Luiz Figueira mandou apertar o remo, e tornou a pôr a prôa na galeota, e logo se baldeou dentro com os seus soldados, achando os outros que da primeira pancada tinham entra-

trado, pelejando com todos os Turcos valorosamente. Luiz Figueira como homem que desejava de se restituir da quebra da outra jornada, com aquelle ímpeto com que entrou, levou os Turcos até o meio da galeota, onde se ateou huma asperissima batalha, em que elle pelejou muito bem. Os outros navios puzeram-se de fóra ás bombardadas, e espingardadas, descuidando-se de irem ajudar o seu Capitão mór. As outras tres galeotas dos Turcos se foram chegando pera os nossos ás bombardadas, e espingardadas, de que deram huma em hum pé a João da Costa Peleja. A este tempo víram os nossos cahir Luiz Figueira de huma espingardada, de que logo morreo, tendo feito taes cousas, que os Turcos ficáram passmados, e o Cafár disse aos soldados que alli ficáram cativos, (segundo elles depois que os resgatáram disseram,) » que se Luiz Figuei-» ra não morrêra da espingardada, sem dú-» vida elle ficára rendido. »

Morto Luiz Figueira, nos seus soldados houve pouco que fazer; porque os que ficáram vivos, logo se rendêram, sendo já mortos dez, ou doze, ficando tambem a sua fusta em poder dos Turcos. O Cafár tambem ficou ferido de huma ruim espingardada por hum braço, e perdeo mais de quarenta dos seus. Os outros navios da companhia de Luiz

Fi-

Figueira, tanto que víram o ſeu Capitão mór rendido, e morto, ſe foram affaſtando, e deram á véla com o Ponente rijo, e foram fugindo pera fóra do Eſtreito. As galeotas dos Turcos os foram ſeguindo: Gaſpar Nunes tanto que ſahio do Eſtreito tornou a voltar pera a outra banda do Abexim, e foi demandar Maçuá; e tendo vergonha de ir á India, por ver matar o ſeu Capitão mór, deitou a artilheria no mar, e com os ſeus ſoldados ſe foi por terra pera o Preſte João, e no Moſteiro de Baroá acháram o Barnagais, que os recebeo bem, e os encaminhou pera o ſeu Rey: eſtes todos morrêram por lá.

Inofre do Soveral, que eſtava fazendo aguada da outra banda, ouvindo bombardadas, levou-ſe, e tomou o remo pera ſe ir pera o ſeu Capitão mór; e indo demandando a Ilha, deo com a galeota que o Cafár mandou pela outra banda, como atrás diſſemos, e foi já tão perto que não pode voltar. E tomando depreſſa as armas, endireitou com a galeota, e poz-lhe a prôa, tendo de bordo a bordo huma tão aſpera, e acceza batalha, que foi eſpanto. Os Portuguezes fizeram couſas tão notaveis, que nos faltão palavras pera o encarecer; baſta que depois de muitas horas abordadas ſe affaſtáram tão deſtroçados ambos, que ſe não ou-

sáram a commetter outra vez, e deram á véla cada hum pera sua parte, com mais de ametade da gente morta, e todos os mais muito mal feridos. Inofre do Soveral foi voltando pera fóra do Estreito, e foi seguindo seu caminho. As galeotas que vinham apôs os mais navios os foram entrando, principalmente huma dellas, que era muito veleira, e ligeira; e como o vento era rijo, e os Turcos forçáram a véla, quiz Deos que lhe arrebentasse, e ficasse anhota, com o que os nossos tiveram tempo de fugir, e os Turcos tornáram em busca do seu Capitão. Inofre de Soveral encontrou depois os mais navios, e todos juntos se fizeram na volta de Goa. No caminho encontráram huma náo, que hia de Dio pera Meca com cartaz; e demandando-a, lhe atirárão a amainar, o que ella fez por ir com seguro; e entrando os nossos nella, mostrando-lhe o cartaz, o sumírão, e a roubárão. Com estas avalias chegáram a Goa no fim de Abril; e sabendo o Viso-Rey o que era passado, mandou prender os Capitães, e pelos não affrontar com outro negocio, lhes veio o Procurador de ElRey com Libello, que roubárão a náo que levava cartaz; ao que vieram com suas contraditas, dizendo, que levava cousas defezas; e assim o provárão, com o que ficáram livres, mas desacreditados.

CA-

CAPITULO IV.

De como os Turcos tomáram a fortaleza de Catifa: e de como o Viso-Rey D. Affonso de Noronha mandou D. Antão de Noronha com huma grossa Armada pera a tornar a cobrar: e dos mais Capitães que despachou pera fóra: e de como D. Diogo de Noronha se perdeo no rio de Mazagão: e do que lhe aconteceo até vir a Goa.

DEpois que o Turco se vio senhor de Baçorá, desejou logo de o ser de todo aquelle Estreito Persico, de huma, e de outra banda, até se vizinhar com a Ilha de Ormuz, que lhe não sahia do pensamento, pelo grosso trato, e commercio que nella concorria de todas as partes do Oriente, e pera isso tinha mandado ao Baxá de Baçorá, que trabalhasse por tomar Catifa, e Barem, e que mettesse dentro grandes guarnições. O Baxá este verão atrás de sincoenta, querendo pôr as mãos a este negocio, carteou-se com alguns Arabios de dentro de Catifa, e com promessas os rendeo, e assentáram que fosse com huma Armada, e os cercasse, que elles lhe entregariam a fortaleza. Com isto ajuntando muitas embarcações, se embarcou com muita gente, e surgio sobre Catifa, a que poz cerco da banda do

mar. Eſtava por Capitão nella Moradebeque com trezentos, ou quatrocentos Arabios. Eſte, ou que foſſe aviſado, ou que ſuſpeitaſſe que alguns dos ſeus eſtavam peitados dos Turcos, quiz ſegurar ſua vida, largando a fortaleza, e ſe recolheo pera o certão. Deſta feita ficáram os Turcos ſenhores della, e a reformárão, e guarnecêrão de artilheria. Eſtas novas chegáram a Ormuz, que puzeram a todos em grande confusão pela ruim viſinhança dos Turcos. ElRey o ſentio muito pela perda de huma fortaleza tão importante, e ſe vio com o Capitão D. Alvaro de Noronha, e deſpedíram logo recado ao Viſo-Rey pera que mandaſſe acudir a eſtas couſas, porque poderia aquelle negocio vir a ſer de grande damno.

Eſtas cartas chegáram ao Viſo-Rey depois de ſer em Goa, e juntamente com ellas vieram Embaixadores de ElRey de Baçorá, que andava no certão fazendo guerra aos Turcos, que lhe tinham tomado o ſeu Reyno, que eſtava concertado com os Senhores Gizares, que viviam naquellas Ilhas, que eſtam na garganta do Eufrates, grandes inimigos dos Turcos. Por eſtes Embaixadores mandava o Rey de Baçorá pedir ao Viſo-Rey, que o quizeſſe favorecer com huma Armada, que não fizeſſe mais que pôrſe ſobre aquelle porto, porque elle ficava

em campo com todos os Reys Arabios seus visinhos com trinta mil homens pera tornarem a cobrar aquella Cidade, e lançarem os Turcos fóra; e que elle se offerecia dar a ElRey de Portugal a fortaleza de sobre a barra, e ametade dos rendimentos da Alfandega.

Vistas as cartas pelo Viso-Rey, e ouvidos os Embaixadores, vendo a importancia do negocio, ajuntou os Fidalgos, e Capitães a conselho, e lhes propoz o caso, e leo as cartas, e disse o que ElRey de Baçorá lhe pedia, e promettia. Discutida antre todos a materia, assentáram » que era muito necessario mandar-se logo huma Armada, e poder, pera tornar a tomar aquella fortaleza, assim por ser de ElRey de Ormuz, como pera tirar os Turcos de tão perto da nossa fortaleza, e pera entenderem que todas as vezes que metterem pé em alguma parte daquellas, os podiam lançar fóra; e que o mesmo Capitão que fosse áquella empreza, depois de acabada, passasse a Baçorá, e favorecesse aquelle Rey até tornar a cobrar seu Reyno, porque tambem era negocio de muita importancia a fortaleza, e Alfandega que offerecia, pera o que se mandasse logo hum Veador da Fazenda, pera dar ordem ás suas cousas. » Assentado isto, nomeou o Viso-Rey pera esta jorna-

nada D. Antão de Noronha, ſeu ſobrinho, com mil e duzentos homens, ſete galeões, e doze navios de remo; e logo mandou dar muita preſſa a eſta Armada, e pagar gente, que então havia muita.

E em quanto ſe negociava, quiz prover nas couſas de Maluco, por lhe chegarem cartas de Bernaldim de Souſa, e de ElRey de Ternate, em que lhe davam conta das couſas daquella fortaleza, e ElRey lhe pedia encarecidamente que a proveſſe de outro Capitão, porque elle não havia de conſentir Jordão de Freitas, por ſer ſeu inimigo mortal; e que não cumpria ao ſerviço de ElRey de Portugal haver divisões, e odios antre elle, e os Capitães daquella fortaleza. Vendo o Viſo-Rey as cartas, praticando aquelle negocio com os Fidalgos velhos, aſſentáram » que ElRey pedia juſtiça, » e razão, e que o ſatisfizeſſem naquelle par- » ticular, e que ſe déſſe a Jordão de Freitas » outra couſa. » Com iſto determinou o Viſo-Rey de mandar outro Capitão, e elegeo pera iſſo D. Garcia de Menezes, filho do Craveiro, que com elle tinha vindo do Reyno. Eſta eleição fez, porque era hum Fidalgo de muita arte, e de muito aviſo, e letrado, agraduado em Canones, porque o tinha o pai mandado aprender letras pera o fazer Clerigo; e vindo dos eſtudos á Corte, ſe namo-

morou de huma Dama, filha de hum Fidalgo muito honrado, com que foi achado; e receando-se tanto do pai delle, como do della, se embarcou escondidamente pera a India na náo do Viso-Rey, que folgou de lhe dar esta Capitanía, pera que tirasse della vinte mil cruzados, e se tornasse pera o Reyno a casar com ella, que ficava recolhida em hum Mosteiro. Ordenou-lhe o Viso-Rey hum galeão com muitos provimentos, e munições, e passou Provisões pera Jordão de Freitas se embarcar pera a India, e lhe deo carta de guia pera qualquer Capitão que estivesse na fortaleza lha entregar.

Prestes a Armada de D. Antão de Noronha, lançou-a o Viso-Rey fóra o primeiro de Abril. Os Capitães que hiam nella são os seguintes: elle no galeão S. Lourenço, João Fernandes de Vasconcellos, Manoel de Vasconcellos, Martim Affonso de Mello Hombrinhos, Pedro Affonso de Avelar, Antonio Lopes de Oliveira, o Licenciado Jeronymo Rodrigues, que hia por Veador da Fazenda, todos estes em galeões, e caravelas; os Capitães das fustas eram, Dom Jeronymo de Castello-branco, Diogo Pereira, João Serrão, Antonio Henriques, Gonçalo de Moraes de Sousa, Martim Barbudo, Antonio de Betancor, João Coelho, Ruy Lopes, Pedralvarez, Gonçalo Pires, e ou-

outros. Dada á véla foram feguíndo fua jornada, a que logo tornaremos.

Partida efta Armada o fez tambem o galeão de Maluco, e juntamente defpachou o Vifo-Rey a Gil Fernandes de Carvalho (irmão de Ruy de Soufa de Carvalho, que os Mouros matáram fendo Capitão de Tangere) pera ir a Quedá com hum galeão a fazer aquella viagem, que era de muito proveito; e defpachou Gonçalo Vaz de Tavora em huma náo pera Bengala. Nifto fe gaftou todo o mez de Abril; e na entrada de Maio lhe vieram cartas de D. Diogo de Noronha o Corcós, em que lhe pedia embarcações pera fe recolher, porque fe perdêra no rio de Mazagão, e eftava em terra cercado de Mouros. Efte Fidalgo foi por Capitão da náo Flor de la mar da companhia do Vifo-Rey, e ficou em Moçambique por chegar alli tarde, (como atrás differmos no Cap. I. defte IX. Liv.,) e em Março deo á véla pera vir invernar á India, e no caminho achou muitas calmarias, pelo que gaftou até o derradeiro dia do mez de Abril; e em Maio vindo demandar a cofta da India, foi o feu Piloto varar com a náo no rio de Mazagão, trinta e oito leguas de Goa: e tirando fóra o batel, e efquife, defembarcou com toda a gente na boca daquelle rio, e em hum morro da banda do Sul, que fi-

fica ſobre a agua, ſe fortificou com pipas, e madeira, e ſe guarneceo da artilheria que tirou da náo, e deſembarcou o cofre do cabedal, e muita fazenda outra. E deſpedio recado ao Capitão de Chaul, e ao Viſo-Rey que o ſoccorreſſem, porque acudiam os Mouros de Carapatão, Ceitapor, Dabul, e de outras partes com a cubiça da preza, e que ficavam ſobre elle mais de ſinco mil. A Cidade, e Capitão de Chaul tiveram as cartas em tres dias, porque era mais perto, e logo deſpedíram doze navios cheios de muita, e boa gente, que chegáram a Mazagão, com o que os noſſos ficáram deſaffogados, e os Mouros ſe recolhêram. D. Diogo de Noronha não ſe quiz embarcar até vir recado do Viſo-Rey, que em lhe dando as cartas, no meſmo dia deſpedio João Peixoto por Capitão mór de quatro navios, e por terra mandou Gaſpar Pires de Matos com quarenta piães, e huma grande ſomma de ſervidores, e bois, pera trazerem o fato por terra, e eſcreveo a D. Diogo de Noronha, que ſe foſſe por mar, e mandaſſe a gente com Gaſpar Pires de Matos.

Chegado eſte recado, ſe embarcou Dom Diogo de Noronha com as peſſoas que eſcolheo nos navios de João Peixoto; e da mais gente, que ſería perto de quatrocentos homens, fez hum muito arrezoado eſquadrão,

drão, ordenando-lhe ſeus Capitães, e os mandou por terra em companhia de Gaſpar Pires de Matos. E D. Diogo de Noronha como hia por mar, poz poucos dias até Goa, e depois chegáram os que foram por terra, e paſſáram todo aquelle caminho ſem lhes acontecer deſaſtre, affronta, nem enfadamento algum; porque o Viſo-Rey tinha mandado cartas do Tanadar de Pondá pera todos aquelles Tanadares por onde elles haviam de paſſar. Com a chegada deſta gente ſe cerrou o inverno.

CAPITULO V.

Da liga que ElRey de Viantana convocou contra a fortaleza de Malaca: e da diſſimulação com que mandou viſitar o Capitão D. Pedro da Silva da Gama.

SUccedêram tantas couſas juntas em hum meſmo tempo, que não foi poſſivel continuar com ellas por não fazer confusão; e por eſta razão guardamos todas as mais que eram de mais longe pera eſte lugar, e continuaremos agora com as de Malaca. Na noſſa quarta Decada, no Cap. III. do Liv. II. temos dado conta de como Pero Maſcarenhas lançou fóra da Ilha de Bintão a ElRey Soltão Halaudim, filho do Soltão Mahamede, a quem Affonſo de Alboquerque tomou Ma-

Malaca. Eſte Soltão Halaudim ſe paſſou pera Viantana, donde D. Eſtevão da Gama, ſendo Capitão de Malaca, tambem o lançou fóra pela ruim viſinhança que fazia: e nas pazes que lhe fez, o obrigou a ſe paſſar pera Muar, onde eſtaria ſem fazer forte algum; e alli ſe apoſentou em hum lugar chamado Tangór, onde viveo tres, ou quatro annos. E deſcuidando-ſe os Capitães de Malaca delle, ſe paſſou pera o rio de Jor, que eſtá pegado á ponta de Viantana, por ſer hum porto mui accommodado pera o que pertendia, (que era trazer a elle o trato de Malaca, e fazer com ſuas Armadas entrar nelle todas as náos, e juncos que foſſem pera a noſſa fortaleza, de toda a coſta de Jaoá, Sião, Camboja, Borneo, e outras, o que fez ſem de Malaca lhe irem á mão.) Com iſto engroſſou tanto, que lhe vieram deſejos de tornar a cobrar ſeu Reyno, e a Cidade de Malaca, e lançar della os Portuguezes por ter cabedal pera as deſpezas. Com eſte penſamento começou a fazer preſtes ſuas gentes, e Armadas, não fiando de peſſoa alguma aquelle negocio por os noſſos ſe não aperceberem, antes lançou fama, que fazia aquellas preparações pera contra o Achém. Pera iſto ſe carteou com ElRey de Perá, Pão, Marruás, e outros ſeus viſinhos, que folgáram de entrar naquella liga, e mandou

con-

convidar pera ella a Rainha de Japorá na costa de Jaoá com quem tinha razão, commettendo-lhe seus partidos, e facilitando-lhe a jornada, pelo descuido com que os Portuguezes estavam, e pela falta que de tudo tinham.

Convocada esta liga, fizeram todos os della suas juntas, e lançáram suas Armadas ao mar, negociando artilheria, munições, e mantimentos. Contra esta guerra foi sempre Lacximena, que não podia ElRey deixar de lhe dar conta disto, porque era seu Capitão geral, e como era velho, e sezudo, e sabia o pouco fruto que daquella jornada se havia de tirar, estando hum dia com ElRey só, lhe disse:

» Nas cousas desta guerra, ainda que V.
» A. me não peça conselho, não hei de dei-
» xar de vos dizer o que entendo, pela obri-
» gação de bom vassallo. Não sei, Senhor,
» se vos vem bem provardes tantas vezes vos-
» sa fortuna com os Portuguezes; porque
» pela experiencia que todos temos delles,
» bem se sabe que ninguem póde levar del-
» les a melhor. Vós tendes feito pazes com
» D. Estevão da Gama, Capitão que foi da-
» quella fortaleza, irmão do que hoje está
» nella, a quem quereis fazer guerra, que
» por duas razões não podeis quebrar. A pri-
» meira, e principal he, pelo grande per-

» ju-

»juro que commettereis contra Mafamede,
»e pela authoridade, e fé Real, que os
»Reys são tão obrigados a guardar. A se-
»gunda he, porque da parte dos Portugue-
»zes não ha occasião alguma de escandalo,
»antes sempre se mostráram amigos; e tan-
»to, que soffrêram cousas de que bem pu-
»déram lançar mão. Da amizade destes ho-
»mens vos resultão dous proveitos: hum do
»trato, e commercio; e o outro do favor,
»e ajuda nos trabalhos: por isso, Senhor,
»vede o que fazeis, não queirais por hum
»pequeno appetite arriscar tantas vezes a
»honra, e a vida.»

ElRey como estava com paixão, e odio, lhe respondeo: »Que elle tinha considera-
»das bem aquellas cousas, e deitadas suas
»contas, e que não hia contra sua fé, e
»obrigação em querer ganhar aquella Ci-
»dade, que direitamente era sua, e fora de
»seus avós; e que elle esperava em Mafa-
»mede de a ganhar daquella vez.» Lacximena se calou, e mandou fazer prestes a Armada, e na entrada de Junho a poz toda no mar. ElRey se embarcou com sinco, ou seis mil homens escolhidos, e no mar esperou os Reys da liga, que se foram ajuntar com elle, formando-se huma Armada de mais de duzentos navios, em que entravam mais de quarenta juncos da Rainha de Ja-

po-

porá, cujo Capitão mór era hum Jáo muito valente homem, chamado Sangue de Pate, que trazia quatro, ou sinco mil homens de peleja.

Partidos todos do porto de Jor, foram surgir na ponta de Bancallis, que he na costa de Camatra defronte do Cabo Rechado, no mais estreito de todo aquelle mar, porque de huma parte haverá perto de seis leguas. Surtos alli, mandou ElRey de Viantana chamar Lacximena, e lhe disse » que » fosse a Malaca a modo de visitar o Capi» tão de sua parte, e que a voltas disso no» tasse o modo da fortaleza, e que gente ti» nha, e se havia atoardas desta Armada.» Lacximena lhe disse » que elle fora a Mala» ca jurar as pazes com D. Estevão da Ga» ma, e que não era razão que tornasse lá » com recado de enganos; que mandasse el» le seu filho a isso, e que se em Malaca » houvesse alguma suspeita daquella junta, » podia ser que o Capitão o reprezasse, e » que com isso lhe ficaria occasião pera que» brar as pazes.» Pareceo a ElRey bem aquelle conselho, e despedio logo o filho de Lacximena, que era moço, em algumas lancharas muito bem acompanhado.

Chegados estes navios ao porto de Malaca, mandou o filho de Lacximena lançar hum criado seu em terra, que foi levado ao

Ca-

Capitão, e lhe disse » que o filho de Lac-
» ximena ficava no porto, que lhe trazia hu-
» ma embaixada de ElRey de Viantana, que
» lhe pedia licença pera desembarcar. » Dom
Pedro da Silva da Gama mandou chamar
os casados, e pessoas principaes pera lhes
dar conta daquelle negocio, como fez.

Antonio Fernandes de Ilher, que antre
elles era o mais antigo, e rico, tomou a
mão a fallar, e disse » que aquella visitação
» não trazia proposito algum, e que lhe pa-
» recia invenção de ElRey, que era falso,
» e máo; que a Armada que fazia em Jor
» lhe não cheirava bem, que devia de lançar
» mão do filho de Lacximena, porque pela
» ventura se restringisse ElRey de seu máo
» proposito, se o tivesse; e quando todavia
» fosse com elle ávante, era muito bom tel-
» lo na fortaleza pera com elle fazer todos
» os bons partidos que quizesse; porque seu
» pai havia de trabalhar com ElRey pera ha-
» ver o filho, » e alguns outros foram do
mesmo parecer; mas D. Pedro da Silva lhes
disse, » que fosse a embaixada quão suspei-
» tosa quizesse, que tivesse ElRey quão ruins
» propositos houvesse, que já que aquelle ho-
» mem vinha com nome de Embaixador, que
» lhe havia de fazer honras, e gazalhados,
» e que se havia de tornar livremente; por-
» que não era elle homem que havia de vio-

» lar,

» lar, e quebrar aquella boa, e antiga liber»
» dade dos Embaixadores.» Com isto lhe mandou licença pera vir a elle, e o mandou receber por todos os honrados da terra. Desembarcado o filho de Lacximena, foi levado ao Capitão, que o esperou em sala paramentada, e com grande magestade.

O Embaixador depois dos primeiros cumprimentos, e palavras de visitação, deo ao Capitão huma carta de ElRey de poucas palavras, em que lhe dizia » que elle hia com
» huma boa Armada contra o Achém seu ini-
» migo, e que não quiz passar sem mandar
» saber de sua saude; que lhe pedia muito
» lhe mandasse Luiz de Almeida, e outro
» Capitão de outro navio (a que não achá-
» mos o nome) pera o acompanharem naquel-
» la jornada.» A voltas disto lhe deo muito em segredo outra carta de seu pai Lacximena, em que lhe dizia:

» Que ElRey seu Senhor ficava em Ba-
» callis com huma grossa Armada, e muitos
» Reys visinhos em seu favor; que a fama
» que lançava de ir contra o Achém era
» falsa, porque elle vinha sobre aquella for-
» taleza muito contra seu parecer, e vonta-
» de; que os Capitães que lhe mandava pe-
» dir os não désse, porque a sua tenção era
» tirar-lhe navios, e gente daquella fortale-
» za pera o enfraquecer; que lhe manda-
» va

» va ſeu filho, que fizeſſe delle o que qui-
» zeſſe. »

D. Pedro da Silva da Gama vendo a carta de Lacximena, guardou-a muito em ſegredo, e reſpondeo ao Embaixador com palavras geraes, e eſcreveo a ElRey outra carta breve de diſſimulações, e cumprimentos ſem lhe fallar a propoſito nas mais couſas; e ao filho de Lacximena deo muitas peças, e brincos pera elle, e pera ſeu pai, a quem eſcreveo huma carta muito honroſa, e de muitas obrigações, e com iſto o deſpedio.

CAPITULO VI.

De como os Reys da liga deſembarcáram em Malaca, e ganháram as povoações de fóra, e queimáram as náos que eſtavam no porto: e do que fez o Capitão Dom Pedro da Silva da Gama.

CHegado o filho de Lacximena a ElRey, lhe deo conta do que paſſára com o Capitão de Malaca, e que não ſentíra alteração alguma na terra, nem ſuſpeitas de guerra, e que poderia haver na fortaleza quatrocentos homens Portuguezes, e que no porto eſtavam duas náos grandes. Com eſta informação aſſentáram os inimigos de irem amanhecer ſobre Malaca, e lançarem logo gente em terra pera ganharem o recheio das

povoações de fóra; e assim se fizeram á véla, e no quarto d'alva chegáram á vista de Malaca, e o Rey de Viantana, que levava a Armada ligeira, foi demandar as náos que estavam na Ilha, (huma dellas era de Luiz Mendes de Vasconcellos, parente de Dom Pedro da Silva, e a outra de hum Antonio Fernandes, morador em S. Thomé,) em que lançou tanto fogo, que as abrazou; e remettendo com a terra da banda de Ilher, e o Sangue de Pate, Capitão da Rainha de Japorá dos de Malaca desta banda, que he a do Norte, que he a povoação dos naturaes, de que he Governador o Tumugão, e o Bandará de todos os Chelis, que são mercadores de toda aquella costa de Choromandel.

Aqui nesta parte desembarcou o Sangue de Pate, e commetteo logo as tranqueiras, porque a povoação he toda cerrada. Os naturaes sentíram os inimigos; e tomando as armas, se puzeram em defensão, pelejando muito valorosamente, governando-os o Tumugão, e o Bandará, com muito animo, e esforço. ElRey de Viantana, que desembarcou na parte de Ilher, que he a do Sul, foi commetter a povoação, que era de pescadores, e tambem achou muito grande resistencia. Em ambas as povoações se pelejava com muito valor, (foi isto dia do Apostolo S. Barnabé, que cahe aos onze dias de

Ju-

Junho.) O Capitão D. Pedro da Silva da Gama, tanto que sentio o reboliço, e soube da gente que hia fugindo pera a fortaleza, que os inimigos andavam em terra, acudio com toda a gente á porta da fortaleza, e como foi manhã despedio Luiz Mendes de Vasconcellos com cem soldados a favorecer os Chelis, e moradores da povoação antiga de Malaca, porque alli estavam todos os mantimentos, e fazendas da terra. Luiz Mendes chegou á povoação, onde a briga andava mui acceza, e a começou a defender, e a pelejar muito bem; mas como os Jáos eram muitos, e muito determinados, a entráram por algumas partes, com morte, e damno dos naturaes. Os nossos vendo a cousa perdida, ajuntáram a si o Tumugão, e o Bandará com sua gente, e fazendo-se em hum corpo se foram recolhendo pera a fortaleza, dando guarda ás mulheres, e meninos, que se vinham recolhendo, carregadas de suas joias, e cousas manuaes que puderam salvar. Foram os nossos tendo o encontro aos inimigos, em quem com a arcabuzaria fizeram assás de damno. Durou isto até mais de meio dia, ficando os inimigos senhores da povoação com todo o seu recheio, e muitos mantimentos que se não pudéram recolher, por não haver tempo pera isso; o que foi muito grande per-

dá, e houvera de pôr aquella fortaleza em grande risco pela falta que delles houve, como adiante se verá.

Aqui nos cabe lembrar o descuido com que neste negocio se vive nas fortalezas da India, onde os Capitães dormem seu sono descançado, como se estiveram em Alentejo, não lhes lembrando que vivem antre inimigos, que desejão de beber o sangue Portuguez; e todas as vezes que virem qualquer occasião pera o mostrarem, a não hão de perder. Disto tem a culpa hum mal entendido zelo, que se quer mostrar no serviço do Rey, com lhe atalharem despezas pera accrescentarem na fazenda, pondo só os olhos em respeitos particulares, e não nos damnos que disso se podem seguir, que são tão grandes, que á falta de provimentos se perdêram já duas tão importantes fortalezas, como foram as de Chale, e Ternate, de que em seu lugar daremos razão. E se havemos de fallar verdade, como temos por obrigação, pelo juramento de nosso cargo, e pela experiencia que da India temos de quarenta annos, affirmamos, e dizemos, que depois que na India entrou esta linguagem de accrescentar na fazenda do Rey, se foi tudo diminuindo; porque não ha cousa que mais accrescente nesta fazenda, que recolherem-se nos armazens de cada fortaleza dous

mil

mil candís de arroz, pera eſtarem em depoſito, pera o tempo da neceſſidade, e depois no novo vendellos, e com o dinheiro comprar outros tantos, e ſempre ElRey fica ganhando. E ſe diſſerem que as deſordens dos Capitães são grandes, e que metteráõ a mão em tudo o que quizerem neſte negocio, pera iſſo tem o Rey juſtiças pera caſtigar rigoroſamente quem tocar nos mantimentos do depoſito, porque eſtes he neceſſario ſejam tão inviolaveis, que ſe não toque nelles ſenão no tempo da guerra, ou neceſſidade urgente.

E tornando á noſſa ordem. Os inimigos ficáram ſenhores das povoações de fóra, o Rey de Viantana da de Ilher, onde logo começou a fazer huma forte tranqueira, e os Jáos daquella parte de Malaca, onde tambem ſe fortificáram, e aſſentáram ſua artilheria pera baterem a noſſa fortaleza. D. Pedro da Silva não faltou em couſa alguma, antes como Capitão esforçado, e prudente começou a dar ordem ás couſas neceſſarias pera a defensão daquella fortaleza, provendo os baluartes, e guaritas de Capitães, e ſoldados. E porque da parte do mar eſtava aberto, mandou correr com huma eſtacada da ponte pera baixo, e alguns juncos que eſtavam no porto, que os inimigos não queimáram, por eſtarem defronte da fortaleza,

man-

mandou recolher pera dentro do rio, pera o que alevantáram a ponte, que era de taboado levadiſſa, e todos mandou pôr naquella face da fortaleza, e povoação que corre pelo rio aſſima, bem chegados á terra pera ficarem defendendo aquella parte, e poz nelles alguma gente pera iſſo. E a cerca da Cidade, que era muito grande, mandou renovar por algumas partes, e reformar as guaritas, que proveo de ſoldados. He eſta cerca de taipa á antiga, e pela banda de dentro tem huma tranqueira de madeira entulhada até á taipa, de feição que deixava hum andaimo de quatro paſſos pera ſerviço da gente, e á roda della tem muitas guaritas, a fóra os baluartes; o que tudo o Capitão proveo, e repairou muito bem. E vendo que os inimigos plantavão ſuas eſtancias, como homens que determinavam de eſtar devagar, deſpedio huma embarcação ligeira, em que mandou hum homem de recado com huma carta geral pera ir por toda aquella coſta de Quedá, Tanaçarim, Pegú até Bengala, a dar recado a todos os Portuguezes que alli eſtiveſſem com navios, pera que o ſoccorreſſem com gente, e mantimentos; e juntamente deſpedio outra embarcação, em que mandou hum Amo de hum Cheli, homem honrado, pera ir a Patane a dar aviſo aos navios que haviam de vir de Sião,

Cam-

Camboja , e de todas aquellas partes pera Malaca , pera que não fossem cahir nas mãos dos inimigos. Das jornadas destes dous adiante trataremos.

CAPITULO VII.

De como os inimigos começáram a bater a fortaleza : e de como chegou a ella Dom Garcia de Menezes : e de huma sahida que fez aos inimigos , em que o matáram.

TAnto que os inimigos se fortificáram , logo começáram a bater a nossa fortaleza , de huma , e da outra parte com grande terror , e della tambem os serviam arrezoadamente , trazendo D. Pedro da Silva grande vigilancia em tudo , vendo , notando , e provendo as cousas que eram necessarias , não quietando de dia , nem dormindo de noite , porque os inimigos lhe não davam vagar pera cousa alguma destas ; porque começáram a dar assaltos mui apressados , e amiudados , de que as mais das vezes sahiam bem escalavrados. Poucos dias depois de sua chegada appareceo a caravela , em que vinha D. Garcia de Menezes , filho do Craveiro , que deixámos partido de Goa pera Malaca , no Cap. IV. do Liv. IX. Em a vendo os inimigos , despedio ElRey de Viantana Lacximena com quarenta , ou sinco-

coenta lancharas, pera a irem commetter, como fizeram.

D. Garcia de Menezes tanto que vio aquella Armada, que se conheceo ser de inimigos, mandou embandeirar a caravela toda, e negociar a artilheria, e posto em armas com todos os seus assim á véla foi caminhando até chegar á Armada do inimigo. Lacximena rodeou a caravela, e começou a esbombardear soberbamente, chegando-se a ella quanto pode, por ver se a podia investir; mas a caravela que levava muita, e muito boa artilheria, a começou a desparar pera todas as partes, empregando suas cargas muito á sua vontade; porque como hia á véla com vento fresco, governava pera onde queria. Lacximena trabalhou tudo o que pode por abordar a caravela, mas nunca pode; porque como hia á véla, receava de pôr a prôa nella, por se não espedaçar, e foi de fóra esbombardeando-a, e mettendo-lhe muitos pelouros dentro com que lhe ferio muita gente. D. Garcia de Menezes mostrou nesta briga bem, que as letras não desbotavão a lança, porque acudio com tanto animo, e prudencia, como se todos os annos que gastou nos estudos, os despendêra na milicia, fazendo melhor o officio de Capitão, que de Letrado. E quiz sua boa fortuna que acertasse da sua caravela com hum

ca-

camelo na lanchara de Lacximena , que a fez em pedaços , e a elle , a hum filho seu , que estavam ambos , e outros dizem que tambem a hum genro; pagando este malditoMouro por mão de Portuguezes neste tempo o que devia no tempo de hum filho do Conde Almirante á morte do valoroso Capitão D. Paulo da Gama , e de outros Fidalgos , e Cavalleiros , (como temos dito no Cap. XI. do Liv. VIII. da quarta Decada.)

Tanto que os Malaios víram morto seu Capitão mór , logo se foram recolhendo pera Malaca , e a caravela apôs elles sempre ás bombardadas , até deitar ferro defronte de Malaca. D. Pedro da Silva esteve vendo a briga de sima da fortaleza , não sabendo que caravela aquella podia ser ; mas todavia notou que vinha nella Capitão de brio , pela confiança com que se embandeirou , e pelo procedimento que lhe via. E deitando hum balão muito esquipado , mandou saber que caravela era , quando já vio ir os inimigos em desbarato. O balão chegou a bordo , e sabendo da caravela , e quem vinha nella , tornou a voltar com recado ao Capitão , que ficou muito alvoroçado com aquellas novas.

D. Garcia de Menezes tanto que surgio ; deixando Gemez Barreto (que vinha com elle por Capitão do mar de Malaca) na cara-

ravela, desembarcou com poucos, que o acompanháram, e achou D. Pedro da Silva da Gama, que o aguardava na praia, onde o recebeo com muitas honras, e lhe deo gazalhado em terra, no lugar em que elle quiz, que foi na parte do jogo da bola; porque alli era a estancia do Capitão, onde dormia, e dava meza a muitos homens pobres. E porque era a monção em que cada dia se esperavam navios da India, ordenou o Capitão com D. Garcia de Menezes, que ficasse Gemez Barreto na caravela com quarenta homens, pera ir favorecer as náos que viessem demandar aquelle porto, porque estava certo sahirem os inimigos a commettellas. E mandando-lhe metter mais duas esperas de metal, a proveo tambem de munições em abastança. Gemez Barreto se deixou ficar na caravela com grande vigia, e com a amarra sempre guarnecida ao cabrestante. Dahi a poucos dias houveram vista de huma náo, que era de hum Francisco Mendes, e vinha de Cochim carregada de fazendas. ElRey de Viantana mandou logo as suas lancharas pera que a fossem commetter.

Gemez Barreto em vendo a náo, levou a amarra, e soltou as vélas todas, e metteose no meio da Armada dos inimigos, e a foi servindo de bombardadas por todas as partes. O Capitão da náo vendo aquella Ar-

ma-

mada que vinha atirando tantas bombardadas, logo conheceo que era de inimigos, e não a ousando esperar, voltou em outro bordo. Gemez Barreto tanto que a vio voltar, amainou, e içou a véla da gavea tres, ou quatro vezes, fazendo-lhe sinal com isso pera que esperasse; mas elle como hia aviado, e com grande medo, não entendeo o sinal, antes lhe pareceo que aquella caravela era tambem dos inimigos, que a teriam tomada, porque todos vinham envoltos, e a caravela no meio. Francisco Mendes não curando de cousa alguma, foi seu caminho até que lhe anoiteceo, e a Armada se recolheo, e Gemez Barreto se tornou a pôr no seu posto.

Este Francisco Mendes se foi pela costa assima com vento prospero, e passou por Pegú, e foi tomar o porto grande, e em huma daquellas Ilhas se perdeo, salvando-se a gente toda. Os inimigos foram continuando o cerco de ambas as partes, dando muitos, e apressados combates, e assaltos, com que os nossos andavam mui quebrantados; mas de todos foram rebatidos, e escalavrados pelo esforço do Capitão, e de todos os mais, que neste cerco fizeram maravilhas. Os Jáos trouxeram huma peça de artilheria das suas estancias, e a puzeram defronte da ponte, e por sima della vareja-

vam

vam a Cidade dentro, e faziam nella muito damno.

D. Garcia de Menezes, que era Fidalgo orgulhoſo, e deſejava de ſe aſſinalar, pedio licença a D. Pedro da Silva pera ir tomar aquella peça, que lhe elle deo; e fazendo-ſe preſtes com cem homens, e com elle Pero Vaz Guedes, (de quem no primeiro cerco de Dio de Antonio da Silveira temos dado razão, no Cap. X. do Liv. III. da quinta Decada,) e outros Fidalgos, e Cavalleiros que ſe lhe offerecêram pera iſſo. E ſendo o quarto d'alva quaſi rendido, ſahíram os noſſos pela ponte, e deram na eſtancia que os Jáos alli tinham em guarda da peça, tão de ſupito, que os não ſentíram, ſenão quando já os cortavam, e foi de feição, que os mais dos que a guardavam ficáram alli eſpedaçados, e dando cabos á peça de artilheria, a foram trazendo com grande alvoroço.

O Sangue de Pate, Capitão dos Jáos, teve logo rebate daquelle negocio pelos que eſcapáram fugindo; e ſahindo das eſtancias com dous mil homens, deo nos noſſos que tinham já a peça de artilheria no lugar em que hoje eſtá a Alfandega, e com aquella furia começáram os ſoldados de D. Garcia a ſe deſmandar, e recolher pera a ponte. Mas D. Garcia de Menezes, que era Fidalgo de gran-

grande animo, poſto junto da bombarda, e com elle Pero Vaz Guedes, e alguns poucos que os quizeram acompanhar, fizeram roſto aos inimigos, e traváram com elles huma muito aſpera batalha, ſem ſe quererem recolher com verem a multidão dos inimigos; porque antes quizeram morrer, que largar a bombarda que tinham tomado. Mas como o número era tão deſigual, apertáram tanto com os noſſos, que os fizeram recolher; mas não a D. Garcia de Menezes, nem a Pero Vaz Guedes, que ſobre a bombarda morrêram, ſem ſe querem mudar della hum paſſo: acabando aqui eſtes dous esforçados Cavalleiros, com deixarem primeiro antre os inimigos muito grandes ſinaes de ſeu esforço. Foi aqui tambem morto Antonio Ferreira, muito bom Cavalleiro, que foi Camareiro do Conde da Caſtanheira.

Desbaratados os noſſos, e entrando pela ponte, foi tão grande o medo, e a deſordem, que cahíram ao mar muitos, e ſe affogáram alguns. Cuſtou eſta ſahida trinta homens, antre os que morrêram na batalha, e os affogados. D. Pedro da Silva vendo o desbarato, ſahio com cem homens até á ponte, e recolheo os que vinham fugindo; e ſabendo da morte daquelles dous Fidalgos, em eſtremo o ſentio, aſſim por ſuas peſſoas, como pela mingua, e falta que lhe haviam de

fa-

fazer, porque eſtava em tempo, que havia miſter homens, e mais taes como aquelles. E recolhendo-ſe com eſta mágoa, foi proſeguindo na defensão da fortaleza com muito cuidado. E porque os aſſaltos foram muito continuos, e miudos, e que a hiſtoria não ſoffre particularizar, paſſaremos por elles, e não daremos razão, ſenão das couſas principaes, porque temos muitas que nos chamam, e tocão por nós.

CAPITULO VIII.

Do que aconteceo ao homem que levou o recado do cerco de Malaca: e de como Gil Fernandes de Carvalho, que eſtava em Quedá ſe fez preſtes pera a ir ſoccorrer: e como eſte recado chegou ao porto grande, e dos ſoccorros que ſe ajuntáram: e das couſas que ſuccedêram em Malaca neſte cerco.

PArtido o homem que D. Pedro da Silva da Gama mandou com as novas do cerco, foi correndo a coſta; e chegando ao rio de Quedá, (que he ſeſſenta leguas de Malaca,) achou alli Gil Fernandes de Carvalho com o ſeu galeão carregado de pimenta. E moſtrando-lhe a carta geral de Dom Pedro da Silva, e dando-lhe informação do trabalho em que Malaca eſtava, paſſou ávante,

te, e em ſua companhia hum Pero Tavares, Capitão de hum navio ſeu que alli eſtava: eſte pera entrar em Pegú a dar recado a Jorge de Mello o Punho, e o outro pera paſſar ao porto grande, onde eſtava Gonçalo Vaz de Tavora, a quem Gil Fernandes de Carvalho eſcreveo, que ſe vieſſe ajuntar com elle, pera todos juntos commetterem a Armada dos inimigos, e a desbaratarem. Pero Tavares chegou a Pegú, e achou Jorge de Mello prezo; porque vindo aquelle Rey do negocio de Sião, (como adiante diremos na ſetima Decada,) achou alevantado hum Capitão ſeu, chamado Xemido, e lhe tinha tomado a Cidade de Pegú; e indo ElRey contra elle, o houve ás mãos, e o matou; e porque achou culpado Jorge de Mello em favorecer o alevantado, e lhe dar munições, o prendeo, e corrêra muito riſco, ſe ſe alli não achára Diogo Soares de Mello, que depois o pedio a ElRey que lho deo.

Pero Tavares não achando alli alguem a quem dar recado, paſſou ávante, e chegou ao porto de Arracão, pera dar as cartas a Gonçalo Vaz de Tavora, que achou morto, porque havia poucos dias que dera huma batalha aos Mogos, em que foi morto com outros Portuguezes; mas achou em ſeu lugar hum João Henriques, da obrigação do Viſo-Rey D. Affonſo de Noronha,

e

e dando-lhe as cartas; e vendo elle a necessidade em que Malaca estava, se embarcou logo no galeão em que tinha ido Gonçalo Vaz de Tavora; e carregando huma náo de mercadores que estava no porto, de arroz, e outros mantimentos, partio pera Malaca, indo com elles Pero Tavares na sua fusta; e deixallos-hemos em sua viagem até seu tempo.

Gil Fernandes de Carvalho tanto que teve recado, deixando a sua náo que estava á carga com alguns Portuguezes pera sua guarda, se embarcou em huma formosa galeota com quarenta Portuguezes, e tomou o caminho de Malaca, em que os deixaremos, por continuarmos com o que neste tempo succedeo naquella fortaleza.

Os inimigos foram continuando as baterias, e assaltos apressadamente, e puzeram os nossos em estado, que muitas vezes se víram desconfiados, porque lhes começou a faltar o mantimento, e já comiam cousas nojentas, e aborreciveis, com o que começáram a morrer muitos dos mesquinhos, e os escravos a se passarem pera os inimigos. E sendo já no mez de Julho, apparecêram duas náos, que vinham de Cochim carregadas de fazendas, huma de Alvaro da Gama, que estava por Capitão em Cochim, em que vinha Luiz Martins, e a outra de hum

hum Antão Martins o ſurdo, que era caſado com a mãi de Dona Maria da Cunha, filha do Governador Nuno da Cunha. Os inimigos tanto que as víram lhes ſahíram com ſua Armada; mas Gemez Barreto, que ſempre eſtava á lerta, deo á véla apôs ella, e no meio de todas as embarcações hia esbombardeando a huma, e a outra parte, deſapparelhando algumas, e matando-lhe dentro muita gente: deſta maneira chegou ás náos, e voltou com ellas, vindo-lhes os inimigos por poppa atirando-lhes muitas bombardadas, e recebendo elles outras que lhes faziam maior damno; aſſim foram até ſurgirem defronte da fortaleza. Os noſſos ficáram muito alvoroçados com eſte ſoccorro, porque alguns mantimentos lhes leváram as náos com que ſe remediáram. D. Pedro da Silva vendo que a falta delles hia por diante, e que não tinha eſperanças de lhe virem de Jaoá, deo buſca nas caſas, e recolheo tudo o que achou, e o metteo em armazens, e dalli ſe repartia com muita ordem pelos Portuguezes; e todavia pela falta que cada vez era maior, ſe lhes eſtreitava a ração, e creſciam os trabalhos; porque os inimigos amiudavão os aſſaltos, com o que traziam os noſſos tão inquietos, que não dormiam, nem repouſavão, e por ſima diſto andavam todos tão fracos de fome,

que já não havia nelles mais que os animos.

Poucos dias depois de chegarem estas náos, apparecêram outras duas que vinham da banda do Estreito de Sincapura; huma dellas era a náo de Bernaldim de Sousa, que vinha de Maluco, de que era Capitão Manoel de Figueiredo; e a outra era hum galeão que vinha de Timór carregado de Sandalo, de que era senhorio, e Capitão Braz Roballo, Cavalleiro honrado, e casado com huma Guiomar de Aguiar, mãi de Dom Vasco da Gama, filho de D. Estevão da Gama. Estas náos tanto que apparêceram, logo os Malaios se embarcáram na sua Armada, e as foram commetter, e Gemez Barreto tambem em as vendo as foi buscar, e recolher, e indo sempre pelejando com a Armada inimiga, e tornando-se a recolher com as náos tambem pelejando, e foram surgir no porto, onde já apparecia huma arrezoada frota nossa. Na náo de Bernaldim de Sousa vinha Christovão de Sá, que D. Pedro da Silva recebeo bem, por ser hum Fidalgo muito bom homem, e bom Cavalleiro.

Neste tempo estavam as cousas em estado, que se passavam muitos escravos dos Portuguezes pera a banda dos Jáos, porque como hiam pescar quasi todos ao mar, na frontaria da fortaleza, e na banda de fóra

na

na boca do rio era a agua tão pouca, que quaſi dava pela cinta a huma peſſoa: os eſcravos que queriam fugir, não faziam mais que lançar-ſe á agua, e paſſarem-ſe á outra banda, onde os Jáos os recolhiam. Diſto andava o Capitão muito enfadado, e de não ter alguma eſpia que lhe diſſeſſe a verdade do que os inimigos determinavam.

Como iſto ſe praticava na fortaleza, e o Capitão tinha encommendado a todos os Portuguezes, que trabalhaſſem por tomar alguma eſpia, foi-ſe hum eſcravo (Cafre de nação) a ſeu Senhor, e lhe pedio huma eſpada curta, porque ſe queria arriſcar a tomar hum Jáo. O Senhor duvidoſo ſe ſeria aquillo querer-lhe elle fugir, como cada dia faziam os outros, eſteve pera lha não dar; mas cuidando depois que ſe elle tinha vontade de fugir, que tanto o faria com eſpada, como ſem ella, quiz fazer do ladrão fiel, (como lá dizem,) e buſcando huma eſpada curta lha deo. O Cafre ſe foi á borda do mar com a eſpada nua na mão, e ſe metteo pela agua com ella eſcondida debaixo, e começou a paſſar manſo, e devagar pera a outra banda, e antes de chegar a ella acudíram os Jáos, como coſtumavam, e metteo-ſe hum pela agua pera dar a mão ao Cafre; o Cafre pegando-lhe tambem com a eſquerda pelo braço que lhe dava, alevan-

tou a direita que levava por baixo da agua, e deo tão façanhoſo golpe com a eſpada por hum hombro ao Jáo, que quaſi o eſcalou, e puxando por elle, o foi levando a raſto pela agua. O Senhor do Cafre, que eſtava deſtoutra banda com alguns amigos, em vendo aquelle negocio, começáram a jogar com ſua eſpingardaria, porque acudiam já muitos Jáos ao outro. O Cafre chegou a terra com o Jáo ferrado, e o levou ao Capitão que eſtava na Armada, que o eſtimou muito, e abraçando o Cafre, o forrou logo. E tomando o Jáo a huma parte, lhe mandou fazer perguntas, e a tudo lhe reſpondeo verdade, dizendo: » Que eſtavam todos os da liga preſtes pera darem hum » grande aſſalto á fortaleza, com o que eſperavam de a tomar, e que ſería o dia da » Lua nova, porque eſperavam pera depois » de fazerem ſuas ceremonias commetterem » o aſſalto; pera o que tinham feito mais de » ſincoenta eſcadas, e outros petrechos, e » máquinas pera encoſtarem aos muros. »

Tanto que o Capitão ſoube do Mouro tudo o que quiz, mandou-o entregar aos rapazes, que o eſpedaçáram. Iſto ſe eſpalhou logo pela fortaleza, e começou a haver roſtinhos, e deſconfianças. O Capitão tratou de ſe fortificar por todas as partes, porque por todas havia de ſer commettido.

Ha-

Havia na fortaleza hum ſoldado, homem de mais de quarenta annos, a que não achámos o nome, (pelos deſcuidos de que tantas vezes nos queixamos,) que devia de ter andado por Italia, ou Alemanha, e tinha prática das couſas da milicia, porque parece que militára por lá alguns annos. Eſte homem agazalhava-ſe á porta da fortaleza, junto de huma bombarda, que dalli jogava por ſima da ponte, e tinha feito huma tenda de palha, em que ſe recolhia com ſuas armas ſó, ſem converſar com alguem, nem ſer conhecido: era hum homemzarrão de muita peſſoa, tinha huma mui formoſa barba caſtanha, que lhe dava por meio dos peitos. Vendo eſte homem o trabalho em que o Capitão andava de ſe repairar, e fortificar, pelo que lhe tinha dito o Jáo, ſe foi hum dia a elle, e tomando-o á parte lhe diſſe » que mandaſſe tirar os maſtos a todos » aquelles juncos que eſtavam no rio, e os » puzeſſe por ſima dos navios, pera o tempo » do aſſalto, depois de eſtarem as eſcádas » encoſtadas ao muro, os deixarem cahir de » ſima, e que iſſo baſtaria pera desbaratar » os inimigos; mas que havia iſto de ſer em » tanto ſegredo, que não ſoubeſſe peſſoa viva » o que determinava, porque ſe não precataſſem os inimigos, » (que logo eram aviſados de tudo pelos que fugiam.) Pareceo-

lhe

lhe ao Capitão aquelle conſelho muito bem, e logo mandou tirar os maſtos aos juncos, e os mandou pôr ao pé dos muros, aſſim eſtendidos ao comprido; e porque não abrangião pera cercar tudo á roda, mandou deſmanchar caſas ſobradadas, e tirar-lhes as vigas pera iſſo. E como teve tudo cheio á roda, ordenou por ſima dos muros aparelhos pera as alarem aſſima quando foſſe tempo. Os caſados, e muitos outros que viam aquelle trabalho, ſem ſaberem o fundamento diſto, praguejavam, e diziam, que aquillo era andar areado, e que de medo já não ſabia o que fazia; o que elle ouvia, e calava, como prudente, ſezudo, e experimentado, porque eſta he a obrigação do bom Capitão em taes tempos.

Algumas couſas muito notaveis acontecêram neſte tempo, de que contaremos algumas. Alevantando-ſe hum dia o Capitão de huma cadeira que tinha na ramada, pera ir roldar, ſe aſſentou nella hum foão Cabral, (que era o ſenhor do Cafre que tomou o Jáo,) e diſſe: Quero agora ſer Capitão; e pondo a perna por ſima do braço da cadeira, veio huma bombardada dos inimigos, e o tomou por ella, que logo o matou.

Eſtando hum homem commungando, virando-ſe o Padre pera lhe lançar a benção, depois de ter recebido o Senhor, entrou pela

la porta da Igreja hum pelouro daquella peça que D. Garcia quiz defender, e sobre que morreo, e deo nas costas ao homem, e o fez em pedaços; pelo que o Capitão mandou logo fazer huma tranqueira muito forte defronte da porta da Igreja. O Condestable da fortaleza estando apontando huma espera, que estava á porta de nossa Senhora do Monte, veio hum pelouro de huma bombarda, que o tomou pela testa, e o matou logo.

CAPITULO IX.

Do grande assalto que os Mouros deram á fortaleza, de que sahiram desbaratados: e do que os inimigos determináram em damno da fortaleza: e de outro grande conselho que deo o mesmo homem contra o intento dos inimigos; pelo que se alevantáram os Malaios do cerco, e ficáram os Jáos: e de como Gil Fernandes de Carvalho chegou a Malaca, e deo batalha aos inimigos em que os desbaratou.

FOi-se o Capitão fazendo prestes pera o assalto que esperava, tendo guarnecidos os baluartes, e guaritas de muitas munições, e de homens de recado, o que tudo preparou, e fez até doze dias do mez de Agosto, em que era a Lua nova. E tanto que

ao

ao pôr do Sol appareceo, começáram os Mouros em ſuas eſtancias a fazer grandes feſtas, tangeres, gritas, e a atirar ſua artilheria. D. Pedro da Silva, que eſtava já preſtes, e preparado, ſe foi ás eſtancias, e mandou com muita brevidade alar aſſima os maſtos, e traves que eſtavam ao pé do muro, o que ſe fez muito preſtes, porque eſtavam já aparelhos, e polés guarnecidas pera iſſo. Subidos ao muro os puzeram por ſima das paredes, e o Capitão que até então não tinha dito o pera que aquillo era, diſſe aos Capitães dos baluartes, e guaritas » que tanto que os inimigos encoſtaſſem as eſcadas » ás paredes, e ſubiſſem, déſſem de mão aos » maſtos, e os deixaſſem cahir ſobre elles. »

Os Mouros toda a noite paſſáram em feſtas, e tangeres; e como foi o quarto d'alva, abaláram de ſeus exercitos com grandes gritas, e alaridos, levando mais de ſincoenta eſcadas mui grandes ſobre ſuas rodas, e diante dellas mantas mui groſſas, e fortes pera emparo dos que as hiam rolando; e com huma confusão ruſtica, e barbara arremettêram com os muros os Malaios da banda de Ilher, e os foram cingindo á roda, e encoſtáram nelles ſuas eſcadas, por onde começáram a ſubir. Os noſſos que eſtavam álerta os deixáram chegar bem á ſua vontade, e como víram as eſcadas cheias, deram

de

de mão aos maſtos, que foram com hum terremoto eſpantoſo cahindo ſobre as eſcadas, que logo fizeram em pedaços, e a todos os que por ellas ſubiam, e a muitos dos que eſtavam em baixo, e apôs os maſtos foram logo muitas panelas de polvora, que ſe desfizeram ſobre aquelle cardume de inimigos.

O Rey de Viantana, e os mais da liga vendo aquelle damno, paſmados ſe foram recolhendo, ficando-lhes ao pé dos muros mais de ſeiscentos feitos pedaços, e abrazados. Os Jáos ao meſmo tempo commettêram tambem pela banda do mar, e entráram huma ſomma delles em huma daquellas caſas de madeira, que eſtavam armadas da banda de fóra da tranqueira, que o Capitão mandou fazer naquella parte, que de maré vaſia ficam em ſecco, e na enchente todas mettidas na agua. Entrados eſtes nas caſas, deram com huma mulher velha Malaia, e lhe perguntáram pelo caminho que hia pera o monte, onde eſtava a Ermida da Madre de Deos, (porque eſtava aſſentado antre elles, que ſe apoderaſſem delle pera dalli ficarem ſobre a fortaleza, porque aquelle monte lhe he padraſto,) a velha lhes diſſe, que lhes moſtraria o caminho; e ſahindo-ſe pera fóra, ferrolhou a porta ſobre ſi, e foi dar rebáte ao Capitão deſte caſo. Dom

Pe-

Pedro da Silva tinha encommendado aquella parte do mar a Chriſtovão de Sá, que ao tempo que os inimigos accommettêram, os mandou varejar com a artilheria, com que lhe matou muitos. E acudindo áquella parte, diſſe a Chriſtovão de Sá, e a outros Cavalleiros, que com elle eſtavam, que acudiſſem ás caſas, onde os Mouros eſtavam mettidos, e elle foi roldar as eſtancias, onde ouvia grandes gritas. Os noſſos tanto que ſouberam eſtarem Mouros nas caſas, ſe foram huns poucos a elles, e ſubindo-ſe em ſima dos telhados os deſtelháram, e com as eſpingardas não faziam ſenão derribar nelles. Os Mouros tanto que víram os noſſos em ſima, e não tinham por onde ſahir, e eram muitos, andavam pela caſa correndo de huma parte pera a outra, porque os noſſos lhes não pudeſſem tomar bem o ponto; mas todavia elles ſempre os acertavam, e derribavam, e com aquella furia puzeram os hombros a huma porta, que arrombáram, e varáram a huma baranda. Os noſſos ſe paſſáram a ella pelos telhados, e a deſtelháram, e como era mais baixa, chegavam-lhes os Mouros com as lanças aſſima, e os tratáram mal; mas elles pedindo panellas de polvora, deram com ellas antre elles, e abrazáram muitos, e outros ſe lançáram das varandas abaixo em terra, que era maré vaſia,

ſia, onde foram tambem a mór parte mortos á eſpingarda. Durou eſta briga até huma hora, ou duas do dia, em que os inimigos ſe acabáram de desbaratar de todo, e ſe recolhêram ás ſuas eſtancias bem eſcalavrados.

Vendo os Reys da liga o damno que tinham recebido naquelle cerco, ajuntandoſe todos a conſelho, aſſentáram » que ſe não » alevantaſſem de ſobre a fortaleza ſem a tomarem, e que pera iſſo ſe deixaſſem eſtar » muito devagar, e que eſperaſſem pela monção em que os juncos da Jaoa haviam de » vir com mantimentos pera Malaca; que » os recolheſſem, e ſe apercebeſſem pera to» do aquelle anno, e que os Portuguezes lhe » não ficaria outro remedio ſenão entrega» rem-ſe, porque como lhes faltaſſem os man» timentos da Jaoa, não havia outra parte » donde os pudeſſem eſperar; que elles ti» nham o mar, e a terra por ſi, que ſe dei» xaſſem eſtar ſem ſe arriſcarem em aſſaltos, » que os Portuguezes lhes não eſcapariam » das mãos. » Com eſta reſolução ſe fortificáram de novo, e ſe puzeram em ordem de ficarem alli todo o verão. O Capitão foi logo aviſado diſto, e houve-ſe por perdido; porque vio que aquelle ardil dos inimigos era diabolico, e que ſe perſeveraſſem nelle, forçado ſe havia de perder, porque como lhe

lhe faltaſſem mantimentos não havia repairo algum, e elle eſtava já tão falto de tudo, que ſe comiam couſas immundas, como cães, gatos, ratos, e ainda quando ſe podiam haver.

Andando com iſto muito aſſombrado, cuidando no que faria, permittio Deos inſpirar naquelle ſoldado, que diſſemos no Capitulo atrás deſte IX. Liv., que deo o ardil dos maſtos ſobre as ameias dos muros, que deixáram cahir ſobre as eſcadas, lhe deo outro novo ardil.

Eſte ſoldado vendo o Capitão daquella maneira, ſe foi a elle, e em ſegredo lhe diſſe » que deſpediſſe aquellas náos que eſta» vam no porto, com fama que mandava dar » em Jor, Pão, Perá, Marruas, e por to» da aquella coſta, e que forçado os inimi» gos haviam de acudir a ſuas terras, por» que lhas não deſtruiſſem, e que foſſem eſ» perar os juncos da Jaoa nos Eſtreitos; e » que alli reſgataſſem os mantimentos com » roupas, e os tornaſſem a mandar. » Sooulhe tão bem ao Capitão aquillo, que houve que o Eſpirito Santo fallava pela boca daquelle ſoldado, e logo mandou chamar Luiz Martins, Capitão da náo de Alvaro da Gama, e Braz Robalo, Capitão do ſeu galeão, e Antonio Nunes tambem Capitão da ſua náo, e na ramada lhes diſſe publicamen-

te

te » que ſe foſſem todos juntos por aquella
» coſta, e que déſſem nos lugares de Vian-
» tana, de Perá, Pão, Marruas, e todos os
» mais, e que puzeſſem tudo a ferro, e a
» fogo ſem perdoarem a couſa viva; » e man-
dou embarcar nas náos muitas roupas, das
que os Jáos vam buſcar a Malaca, e man-
dou armar duas fuſtas pera irem com elles.
Eſtes Capitães ſe foram logo embarcar, e
o Capitão D. Pedro da Silva lhes deo hum
regimento cerrado, e no ſobreeſcrito de fó-
ra lhe dizia » que abriſſem aquelle, tanto que
» foſſem fóra dos Eſtreitos, e que fizeſſem
» o que nelle lhes mandava » e embarcados
todos deram ás vélas.

Como eſtas couſas paſſáram publicamente,
logo o Rey de Jor foi dellas aviſado, porque
trazia na fortaleza grandes intelligencias; e
vendo ir aquella Armada, receando elle, e
todos os mais Reys que com elle eſtavam, que
lhes deſtruiſſem ſuas Cidades, e portos, logo
no meſmo dia ſe embarcáram pera lhes irem
ſoccorrer. Os Jáos que eſtavam da banda de
Malaca, tanto que ſouberam ſerem os Mala-
ios idos, ſem lhes darem conta de couſa al-
guma, determináram de proſeguir no cerco,
e tomarem aquella Cidade, e pera iſſo ſe
paſſáram ametade pera a banda de Ilher, on-
de os Malaios eſtavam, pera de mais perto
baterem, e commetterem a Cidade.

Ao

Ao outro dia depois que isto passou, chegou Gil Fernandes de Carvalho ao porto de Malaca com a sua galeota muito embandeirada, e desembarcando em terra, sahio D. Pedro da Silva ao receber á praia, e com grandes honras, e alvoroço de todos foi recolhido dentro, e logo lhe deo conta de todo o passado, e de como os Malaios o dia d'antes se recolhêram. Gil Fernandes de Carvalho disse a D. Pedro da Silva, » que » pois vinha, e tinha chegado a tão bom » tempo, que lhe désse licença pera de ma- » drugada sahir aos Jáos, porque esperava em » Deos de os desbaratar, e de se acabarem a- » quelles trabalhos, porque elle não se po- » dia alli deter muito. » D. Pedro da Silva lhe disse, que lhe parecia muito bem; e logo Gil Fernandes de Carvalho se começou a fazer prestes pera de madrugada dar nelles, ajuntando duzentos homens, em que entravam todos os Fidalgos, e Cavalleiros que alli havia. De todos estes fez tres Capitães, elle que havia de levar a dianteira, Christovão de Sá, e Gemez Barreto. E tanto que foi o quarto d'alva, sahio Gil Fernandes de Carvalho da fortaleza, ficando D. Pedro da Silva á porta com toda a mais gente, e remettendo com as estancias dos inimigos, que estavam descuidados, deram nelles com tamanhos estrondos, que primei-

ro

ro que soubessem o que era, tinham os nossos mortos mais de cento. E baralhando-se todos, fizeram os nossos tão grande estrago nos Jáos, que foi espanto. O Sangue de Pate, Capitão geral do exercito, acudio com hum Rey daquelles da Jaoa, e com todo o poder remettêram com os nossos, e os detiveram, mas não que perdessem as tranqueiras que tinham cavalgadas. Aqui deram huma lançada a Gil Fernandes de Carvalho por debaixo de hum braço, de que cahio no chão com a força, mas logo se poz em pé animando os seus. E quiz sua boa fortuna que encontrasse com hum Senhor, ou Rey daquelles da Jaoa; e remettendo com elle, o tomou com huma estocada em descuberto pelos peitos, de que deo logo com elle morto em terra, e lhe tomou a espada, e hum cris guarnecido de ouro.

Aqui derribáram o Alferes da bandeira de Gil Fernandes de Carvalho, e hum Jorge Borges acudio com muita pressa, e a tomou, e se poz em sima da tranqueira com ella. Os Jáos tanto que víram cahido aquelle seu Capitão, desamparando tudo se foram acolhendo pera o mar, e com a pressa se deitáram a elle pera se salvarem nos juncos. Os nossos vendo a vitoria clara, foram seguindo os inimigos, matando, e ferindo nelles sem piedade; e houve muitos solda-

dos,

dos, que de encarniçados de matar nelles, com aquella furia com que hiam, se lançáram com elles ao mar, e dentro na agua matáram muitos. D. Pedro da Silva vendo o desbarato dos inimigos, sahio fóra com toda a gente, e ainda muitos de sua companhia chegáram aos derradeiros, em que tambem prováram a mão.

Foi esta destruição muito notavel, porque se perdêram mais de dous mil Jáos, assim na terra, como no mar. D. Pedro da Silva recebeo Gil Fernandes de Carvalho com muita honra, dizendo-lhe muitas palavras de louvores seus, e de todos. Ficáram as estancias dos inimigos com toda a sua artilheria, munições, mantimentos, e mais cousas que D. Pedro da Silva mandou recolher na fortaleza, e nas estancias se poz logo fogo, em que se todas consumíram. E pera esta vitoria ser de mór louvor de Deos, e gosto de todos, succedeo aquelle dia dar huma tormenta tão grande, que os mais dos junços dos Jáos foram cassando pera a terra, onde encalhárão muitos, e se perdêram com muita artilheria que traziam, que foi recolhida dos nossos. Gil Fernandes de Carvalho vendo aquella mercê de Deos, se embarcou na sua galeota, e levou comsigo os batéis dos galeões mui bem concertados, e dando nos juncos, fez nelles huma grande des-

deſtruição. Os que pudéram dar á véla foram-ſe acolhendo pera Jaoa, onde chegáram com mais da metade da Armada, e da gente perdida.

As náos que foram eſperar os juncos de Jaoa aos Eſtreitos, recolhêram a ſi todos os que vieram, e com elles reſgatáram todos os mantimentos que traziam, a troco de roupas; e carregados delles ſe tornáram pera Malacá, com o que a vitoria ſe acabou de arrematar, porque já tinham que comer. Mas como os goſtos da vida não vem ſem ſer aguados com ſeu amorgoz, não ſe lográram os noſſos muito deſta vitoria; porque tanto que a fortaleza ficou deſcercada, começáram os noſſos a beber do poço da Bathocina, em que os Jáos tinham lançado tão fina peçonha, que logo em bebendo começáram todos a adoecer, e a morrer, ficando o ar tão inficionado, que em dando o Sol na cabeça a huma peſſoa alli cahia logo, e aſſim ſe enterravam cada dia doze, e quinze Portuguezes, e como doentes de peſte os levavam pelas ruas arraſtos, até hum quintal do Hoſpital onde os ſepultavam juntos. Morrêram deſte mal mais de duzentos Portuguezes, e muita gente da terra, do que todos andavam paſmados. D. Pedro da Silva entendeo bem o mal donde procedia, e mandou logo vaſar o poço, e alimpallo, e

defendeo que todo aquelle anno ſe não bebeſſe delle. Gil Fernandes de Carvalho como vio o feito acabado, deſpedio-ſe do Capitão, e ſe foi pera Quedá, onde tinha a ſua náo.

D. Pedro da Silva vendo-ſe deſapreſſado deſpedio a caravela, em que tinha vindo D. Garcia de Menezes, pera Maluco, e deo a Capitanía a Gemez Barreto, e mandou nella muitas roupas, e provimentos pera aquella fortaleza. Eſta caravela ſe fez á véla por todo o Agoſto, e chegou a Ternate em Novembro paſſado.

CAPITULO X.

Do que aconteceo na jornada a D. Rodrigo de Menezes, até chegar a Maluco: e das differenças que Bernaldim de Souſa teve com Chriſtovão de Sá ſobre aquella Capitanía: e de como Bernaldim de Souſa foi cercar a fortaleza de Geilolo: e do que lhe aconteceo na deſembarcação.

PArtido D. Rodrigo de Menezes de Goa o Abril paſſado de ſincoenta com a ſua Armada, como atrás diſſemos no Cap. V. do Liv. VIII., foi ſeguindo ſua derrota até Malaca; alli achou novas que não havia Caſtelhanos em Maluco, e por eſta razão ſe desfez a Armada, ficando alli ambas as cara-

ravelas. D. Rodrigo partio pera Maluco com o ſeu galeão, e o de D. João Coutinho, e a náo de Bernaldim de Souſa, e chegou áquella fortaleza eſte Outubro paſſado, e ſurgíram em Talangame, onde Bernaldim de Souſa eſtava com a ſua náo. D. João Coutinho lhe deo hum maſſo de cartas que levava do Governador pera elle, e dentro achou huma carta, em que lhe dizia: » Que » em qualquer parte que aquella o tomaſſe, » ſe tornaſſe pera Maluco, ſendo certa a nova » da Armada Caſtelhana, e que tornaſſe a » tomar poſſe daquella fortaleza, conforme » huma Patente que tambem lhe mandava, » e com ella lhe mandou hum Alvará pera alevantar a menagem a Chriſtovão de Sá, que eſtava por Capitão. Bernaldim de Souſa, poſto que lhe não dera couſa alguma irſe pera a India, todavia eſtimou muito aquella ſucceſsão, aſſim porque em quatro annos que alli tinha eſtado, em nenhum delles ſe colhêra novidade do cravo, por dar muito pouco, e aquelle ſe eſperava que déſſe muito, e acabar a ſua náo, e carregalla; como por lhe ficar tempo pera ir tomar a fortaleza de Geilolo, porque andava deſconfiado da murmuração que corria antre os homens, porque diziam publicamente, que elle quebrára a paz com aquelle Rey, e que ſe hia pera a India, deixando-os em guer-

ras, e em trabalhos. Ao outro dia ſe foi á fortaleza, e achou Chriſtovão de Sá á porta da banda de fóra, (eſtava elle aviſado da particula da Patente que dizia, que ſendo as novas da Armada Caſtelhana certas, ficaſſe outra vez por Capitão naquella fortaleza; e que Chriſtovão de Sá ſe foſſe pera a India.) E moſtrando-lhe a carta, diſſe Chriſtovão de Sá » que não havia novas de Caſtelhanos, » pelo que não podia entregar aquella for» taleza: que a tenção do Governador era » ſe houveſſe naquellas Ilhas Armada Caſte» lhana, ou nova certa della; porque ſe aſ» ſim não fora, não lhe puzera na Patente » clauſula, nem condição alguma. » E baralhando-ſe o negocio em gritos, e porfias de má feição, diſſe Chriſtovão de Sá » que » o que ſe podia fazer por juſtiça, não ſe » havia de levar por paixões; que elle re» mettia aquelle negocio ao Ouvidor da for» taleza, e ao Alcaide mór, e que o jul» gaſſem elles. » Bernaldim de Souſa lhe reſpondeo, que ninguem havia de ſer juiz de ſua honra. Com iſto ficou a couſa em ruins termos, e peiores eſperanças, porque da parte de Chriſtovão de Sá pendia a juſtiça, e da de Bernaldim de Souſa a authoridade, e muita poſſe que tinha de gente, e amigos. E como os homens são todos affeiçoados a novidades, neſta revolta ſe apartou

hum

hum ſoldado de Bernaldim de Souſa diſſimuladamente, e ſe poz em pé no poſtigo da fortaleza, que ſó eſtava aberta, (porque todos eſtavam da banda de fóra occupados nas contendas) e logo ſe foram pera aquelle outros dez, ou doze ſoldados, e tomáram a porta da fortaleza ſem os dous da contenda o verem, nem ſaberem. Bernaldim de Souſa como não queria levar aquelle negocio por juſtiça, ſenão por força, diſſe a Chriſtovão de Sá » que ſe determinaſſe; » que elle havia de fazer o que o Governa» dor lhe mandava. » Chriſtovão de Sá, que era bom Fidalgo, vendo a Bernaldim de Souſa tão colerico, e deſarrezoado, diſſe: » Ora » ſeja Senhor como quizerdes, e ficai na for» taleza, que eu me quero ir pera a India.» Bernaldim de Souſa o abraçou, ficando grandes amigos, e logo alli lhe entregou a fortaleza, e elle deo a menagem della nas mãos de Lopo Mendes Botelho Feitor, e Alcaide mór, como o Governador mandava na ſua Patente.

Deſtas couſas ficou D. Rodrigo de Menezes muito tomado de Chriſtovão de Sá, por ſe ter aconſelhado com elle ſobre aquella materia, e elle lhe ter dito o que havia de fazer, porque eſtava apoſtado ao favorecer, aſſim por ſer da parte da juſtiça, como por não ſer muito amigo de Bernaldim de Souſa.

Con-

Concluido isto, determinou Bernaldim de Sousa de fazer a jornada contra Geilolo; porque se deixasse alli aquella fortaleza, daria muito trabalho á nossa, e pera isso tratou com ElRey de Ternate, e lhe pedio que o acompanhasse nella, e elle lhe disse que o faria com muito gosto. E tambem escreveo ao Rey de Bachão, que se quizesse achar com elles. Bernaldim de Sousa preparou logo as cousas necessarias, e elegeo a gente que havia de levar, que foram cento e oitenta Portuguezes, que estavam sãos; e os poucos mais que havia, que não passavam de dez, deixou na fortaleza com o Alcaide mór; e mandou fazer muitos cestões, e escadas, e carretas pera as peças de artilheria que havia de levar.

Tendo tudo negociado, se começou a embarcar, elle na sua náo nova, D. João Coutinho no seu galeão, D. Rodrigo de Menezes na sua caravela, e Manoel Boto em outra que estava na mesma fortaleza, que hia cheia de munições, e petrechos de guerra, e de mantimentos; Balthazar Veloso, Capitão mór do mar; Christovão de Sá; e Diogo de Freitas, cada hum em sua corocora.

Embarcados todos deram á véla, e por acharem os tempos contrarios, mandou Bernaldim de Sousa dar toas aos galeões pelas corocoras, e puzeram dez, ou doze dias no ca-

caminho, e a vespera do Natal passado surgíram na barra de Geilolo, e salváram a fortaleza, que senão enxergava de fóra por causa do grande, e espesso arvoredo que havia antre ella, e o mar. Alli se deixou estar até á primeira Oitava, que chegou ElRey de Ternate, e com elle o Principe de Bachão, que era seu genro, com huma muito arrezoada Armada de corocoras, em que vieram perto de sinco mil homens de peleja. O Capitão os recebeo mui bem, e ElRey de Ternate lhe mostrou huma carta, que o de Geilolo lhe mandou ao caminho, em que lhe dizia » que se devia de lembrar como » ambos eram de huma lei, e do muito, e » mui chegado parentesco que antre elles ha- » via pera não favorecer os Portuguezes con- » tra elle; que lhe fazia a saber, que tinha » comsigo muitos Cavalleiros, muita artilhe- » ria, mantimentos, munições, e duzentos » Tarabos; » (são estes huma nação de gente daquella Ilha, mui temidos de todos; porque como andam sempre pelos matos, e são mui ligeiros, e no saltear os caminhos; hoje se vem aqui, e dalli a dous ou tres dias dalli a vinte leguas, tem feito crer aos daquellas Ilhas, que se fazem invisiveis, e que se escondem, e apparecem quando querem; pelo que são tão temidos, que só de os ouvirem nomear fogem muitos. Bernaldim de

Sou-

Sousa vio a carta, e disse a ElRey » que
» respondesse o que quizesse, e que quanto
» ás roncas, que lhe mandasse dizer que fol-
» gava muito de estar tão bem apercebido;
» que elle tambem levava muita gente, ar-
» tilheria, e munições; e que lhe fazia a sa-
» ber, que se não havia de apartar de sobre
» aquella fortaleza, sem a deixar pósta por
» terra, e de mandar os seus Tabaros pera
» as galés da India, e que lhe pezava por
» serem tão poucos. » ElRey de Ternate as-
sim lho escreveo, e lhe disse: » Que as obri-
» gações que tinha aos Portuguezes passavam
» por todos os parentescos; que lhe acon-
» selhava, que devia de fazer pazes com o
» Capitão, e conceder-lhe tudo o que elle
» pedisse, e que não quizesse experimentar a
» furia dos Portuguezes. »

Vendo o Geilolo esta carta, e o desen-
gano do Rey de Ternate, mandou metter
dentro na fortaleza todas as fazendas dos
seus, de ouro, prata, peças, pera os obri-
gar a pelejarem sobre o seu. E elle tambem
metteo seus thesouros publicamente, por mos-
trar aos seus quão pouco arreceava os Por-
tuguezes; mas de noite os tornou a tirar
em tanto segredo, que o não souberam se-
não aquelles servidores que lhos leváram,
e elle foi com elles, e os enterrou em hu-
ma parte secreta, e a mesma noite matou
os

os coitados que lhos acarretáram pelo não descubrirem.

A derradeira Oitava desembarcou Bernaldim de Sousa no lugar, em que o fez Fernão de Sousa de Tavora, na maneira seguinte. D. Rodrigo de Menezes, e Balthazar Veloso na dianteira com sessenta Portuguezes, e com elles Cachil Guzarate com dous mil Ternatezes, e logo Bernaldim de Sousa com a bandeira de Christo, e as peças de artilheria de campo, com todos os mais Portuguezes, e na retaguarda ElRey de Ternate, e o Principe de Bachão seu genro com o resto do exercito. Nesta ordem foram caminhando pelos matos com guias, sem acharem quem lho impedisse, e assim chegáram á vista da fortaleza. E porque não havia outra parte em que assentar o campo senão em hum outeiro, que estava hum tiro de berço della, mandou o Capitão arrazallo todo, o que se fez com muita gente de ElRey de Ternate, e gastáram nisso todo o dia até á tarde (porque foram alli amanhecer.) Já sobre a tarde despedio o Capitão a Manoel Boto com alguma gente pera ir á Armada buscar mantimentos, e algumas peças de artilheria mais, e outras cousas que eram necessarias, ficando os do exercito dormindo aquella noite no outeiro que arrazáram, sempre armados, e com grandes vigias.

El-

ElRey de Geilolo tanto que foi noite, lançou nos matos que ficavam perto do arraial alguma gente de espingardas, que toda a noite inquietáram os nossos, sem saberem donde lhes vinha o mal por ser escuro; e foi a cousa de feição, que os fizeram estar sempre em pé, desparando tambem a sua arcabuzaria em roda do arraial a montão. O Capitão, tanto que amanheceo, quiz mandar Balthazar Veloso com huma companhia de soldados pera dar guarda a Manoel Boto, que havia de vir da Armada com as cousas que foi buscar; mas ElRey de Ternate o tirou disso, com lhe dizer, que o caminho estava seguro. Estando o Capitão já fóra disso, moveo-lhe Deos supitamente o coração, porque os nossos se não perdessem, e mandou com muita pressa abalar Balthazar Veloso, o que elle fez com tanta, que lhe ficáram alguns homens dos que havia de levar, e indo a meio caminho deo nelle o Principe de Geilolo com quatrocentos dos seus principaes, porque parece teve aviso que se esperava por Manoel Boto, e estava lançado em cillada naquelles matos. Balthazar Veloso, que era homem de setenta annos com hum animo de vinte e sinco, ajuntou os seus, que seriam perto de vinte, a fóra alguns escravos, e Ternatezes, e cerrando-se todos, pondo-se elle na dian-

tei-

teira, e Henrique de Lima detrás, remettêram com os inimigos, nomeando-se muito alto, (como he costume antre aquellas gentes,) e começáram huma formosa batalha, em que Balthazar Veloso, Henrique de Lima, e outros sete, ou oito companheiros fizeram cousas, em que mostráram bem o valor Portuguez. Os Ternatezes, e ainda alguns Portuguezes, se foram recolhendo, e pondo em salvo; mas os que ficáram fizeram tamanho estrago nos inimigos, que com morte de mais de cento, puzeram os mais em fugida, ficando os nossos senhores do campo, e sem se derramar sangue algum Portuguez. Dalli foram buscar Manoel Boto, que logo encontráram, e o acompanháram até o arraial, onde se festejou a vitoria com muitos tiros, e instrumentos de alegria.

CAPITULO XI.

Do sitio, e fortificação da fortaleza de Geilolo, e de como os nossos a batêram: e das cousas que succedêram no cerco: e dos ardís de que ElRey de Tidore usou pera ver se deixavam os nossos o cerco.

A Fortaleza de Geilolo era de pedra, e terra solta, muito larga, e forte, tinha naquella frontaria dous formosos baluartes, era de fórma triangular, e de hum angu-

gulo corria huma cortina até fechar em hum castello Roqueiro, grande, e forte, que tinha outros dous baluartes. Da banda que fica pera o mar, que era mais baixa, tinha da banda de fóra do muro outro baluarte, que ficava sobre hum esteiro, e de longo delle estava a Cidade estendida, e elle defendia a entrada do esteiro. Tinha assim a fortaleza, como o castello em roda huma formosa cava toda estrepada por dentro, e por fóra de estrepes de Bambus machos mettidos no chão ao marrão, e depois agudos, huns altos, outros baixos, ao revéz huns dos outros, e tão bastos, que não podia passar hum gato sem se encravar nelles, quanto mais hum homem. Tinha ElRey dentro mil e duzentos homens escolhidos, em que entravam cem espingardeiros, e á roda pelos da fortaleza, e castello, dezoito berços de metal, e de ferro. Postos os nossos naquelle lugar do outeiro que desfizeram, começáram-se a fortificar com cestões, que se fizeram muitos, porque os matos eram todos de Bambus, e fizeram seus vallos, e trincheiras, em que plantáram a artilheria, no que gastáram dous dias. ElRey de Ternate, e o Principe seu genro ficáram naquelle lugar que se desfez, e o Capitão mais abaixo ao sopé. E hum pouco affastado em hum outeiro, que ficava padrasto á fortaleza, fez

Dom

Dom Rodrigo de Menezes ſua eſtancia com os ſeus ſoldados.

Aſſentados todos, e poſto tudo em ordem, começáram a bater a fortaleza de todas as eſtancias com grande furia, mas não fizeram mais que derribarem-lhe alguns altos, que logo eram repairados. Bernaldim de Souſa ficou enfadado, porque das eſtancias não ſe deſcubria bem a fortaleza pelo muito arvoredo que tinha derredor, e mandou armar outros ceſtões, com que ſe foi chegando mais á fortaleza, deixando ficar ElRey no lugar em que eſtava. E depois que fez a ſua eſtancia mais perto, ſubio-ſe a hum alto que eſtava hum pouco affaſtado pera notar bem a fortaleza, levando comſigo Cachil Guzarate, e Cachil Paio, Regedor de Ternate, e alguns Portuguezes. E eſtando notando a fortaleza, tanto que della os víram, deſcarregáram a montão alguns berços, e eſpingardas, com que lhe feríram algumas peſſoas, Cachil Paio de hum pelouro de berço, e de eſpingardadas Balthazar Veloſo, e Fernão Machado. Era eſte homem hum muito bom Cavalleiro, e na companhia de Manoel Boto tinha pelejado muito bem, e do dia que o feríram a hum mez morreo, eſtando já são da eſpingardada. Eſta morte profetizou elle o dia da deſembarcação, porque em pondo os pés na

ter-

terra, olhou pera alguns companheiros, e disse: » Nesta jornada me hão de matar. » E por não parecer que era medo, saltou, e bailou, e depois rezou o Officio dos Finados por sua alma, e até á hora que morreo, sempre andou tão alegre que alegrava a todos, e assim foi muito sentido. O Capitão se recolheo muito enfadado de lhe ferirem aquelles homens, e de não achar hum bom sitio pera assentar o exercito, nem de poder haver alguma espia, tendo mandado a isso alguns aventureiros.

Apartando-se hum dia Gabriel Rebello com dous companheiros, foi-se chegando á fortaleza, e notou a huma parte hum lugar muito accommodado, assim pera o arraial, como pera a bateria, e o foi dizer ao Capitão, que o foi ver com alguns que escolheo, e assentáram que alli estariam melhor, e logo mudáram pera aquella parte o arraial, fazendo-lhe seus vallos, e trincheiras, sobre que assentáram huma espera, hum salvage, quatro camelletes, e alguns falcões, com que começáram a bater a fortaleza.

ElRey de Ternate vendo que o Capitão insistia no cerco, como era Mouro, e parente do outro, andava já arrependido da jornada, porque sempre lhe pareceo que o Capitão se enfadasse logo, e que se tornasse, como fez Fernão de Sousa de Tavora;

e

e indo-se ao Capitão, lhe disse: » Que to-
» dos aquelles trabalhos eram em vão, que
» aquella fortaleza não se podia tomar co-
» mo elle cuidava, porque tinha muita gen-
» te, muita espingardaria, e muitos manti-
» mentos; que devia de se recolher, e não
» perder o tempo. » O mesmo lhe disse Chri-
stovão de Sá, e outras pessoas que tambem
estavam enfadadas, e que pela ventura o ti-
nham praticado com ElRey. O Capitão lhe
disse » que já que se abalára, havia de le-
» var aquelle negocio ávante, e que Deos
» o ajudaria. » ElRey tornou a repetir as dif-
ficuldades que havia, e se lhe offereceo pe-
ra fazer a guerra com os seus de fóra, e ir
dar em todas as aldêas de Geilolo, e as des-
truir, em lhe trazer mantimentos; o que lhe
o Capitão não acceitou. Naquelles dias, em
que se batia a fortaleza, deram alguns dos
nossos com gente de ElRey de Ternate em
algumas aldêas visinhas, em que fizeram bem
de damno. A bateria se foi continuando,
mas com pouco damno da fortaleza, de que
o Capitão andava desconfiado, e quizera com-
mettella por assalto, mas não vio pera isso
a gente que lhe era necessaria; e cuidando
comsigo no que faria, determinou de cer-
car a fortaleza em roda, pera totalmente
lhe tolher os mantimentos, sobre o que não
tomou parecer com pessoa alguma. E logo
man-

mandou abrir huma cava do arraial pera a fortaleza ao comprido, e na ponta della ordenou huma tranqueira muito forte, que ficava quaſi abordada aos muros, e pera ella ſe paſſou D. Rodrigo de Menezes com trinta homens; mas como ficava mais baixo que a fortaleza, de ſima dos muros lhe feríram muita gente de eſpingardadas.

São os Geilolos tão certos, e deſtros nellas, que eſtando aqui os noſſos á bateria com os do muro, vio hum Geilolo hum Ternate eſtar por huma ſeteira apontando nelle huma eſpingarda; e levando a ſua ao roſto com muita preſſa, deſparou no Ternate pelo buraco da ſeteira, e lhe metteo o pelouro pela boca dentro, quebrando-lhe dous dentes; e o pelouro, que devia de ir fraco, ſe deteve dentro na boca, em outros quatro que o Ternate tinha nella pera mais preſteza, e abaixando-ſe, lhe cahíram os ſinco pelouros no chão, ſem receber outro damno. D. Rodrigo mandou dizer ao Capitão, » que a tranqueira ficava tão deſcuberta ao muro, que lhe tinham ferido os mais dos companheiros ſem lhes elle poder valer. » O Capitão o mandou recolher, do que o Rey de Geilolo moſtrou grande alvoroço, e fez grandes algazarras dos muros.

A bateria ſe foi continuando contra vontade de todos, e geralmente murmuravam

do

do Capitão, dizendo, que proseguia aquelle cerco por dilatar o tempo pera carregar a sua náo de cravo, e partir pera a India só, e ficarem os mais galeões da viagem. Outros, que o Capitão não ousava de dar o assalto, sem quem a fortaleza se não podia tomar. Bernardo de Sousa, e D. João Coutinho lhe fizeram alguns requerimentos, dizendo-lhe, » que a monção se hia gastan» do, e que pelo que todos diziam, aquel» la fortaleza se não podia tomar com tão » pouca gente; que devia de se recolher pri» meiro, que lhe acontecesse algum desgosto.» Disto lhe deo a elle muito pouco, e mandou proseguir a bateria, e continuar na obra das cavas pera rodear a fortaleza, que lhe não pudesse entrar cousa alguma, pera os tomar á fome. Assim foi cortando as cavas de noite, que de dia não podia ser, porque lho impedia a arcabuzaria da fortaleza, até cercar á roda, com sinco tranqueiras que mandou fazer fronteiras aos baluartes dos inimigos, em que plantou peças de artilheria.

No começo desta obra sempre houve desconfianças em todos os do exercito, que não sería de effeito algum; mas depois que víram a traça que levava, e que todavia era de muita importancia, todos ajudavam a obra com muito gosto. De sima dos muros

 bem

bem ſentiam o trabalho, e toda a noite faziam grandes fogos pera deſcubrirem o campo, não ceſſando a ſua arcabuzaria de laborar, com que fizeram algum damno, e feríram muitos no exercito. O Rey de Tidore era aviſado todos os dias por cartas do de Geilolo, do eſtado em que as couſas eſtavam, e aſſim o foi das eſtancias que os noſſos tinham feito á roda da fortaleza; e entendendo o muito riſco em que eſtava, temendo-ſe que tanto que tomaſſe aquella fortaleza, o faria tambem á ſua, aconſelhado do Rey de Geilolo, amanheceo hum dia naquelle porto com huma Armada, e ſurgio junto dos galeões, e deſpedio logo Cachil Manavari ſeu irmão a viſitar o Capitão, e ElRey de Ternate. Bernaldim de Souſa o recebeo muito bem, e ouvio, e reſpondeo á viſitação. Vendo elle aquelle modo de fortificação do exercito, ficou paſmado, (porque aquillo não ſe uſava por aquellas partes,) e perguntando como ſe chamavam aquelles fortes, diſſeram-lhe que beſtiães, e dando á cabeça diſſe: » Beſtião, beſtião baſ» ta pera tudo. »

E quando viſitou ElRey de Ternate, lhe diſſe em ſegredo: » Que ElRey ſeu irmão » lhe mandava pedir, que trabalhaſſe muito » por eſtorvar aquelle negocio. » O que antre elles ſe paſſou ſobre iſto, ninguem o ſoube.

Deſ-

Deſpedido o Tidore ſe foi pera ſua Armada, e ElRey tornou a dar á véla pera ſeu Reyno; mas como hia cioſo daquelle negocio, e ElRey de Geilolo tornou a puxar por elle, pera que trabalhaſſe com que ſe alevantaſſe aquelle cerco, tornou a voltar pera Geilolo, e ſurgio affaſtado da Armada, e tornou a mandar o meſmo irmão a viſitar a Bernaldim de Souſa. Elle entendendo o deſpropoſito de tanta viſitação, lhe mandou dizer, » que ſenão vinham a mais que » a viſitallo, que lho tinha em mercê; mas » que ſe vinha a ajudar ElRey de Geilolo, » que lho diſſeſſe, pera mandar recado á Ar- » mada que o deixaſſe entrar na fortaleza, » porque quantos mais eſtiveſſem dentro, tan- » to mór goſto teria da vitoria. » Com eſte recado ſe deſpedio o Embaixador, deixando dito a alguns Ternatezes, como em ſegredo, » que ElRey ſeu irmão vinha quei- » mar a noſſa fortaleza, e a náo do Capi- » tão que eſtava á carga. » Iſto diſſe, porque bem ſabia que logo os Ternatezes o haviam de dizer, pera que em o Capitão o ſabendo, levantaſſe o cerco, e acudiſſe lá. Eſta nova chegou ao Capitão, a que reſpondeo muito ſeguro: » Que lhe dava muito pou- » co de lhe queimarem a ſua náo, porque » por intereſſe algum não havia de deixar o » ſerviço de ElRey, e que ſe lhe tomaſſem

» a fortaleza, que a todo o tempo a torna-
» ria a ganhar; » e foi proseguindo na obra
das cavas, e dos fortes. Quando ElRey de
Geilolo vio que todavia o Capitão hia ávan-
te com aquelle negocio, tratou de homiziar
o Rey de Ternate, e o Principe de Bachão
com o Capitão, e teve tal modo, que por
via de Ternatezes do exercito, com quem
tinha intelligencias secretas, lançou fama que
o Rey de Geilolo estava concertado com o
Principe de Bachão, e que lhe dava huma
filha em casamento. Isto inquietou ElRey de
Ternate, porque o tinha desposado com
huma filha sua; mas o Capitão acudio a is-
to, affirmando a ElRey, que tudo aquillo
eram ardís, e invenções do Geilolo, pera
semear zizania entre elles; com o que se
elle quietou algum tanto. ElRey de Tido-
re, como não quietava, tornou a voltar com
a sua Armada, com determinação de ver se
podia tomar hum dos nossos galeões, do que
o Capitão foi avisado primeiro que elle che-
gasse, e mandou a D. Rodrigo de Mene-
zes, que se fosse pera a Armada, e não
deixasse chegar a ella ElRey de Tidore. Che-
gando ElRey á vista, lhe sahio D. Rodri-
go de Menezes em hum batél muito bem
concertado, e quatro corocoras, em que
hia Cachil Ayo, meio irmão de Cachil Gu-
zarate, mancebo mui esforçado: vendo
El-

ElRey aquella determinação, voltou pera Tidore, e não curou de mais invenções.

CAPITULO XII.

De como Bernaldim de Sousa tomou hum poço de agua, de que os cercados bebiam: e de como por falta della se entregáram a partido.

CONtinuando-se a bateria, e a obra das cavas, e fortes, adoeceo ElRey de Ternate, e se foi curar a seu Reyno, e deixou em seu lugar a Cachil Guzarate, que era mui arrogante, e muito temido de todos os Malucos. Desta ida de ElRey houve grandes murmurações, e desconfianças, o que tudo soffreo, e atalhou Bernaldim ds Sousa com muita prudencia, e brandura, não deixando de proseguir na obra, e em mandar dar assaltos. Huma noite foi Gabriel Rabello com dez companheiros, e chegou a queimar humas casas, e certas embarcações que estavam varadas ao longo do muro. Os inimigos de sima delle sentíram os nossos, e não ousárão a lhe sahir, cuidando fosse alguma cillada pera os fazerem acudir alli, e commetterem-nos por outra parte, e de sima atiráram muitos tiros, com que fizeram affastar os nossos, ficando huma só casa por queimar, de quinze, ou vinte que eram; mas

hum Triſtão Gomes, meſtiço da terra, deitou de longe huma bomba de fogo, que acertou de cahir ſobre a caſa, que logo ardeo toda, e com a claridade enxergáram os noſſos toda a povoação, que eſtava edificada ſobre o eſteiro, que de aguas vivas ſe cubria todo, e paſſava ao ſecco pera a outra parte da cerca.

Eſta povoação não foi viſta até então dos noſſos; e recolhendo-ſe dalli, deram conta ao Capitão do que víram, e do modo da povoação, o que elle eſtimou muito ſaber. E logo deſpedio o Capitão mór do mar com ſincoenta ſoldados, e quinhentos Ternatezes, pera que ſe foſſem metter no eſteiro, e déſſem guarda a certas peſſoas, que haviam de ir com lanças de fogo queimar a povoação, e as embarcações que eſtavam varadas. E indo eſta gente demandar o eſteiro, deram todos na vaza, em que eſtiveram perdidos; e alguns que paſſáram adiante, ſem guardarem ordem alguma, nem eſperarem pelos mais, chegáram á Cidade, em que começáram a pôr o fogo com tamanhas gritas, que os moradores que eſtavam dormindo ſaltáram deſatinados fóra das camas, e foram fugindo pera a fortaleza, ſem verem de que, (mas pareceo-lhes pelos alaridos, e gritas que todo o poder dos noſſos dava nelles.) Com iſto chegáram os mais, e deram

ram fogo á Cidade, e a todas as embarcações, que eram muitas, que ardêram sobersobe bissimamente.

Feito isto, se puzeram todos em hum tezo ás espingardadas com os do muro, que estavam vendo aquella destruição. ElRey de Geilolo acudio ao alvoroço ao muro; e vendo arder toda a Cidade, deitou fóra Cachil Quebuba, seu sobrinho, e genro, com quinhentos homens; e vendo os nossos, se puzeram com elles ás espingardadas; e quiz Deos que acertasse huma no Cachil Quebuba, de que cahio morto logo. E assim mesmo hum Caciz seu, e outros alguns. Durou esta briga muito grande espaço, com grande estrondo, e quentura, assim da artilheria, como da força do Sol, e do fogo que andava na Cidade, que como era de madeira, e bambuz, fazia hum terremoto, e labaredas, que parecia hum diluvio de fogo. Os Geilolos vendo o seu Principe morto, e o damno que tinham recebido, se foram recolhendo, e o mesmo fizeram os nossos, levando tres feridos, dous soldados Portuguezes, e Cachil Bocaide, irmão de Cachil Guzarate, que foi por Capitão dos Ternatezes.

Esta vitoria festejou o Capitão muito. Acháram-se neste feito Bernardo de Sousa, Vasco de Freitas, Gabriel Rabello, Henrique

que de Lima, Gaſpar de Morim; todos Fidalgos, e Cavalleiros mui honrados.

Depois deſte bom ſucceſſo poucos dias, andando o Capitão continuando na obra, foi aviſado, que da outra banda da fortaleza havia huns poços de agua doce, de que os de dentro bebiam, e que na fortaleza não havia outra agua; e que ſe lha tomaſſem, não lhes ficava remedio algum de que ſe valeſſem. E pondo em conſelho, iſto foi contrariado dos mais, dizendo » que aquillo ha» via miſter muito vagar, e muito tempo, » e que todos andavam já mortos, e canҫa» dos, e elle Capitão doente, (porque havia » dias que andava achacoſo,) que o bom ſe» ría commetter-ſe a fortaleza á eſcala viſta, » e concluir aquelle negocio, porque já to» dos não podiam mais. » Bernaldim de Souſa diſſimulou, dando-lhes a entender que aceitava o conſelho; e mandou com muita preſſa fazer alguns ceſtões muito grandes, e ajuntar alguns madeiros, e taboado, e tendo tudo preſtes mandou a Bernardo de Souſa, que ſe foſſem pera a Armada, e que com D. Rodrigo de Menezes, que lá eſtava nas corocoras, puzeſſem aquelles ceſtões ſobre os poços, e formaſſem logo hum forte em que ſe recolheſſem todos, e aſſeſtaſſem alguns falcões.

Dando eſte recado a D. Rodrigo de Me-

ne-

nezes, foi logo demandar aquella parte, e desembarcando em terra achou muito grande resistencia, porque foi com poucos a notar o sitio; e naquelle jogo lhe feríram Bernardo de Sousa de huma espingardada pela cabeça muito grande, de que não perigou, e foi-lhes forçado recolherem-se, pelejando todos muito valorosamente com os inimigos. Era isto sobre tarde; e no quarto da modorra tornou D. Rodrigo de Menezes a desembarcar com todos os seus soldados; e os marinheiros das corocoras levavam os cestões, e madeira, e Cacil Ayo com os Ternatezes de sua companhia pera o ajudar naquella obra. E não achando resistencia, chegáram aos poços, e armáram sobre elles os cestões, que logo se mandáram encher de terra.

Feito isto, corrêram com huma tranqueira de madeira muito forte, em que se recolhêram com algumas peças de artilheria, munições, e mantimentos pera alguns dias. Tanto que amanheceo, que os inimigos víram de sima do muro os poços tomados, logo perdêram o animo, e alevantáram bandeira de paz, bradando rijamente por ella. No mesmo tempo entrava pelo Estreito dentro Christovão de Sá com hum batél, e huma manchua pera dar na Cidade, e chegou a tempo que os nossos estavam á falla com os da fortaleza sobre pazes; e quiz a desaven-

aventura, e o descuido Portuguez, que levassem na quilha do batél huma gamela de polvora aberta, em que cahio huma faisca de fogo, e ateou com tanta força, que arrebentou a mór parte do batél, e queimou sinco soldados, de que morrêram tres. Christovão de Sá, que hia na manchua, vendo o desastre, deo toa ao batél, e se tornou pera a náo, e sem fallar com Bernaldim de Sousa, se foi na manchua pera Ternate. Os Geilolos tanto que víram o desastre do batél, dissimuláram por então com o que pediam; mas como á falta de agua não ha repairo, nem remedio, ao outro dia, que eram dezoito de Março, appareceo a porta da fortaleza aberta, e ElRey com Cachil Tidore seu tio, e o Caciz maior a ella, e mandou bradar alto ao arraial, lhe mandassem hum Portuguez, que queria fallar com elle cousas que importavam. Dando-se o recado ao Capitão, mandou lá hum Luiz de Pavia, que ElRey recebeo bem, e com elle praticou sobre pazes, querendo logo alli conceder todos os partidos, que elle levava já do Capitão por apontamentos, sobre o que debatêram hum espaço grande, e por fim não concluíram em cousa alguma, porque os Ternatezes tiveram maneira com que mandáram advertir aos do conselho de ElRey, que não lhe consentissem fallar em pazes,

até

até vir ElRey de Ternate ; o que elles fizeram. E mandou ElRey dizer ao Capitão, » que mandasse chamar ElRey de Ternate » pera concluirem todos as pazes, e em quan» to elle tardava ficassem em tregoas, e lhes » déssem agua pera beberem. » Isto lhe concedeo o Capitão, despedindo logo huma corocora muito ligeira a Ternate com recado a ElRey, ficando correndo em tregoas; e hiam ao arraial alguns Geilolos tão fracos, e debilitados de não comerem, nem beberem, que houveram os nossos compaixão delles, e os Ternatezes os proviam com o que podiam, e logo se hiam aos poços (que nunca D. Rodrigo de Menezes largou) a fartar de agua. ElRey de Ternate tanto que teve recado se metteo em huma corocora muito subtil, e chegou ao exercito Quinta Feira de Endoenças, e no mesmo dia o mandou o Rey de Geilolo visitar por Cachil Timo, homem de grande authoridade antre elles, e com elle outro Mandarim principal. ElRey estava com o Capitão, e os recebêram muito humanamente; e depois das visitas tratáram sobre pazes, que se concluíram com as condições seguintes:

» Que Catabruno deixaria o titulo de » Rey, e tomaria o de Sangage, que he co» mo Governador, e que ficaria vassallo de » ElRey de Portugal, com duas mil folhas

» de

» de olla, que são de palmeira, pera se cubrir
» a fortaleza, e quinhentos fardos de Sagú,
» que he a farinha de páo que lá se come,
» de pareas cada anno.

» Que se sahiria da fortaleza elle, e os
» seus com as suas pessoas sómente; e que
» tudo o que estivesse nella havia de ficar por
» despojos dos vencedores. E que a fortale-
» za se havia logo de derribar por terra, e
» que nunca mais faria outra. »

Destas condições se fez huma pauta pera os Embaixadores levarem a ElRey, e os despedíram com muitas honras. Chegados á fortaleza deram a ElRey conta de tudo o que era passado, e lhe apresentáram os Capitulos das pazes, e sem os querer ver, vestio huma cabaia de veludo pardo, (que era a mesma que Tristão de Taíde lhe mandou pera o dia que se alevantou por Rey,) e com alguns poucos dos seus se foi ao arraial. O Capitão, e ElRey o sahíram a receber. Elle chegando a elles, disse contra o Capitão: » Com esta cabaia me levantáram
» os Portuguezes por Rey, e com ella me
» tornam a desapossar. » ElRey, e o Capitão o abraçáram com grandes honras, dizendo-lhe o Capitão, » que se consolasse,
» que aquelles eram os frutos da guerra: que
» elle ficava com seu Estado inteiro, que os
» titulos eram vaidades do Mundo. » E assen-

ſentando-ſe todos tres em cadeiras, confirmáram os Capitulos das pazes, e as juráram a ſeu modo, ficando alli aquella noite ElRey de Geilolo.

CAPITULO XIII.

De como o Capitão entrou na fortaleza de Geilolo, e das cruezas que ſe nella fizeram: e de como ſe derribou: e das mais couſas que ſuccedêram.

AO outro dia, que foram vinte e ſete de Março, ſahio o Capitão do arraial com ambos os Reys, e toda a gente em armas, e entráram na fortaleza. A gente de guerra tanto que ſe vio dentro, ſem darem pelo Capitão, começáram a matar, e a cativar quantos Geilolos acháram, entrando pelas caſas, roubando-as, uſando cruezas aborrecidas ao nome Portuguez. O Capitão pedio a ElRey de Ternate que foſſe acudir áquillo; e quando chegou, achou já mais de trinta mortos, e de duzentos cativos, e não pode fazer couſa alguma naquelle negocio, porque os Portuguezes deram por elle mui pouco. O Capitão como hia enfermo, deitou-ſe em hum baileo junto da porta da torre, em que eſtavam as mulheres, e filhas de ElRey, e junto delle ſe aſſentáram ambos os Reys em hum caixão. Os Geilolos que eſca-

capavam das mãos dos noſſos, vinham fugindo pera onde eſtava o ſeu Rey, pedindo-lhe que lhes valeſſe; ao que elle com os olhos humidos reſpondia, que lhes valeſſem elles; e com ver aquellas deshumanidades, e ouvir os prantos, e gritos dos vaſſallos eſtava tão ſeguro, que reſpondia a tudo o que o Capitão fallava com elle, muito attento, e a propoſito, ſem fazer mais movimento, que de quando em quando acudir com hum lenço a enxugar os olhos. Os Portuguezes, e os Ternatezes andavam pela fortaleza roubando, e eſcalando as caſas, de que os Ternatezes leváram a ſubſtancia, e melhor de tudo, aſſim por ſerem mais, como por ſaberem as caſas de mais importancia. O Capitão diſſe a ElRey de Geilolo, que mandaſſe tirar as mulheres da torre, porque ſe havia de ir buſcar. Iſto ſentio elle muito, porque lhe pareceo que lhe ficaſſem alli ſem ſerem viſtas, nem esbulhadas de peſſoa alguma; e levantando-ſe, as foi tirar com grande mágoa, e dor de ſeu coração, e as levou fóra da fortaleza, mandando-as ElRey de Ternate, e o Capitão acompanhar, porque lhes não fizeſſem alguma deſcortezia.

Sahido o Geilolo pera fóra com ellas, as levou ao campo, e as poz ao pé de humas arvores. O Capitão mandou buſcar aquelle

le baluarte, cuidando que se achasse nelle o thesouro de ElRey, (que elle tinha guardado em outra parte,) mas achâram outras muitas cousas, que foram saqueadas, e roubadas. Aquella noite ficâram todos na fortaleza. Ao outro dia (porque se hia o Capitão achando mal) entregou a fortaleza a ElRey de Ternate; e deixando com elle os Portuguezes pera a desmancharem, se embarcou em corocoras ligeiras, e se foi curar a Ternate. Aquella noite que foi sabbado de Pascoa, puzeram os nossos fogo á fortaleza por muitas partes, que começou a arder bravissimamente. Durou este cerco tres mezes com muito trabalho, Sol, frio, sede, e alguma fome: posto que pera a gente da terra foi grande remedio o das frutas do mato. Morrêram dezoito Portuguezes, e dos inimigos perto de trezentos.

São estes Geilolos os mais esforçados homens, e mais pera o trabalho que todos os daquellas Ilhas, o que mostrâram bem naquelle cerco; porque quando os nossos entrâram naquella fortaleza, não lhe achâram nella cousa alguma de comer, nem beber; e havia tres, ou quatro dias que não comiam, nem bebiam, e achâram os nossos as casas, e as ruas cheias de mortos, que cada hora cahiam de fome, sem nunca se quererem entregar; antes diziam, que morressem todos as-

aſſim, e daquella maneira trabalhavam, pelejavam, e ſe repairavam. A nova deſta vitoria foi má de crer por todas aquellas Ilhas, por onde logo correo, porque haviam por impoſſivel poder-ſe tomar aquella fortaleza. E aſſim era, que ſe não fora a fome, nada a pūdéra render.

Durou o ſacco da fortaleza alguns dias, e ſe acháram muitas fazendas, e ouro, de que ElRey de Ternate levou o melhor quinhão. E depois de tudo eſcalado, e a fortaleza queimada por muitas partes, ſe embarcáram todos pera Ternate. Bernaldim de Souſa depois de ſe achar bem de ſua enfermidade, que lhe durou alguns dias, ſe tornou a embarcar pera Geilolo pera acabar de derribar a fortaleza, e quietar as couſas daquelle Reyno, e foi ElRey de Ternate com elle, e todos os Portuguezes, tirando Dom Rodrigo de Menezes, que por eſtar quebrado com elle ſe deixou ficar.

Chegados a Geilolo, o Capitão mandou acabar de derribar a fortaleza, e acháram nella muitas covas abertas, de que tiráram muita fazenda. Catabruno, que já ſe chama Sangage, des daquelle dia que ſahio da fortaleza com as mulheres, nunca mais tornou a ella, em quanto os noſſos alli eſtiveram, e fez huma povoação naquelle lugar, onde ſe deixou ficar. E ſabendo que o Capitão

era

era chegado, não se havendo ainda por seguro, se foi mais pera o certão com suas mulheres, ficando alli na povoação dous irmãos seus, chamados Cachil Liacá, e Cachil Timou, com suas familias, que foram dar a obediencia ao Capitão. E sabendo elle que o Sangage era ido da povoação, ficou enfadado, por haver que se não fiára delle, e rogou a seus irmãos que o fossem buscar, e lhe pedissem muito que o viesse ver, e mandou com elles Gabriel Rabello com alguns companheiros, e lhes deo por regimento, que tivessem com elle muitas palavras de cumprimentos, e o persuadissem a vir vello; e quando o não pudessem mover, o notificassem por alevantado, e lhe apregoassem de novo guerra.

Partidos estes homens, acháram o Sangage meia legua pelo certão, com humas casas feitas sobre huma pequena ribeira, que atravessava por junto de humas fontes de agua quente, que estava muito fraco, e debilitado. Os irmãos, e Gabriel Rabello falláram com elle, e lhe deram o recado do Capitão, rogando-lhe todos muito que o quizesse ir ver. Elle se desculpou com dizer, » que já não era gente, que o deixassem com » sua fortuna, que queria morrer por aquel- » les matos, e que se não tratasse mais del- » le; * que fizessem conta que era acabado. »

Gabriel Rabello apertou muito com o Sangage, pera que fosse ver o Capitão, e que elle ficaria alli em refens, e que lhe cortasse a cabeça, se delle, nem dos seus recebesse elle, nem cousa sua algum aggravo. E não o podendo mover, quebrou diante delle huma folha de huma arvore em final de rotura da paz, (como antre elles se costuma,) e se despedíram delle, movidos de compaixão do miseravel estado em que o viam. Aquellas escusas que o Sangage deo pera não ir ver o Capitão, foram, porque não se atreveo a ver o rosto a ElRey de Ternate, porque havia que delle lhe nascêra todo o seu mal.

Sabendo o Capitão o que passáram com elle, quizera logo mandar gente contra elle; mas ElRey de Ternate lhe pedio » que » não fizesse obra por aquelle só recado; » que lhe mandasse fazer outra notificação, » que pela ventura se moveria, porque os » trabalhos em que se víra lhe não deixa» vam entender quanto lhe aquillo importa» va. » Com isto despedio o Capitão os mesmos Embaixadores, por quem lhe mandou pedir, » que se sujeitasse á razão, e que el» le lhe faria todos os favores que fossem » justos, e que não quizesse perder seu Es» tado. » Chegados áquelle lugar já o não acháram, porque se tinha mettido por esses

ſes matos como deſeſperado , pelo que ſe tornáram.

A Catabruno poucos dias depois diſto lhe morreo a ſua principal mulher, que elle muito ſentio , e houve que a fortuna o perſeguia em tudo; mas com todos eſtes trabalhos não lhe ſahia d'alma o grande odio que tinha a ElRey de Ternate , e andava cuidando modos de vingança ; e offerecendo-lhe o demonio hum, o acceitou, e foi, que ſe fizeſſe Chriſtão, e que aſſim lhe abriria o tempo occaſiões pera ſe ſatisfazer delle por mãos dos meſmos Portuguezes, crendo que aquillo que outros buſcam pera remedio de ſua ſalvação , lhe foſſe a elle inſtrumento de ſua vingança.

Aſſentado niſto, deſpedio Embaixadores ao Capitão , por quem lhe mandou pedir hum Padre pera o bautizar. O Capitão lhe mandou hum da Companhia, chamado João de Beira, e com elle Balthazar Veloſo. Chegados ao Sangage , que acháram mal, tratou o Padre com elle ſobre as couſas de noſſa Fé, e o começou a catequizar, e o obrigou a deitar fóra as mulheres por o mandar aſſim a noſſa Lei. Iſto lhe foi a elle tão aſpero, que diſſe ao Padre, » que tudo fa» ria, ſenão aquillo por então, que depois » pouco, e pouco ſe iria deſobrigando del» las, e caſando-as; porque d'outra manei-

» ra se logo as despedisse, escandalizaria os » parentes. » Vendo o Padre que não queria começar logo a fazer execução, o não quiz bautizar, e se tornou pera a fortaleza, que se hia acabando de derribar. O Catabruno dahi a poucos dias morreo miseravelmente, ficando-lhe tres filhos. O mais velho, chamado Cachil Guzarate, que trazia sua propria irmã por manceba, tanto que o pai faleceo foi logo a dar obediencia a Bernaldim de Sousa, e a pedir-lhe a confirmação do Estado do pai. Elle o recebeo bem, e lho confirmou com o titulo de Sangage, com as pareas que estavam postas a seu pai. E porque levava a irmã comsigo, e o Rey de Ternate a desejava, disse ao Capitão que o obrigasse a deitalla fóra, o que o Capitão fez; mas como elle lhe estava affeiçoado, lhe pedio que lha deixasse ter, que elle se faria Christão; o que o Capitão lhe estranhou mais, e lha fez lançar fóra, e ElRey de Ternate a tomou pera si. O Capitão tanto que acabou de derribar a fortaleza se tornou pera Ternate. Neste estado deixaremos estas cousas até tornar a ellas.

CAPITULO XIV.

Do que aconteceo a D. Antão de Noronha na jornada de Catifa : e de como bateo aquella fortaleza, e os Turcos a despejáram : e do desastre que alli aconteceo aos nossos.

PArtido D. Antão de Noronha de Goa, como atrás dissemos no IV. Cap. deste IX. Liv., foi seguindo sua derrota até Ormuz, onde foi muito bem recebido do Capitão daquella fortaleza. E vendo-se ambos com ElRey sobre o negocio da fortaleza de Catifa, assentáram, que ElRey désse tres mil homens pera a jornada, e que fosse com elles o Guazil Rax Xarrafo, e Mirmaxet, a quem ElRey logo mandou negociar, e preparar terradas, e outras embarcações pera os levar. Em quanto se isto negociava despedio D. Antão de Noronha Manoel de Vasconcellos por Capitão mór de doze navios ligeiros, com regimento que se fosse lançar sobre Catifa, pera defender que os Turcos não fossem soccorridos de Baçorá.

Estes navios chegáram a Catifa em poucos dias, e surgíram sobre aquelle porto, onde se deixáram estar até chegar D. Antão de Noronha, que foram dous mezes, chegando-se todos os dias nas marés cheias á

praia

praia a darem ſua bateria á fortaleza, defendendo-lhes de feição os ſoccorros por mar, que lhes não entrou dentro couſa alguma, com o que os puzeram em muito grandes neceſſidades. D. Antão de Noronha ficou em Ormuz dando aviamento ás couſas neceſſarias, mandando preparar algumas peças de bater, muitas mantas, eſcadas, e todos os mantimentos, e munições que pode.

Tendo tudo preſtes, deo á véla pera Catifa, levando huma muito grande Armada, e toda a gente Portugueza, tirando a da obrigação da fortaleza. Iſto era já fim de Julho, e tendo bom tempo, foi em poucos dias ſurgir ſobre aquelle porto, onde achou os navios de Manoel de Vaſconcellos, de quem ſoube o eſtado em que a fortaleza eſtava, e do aperto em que a tinham poſto. Dom Antão de Noronha deo ordem pera a deſembarcação, que havia de ſer ao outro dia; e fazendo alardo da gente que levava, achou mil e cem Portuguezes, e tres mil Parſeos, e Aramuzanos debaixo da bandeira de Rax Xarrafo Guazil de Ormuz, e de Mirmaxet Guazil do Magoſtão, em que havia muitos Mires, e Capitães do Reyno de Ormuz. E commettendo a dianteira a Manoel de Vaſconcellos, paſſou toda a gente da Armada aos navios pequenos, e aos batéis dos galeões.

Ten-

Tendo tudo preſtes, commettêram a terra com a maré cheia, onde pojárão os navios de Manoel de Vaſconcellos, e os noſſos ſaltáram logo em terra, onde acháram alguns Turcos de cavallo, que ſahíram a lhe defender a deſembarcação, com quem tiveram huma arrezoada eſcaramuça, levando os noſſos os Turcos de arrancada até os metterem dentro na fortaleza. O Capitão mór ſe poz em terra com toda a gente com ſuas bandeiras deſenroladas; os Portuguezes em hum eſquadrão, e os Parſeos em outro. E chegando-ſe bem á fortaleza, aſſentáram ſeu campo perto huns dos outros, e logo lhe mandáram fazer ſuas cavas, vallos, e trincheiras, em que gaſtáram aquelle dia, e noite, tudo por ordem, e traça do Capitão Francez, (de quem já démos conta, no desbarato de D. Jorge de Caſtro em Ceilão, no Cap. VII. do Liv. VIII.,) que ElRey D. João tinha mandado á India, por ſer homem que tinha muita noticia, e exercicio da milicia, que neſta jornada fez o officio de Meſtre do Campo, e de Sargento mór. Depois de feitas as eſtancias plantou nellas ſinco peças de bater com ſeus repairos, e mantas muito fortes. E tendo tudo negociado, começou a dar ſua bateria á fortaleza com tanta furia, e força, que lhe fizeram algumas ruinas, e lhe derribáram todos os al-

altos. Os Turcos que eram quatrocentos os que eſtavam na fortaleza, vendo a furia da bateria, e os muros rotos por muitas partes, entendendo que ſe haviam de perder, havendo ſeu conſelho, aſſentáram de ſe recolherem de noite, e largarem a fortaleza de Catifa; e aſſim havendo oito dias que os batiam, ſendo no quarto da modorra, ſe foram ſahindo por huma porta falſa, que hia pera o certão, em tanto ſilencio, que não foram ſentidos ſenão já nos derradeiros, que foram viſtos de tres ſoldados de Pedro Affonſo de Avelar, que tinha a eſtancia pera aquella parte, que ſe chamavam Martim Caſco de Evora, Balthazar de Goes, natural de Ceita, e Pero Machado. Eſtes eſtando vigiando fóra dos vallos, ſentíram rumor pera aquella parte, e víram que os Turcos ſe hiam recolhendo; e vendo ficar os derradeiros, remettêram a elles com muito animo, e matáram hum, e feríram alguns que foram fugindo apôs os mais que hiam já mui alongados. Os tres companheiros ſentindo a fortaleza deſpejada, entráram dentro, e ſubíram ſobre o baluarte fronteiro á eſtancia do Capitão, e começáram a appellidar *Portugal*, ao que ſe levantou D. Antão de Noronha muito alvoroçado; e perguntando o que era, lho diſſeram, porque os do muro ſe tinham já dado a conhecer, chaman-

do

do pelos companheiros da ſua eſtancia. Iſto poz grande alvoroço em todo o exercito.

D. Antão de Noronha mandou pôr todos em armas, e aguardou pela manhã; e tanto que ella eſclareceo, foi caminhando pera a fortaleza, onde entrou, (que os tres ſoldados tinham já abertas as portas,) e foi a preſſa dos noſſos tanta, que houve homens que entráram por grandes aberturas, que a noſſa artilheria tinha feito no muro; e hum Lourenço Felo da Ilha da Madeira, que ha pouco morreo, nos diſſe que fora hum delles. Entrando D. Antão de Noronha na fortaleza, (em que ſe não acháram ſenão algumas peças de artilheria pequenas, munições, e pouca roupa que não pudéram levar,) chamou o Guazil Rax Xarrafo, e lhe diſſe, » que aquella fortaleza era de El- » Rey de Ormuz, que alli lha entregava li- » vre, e deſembargada; que tomaſſe poſſe » della, e a proveſſe. » O Guazil lhe diſſe, » que não ſe átrevia a defendella, porque » tanto que elle ſe partiſſe, haviam os Tur- » cos de tornar ſobre ella, e que daria no- » vo trabalho a Ormuz em a ſoccorrer. » Dom Antão de Noronha vendo aquelle negocio, poz em conſelho com os Capitães o que faria nelle, e aſſentou-ſe, que ſe derribaſſe aquella fortaleza, porque os inimigos a não tornaſſem a ſenhorear, e a fazer fortes nella.

Con-

Concluido iſto, mandou D. Antão de Noronha, que ſe minaſſem os baluartes pera arrebentarem; o que deo a cargo a hum Meſtre das obras que comſigo levou. Eſte homem andando abrindo as minas, foi dar em humas neceſſarias de abobada, que eſtavam em o recanto de hum baluarte, e metteo nella certos barrís de polvora, e por fóra lhe fez ſeus repairos de pedra, e gueche muito fortes, deixando-lhe lugar pera ſe lhe dar fogo. Em quanto ſe corria com a obra das minas, ſe deixou D. Antão de Noronha ficar á ſombra de hum baluarte com a principal gente da Armada.

E chegando Manoel de Vaſconcellos a elle, lhe diſſe que foſſe ver a ſua mina que já eſtava acabada, (porque aquella obra repartio o Capitão pelos Fidalgos pera ſe acabar mais depreſſa.) D. Antão ſe foi com elle, acompanhado dos mais dos que alli eſtavam; e quiz ſua boa ventura, e a mofina dos que alli ficáram, que em ſe elle apartando, cahiſſe huma faiſca de fogo, que andava pelas caſas da fortaleza, na mina das neceſſarias, que eſtavam junto do baluarte, em que D. Antão de Noronha eſtava, e dando em baixo na polvora ſolta que eſtava derredor dos barrís, e tomando fogo, arrebentou a neceſſaria, e o baluarte; e cahindo ſobre os que ficáram á ſombra delle, enter-

rou

rou quarenta Portuguezes, e eſcalavrou outros muitos.

Dos mortos conhecidos foram, hum filho de Pedro Affonſo de Avelar; Pero Coelho de Caſtro; Balthazar do Amaral, filho do Doutor Franciſco do Amaral, Corregedor da Corte; Gonçalo de Moraes de Souſa; Franciſco Botelho, filho do Meirinho da Inquiſição do Reino, e outros muitos Cavalleiros muito honrados. D. Antão de Noronha acudio áquella parte; e vendo a deſaventura, (poſto que por hum muito pequeno eſpaço eſcapára della,) ſentio o caſo tanto, que lhe corrêram as lagrimas pelos olhos. Vendo-o aſſim Mir Maxet, Guazil do Magoſtão, chegou-ſe a elle, e lhe diſſe:

» Senhor, iſto são caſos da guerra, não » vos entriſteçais aſſim; lembre-vos que os » Turcos eſtam muito perto, e que em ſa- » bendo eſta deſaventura podem voltar em » companhia dos Arabios, » que os favoreciam, de que era Xeque hum valente Mouro, chamado Bemjabre. D. Antão de Noronha pareceo-lhe bem a lembrança de Mir Maxet, e mandou dar fogo ás minas, que deram com todos os baluartes, e muros por eſſes ares, e logo ſe recolheo ao arraial, onde paſſou aquelle dia, e noite com grandes vigias. Ao outro dia foi aviſado, que

os Turcos eram recolhidos, e que o Xeque Bemjabre eſtava com oitocentos homens de cavallo dalli a meia legua, vendo ſe lhe dava o tempo occaſião pera fazer algum ſalto. D. Antão de Noronha informado que não havia mais gente, e do modo de como eſtavam os Arabios alojados, ordenou de dar nelles, tendo-o em ſegredo, porque os meſmos Mouros de Ormuz os não mandaſſem aviſar. E dando recado a certos Capitães pera que eſtiveſſem preſtes com ſua gente, tanto que o quarto d'alva entrou, deſpedio Pedro Affonſo de Avelar com perto de duzentos e ſincoenta homens, os mais delles de eſpingardas, pera que foſſem dar no Bemjabre. E ſahindo os noſſos do exercito em muita boa ordem, foram com eſpias buſcar os Arabios; mas elles que traziam mui grandes vigias ſobre os noſſos, ſentíram o tropel que hia, e deixando o ſeu arraial, ſe foram acolhendo a unha de cavallo. Os noſſos chegáram ao lugar em que elles eſtavam, e acháram algumas tendas pobres, e outras couſas poucas. E porque não levavam ordem pera mais, ſe recolhêram ao exercito, ſem lhes acontecer deſaſtre algum.

CA-

CAPITULO XV.

De como D. Antão de Noronha foi ter a Baçorá, e entrou o rio Eufrates, e tomou huma fortaleza aos Turcos: e do ardil de que o Baxá uſou pera a noſſa Armada ſe recolher.

DEpois da fortaleza de Catifa ſer poſta por terra, e arrazada, não havendo alli mais que fazer, determinou D. Antão de Noronha paſſar a Baçorá, como levava por regimento, pera favorecer aquelle Rey, que eſperava por elle pera com os da ſua liga commetter aquella fortaleza. E embarcando-ſe, deſpedio os navios de alto bordo pera Ormuz, e nelles o Guazil de Ormuz, e o de Magoſtão, com ſuas companhias, paſſando a gente toda a dezoito fuſtas. E dando á véla, foram entrando pera o fundo daquelle Eſtreito. E huma noite lhes deo huma tormenta, com que ſe apartáram nove navios, que ſe deſapparelháram. D. Antão de Noronha com os outros nove foi ſeu caminho até chegar á boca do rio Eufrates, onde ſe deixou eſtar eſperando pelos outros navios. Dalli deſpedio huns Arabios da companhia do Embaixador de ElRey de Baçorá (que foram a Goa) com cartas aſſim pera ElRey, como pera os Senhores Gizares,

em

em que lhes dava conta de ſua chegada, e que ficava eſperando por recado ſeu pera ſaber o modo, e ordem que havia de ter no commetter aquella fortaleza.

Partidas eſtas cartas, havendo ſete dias que alli eſtava, chegáram os outros nove navios de ſua conſerva, com que entrou pelo rio Eufrates, e chegou a huma Ilha que faz logo dentro, chamada Mouzique. Aqui eſtava hum caſtello Roqueiro pequeno com alguns Turcos, que tanto que víram a noſſa Armada o deſpejáram. O Capitão mór mandou gente a terra, que entrou dentro, e o achou vaſio: aqui ficou eſperando por recado de ElRey de Baçorá, e dos Gizares. O Baxá de Baçorá, que era Alybaxá, tanto que ſoube da Armada Portugueza, entendendo que havia de ter intelligencias com os Gizares, e Arabios do certão, teve tal induſtria, que tomou todos os caminhos, por onde ſe podiam cartear, e quiz a deſaventura que houveſſe ás mãos as cartas que Dom Antão de Noronha lhes eſcrevia; e como o Mouro era ſagaz, e prudente, fez humas cartas falſas em nome do Rey de Baçorá, e dos Gizares, eſcritas pera elle meſmo Alybaxá, em que lhe diziam:

» Que elles eram Mouros, e vaſſallos do
» Turco, e que não era razão que favore-
» ceſſem Chriſtãos contra outros de ſua ſei-

ta;

» ta ; que elles queriam fazer aquelle ſervi-
» ço ao Turco , que era entregarem-lhe a
» Armada Portugueza toda , como já lhe ti-
» nham promettido por outras cartas , e que
» pera ſinal diſſo lhes mandavam aquella car-
» ta , que o Capitão mór Portuguez lhe man-
» dára ; que eſtiveſſe preſtes , porque elles lhos
» entregariam todos nas mãos. »

Eſtas cartas falſas que o Baxá fez em ſegredo , mandou ler em público diante de muitas peſſoas , em que entravam dous mancebos , hum Venezeano , e outro Neapolitano , que elle trazia cativos , e de induſtria lhes metteo nas mãos a carta de D. Antão de Noronha , pera que a viſſem , ainda que eſtava em Parſeo , mas aſſinada do ſeu ſinal ordinario. E tomou alli logo conſelho com todos ſobre o modo que teria naquelle negocio. Depois diſto paſſado , a poucos dias mandou tirar os ferros aos dous Italianos , e lhes deo azo pera que fugiſſem , (outros dizem que elle meſmo lhes diſſe , que os libertava , e que ſe foſſem pera onde quizeſſem ;) mas como quer que foſſe , eſtando a Armada ſurta em Mouzique da outra banda , a que commummente chamam de Perſia , ſendo na verdade de Suſia , a que os Mouros chamam Suſiſtan , (que he o meſmo que Provincia de Suſia ,) ouvíram huma noite chamar da terra , que os mandaſ-
ſem

ſem recolher, que eram huns Chriſtãos fugidos. D. Antão de Noronha receando que aquillo foſſe algum engano, lhes mandou brádar que ſe metteſſem dentro na agua até amanhecer, e que aſſim não ſeriam ſentidos. D. Jeronymo de Caſtello-branco, que eſtava mais perto da terra, arriando a amarra, chegou-ſe a ella, e recolheo os dous mancebos ſem D. Antão de Noronha o ſaber, e de madrugada os levou ao ſeu navio. O Capitão mór os recebeo bem, e elles lhe diſſeram » que eram Chriſtãos, e que o Baxá os » libertára, e que houveram por melhor par- » tido recolherem-ſe á ſua Armada, que irem » por terra. » O Capitão perguntando-lhes por novas de Baçorá, lhe diſſe hum delles: » Vê, Capitão, o que fazes, e quem vens ſoc- » correr, porque eſtás trahido, vendido, e » enganado: porque ſaberás que os Gizares » ſe tem carteado com o Baxá pera te en- » tregarem com toda eſta Armada, porque » a carta que lhe eſcreveſtes, elles lha man- » dáram com outras de engano que tinham » uſado comtigo, e que por ſervirem o Tur- » co, elles dariam ordem pera vos tomarem » todos ás mãos. » D. Antão de Noronha ficou ſobreſaltado daquelle negocio, e houve que podia ſer, porque Mouros tudo tentariam contra Chriſtãos. E perguntando aos mancebos ſe víram elles a ſua carta, e ſinal,

lhe

lhe disseram que sim ; e mandando chamar todos os Capitães á sua fusta, lhes deo conta daquelle negocio , e se se daria credito áquelles homens, ou se sería aquillo invenção do Baxá pera os fazer tornar.

Estando debatendo todos sobre isto, Lourenço Vaz Pegado, que hia por soldado de D. Antão de Noronha , estava debaixo do baileo da fusta (em que todos os do conselho estavam) ouvindo o que se tratava, disse alto : » Que máo sería mostrar-se-lhes o » sinal do Capitão mór aos Italianos, pera ver » se o conhecem, e se he semelhante ao da » carta que víram ? » Foi isto ouvido em sima, onde se fazia o conselho, e não soou mal a todos; e pera mais se certificarem se assináram todos aquelles Capitães em huma folha de papel , e D. Antão de Noronha antre elles; e chamados os mancebos lhes deram a folha de papel cheia de seus sinaes, pera que lhes mostrassem o sinal da carta que lá víram. E correndo ambos os olhos deram no de D. Antão, e disseram, que como aquelle era o sinal que elles víram na carta, porque era de huma letra Latina muito boa. Com isto se certificáram todos ser verdade o que elles diziam, e que os Gizares lhes tinham armado traição , e assentáram que se recolhessem pera Ormuz, como logo fizeram.

Chegados áquella fortaleza, mandou Dom Antão de Noronha varar os navios, e concertallos, e fez pagas aos ſoldados, e lhes mandou dar mezas. Pouco depois diſto chegou hum mercador Mouro, que paſſou por Baçorá, por quem aquelle Baxá mandou dizer a D. Antão de Noronha, que lhe pezára muito de ſe elle recolher tão depreſſa, porque deſejava de o ter por hoſpede, gabando-ſe ao mercador Mouro do eſtratagema, de que uſou com os Portuguezes na invenção da carta.

CAPITULO XVI.

Da guerra que o Madune tornou a fazer ao Rey da Cota: e de como matáram eſte Rey por deſaſtre: e da Armada que eſte anno de ſincoenta e hum partio do Reyno, de que era Capitão mór Diogo Lopes de Souſa: e de como o Viſo-Rey Dom Affonſo de Noronha partio pera Ceilão.

Atrás no Cap. VII. do Liv. VIII. démos conta, como o Madune Rey de Ceitavaca em Ceilão, depois de ſe ver desbaratado por D. Jorge de Caſtro, ſe reconciliára com o irmão Rey da Cota, forçado da neceſſidade; mas como o odio que lhe tinha era entranhavel, diſſimulou em quanto foi verão. E tanto que o inverno entrou, ajuntan-

tando ſeus exercitos, abalou contra o irmão pera o acabar de deſtruir, (por ſer tempo, em que não podia ſer ſoccorrido da India.) ElRey da Cota tanto que teve aviſo diſto, ajuntando ſuas gentes, mandou ſeu genro Tribuly Pandar, e em ſua companhia Gaſpar de Azevedo, Feitor, e Alcaide mór, com todos os Portuguezes, que ſeriam perto de cento, pera que foſſem ter o encontro ao Madune, que já lhe entrava por ſeu Reyno. O Tribuly Pandar foi buſcar o Madune, que andava fazendo grandes eſtragos, e teve com elle alguns recontros, em que lhe matou alguma gente, e o fez recolher pera a outra banda do rio de Calane, onde aſſentou ſeu exercito, ficando Tribuly Pandar com o ſeu da outra parte.

ElRey da Cota ſabendo eſtar alli o pai, ſahio de Cota, e ſe foi ao exercito pera o ver, e quiz a deſaventura que eſtando os Portuguezes em huma varanda muito grande comendo, chegaſſe a huma freſta da banda de fóra pera os ver; e eſtando nella, lhe deram huma eſpingardada pela cabeça, de que logo cahio morto, ſem ſe ſaber donde ſahíra, e acudindo todos á revolta, acháram o Rey morto; e recolhendo-o o Tribuly, ſe foi com elle pera Cota. Alevantado o exercito, depois de lhe fazerem ſuas exequias, puzeram o Principe Dramabella

na cadeira Real, e o levantáram por Rey, dando-lhe os Grandes a obediencia a ſeu modo, ſendo ſeu pai o primeiro, e depois o Alcaide mór, e todos os Grandes do Reyno, o que ſe fez no meſmo dia ſem feſtas, nem apparato.

O Madune tanto que ſoube da morte do irmão, ſe foi com ſeu exercito ao lugar de Balegale, huma legua da Cidade da Cota, e dalli mandou requerer aos Grandes da Cota, que lhe foſſem dar a obediencia, como a ſeu Rey, porque pertencia a elle aquelle Reyno por direito. Os Grandes lhe mandáram dizer, » que elles tinham Rey, e Prin» cipe herdeiro de direito, a quem já tinham » dado obediencia; e que em ſeu ſerviço, e » em defensão de ſeu Reyno haviam todos » de morrer. » Com eſta reſpoſta ſe foi o Madune chegando mais á Cidade, e aſſentou ſeu exercito á viſta della, ficando-lhe no meio huma alagôa. Vendo o Tribuly Pandar aquelle atrevimento, ajuntou a gente que pode, e com elle os Portuguezes, e ſahio a Madune, e travou com elle huma aſpera batalha, em que os noſſos leváram a dianteira, e fizeram taes couſas, que arrancáram do campo os inimigos com perda de muita gente, e o Madune ſe foi pera hum lugar chamado Canabol, ficando o Tribuly correndo com a guerra, e com o governo, por

ser o Rey seu neto muito moço. ElRey ficou na Cota fazendo as exequias a seu avô, cuja morte muitos annos se suspeitou vir-lhe dos Portuguezes peitados do Madune, até que falecendo hum Antonio de Barcellos, dalli a bem de annos, disse á hora de sua morte » que por aquelle estado em que es- » tava, que elle fora o que matára a ElRey » da Cota por puro desastre, atirando a hu- » ma pomba, e que se não suspeitasse outra » cousa, porque aquella era a verdade. » Ao tempo do falecimento deste homem se achou presente hum Chingalá, Christão, e muito antigo, de que nós soubemos isto, e elle o disse ao Rey seu neto. Folgamos de averiguar esta verdade por homem natural daquella Ilha, pela ruim opinião que se tinha dos Portuguezes nesta materia.

Estas novas se mandáram logo em Agosto ao Viso-Rey, que vendo quão necessario era acudir áquellas cousas, mandou negociar a Armada com muita pressa, porque lhe era forçado partir em Setembro, e poz logo toda a Armada no mar, e começou a pagar á gente.

Sendo dez deste mez, surgíram na barra de Goa sinco náos, de oito que tinham partido do Reyno, de que era Capitão mór Diogo Lopes de Sousa. Os mais Capitães eram Francisco Lopes de Sousa, que trazia

a Capitanía de Maluco, Jacome de Mello, Lopo de Sousa, e Micer Bernardo. Das outras tres náos que faltavam, eram Capitães D. Jorge de Menezes Baroche, que ficou invernando em Moçambique, Ayres Moniz Barreto, que foi tomar Ormuz, e D. Diogo de Almeida, filho do Contador mór, que foi tomar Cochim, como adiante diremos.

Este Fidalgo andando em requerimento foi despachado com tres annos da Capitanía de Dio, de que se elle aggravou; e querendo-o ElRey satisfazer a requerimento de huma sua irmã, Dama da Rainha D. Catharina, lhe deo mais outros tres annos, com que estava despachado Francisco de Sousa Tavares após elle, que os largou a ElRey, e os traspassou em D. Diogo de Almeida, pela Capitanía mór das náos do Reyno, que lhe ElRey deo; e quando lhe passou disto portaria, já D. Diogo de Almeida estava embarcado. E dizem, que quando ElRey deo o despacho a sua irmã, dissera: Não cuidei que vosso irmão era tão cubiçoso, já estará satisfeito. E mandando ella a seu irmão á náo a portaria, e escrevendo-lhe o que passára com ElRey, tomado elle do que ElRey dissera, (porque havia que por si merecia muito mais,) tornou a mandar a portaria a ElRey, e escreveo-lhe huma carta, em que lhe dizia: » Que nunca no seu ser-

» vi-

» viço lhe entrára respeito algum, nem cu-
» biça, que sem aquella mercê elle o iria
» servir á India. » ElRey se houve por de-
servido de D. Diogo lhe enjeitar suas mer-
cês; e porque as náos hiam já á véla, dei-
xou de o mandar desembarcar; mas man-
dou-o riscar de seus livros, e o anno seguin-
te escreveo ao Viso-Rey D. Affonso de No-
ronha, que se não servisse delle em cousa al-
guma, como adiante diremos.

Com a chegada das náos deo o Viso-
Rey pressa á sua embarcação; e entregando
a India ao Capitão da Cidade, e com elle
por Deputados o Ouvidor Geral, Veador da
Fazenda, e outros, (porque o Bispo hia em
sua companhia a visitar,) se embarcou, e deo
á véla em fim de Setembro. Levava o Viso-
Rey dez galeões, oito caravelas, e galés,
e perto de sincoenta navios de remo, antre
galeotas, fustas, e catures. Os Capitães que
nesta Armada o acompanháram, são os se-
guintes.

D. Fernando de Menezes seu filho, Dom
Antonio de Noronha filho do Viso-Rey Dom
Garcia de Noronha, Eytor de Mello, Dio-
go Alvarez Telles, Bastião de Sá, Francis-
co de Mello Pereira, D. João Henriques,
Martim Affonso de Miranda, Pero Barre-
to, Vasco da Cunha, Gonçalo Pereira Mar-
ramaque, Affonso Pereira de Lacerda, Dio-
go

go de Sousa, Diogo de Miranda Henriques, Diogo de Mello Coutinho, Antonio de Noronha, Jorge Pereira Coutinho, Fernão de Castanhoso, Nicoláo de Sousa, Alvaro de Lemos, Manoel do Canto, Pero Vaz de Matos, João da Rocha, Mathias de Trinchel, Luiz Mergulhão, Pero Salgado Alferes do Viso-Rey, e seu Veador, Simão Botelho Veador da Fazenda, André de Mendanha Ouvidor Geral, Manoel da Cunha, e outros Fidalgos, e Cavalleiros. Nesta Armada foram tres mil homens, gente mui lustrosa. O Viso-Rey deixou dado ordem ás náos que haviam de partir pera o Reyno; e do galeão S. João, que se estava concertando em Goa, que ficou do anno passado, deo a Capitanía a Manoel de Sousa de Sepulveda, pera se ir nelle com sua mulher, e casa pera o Reyno. E como foi tempo, partíram as náos pera Cochim tomar a carga. O Viso-Rey foi seguindo sua derrota até Cochim, onde de passagem deo despacho a algumas cousas; e partindo dalli, dobrou o cabo do Çamorim, e atravessou a Ceilão, aonde chegou em breves dias.

CA-

CAPITULO XVII.

De como o Viso-Rey D. Affonso de Noronha desembarcou em Columbo, e se vio com o Rey da Cota: e do concerto que ambos fizeram contra o Madune: e de como o desbaratáram, e tomáram a Cidade de Ceitavaca.

SUrto o Viso-Rey com toda sua Armada no porto de Columbo, ao outro dia desembarcou, e ElRey, e Gaspar de Azevedo Alcaide mór lhe fizeram hum muito grande recebimento; porque por alguns navios de remo que foram diante, tiveram aviso de sua vinda, e logo o foram esperar a Columbo, levando ElRey comsigo seu pai, e os principaes de sua Corte. O Viso-Rey se aposentou na feitoria, e logo despedio seu filho D. Fernando de Menezes com quinhentos homens pera se ir metter na Cidade da Cota, pera que tomasse os passos della, porque ninguem sahisse pera fóra; o que D. Fernando fez, pondo hum Capitão com cem homens em guarda das casas de ElRey, pera que se não bulisse em cousa alguma, fazendo-se estas prevenções, que escandalizáram a muitos; porque parecia que hiam mais a conquistar Rey amigo, que a inimigo. O Viso-Rey depois que em Columbo

deo

deo ordem a algumas cousas, se partio pera a Cota com todo o poder, e depois de se aposentar, lançou mão dos Modeliares principaes, e dos criados, e mais antigos da casa de ElRey, sem elle lhe poder ir á mão, e começou a inquirir dos thesouros dos antigos Reys, porque se presumia que eram muito grandes; e porque não pode tirar cousa alguma delles, mandou metter alguns Modeliares a tormento, e não sabemos com que direito, e justiça; e foi nisto tão demasiado, e levou isto por tão ruins termos, que escandalizados todos dos tormentos que víram dar a alguns, começáram-se a despejar poucos, e poucos, e naquelles dias se passáram ao Madune mais de seiscentos dos principaes. Vendo o Viso-Rey que lhe não descubriam cousa alguma, mandou buscar as casas de ElRey, devaçando-lhe seu recolhimento, e lhe tomou todo o dinheiro de ouro, em que entravam quinhentos e sessenta Portuguezes de ouro velho, prata, joias, pedraria, e só o dinheiro montava mais de cem mil pardáos; o que tudo se carregou sobre Simão Botelho, Veador da Fazenda, em hum livro separado, que anda nos Contos da Fazenda de Goa, onde vimos estas cousas. Depois de tomarem a este pobre Rey tudo o que lhe acháram, tratou o Viso-Rey com elle, e com seu Pay Tribuly Pandar

so-

ſobre os negocios do Madune, e ſe concertáram deſta maneira.

» Que o Viſo-Rey, e elles ambos iriam
» contra o Madune, e que ſe não alevanta-
» riam de ſobre elle até o haver ás mãos, e
» o deſtruirem de todo, porque mais lhe não
» pudeſſe dar trabalho, e que lhe dariam du-
» zentos mil pardáos pera as deſpezas da-
» quella jornada, cento logo, e outros cen-
» to depois, » de que ſe paſſou hum Conhecimento, que ſe encarregou ſobre o Feitor da Armada Manoel Colaço, e depois ſobre o Feitor de Cochim, e delle por entrega ao Recebor dos reſtes, onde o nós fomos ver, e não declara a divida de que he, ſenão dizer ſómente devellos, ſem declarar o tempo em que era obrigado aos pagar, o que devia de eſtar no proprio que não achamos. Aſſim mais ſe concertou o Viſo-Rey com o Rey da Cota, que todas as prezas que ſe tomaſſem em Ceitavaca ſe partiriam pelo meio, ametade pera ElRey de Portugal, e a outra pera o da Cota.

Feitos, e aſſinados eſtes concertos, ſe começáram a preparar pera a jornada contra o Madune, dando ElRey da Cota logo ao Viſo-Rey oitenta mil pardáos á conta dos cem mil que era obrigado a lhe dar logo; que ainda pera lhe dar eſtes, vendeo joias, e outras couſas do ſerviço de ſua peſſoa, e ca-

caſa, que comſigo trazia, e por iſſo as ſalvou. E logo ſe puzeram em campo ElRey, e ſeu pai com quatro mil homens, e o Viſo-Rey com perto de tres mil Portuguezes. Antes que partiſſe chegou D. Diogo de Almeida, filho do Contador mór, com ſincoenta ſoldados, que o Viſo-Rey recebeo muito bem.

Eſte Fidalgo, como diſſemos no Capitulo paſſado, partio aquelle anno do Reyno por Capitão da náo Eſpadarte, da companhia de Diogo Lopes de Souſa; e tendo ruim tempo, paſſou por fóra da Ilha de São Lourenço, e com muitos trabalhos, e riſcos foi tomar Cochim, de quinze de Outubro por diante; e ſabendo ſer o Viſo-Rey em Ceilão, fretou logo huma fuſta, e ajuntou ſincoenta ſoldados da ſua náo, e ſe partio em ſua buſca, e achou-o na Cota já no campo.

Preſtes todas as couſas pera a jornada, o Viſo-Rey começou a marchar em muita boa ordem, levando a dianteira D. Fernando de Menezes ſeu filho, com todos os Fidalgos mancebos, que logo ſe paſſáram pera elle. O Madune tanto que teve aviſo da chegada do Viſo-Rey, fortificou ſuas tranqueiras, e guarneceo-as de muita gente, e munições, e elle ficou de fóra com tres mil homens eſcolhidos pera acudir onde foſſe neceſſario.

Os

Os noſſos chegáram á primeira tranqueira, commettendo-a por todas as partes; e poſto que acháram muito grande reſiſtencia, foi entrada com mortes de muitos dos inimigos; e paſſando adiante, tomáram as outras duas tranqueiras, que foram defendidas muito bem, mas entradas dos noſſos com muito grande valor. E paſſando pera a Cidade de Ceitavaca, foram os da dianteira tendo alguns recontros com o Madune, em que o desbaratáram de todo, e elle com cem homens foi fugindo pera humas ſerras muito fortes, chamadas Darnagale. O Viſo-Rey entrou na Cidade de Ceitavaca ſem reſiſtencia, e ſe apoſentou nos Paços do Madune, e ElRey da Cota junto ao Pagode, e mandou logo pôr guardas nas entradas da Cidade, que foi logo ſaqueada, aſſim dos noſſos, como dos de ElRey da Cota, e ſe acháram nella muitas prezas. O Viſo-Rey mandou cavar os Paços de ElRey todos, pera ver ſe achava os theſouros, que não achou, e o meſmo fez ao Pagode grande que alli eſtava, em que ſe acháram muitos idolos de ouro, e prata, grandes, e pequenos, candieiros, bategas, campainhas, e outras couſas, todas de ouro do ſerviço do Pagode, e algumas peças de pedraria, que tudo ſe carregou ſobre o Veador da Fazenda Simão Botelho: todas eſtas peças vam por addições

ſem

ſem avaliações, e por iſto não eſtimamos o que valeriam. Tudo iſto o Viſo-Rey recolheo, ſem dar ametade ao Rey da Cota, como eſtava contratado, a fóra o que ſe ſonegou, e eſcondeo, que ſó Deos ſabe o que ſería.

ElRey da Cota mandou lançar eſpias ao Madune; e ſabendo que ſe recolhêra ás ſerras de Darnagale com poucos, pedio ao Viſo-Rey quinhentos homens pera irem com Tribuly Pandar ſeu pai dar nelle, e havello ás máos; porque ſe diſſimulaſſe com aquelle, em virando as coſtas logo ſe havia de tornar a refazer, e dar novos trabalhos áquella Ilha, e ao Eſtado da India. O Viſo-Rey lhe diſſe que lhe parecia bem, e com iſſo lhe pedio os vinte mil pardáos, que lhe ficára devendo do reſto dos cem mil. E como ElRey eſtava pobre, e pera os oitenta mil que deo, vendeo ainda couſas do ſerviço de ſua peſſoa, como atrás diſſemos, não pode ajuntar o dinheiro, nem teve donde, e diſſimulando o Viſo-Rey com aquelle negocio, diſſe: Que era já tarde, e que » lhe era neceſſario ir deſpachar as náos que » haviam de ir pera o Reyno; » e deixando Ceitavaca, ſe foi pera Columbo, pera dar ordem a algumas couſas daquella Ilha primeiro que ſe partiſſe.

CA-

CAPITULO XVIII.

De como D. Antão de Noronha veio de Ormuz, e foi por Capitão mór ao Malavar, e do que lhe aconteceo: e das cousas em que o Viso-Rey proveo em Ceilão: e de como foi a Cochim, e deo no Chembe: e do que alli lhe succedeo.

NO Cap. XV. do IX. Livro deixámos D. Antão de Noronha invernando em Ormuz, depois daquelle successo de Catifa, e Barém. E porque levava por regimento, que se fosse logo pera Goa tanto que entrasse o verão, o fez assim, e em Setembro se embarcou, e foi tomar Mascate, onde se deteve alguns dias. Fazendo-se dalli á véla, não achando contrastes no caminho, foi tomar Goa quasi no fim de Outubro. Surgindo na barra, foi o Veador da Fazenda ter com elle, e lhe deo hum regimento, que alli deixou o Viso-Rey, em que lhe mandava, que tanto que chegasse de Ormuz, se partisse logo com a mesma Armada pera o Malavar, por não ficar aquella costa desamparada, em quanto elle estivesse em Ceilão.

Com este regimento se fez D. Antão de Noronha prestes, e provendo-lhe o Veador da Fazenda a Armada, deixando os galeões, se passou a huma galé, e com todas as ca-

ravelas de ſua companhia, que eram tres, ou quatro, e os navios de remo, ſe fez logo á véla pera o Malavar, e foi ſurgir com toda a Armada na barra de Calecut pera defender a navegação aos Mouros. Dalli fez toda a guerra que pode ao Çamorim, mandando-lhe dar em muitas povoações que lhe os noſſos abrazáram, e queimáram. E deixallo-hemos aſſim agora por tornarmos a continuar com o Viſo-Rey, que já deixámos em Columbo.

Alli deo ordem ás couſas daquella Ilha, aſſentando deixar quatrocentos homens de guarnição na Cidade da Cota pera ſegurança della, e nomeou por Capitão mór daquella Ilha, e da Armada que alli deixava, a D. João Henriques, e lhe ordenou dez navios de remo, de que eram Capitães Dom Duarte Deça, Jorge Pereira Coutinho, Diogo de Miranda Henriques, Fernão de Caſtanhoſo, Antonio de Noronha, Ruy de Brito, Nicoláo de Souſa, João Coelho de Figueiró, e Manoel Colaço por Feitor da Armada. Deixou por regimento a D. João Henriques, que reſidiſſe na Cidade da Cota, nomeando-lhe por Ouvidor pera correr com a juſtiça a Rafael Corvinel, e o cargo de Alcaide mór da Ilha proveo em Fernão de Carvalho, que havia de reſidir na Cidade de Columbo, aſſentado por conſelho de todos

os

os Capitães, que se cercasse toda á roda o mais depressa que pudesse ser, deixando logo pera isso officiaes. E assim tanto que o Viso-Rey se embarcou, se puzeram logo as mãos á obra, e se começou a cercar de taipas, de que ainda hoje a mór parte está em pé. O Viso-Rey foi dando pressa a estas cousas pera se embarcar, e parece que determinava de levar comsigo Tribuly Pandar pai de ElRey, do que elle foi avisado; e furtando-lhe logo o corpo, se recolheo pera huns matos, que estam huma legua da Cota, de que o Viso-Rey ficou muito enfadado, mas dissimulou, e apertou com ElRey que se fizesse Christão por algumas vezes, de que se elle escusou com lhe dizer » que » por então lhe não convinha mudar lei, por- » que como havia pouco que reinava, e seu » tio o Madune trazia o pensamento occu- » pado em lhe tomar o Reyno, ser-lhe-hia » hum mui grande alvitre, pera induzir a » seus vassallos, que se fossem pera elle, o » que sería causa de se perder aquelle Rey- » no; mas que lhe daria hum Principe seu » primo com irmão pera o levar pera Goa, » e que lá o fizesse Christão, » e logo lho entregou, que o Viso-Rey mandou agazalhar no seu galeão, e em Goa o fez Christão com grande solemnidade; e quando se foi pera o Reyno, o levou comsigo, e ElRey o man-

mandou entregar aos Padres da Companhia pera o doutrinarem, dando-lhe seiscentos mil reis pera despeza de sua casa.

Andou este Principe (que se chamava Dom João) na Corte muitos annos, e ElRey lhe fazia honras, e lhe dava cadeira como aos Condes, quando com elle fallava. Depois o mandou pera a India com os mesmos seiscentos mil reis de tença, e na Cidade de Goa casou com huma mulher Portugueza, filha de hum Cavalleiro honrado, que ainda vive, e o Principe de Ceilão (que assim se intitulou sempre) faleceo, e jaz enterrado em S. Francisco de Goa. Démos conta brevemente deste Principe, pelo não fazermos depois por pedaços.

E tornando a nosso fio: o Viso-Rey não se queria ir dalli sem lhe darem os vinte mil pardáos que lhe ficáram devendo, com reclamar o Tribuly Pandar, que nada lhe devia, porque lhe não cumprio os contratos que com elle fizera, de perseguir o Madune até o matarem, ou haverem ás mãos. E vendo o Tribuly fugido, prendeo o Camareiro mór de ElRey, que era todo o seu governo, e o mandou pera hum galeão da Armada, dizendo-lhe, » que o não havia de soltar até » lhe pagar os vinte mil pardáos. » Vendose o Camareiro mór tão apertado, mandou pedir dinheiro a amigos, e parentes; mas

não

não achou quem lho emprestasse, e mandou vender hum cinto de ouro que trazia, e algumas peças suas, que montáram sinco mil pardáos, que mandou ao Viso-Rey com hum Conhecimento, em que se obrigava a pagar os quinze mil por todo aquelle anno. Com isto o mandou soltar o Viso-Rey, e se embarcou, deixando o Conhecimento do Camareiro mór a D. João Henriques pera arrecadar delle aquelles quinze mil pardáos. E assim antre algumas cousas que lhe deixou por regimento, a que mais lhe encareceo foi, lhe prendesse o Tribuly Pandar, e lho mandasse pera Goa.

Despedido de todos deo á véla pera Cochim, adiantando-se seu filho D. Fernando de Menezes em navios ligeiros, porque hia mal disposto, porque em poucos dias chegou a Cochim. Estas novas chegáram logo a D. Antão de Noronha, que estava sobre Calecut; e ainda lhe affirmáram que hia aggravado do pai, com tenção de se embarcar pera o Reyno. Isto sentio D. Antão de Noronha tanto, que logo se embarcou em hum Catur muito ligeiro, pera ir remediar aquellas cousas, deixando a Armada toda entregue a Manoel de Vasconcellos, e no navio levou comsigo Christovão de Miranda, irmão de Martim Affonso de Miranda, e Pedro Alvares de Nobrega, por estarem

muito doentes, pera ſe curarem em Cochim. Chegou D. Antão de Noronha a Cochim aquelle dia, e achou a D. Fernando de Menezes doente de camaras, e eſteve com elle aquella noite toda; o que paſsáram antre ambos não ſe ſoube, e logo pela manhã ſe deſpedio delle pera ſe tornar. Sahindo pela barra fóra, houve viſta da Armada do Viſo-Rey, que vinha demandando a barra, e foi-o demandar, e com elle tornou pera Cochim. O Viſo-Rey o deteve, porque tinha neceſſidade de ſeu conſelho pera certas couſas.

Deſembarcado o Viſo-Rey, achou as náos do Reyno tomando a carga muito devagar, ſendo já perto do Natal, porque não corria pimenta, que o Principe do Chembe, que logo ſe tornou a alevantar com o ſoccorro do Çamorim, lha impedia, e trazia por aquelles rios muitas manchuas, que faziam grandes damnos, e guerras nas terras de ElRey de Cochim, e defendiam a navegação aos mercadores, que traziam pimenta pera o pezo. E tomando parecer ſobre o que faria, ſe aſſentou que era neceſſario darem hum grande caſtigo áquelle Principe, e deſtruillo de todo, porque de outra maneira ficaria tão ſoberbo, que não poderia o Eſtado com elle. Com eſta determinação ſe embarcou o Viſo-Rey, levando comſigo o Capitão de Cochim com todos os caſados,

e

e toda a mais gente que eſtava pera ſe ir pera o Reyno, (que era muita,) e foram em ſua companhia, além dos Fidalgos, e Capitães que nomeámos de ſua Armada, Diogo Lopes de Souſa, Capitão mór das náos do Reyno; D. Antão de Noronha; Manoel de Souſa de Sepulveda; D. Diogo de Almeida, filho do Contador mór; Franciſco Lopes de Souſa; e Lopo de Souſa. Embarcou-ſe o Viſo-Rey em todos os navios de remo, e a gente que não coube nelles, foram em tones, e em outras embarcações pequenas. Hiam neſta jornada perto de quatro mil homens Portuguezes, a fóra os Chriſtãos de Cochim.

Chegado o Viſo-Rey a Chembe, ordenou a ſua gente, e repartio-a por bandeiras, e huma madrugada deſembarcou em terra com todo o poder. Os Principes Malavares da conjuração eſtavam com mais de trinta mil homens em campo, e deitáram alguns Capitães pera defenderem a deſembarcação aos noſſos, que logo foram desbaratados da dianteira. Poſtos os noſſos em terra, foram marchando pera a Cidade; e ſahindo-lhes os Principes, traváram com os noſſos huma muito arriſcada, e muito cruel batalha. E porque as particularidades, que os Portuguezes fizeram nella foram muitas, não he poſſivel poder contar o que cada hum fez em particular, o deixaremos; ſómente em ſomma

ma diremos, que foi eſta batalha mui perigoſa, em que os noſſos Portuguezes moſtráram bem ſeu valor, e esforço; porque com os grandes eſtragos que fizeram nos inimigos, os desbaratáram de feição, que os fizeram voltar, mas não ſem grande cuſto dos noſſos; porque na força da briga deram huma eſpingardada a D. Antão de Noronha em huma perna por ſima do artelho, que lha quebrou toda, de que cahio logo no chão; mas foi levantado, e recolhido por homens de ſua obrigação, que o aſſentáram ſobre huma rodela, e aos hombros o tiráram da batalha. Matáram dos primeiros Dom Antonio Pereira, irmão de D. Martinho Pereira, (que ſendo Veador da Fazenda, governou Portugal em tempo de ElRey Dom Sebaſtião,) Manoel da Cunha, irmão de Triſtão da Cunha o ſegundo, João da Silva de Menezes, filho de Pero da Silva de Evora, e hum filho de Manoel Mergulhão, mancebo bom cavalleiro, a fóra perto de trinta ſem nome.

Desbaratados os inimigos, foram os noſſos ſeguindo-os, aſſolando, e deſtruindo-lhes todas as povoações, e Pagodes, e cortando-lhes todos os palmares, e fazendas, não deixando couſa em pé: foi tal o caſtigo, que ſe houve o Viſo-Rey por ſatisfeito. E deixando nos rios alguns navios pera guar-

da

da delles, e pera fazerem correr a pimenta, se recolheo a Cochim, e começou a escrever pera o Reyno, e dar muita pressa ás náos da carreira, que pela pouca pimenta que houve, não pudéram levar mais que ametade da carga ordinaria; mas de todas as mais fazendas muita quantidade.

O Viso-Rey mandou D. Antonio de Noronha, filho do Viso-Rey D. Garcia de Noronha, que fosse tomar posse da Armada de D. Antão de Noronha, por elle ficar muito mal da sua perna, de que ficou aleijado. Depois de escrever pera o Reyno, e dar despacho a todas as náos, (tirando o galeão S. João, em que Manoel de Sousa de Sepulveda hia por Capitão, por estar carregando em Coulão,) as fez á véla por todo Janeiro deste anno de 1552 em que entramos, e elle se embarcou, e se foi pera Goa. O Galeão S. João chegou de Coulão com quatro mil quintaes de pimenta, e no porto de Cochim tomou mais tres mil, por não haver mais, carregando doze mil; mas levou tantas fazendas outras, que se affirma, que depois que a India se descubrio até então, não partio náo tão rica; e se fez á véla a tres de Fevereiro, levando perto de duzentos Portuguezes, e mais de trezentos escravos. Hiam embarcados neste galeão muitos Fidalgos, e Cavalleiros, de que adiante

te diremos os nomes, quando contarmos a desastrada perdição, e desaventura desta jornada.

CAPITULO XIX.

De como D. Fernando de Menezes filho do Viso-Rey foi invernar a Cochim: e de como Francisco Lopes de Sousa foi entrar na Capitanía de Maluco: e das cousas que o Viso-Rey D. Affonso de Noronha ordenou ácerca do cravo: e do que succedeo em Ceilão.

CHegado o Viso-Rey a Goa, começou logo a entender em muitas cousas, e mui necessarias, principalmente sobre as da guerra do Rei da Pimenta, que ficava em aberto, a que lhe era necessario acudir, porque pera o anno seguinte não faltasse pimenta pera a carga das náos. E assentou-se em conselho, que mandasse invernar a Cochim seu filho D. Fernando de Menezes com quinhentos homens, e vinte navios pera andarem por aquelles rios. A isto começou o Viso-Rey a pôr as mãos, mandando negociar os navios, e pagar a gente, e no fim de Março despedio seu filho D. Fernando de Menezes, a quem deo os seus poderes, e largo regimento do que havia de fazer. E mandou a D. Antonio de Noronha, que estava por Capitão mór do Malavar, que se

re-

recolheſſe a invernar a Goa, como fez. Dom Fernando de Menezes chegou a Cochim, e ſe paſſou logo aos rios da pimenta, por onde andou todo o inverno, fazendo guerra aos Reys da liga, e favorecendo aos mercadores que traziam a pimenta a Cochim.

E porque eſta jornada toda foi de aſſaltos mui amiudados, e de pouca ſubſtancia, paſſaremos por elles, porque temos outras muitas couſas mais importantes de que dar razão. O Viſo-Rey depois de deſpedir ſeu filho, deſpachou Franciſco Lopes de Souſa pera ir entrar na fortaleza de Maluco, e a Diogo de Souſa, que era provído daquella viagem, a quem deo hum galeão muito formoſo, aonde tambem ſe havia de embarcar Franciſco Lopes de Souſa. E porque tinha por regimento de ElRey, que removeſſe os contratos que o Viſo-Rey D. Garcia de Noronha tinha feitos ſobre o cravo, fez com Diogo de Souſa outros de novo. E porque não démos em outra parte razão deſtes contratos em que fallamos, o faremos aqui.

Depois que Antonio de Brito deſcubrio as Ilhas de Maluco, (como nas Decadas de João de Barros ſe diz, e nós o tornámos a referir,) mandou ElRey D. Manoel, e ſeu filho D. João depois, que nenhuma peſſoa pudeſſe comprar cravo em todas aquellas Ilhas, ſenão ſeus Feitores; reſervando, como

mo minas, pera si aquelle contrato, e commercio. E porque a Ilha de Ternate, onde estava a nossa fortaleza, era já povoada de Portuguezes casados, que senão tivessem algum quinhão no commercio do cravo, não tinham pera que viver naquellas Ilhas, escrevêram sempre aos Governadores passados, que usassem com elles de alguma equidade, senão que se iriam viver onde tivessem mais remedio. Tanto puxáram por isto, até que o Viso-Rey D. Garcia de Noronha fez com elles o contrato seguinte.

» Que toda a pessoa pudesse comprar, e » tratar livremente naquellas Ilhas de Malu» co todo o cravo que quizesse, e que o pu» desse embarcar pera a India nos galeões da » carreira; com condição, que de todo o » que embarcassem, dariam a ElRey a ter» ça parte, posto debaixo da verga sem que» bras; e que por cada bar lhe pagaria El» Rey tres pardáos, que era o preço por » que o elle costumava a comprar; e que » de frete (a que chamam Choques) pagariam » de dez bares, tres, » como mais declaradamente nas outras Decadas temos dito.

Este contrato assim pera ElRey, como pera os homens era então bom; mas como a cubiça nunca se farta, vindo a gostar todos do proveito que do cravo tinham, não se contentando com o que direitamente lhe vi-

vinha, inventou a malicia humana hum ardil, pera elles ficarem com tudo, e ElRey com nada, fazendo muitas despezas com aquella fortaleza, e com os galeões, que todos os annos mandava a ella com provimentos; e foi este.

Que o cravo que os Capitães, e Officiaes, e mais pessoas embarcavam em seus gazalhados, sem ser carregado no livro da náo, por ser forro (pelas liberdades, e licenças) este era todo limpo, e de cabeça muito escolhido antre todo; e o outro que se mettia debaixo das cubertas, carregado no livro da náo, de que ElRey havia a terça parte, era o çujo, todo madre, e bastão, que valia as tres partes menos. No que ElRey começou a sentir tamanho engano, e tantas perdas, que deo por regimento ao Viso-Rey D. Affonso de Noronha, que nenhuma pessoa embarcasse, nem comprasse em Maluco cravo algum, senão limpo, e de cabeça; e que se désse aos mercadores mais a sinco pardáos por bar, além do que lhe a elle vinha de seus terços, pela quebra que em o alimpar tinham. Sobre o que o Viso-Rey passou hum Alvará pera se pregoar em Maluco, que mandou por D. Garcia de Menezes, (que o anno atrás passado despachou com a Capitanía daquella fortaleza, e por morrer na guerra de Malaca, ficou

cou a Gemez Barreto, Capitão da sua caravela.) E porque ainda com tudo isto não faltavam modos de furtarem a ElRey, (a quem nunca luzia aquelle commercio, e por antre as mãos se lhe sumia quasi tudo,) querendo o Viso-Rey que todavia houvesse ElRey os proveitos daquellas Ilhas, pois as despezas eram todas suas, contratou-se com Diogo de Sousa por esta maneira: » Que pe-
» los terços, e choques que pertenciam a
» ElRey de todo o cravo que trouxesse no
» seu galeão, désse quatrocentos e sincoenta
» bares, s. duzentos e sincoenta bares liqui-
» dos pera ElRey, e os duzentos pera as
» pessoas que tivessem liberdades por Provi-
» sões do Viso-Rey; e que na dita conta não
» entrariam os bares que viessem nos gaza-
» lhados delle Capitão, e dos Officiaes do
» galeão, nem do Patrão mór, e outros que
» elles tirariam forros. » Nesta companhia despachou o Viso-Rey a D. Alvaro de Taíde da Gama, filho do Conde Almirante, que descubrio a India, por Capitão mór do mar de Malaca, e de todas aquellas partes com grandes poderes; porque como elle entrava na Capitanía de Malaca após D. Pedro da Silva da Gama seu irmão, que lá estava, quiz ir diante hum anno que ainda lhe faltava, por se tirar de gastos, e despezas. Despachados estes Capitães, deram á véla em

Abril,

Abril, e foram ſeguindo ſeu caminho, em que os deixaremos até ſeu tempo, por contarmos o que neſte ſuccedeo em Ceilão, por não fazermos Capitulo per ſi.

Partido o Viſo-Rey de Ceilão, tratou D. João Henriques de prender Tribuly Pandar, pai de ElRey, como lhe deixou por regimento o Viſo-Rey; o que ſabido por ElRey, metteo a mão niſſo, e pedio-lhe, » que não buliſſe com ſeu pai, que diſſimu» laſſe com elle por então, porque era ne» ceſſario tornarem-ſe a ajuntar pera contra » o Madune, que eſtava já em Ceitavaca re» formado, e com grande poder. » Pareceolhe a D. João bem o que lhe ElRey pedia, e lhe deo ſeguro pera o pai ſe vir pera a Cota, pera ſe concertarem ſobre a guerra, que ſe havia de fazer ao Madune. ElRey o eſcreveo ao pai, e o mandou chamar. Eſteve o Tribuly nas ſete Corlas, onde reinava hum ſeu primo com irmão, com que tinha concertado caſar ElRey ſeu filho com huma irmã do primo, pera aſſim ficarem todos liados contra o Madune. Sabendo iſto o Capitão D. João Henriques, eſtimou-o muito, e concertou-ſe com o Tribuly Pandar, que partiſſe elle com o Principe das Corlas, com todo o poder contra o Madune, e que elle com ElRey ſeu filho, e o ſeu Camareiro mór iriam pela via de Calane, e que aſ-

aſſim lhes não poderia eſcapar. Feitos eſtes concertos, começando-ſe a preparar pera a jornada huns, e outros, adoeceo D. João Henriques de huma enfermidade grave de que faleceo ao primeiro de Maio. Succedeo-lhe Diogo de Mello Coutinho, ou por regimento que ſe achou, ou por eleição, que iſto não pudemos averiguar bem, que ficou continuando com ſuas obrigações, fazendo ao Madune toda a guerra que pode, não tratando da liga que eſtava feita contra elle com o Tribuly Pandar, e o Principe das Corlas; antes determinou de prender Tribuly Pandar, como o Viſo-Rey tinha deixado por regimento, e aſſim o prendeo como adiante ſe verá.

CAPITULO XX.

De como Bernaldim de Souſa foi contra El-Rey de Tidore, e lhe fez derribar a fortaleza: e das deſavenças que teve com D. Rodrigo de Menezes: e das couſas, que mais ſuccedêram até ſe embarcar pera a India.

DEpois de Bernaldim de Souſa dar fim ás couſas de Geilolo, como temos dito no Cap. XIII. do IX. Liv. quiz tambem fazello ás de Tidore, porque eſtava muito pejado com a fortaleza que aquelle Rey tinha

nha feito, pelo que determinou de lha ir derribar, tanto que convalecesse, e o tempo lhe offerecesse alguma boa occasião pera isso, que lhe não tardou muito, que foi partir-se aquelle Rey com a sua Armada pera as Ilhas dos Cellebes ás prezas, deixando a sua Ilha encommendada a ElRey de Ternate seu genro, e cunhado. Tanto que o Capitão foi avisado de sua ida, mandou chamar ElRey, tendo comsigo todos os Capitães, e Cavalleiros principaes que havia naquella Ilha, e lhe disse: » Que pera El-» Rey de Portugal ser de todo servido era » muito necessario desmanchar-se a fortaleza » de Tidore, porque se ficava em pé, indo-» se elle daquella terra, ficava a vitoria que » tinham havido de Geilolo imperfeita; por-» que estava muito entendido, que aquelle » Rey tratava com aquella fortaleza alguma » novidade; porque se elle era amigo do Es-» tado, e do serviço de ElRey de Portugal, » não tinha de que se recear, nem pera que » se fortificar; e se pelo contrario, não era » razão que se lhe dissimulasse com aquelle » negocio, porque depois quando se lhe qui-» zesse acudir, poderia ser que não pudes-» se. E que agora que aquelle Rey era fóra » se poderia aquillo fazer muito bem; que » lhe pedia lhe déssem nisto seus pareceres.» A isto tomou a mão ElRey, e lhe disse, » que

» que não parecia cousa licita entrar nin-
» guem na casa alheia, em quanto o dono
» da pousada não estava nella, irem-lha de-
» vassar, que aquelle Rey era servidor de
» ElRey de Portugal, e que faria o que
» cumprisse a seu serviço; que o deixassem
» tornar, que elle lhe faria derribar a for-
» taleza, sem se metter outro cabedal.» Ven-
do o Capitão ElRey tão arrezoado, penho-
rou-o pela palavra, dando-lhe a entender,
que pelo servir esperava até elle vir.

Vindo dahi a alguns dias o Rey de Ti-
dore da sua jornada, se embarcou logo Ber-
naldim de Sousa em corocoras, e levou com-
sigo ElRey, e D. Rodrigo de Menezes, e
D. João Coutinho, e outros Capitães em co-
rocoras, e nos batéis dos galeões, e foi sur-
gir sobre o porto de Tidore. Vendo ElRey
aquella Armada, e sabendo estar alli o Ca-
pitão, o mandou logo visitar por dous ir-
mãos seus bem acompanhados, e a dar-lhe
os parabens de sua vinda, e que se mandava
delle alguma cousa, que estava prestes pera
fazer tudo, como servidor que era de El-
Rey de Portugal. Bernaldim de Sousa lhe
mandou dizer » que não vinha a mais que
» a visitallo, e saber delle se mandava em
» que o servisse. E que pois elle se mostrá-
» ra sempre tanto servidor de ElRey de Por-
» tugal, que lhe pedia, que mandasse derri-
» bar

» bar aquella fortaleza que tinha feito , pera
» moſtrar que o que dizia não era fingido ;
» que ſe ſe temia de alguem , que os Capi-
» tães que ElRey tinha na fortaleza de Ter-
» nate o defenderiam de todo o Mundo ,
» como o ſeu Rey lhes mandava ; que aquil-
» lo era moſtrar deſconfianças da amizade ,
» e fidelidade dos Portuguezes. » ElRey de
Tidore tornou a mandar dizer ao Capitão ,
» que elle eſtava preſtes pera fazer tudo o
» que foſſe ſerviço de ElRey de Portugal ;
» mas que aquella fortaleza não havia que
» lhe prejudicava em couſa alguma , porque
» elle a não fizera ſenão por amor dos Reys
» ſeus viſinhos , ſe alguma hora tiveſſe con-
» tendas com elles ; e que por ſima de tudo
» eſtava preſtes pera fazer o que foſſe juſto.»

O Capitão não ficou contente da reſpoſ-
ta , e pedio a ElRey de Ternate que ſe
foſſe ver com ElRey ſeu genro , e que o
perſuadiſſe a derribar a fortaleza , pois ſo-
bre ſua palavra eſperára pera ter com elle
aquelles cumprimentos. ElRey aſſim o fez ,
e em tres dias que duráram eſtas dilações ,
foi a terra algumas vezes , e ſe vio com a-
quelle Rey , perſuadindo-o a fazer o que
lhe pedia o Capitão , dando-lhe muitas ra-
zões pera iſſo. E por fim de todas as prá-
ticas lhe diſſe o Rey de Tidore » que elle
» tinha vontade de o ſatisfazer ; mas que dei-

» xava de o fazer, por receios que tinha de
» dous ſobrinhos ſeus, filhos de ſeu irmão
» Cachil Rade, que eram de contrario pa-
» recer, e que lhe tinham dito que tal não
» haviam de conſentir, porque aquella for-
» taleza fora feita por ſeu pai, e que elles
» a queriam ſuſtentar; que ſe lançaſſe elle de
» fóra de aquelle negocio. E que além diſ-
» ſo, sería muito grande affronta entregarem-
» na ſem primeiro pelejarem, como fizeram
» os Geilolos. »

Eſta reſpoſta deo ElRey ao Capitão, que o tornou a mandar perſuadir a derribar aquella fortaleza: que ſe não regeſſe pelos ſobrinhos naquelle negocio, porque aquillo cheirava a tyrannia, e que parecia pertenderem alevantarem-ſe contra elle, e por iſſo queriam ter aquella força em pé pera ſeu recolhimento. E a voltas deſtas razões, e outras lhe mandou fazer requerimentos, e ameaças, e logo mandou lançar pregão, que nenhuma peſſoa ſahiſſe a terra ſob pena de morte, porque até então hiam os ſoldados á Cidade, e ElRey de Tidore ſe mandára queixar de alguns deſmanchos que elles faziam. Ao que lhe mandou dizer » que ſe os
» lá achaſſe que os mataſſe, e que tambem
» defendeſſe aos Tidores, que não vieſſem
» á praia, por não travarem deſgoſtos com
» os Portuguezes, porque ſe os viſſe nella,
» tam-

» tambem os havia de mandar matar. » Isto foi ardil de Bernaldim de Sousa, porque os poços donde bebiam os da Cidade estavam na praia, e por aquella maneira lhe queria defender a agua, porque outros poços que na Ilha havia, estavam mui longe. Sobre estes pregões não deixáram de sahir a terra alguns soldados. E dizendo ao Capitão que andavam alguns na praia, se metteo em huma embarcação pequena com grande paixão; e chegando á praia, vio nella D. Rodrigo de Menezes, e chegando perto delle, lhe disse alto:

» Ah senhor D. Rodrigo de Menezes, » contra o meu pregão sahis em terra, tendo mais obrigação de o guardar que todos, pera exemplo? Embarcai-vos logo. » D. Rodrigo de Menezes como não andava muito gostoso delle, lhe respondeo » que » logo se embarcaria: accrescentando mais, » como? Os homens não hão de fazer seus » feitos? » Bernaldim de Sousa que se hia já affastando, ouvindo-o, lhe respondeo: Fazei-os, e seja pera vós. Ouvindo isto Dom Rodrigo, respondeo com o consoante. E encontrando o Capitão ao Ouvidor lhe disse, » que se fosse tomar a menagem a D. Ro» drigo de Menezes, pera que não sahisse » da sua embarcação, » que D. Rodrigo lhe não quiz dar, nem deixar assinar no Termo,

que o Ouvidor diſſo fez, a Chriſtovão de Souſa, e Antonio de Lacerda, que eſtavam preſentes. Iſto foi dizer o Ouvidor ao Capitão, que voltou logo, tomando huma eſpada, e huma rodela que lhe levava hum pagem, e chegou a Chriſtovão de Souſa, e Antonio de Lacerda, e lhes fez aſſinar o Termo, e ſe foi á corocora de D. Rodrigo pera o prender, e elle ſe lhe poz armado a bordo, dizendo-lhe » que não entraſ» ſe no ſeu navio, que era tão bom Fidal» go como elle, e que o não quizeſſe en» xovalhar; » mas todavia remettendo Bernaldim de Souſa, lhe diſſe hum Affonſo Figueira que com elle hia: » Tende-vos, Se» nhor, ide-vos armar, e fazei o que vos cum» pre, e não vos aconteça hum deſaſtre. » Bernaldim de Souſa ſe tornou á ſua çorocora a armar, e diſſe a Gabriel Rabello, que eſtava nella, que ſe foſſe com huma corocora pôr em huma calheta do arrecife, e a Balthazar Veloſo em outra, pera que D. Rodrigo ſe não pudeſſe ſahir pera fóra.

D. Rodrigo de Menezes tanto que Bernaldim de Souſa voltou pera a ſua corocora, ſe metteo em hum paráo, e ſe foi ſahindo do arrecife, e diſſe aos ſeus ſoldados que o ſeguiſſem na corocora. Balthazar Veloſo vendo ir aſſim D. Rodrigo, brádou pela lingua aos marinheiros, que ſe lançaſſem

ao mar, como fizeram, ficando D. Rodrigo de Menezes só no paráo. No mesmo tempo á revolta que havia, perguntou ElRey de Ternate que era? e dizendo-lhe que Dom Rodrigo de Menezes não queria obedecer ao Capitão, lançou-se a huma corocora, e poz ao remo filhos, e parentes, e foi remando com grande furia pera onde hia Dom Rodrigo de Menezes, dizendo: » Contra o » Capitão de ElRey meu Senhor? » e vendo que D. Rodrigo endireitava pera a terra, lhe brádou: » Ah Senhor D. Rodrigo, » mettei-vos aqui comigo, » e foi-lhe tomando a dianteira; porque receou que se se fosse a terra, se passasse ao Rey de Tidore, e desmanchasse tudo o que estava feito, (porque tinha aquella tarde assentado com elle, que derribasse a fortaleza, do que Bernaldim de Sousa não tinha ainda recado.) Dom Rodrigo de Menezes vendo ElRey perto, mandou chegar a corocora, e se metteo com elle, e ao mesmo tempo chegou o Capitão; e receando alguma desaventura, lhe brádou ElRey que não chegasse, que elle tomava D. Rodrigo sobre si. Bernaldim de Sousa se deteve, e tornou a voltar, e D. Rodrigo se foi metter na sua embarcação, sem sahir mais a terra.

ElRey de Ternate se tornou pera terra, e acabou com ElRey seu genro que se visse

ſe na praia com Bernaldim de Souſa, como fez a meſma tarde, indo com o Capitão, D. João Coutinho, e outros dous, ou tres Capitães. E chegando a terra o abraçou ElRey, e lhe prometteo de derribar a fortaleza, pois elle tinha nella pejo: o Capitão lhe fez grandes cumprimentos, e foi logo indireitando pera a fortaleza, o que ElRey quiz eſtorvar, porque receava que houveſſe alguma revolta antre os ſobrinhos, contra cujá vontade conſentia no que o Capitão queria; e aſſim o diſſe a Bernaldim de Souſa: mas elle parecendo-lhe que com aquella confiança os obrigaria, e ſeguraria, foi ſeu caminho ſempre no meio de ambos os Reys, e ſubio aſſima da fortaleza, e a vio, e notou, e logo ſe tornou a ſahir, e com os Reys ſe aſſentou fóra, e alli concluíram as pazes de novo, e aſſentáram que ao outro dia foſſe Balthazar Veloſo derribar algumas pedras, em começo do concerto, e que ElRey a derribaria depois toda: com iſto ſe deſpedíram com grandes cortezias, e cumprimentos.

Ao outro dia deſembarcou o Capitão com ElRey de Ternate, e ElRey de Tidore os eſperou na praia, e todos ſe aſſentáram á ſombra de humas arvores. Dalli deſpedíram Cachil Munerai, irmão de ElRey de Tidore, e com elle Franciſco Carvalho, e Manoel

noel Carvalho, mercadores que residiam em Tidore, pera que fossem dizer aos que estavam na fortaleza, que se não alvoraçassem com cousa alguma; e apôs elles mandou Balthazar Veloso com huma somma de pedreiros pera irem derribar algumas pedras da fortaleza. Cachil Munerai subio assima só, e tornou a descer mui apressado, dizendo, » que em sima estavam todos postos em ar» mas, e que ameaçavam a quantos lá su» bissem. » Com isto voltáram todos, e encontrando Balthazar Vesoloso lhe deram conta daquillo; e tornando-se pera o Capitão, lhe disseram o que víra Cachil Munerai. O Capitão enfadado, disse a Balthazar Veloso: » Se quer vós, credes isso? ora tornai lá, » e mantem-vos. » Balthazar Veloso virou com muito animo, e entrou na fortaleza, que achou despejada, (porque tudo eram invenções de Cachil Munerai, pera ver se podia impedir aquelle negocio,) e pondo as mãos á obra, derribou do alto dos muros algumas pedras, e tornou-se pera o Capitão.

Feito isto, despedio-se Bernaldim de Sousa de ElRey, e se tornou pera Ternate, muito amigo com o Rey de Tidore, e Dom Rodrigo de Menezes se passou pera Talangame, por ser avisado que tratava o Capitão de o prender. Ao outro dia soube Ber-

nal-

naldim de Soufa que era ido, e por efta razão fe embarcou em algumas corocoras, e fe foi a Talangame, e do mar mandou o Ouvidor que foffe prender D. Rodrigo de Menezes; mas elle como fe temia, vendo chegar aquellas corocoras, logo entendeo o que era, e fe começou a pôr em armas com determinação de fe defender, o que os amigos que com elle eftavam lhe eftorváram, dizendo-lhe, » que fe perderia de todo; antes fe fahiffe de cafa pera hum mato que » alli eftava perto, e que furtaffe o corpo á » paixão do Capitão, porque pela ventura » logo lhe paffaria. » Elle o fez affim, fahindo-fe de cafa á vifta do Ouvidor, e de Balthazar Velofo, que diffimuláram. E chegando a fua cafa, e não o achando fe tornáram ao Capitão, que defembarcou, e fe foi affentar á fua porta, e lhe mandou fazer inventario da fazenda que fe lhe achou, e fez recolher os aparelhos da caravela, que alli fe eftava concertando, porque determinava de lha tirar. D. Rodrigo de Menezes foi avifado que o Capitão lhe devaffava a fua cafa; e havendo-o por grande affronta, quiz ir dar nelle, mas foi impedido pelos mefmos amigos, dizendo-lhe que tinha varada a fua caravela, e que não tinha onde fe recolher, fazendo algum defarranjo; com o que fobreefteve. Bernaldim de Soufa depois

pois que fez o inventario, e depositou o que achou, em mão de pessoa abonada, se tornou pera a fortaleza, e no caminho encontrou ElRey, que acudia por não haver algum desastre, e voltou com o Capitão, que logo procedeo judicialmente com Dom Rodrigo de Menezes, e á sua reveria o sentenceou em alguns annos de degredo, o que fez apressadamente, porque esperava por Capitão.

E vindo a monção de se repartirem os galeões pera a India, se embarcou D. João Coutinho na entrada do mez de Fevereiro passado, e com elle D. Rodrigo de Menezes, e juntamente se fizeram á véla; e a náo de que era Capitão Christovão de Sousa, Capitão daquellas viagens, que havia dous annos que estava alli esperando pela monção de cravo; e assim a caravela, de que era Capitão Manoel Boto, que todos foram carregados, porque foi a novidade do cravo grande. Ficou Bernaldim de Sousa muito enfadado de lhe tardar recado da India, e despedio duas corocoras, em que hia Rafael Carvalho, pera que fosse a Banda a saber se havia algum recado da India, e elle ficou entendendo em derribar a fortaleza de Tidore, o que acabou com muito trabalho. Rafael Carvalho chegou a Amboino, e achou naquelle porto Gomez Barreto na caravela

de

de Dom Garcia de Menezes, que D. Pedro da Silva da Gama, Capitão de Malaca, tinha deſpedido com provimentos, como atrás diſſemos no Cap. IX. do Liv. IX., e voltou em companhia de Gemez Barreto.

Chegados a Ternate, feſtejou Bernaldim de Souſa muito as novas da vitoria, que D. Pedro da Silva da Gama houve dos inimigos; e vendo as cartas do Viſo-Rey, ſoube por ellas como ElRey lhe tinha feito mercê da Capitanía de Ormuz, em que logo entrava, eſcrevendo-lhe que ſe foſſe, e entregaſſe a fortaleza a D. Garcia de Menezes; e vendo que faltava D. Garcia de Menezes, e que ſem dúvida acharia em Malacá Franciſco Lopes de Souſa ſeu primo, (que já o anno paſſado ficára no Reyno deſpachado com aquella Capitanía pera ſe embarcar,) não quiz mais eſperar alli, e entregou a fortaleza a Balthazar Veloſo, velho de ſetenta annos, e caſado com huma meia irmã de ElRey, e deſpedindo-ſe delle ſe embarcou em algumas corocoras, e ſe foi a Amboino, aonde ainda eſtavam os navios de Dom João Coutinho, e os mais que tinham partido de Ternate, e embarcou-ſe na caravela com Manoel Boto, onde eſteve até ſer monção, ſem deſembarcar em terra, por ſe não encontrar com D. Rodrigo de Menezes, porque ſe ficou temendo delle. Vindo a monção,

ção, se partíram todos pera Malaca, onde Bernaldim de Sousa achou já seu primo Francisco Lopes de Sousa, que hia entrar na Capitanía de Maluco, que elle festejou muito, e em Malaca ficáram até a monção.

CAPITULO XXI.

Do que aconteceo ás náos que partíram pera o Reyno: e da desaventurada perdição do galeão S. João na costa da Cafraria.

PArtidas as náos de Cochim, foram seguindo sua viagem; e as quatro dellas posto que acháram temporaes, foram a Portugal: das outras duas, S. Jeronymo, de que era Capitão Lopo de Sousa, desappareceo no caminho, sem se saber, nem se suspeitar até hoje aonde. O galeão S. João, de que era Capitão Manoel de Sousa de Sepulveda, foi haver vista da terra do Cabo de Boa Esperança, em trinta e dous gráos, com vento bonança, e do longo delle foi correndo até o cabo das Agulhas, tão chegados á costa, que sempre foram com o prumo na mão. Aos doze dias de Março se acháram Nordeste Sudueste, com o Cabo de Boa Esperança, vinte e sinco leguas ao mar delle. O dia que elles cuidavam que passariam o Cabo á outra banda, se lhe mudou

o vento a Oeste, e a Oesnoroeste, e começou-se a toldar o Ceo com tamanhas carrancas, e fuzís, que logo mostráram sinaes da ira de Deos. E como era perto da noite, e o vento vinha já carregando, foram arribando, porque não tinham mais vélas, que as que levavam envergadas, e ainda essas tão velhas, que isso foi causa de sua perdição; porque em as remediar, e cozer (pelas muitas vezes que se lhe rompêram) gastáram muito tempo, e perdêram muito caminho; e assim foram arribando com pouca véla, e tornáram a desandar cento e trinta leguas, até que o vento tornou a Nordeste tão furioso, que os fez outra vez voltar pera o Sul, com os mares que vinham do Ponente, e com os que o Levante vinha alevantando, ficáram tão cruzados, e soberbos, que o galeão com ser o maior navio que andava na carreira, os não podia soffrer, e pelos bordos ambos se hia alagando; e assim quasi perdidos, e com as bombas nas mãos foram correndo tres dias, vendo-se cada hora de todo perdidos, e alagados. No cabo do quarto lhe encalmou o vento, e ficou o mar tão grosso, e trabalhou o galeão tanto, que lhe quebráram tres machos do leme, em que entravam dous do pollegar, que são os mais necessarios, e que mais sustentam o leme; o que ninguem

sou-

ſoube ſenão o carpinteiro , que por ordem do Meſtre (que era hum Chriſtovão Fernandes , velho muito honrado) o não diſſe a peſſoa alguma , por não deſacoraçoarem os homens.

Eſtando com eſte trabalho , tornou a ſaltar o vento a Leſte , e tornando-lhe a virar a poppa , lançando-lhe o leme á banda , não lhe acudio a náo , antes foi aguçando de ló , e como o vento era rijo , levou-lhe o papafigo da verga grande , com o que acudíram os Officiaes tomar o da prôa , porque o não perdeſſem , e antes quizeram ficar de mar em través , que ſem alguma véla. E em a tomando ſe atraveſſou o galeão , a que deram tres mares tão groſſos , que com os balanços rebentáram todos os aparelhos , e coſteiras do maſtro grande da banda de bombordo , ficando-lhe ſó tres. E porque o mar os comia tropeava tanto , que não havia homem que ſe pudeſſe ter em pé pera acudir ás couſas neceſſarias ; aſſentáram que ſe cortaſſe o maſtro , porque lhe abria o galeão , e aſſim o começáram a fazer , e em lhe dando as primeiras machadadas o víram arrebentar por ſima das polés das coroas ; e como ſe fora huma couſa muito leve , deo o vento com elle ao mar com todo aquelle pezo da gavea , e maſtareo , e acudindo á enſarcia lha cortáram , porque com as panca-

cadas lhe não abriſſe o galeão. Vendo-ſe ſem maſtro, no pedaço que ficou, armáram hum maſtereo de huma entena, com ſuas arreataduras, e guarnecêram huma verga, e da véla velha com alguns pedaços de outras fizeram huma que envergáram, e deram a ella, mas o galeão por falta dos machos do leme não lhe quiz governar, e acudíram ás eſcotas, com que ſe ajudavam, e foram aſſim piedoſamente correndo. O vento foi creſcendo, e a náo foi mettendo de ló, até ſe pôr toda á corda, e o vento lhe tornou a levar a véla grande, e a da gavea, ficando-lhe o galeão todo atraveſſado, com tamanhos balanços, que perdeo de todo o leme, ficando-lhes os machos mettidos nas femeas. E não baſtando eſtes trabalhos, (porque parecia que eſtava tudo conjurado contra elles,) começou o galeão a abrir algumas aguas com o que o porão ſe começou a encher.

E porque de todo ſe não perdeſſem, acudíram ao maſtro grande pera o cortarem, porque os não abriſſe; mas tirou-os deſſe trabalho hum mar que lhe deo, que foi tal, que lho cortou pelos amboretes, como hum pepino, e deo com elle ao mar pela prôa, e da pancada que deo no goroupés, lho lançou fóra da carlinga, e lho metteo por dentro na náo quaſi todo; e aſſim ficáram ſem le-

leme, ſem maſtro, e ſem vélas, e o galeão lançado no bordo da terra, de que poderiam eſtar quinze até vinte leguas; e acudindo os Officiaes, e todos os mais com muita diligencia, repartidas as couſas começáram a fazer hum leme, e guarnecer huma entena pera maſtro grande, e a fazer vélas das roupas dos mercadores, que levavam na náo, no que gaſtáram dez dias; e depois de tudo acabado mettêram o leme, e dando as vélas não quiz a náo governar, porque lhe ficou o leme eſtreito, e curto.

A eſte tempo houveram viſta da terra, (porque naquelle dia que eſtiveram atraveſſados, os foram as correntes, e os ventos rolando pera ella;) era iſto a dezoito de Junho. Vendo-ſe Manoel de Souſa de Sepulveda tão perto da terra, tomou parecer com os Officiaes ſobre o que fariam, e aſſentáram que já não havia outro remedio ſenão vararem, e tratar de ſalvar as vidas, e que foſſem aſſim até dez braças, onde ſurgiriam, e no batél ſe poria toda a gente em terra. Determinado iſto, lançáram huma manchua ao mar, em que mandáram alguns marinheiros de recado, pera irem ver a terra, e notarem onde haveria bom deſembarcadouro, o que elles fizeram, e a náo foi rolando pera a terra com quinze palmos de agua no porão. E indo aſſim menos de legua de terra,

ra, tornou a manchua, e disseram os marinheiros, que defronte tinham huma formosa praia, onde só podiam desembarcar, porque tudo o mais eram rochas, e penedias asperissimas, e que não havia materia alguma de salvação. E como deixáram a praia marcada pela agulha, foram governando o melhor que pudéram pera ella, e chegáram até sete braças de fundo, onde surgíram, e logo botáram o batél ao mar, e botáram outra ancora a terra já com o vento mais bonança, e estariam della dous tiros de bésta. Manoel de Sousa de Sepulveda tomou conselho com todos sobre o que seria melhor, e assentáram que se puzessem em terra, e que se fortificassem, e que das cousas da náo fizessem hum caravelão, em que se pudessem ir pera Çofala, ou Moçambique, ou mandarem recado pera os virem buscar; e que se puzesse cobro nas armas, e alguma roupa preta, que era o com que haviam de resgatar o que houvessem mister.

Assentado isto, puzeram em sima as armas, e todos os mantimentos, polvora, e roupas, e logo se embarcou Manoel de Sousa no batél com sua mulher, e filhos, e perto de trinta pessoas principaes, em que entravam Pantaleão de Sá, Tristão de Sousa, Amador de Sousa, Diogo Mendes Dourado de Setuval, Balthazar de Siqueira, e outros,

tros, e com algumas espingardas, e armas se puzeram em terra, e tornou o batel a desembarcar os mais, e o mesmo fez a manchua; e assim fizeram tres, ou quatro caminhos, e em hum delles se alagou a manchua, e se affogáram alguns homens, em que entrou hum filho de Bernardo Rodrigues. O Mestre, e Piloto estiveram sempre na náo até se desembarcar tudo, e acertou de quebrar a amarra do mar, havendo já tres dias que estavam surtos, pelo que se embarcáram no batel já com tanto trabalho, por vir crescendo o vento, que chegou a terra feito pedaços, ficando na náo perto de quinhentas pessoas, em que entravam duzentos Portuguezes com o Contramestre, e Guardião.

Vendo-se os da náo sem batel, largáram a amarra do mar, e foram alando pela da terra, até assentar a náo no fundo; e como deo nelle, logo se abrio em duas partes, e dahi a menos de huma hora se abrio toda, vindo toda a caixaria assima. Os da náo se lançáram ás caixas, e taboas, e das pancadas, e affogados morrêram quarenta Portuguezes, e setenta escravos, e todos os mais foram a terra com muitas feridas dos páos, e prégos, e a náo em menos de duas horas se desfez toda de feição, que não foi a terra ter taboa, nem páo, que passasse de huma braça.

CAPITULO XXII.

Do que fez Manoel de Sousa de Sepulveda depois de estar em terra : e do que lhe aconteceo no caminho : e da muita piedosa, e lastimosa morte de sua mulher, e filhos : e de como elle se metteo pelo mato, onde desappareceo.

POstos todos em terra, vendo Manoel de Sousa perdidas as esperanças de poder fazer o caravelão, por não haver de que, porque o mar destroçou a náo, como dissemos, assentou por conselho de todos irem buscar o rio de Lourenço Marques, onde todos os annos vinham navios de Moçambique ao resgate do marfim. E porque havia muitos feridos, e doentes, entranqueirou-se pera esperar até todos sararem, porque alli tinham agua, e mantimentos que da náo salváram. E havendo tres dias que alli estavam, lhes apparecêram nove Cafres em sima de hum monte, onde estiveram duas horas, e se tornáram sem poderem haver falla delles. E parecendo bem a Manoel de Sousa, se fosse descubrir se havia alguma povoação perto, e se achavam alguns mantimentos, despedio a isso hum mulato marinheiro com hum Cafre pera fallar a lingua. Estes andáram pela terra dous dias,

sem

ſem acharem mais que humas caſas palhaças deſpovoadas, porque parece que os moradores dellas fugíram de medo dos noſſos.

Depois diſto lhes apparecêram ſete Cafres ſobre aquelloutro, que traziam huma vacca preza; e acenando os noſſos, deſcêram abaixo, e Manoel de Souſa ſe apartou com quatro homens pera lhes ir fallar, e para os ſegurar, como fez, de feição, que os trouxe até o arraial; e moſtrando-lhes prégos, folgáram de os ver; e pondo-ſe a preço com a vacca, apparecêram no outro outros ſinco Cafres, que fallaram a eſtes pela lingua; e em os eſtes ouvindo, largando tudo, e tomando a ſua vacca, ſe foram recolhendo.

Manoel de Souſa de Sepulveda, poſto que tinha neceſſidade, a deixou levar, porque os não quiz eſcandalizar. Alli eſtiveram dez dias, em que a gente convaleceo; e vendo-os Manoel de Souſa sãos, e em eſtado que podiam caminhar, lhes fez huma breve exhortação, em que os animou aos trabalhos, lembrando-lhes a mercê que Deos lhes fizera em os não affogar no mar, e que elle que os puzera em terra, teria cuidado delles; pedindo-lhes muito a todos que o não deſamparaſſem, nem deixaſſem ſó, poſto que elle não pudeſſe caminhar tanto por cauſa de ſua mulher, e filhos: o que todos lhe promettêram, e aſſentáram, que caminhaſ-

nhassem sempre de longo da praia, porque era melhor caminho; e assim se começáram a pôr na ordem seguinte.

Manoel de Sousa de Sepulveda com sua mulher, e filhos, e oitenta Portuguezes, e cem escravos na vanguarda, e na dianteira delle o Mestre, e Piloto, com todos os homens do mar, com huma bandeira, e hum Crucifixo erguido. Na retaguarda Pantaleão de Sá, com todos os mais Portuguezes, e escravos, que seriam perto de duzentas pessoas. Nesta ordem se apartáram daquelle lugar em que deram, que estava em trinta e hum gráos do Sul aos sete dias de Julho. E começáram a caminhar, indo D. Leonor em hum andor ás costas dos Cafres, e andáram todo aquelle mez com muito trabalho, que em todos aquelles dias não comêram mais que arroz, e algumas frutas do mato, sem acharem cousas que resgatar, e hiam tão fracos, que de não poderem andar ficáram por esses matos dez, ou doze pessoas; e no fim deste mez não tinham andado pela costa mais que trinta leguas, (passando de cento as que rodeáram, por causa dos rios, e de outros inconvenientes.) Este dia deram rebate a Manoel de Sousa de Sepulveda, que lhe ficava atrás perto de meia legua hum filho seu bastardo, de idade de dez annos, que caminhava ás costas de hum Cafre, que assim elle,

le, como o menino cahíram no chão de fracos da fome. Manoel de Souſa de Sepulveda ſe deteve, e prometteo quinhentos cruzados a quem lho foſſe buſcar, o que ninguem quiz fazer por ſer já noite, e haverem medo das alimarias bravas, que por todo aquelle caminho acháram. Iſto ſentio aquelle Fidalgo tanto, que eſteve pera endoudecer; e encommendando-o a Deos, foi ſeguindo ſeu caminho, aonde tambem lhe ficou Antonio de Sampaio, ſobrinho de Lopo Vaz de Sampaio, e ſinco, ou ſeis Portuguezes outros, e alguns eſcravos; e aſſim todos os dias daqui por diante lhe ficavam duas, e tres peſſoas de não poderem comſigo, que logo eram comidas dos tigres; e pera ficar ſe apartavam dos que caminhavam com tão grandes laſtimas, que não havia coração, que ſe não interneceſſe, e que não ſentiſſe mais aquillo, que os trabalhos em que todos ſe viam, que eram bem grandes.

Neſte caminho pelejáram algumas vezes com Cafres, que ſahíram aos ſaltear, a quem ſempre fizeram affaſtar bem eſcandalizados; e em hum aſſalto que foi apertado, matáram com huma azagaia Diogo Mendes Dourado, que ſempre nas brigas ſe apreſentava diante de todos, fazendo maravilhas. E como a fortuna nunca começa por pouco, não faltou genero de tormento que eſtes perdidos

não

não paſſaſſem; porque quando achavam frutas nos matos, ou caranguejos, e peixe nas praias que o mar lançava fóra, que elles comiam por banquete, faltava-lhes a agua, que he mal ſem repairo; e aconteceo vender-ſe hum quartilho della por dez cruzados. E porque a cubiça dos homens até no extremo não deixa de fazer ſeu officio, não faltáram alguns que ſe mettiam pelo certão arriſcados a todo o perigo a buſcar agua pera venderem, e aſſim em hum caldeirão, que levaria quatro canadas, (porque não levavam outra vazilha maior,) faziam cem cruzados; e Manoel de Souſa de Sepulveda lho comprava, e por ſua mão repartia a agua igualmente, não tomando pera ſi mais, antes da ſua ração partia com dous filhinhos de peito, que lhes levavam eſcravos, e eſcravas.

E porque nunca faltaſſem aventureiros que foſſem buſcar eſta agua, não lhes punha preço, ſenão o que elles queriam. Deſta maneira, e com eſtes trabalhos, e outros (que noſſa hiſtoria não ſoffre particularizar) camínháram dous mezes e meio, até ſe metterem pelo certão, porque totalmente pelo caminho da praia lhes hia faltando tudo, e chegou o extremo a comerem alimarias que achavam mortas pelos matos, e houve peſſoas que ſe ſuſtentáram com pós de oſſos torrados, de que faziam algum bolo, e al-

gu-

gumas papas. E chegou a coufa a fe comprar huma pelle de cabra feca por quinze cruzados, que fe lançou de molho, e fe comeo.

No cabo de tres mezes chegáram á terra de hum Rey, chamado Oinhaca, que vivia já perto do rio do Efpirito Santo, que era hum homem grande, bem affombrado, velho, com huma veneranda barba toda branca, e por ter algum parecer com o Governador Garcia de Sá, lhe puzeram o feu nome Lourenço Marques, e Antonio Caldeira, que foram os primeiros Portuguezes que por aquella paragem andáram; e affim era homem de muita boa condição, e amigo dos Portuguezes. Efte Rey fabendo dos que vinham perdidos, os foi bufcar, e agazalhou na fua povoação; e fabendo a determinação de Manoel de Soufa de Sepulveda, que era paffar ávante, lhe pedio que o não fizeffe, e fe deixaffe ficar até vir o navio do refgate de Moçambique, onde fe poderia ir, e que entre tanto lhe daria tudo o que na fua terra houveffe, e que não trataffe doutra coufa, porque fe paffaffe dalli, havia de fer roubado, e maltratado de hum Rey que vivia adiante, chamado Ofumo, que era máo homem. Manoel de Soufa lhe agradeceo o confelho; mas diffe-lhe, que forçado havia de paffar, porque fe não atrevia a efperar alli hum anno.

Ven-

Vendo ElRey ſua determinação, lhe pedio ſe detiveſſe alli alguns dias, e que lhe déſſe alguma gente pera irem com alguns Capitães ſeus a darem em hum viſinho que lhe fazia guerra. Manoel de Souſa de Sepulveda lhe diſſe, que o faria pelo ſervir, e pedio a Pantaleão de Sá que foſſe naquella jornada, e lhe deo vinte homens. Foram eſtes longe em companhia dos Cafres, e deram na povoação do inimigo, e lha queimáram, e deſtruíram, e tomáram todo o gado, com que ſe recolhêram. Iſto eſtimou muito aquelle Rey, e partio com os noſſos das prezas: niſto ſe detiveram ſinco dias; e paſſados elles, ſe deſpedíram do Rey, que os foi acompanhando, e foram caminhando com determinação de rodearem a barra de Lourenço Marques, e paſſarem os rios por ſima, o que foi ſua perdição. Aquelle dia chegáram a hum rio, que ſe chamava Belygane, que entra na barra de Lourenço Marques, aonde entram outros tres chamados Anzate, Ofumo, e Manhiça, como melhor ſe verá na deſcripção que fazemos de toda eſta Cafraria na decima Decada.

Chegados os noſſos áquelle rio, pedíram a ElRey que lhes mandaſſe dar algumas almadías que alli havia, o que elle fez, e Manoel de Souſa lhe pedio que ſe foſſe, e que os deixaſſe paſſar á ſua vontade. Os noſſos

paſ-

paſſáram á outra banda, e foram caminhando ſinco dias, em que andáram vinte leguas, até chegarem ao rio de Anzate já de noite, e ſe agazalháram em hum areal, onde não havia agua, e aquella noite ſe houverão de perder de ſede, ao que acudio Manoel de Souſa de Sepulveda, e mandou buſcar agua que lhe ficava atrás hum bom eſpaço, e por caldeirão della que lhe trouxeram deo cem cruzados. Ao outro dia lhe chegáram tres almadías que vinham da outra banda, e os negros dellas diſſeram, que havia poucos dias que dalli partíra o navio de reſgate pera Moçambique. Neſtas almadías paſſáram os noſſos pera a outra banda, e já Manoel de Souſa hia tão maltratado do miolo, das vigias, e trabalhos, que indo na almadía com ſua mulher, e filhos, lhe deo huma manía, e arrancou pera os Cafres que remavam, dizendo: » Ah perros, aonde me levais? » Os negros com o medo ſe lançáram ao mar, e Dona Leonor ſe lançou com elle, dizendo-lhe: » Tá, Senhor, que he iſto? eſte he o voſſo ſiſo, e prudencia? » Manoel de Souſa de Sepulveda tornou ſobre ſi, e quietou-ſe.

He muito pera conſiderar, que não ſei que eſpirito lhe dizia, que o levavam a parte, em que havia de ver morrer ſua mulher, e filhos ao deſamparo, e que eſperava por el-

elle o mais desaventurado, e miseravel genero de morte que se podia imaginar. Passados á outra banda, achou-se Manoel de Sousa de Sepulveda muito mal do miolo, e da cabeça, a que lhe acudíram com toalhas quentes, que sua mulher lhe punha com muitas lagrimas; porque mais a cortou ver seu marido daquella maneira, que todos os trabalhos que até então tinha passado.

Póstos da outra banda, foram caminhando guiados de alguns Cafres da terra, que se offerecêram aos levar onde estava o seu Rey. Já neste tempo não havia mais de cento e vinte pessoas, e Dona Leonor tão formosa, tão mimosa, e delicada, caminhava a pé descalça, ajudando a levar os filhos, ora ella, ora algumas escravas que ainda lhe ficáram, com tanto soffrimento, e com tanta prudencia, que ella era a que consolava, e animava a todos, sendo com elles igual nos trabalhos das fomes, das sedes, e dos cansaços. Desta maneira chegáram á terra do Rey, que se chamava Ofumo; e antes de entrarem na sua povoação acháram hum recado seu, em que lhes mandava » que se » agazalhassem fóra ao pé de humas arvores » que lhes mostráram, e que alli lhes dariam » tudo o de que tivessem necessidade; » e assim se agazalháram todos naquelle lugar, aonde lhes começáram a correr mantimen-

tos,

tos, que lhes refgatavam por pregos; e alli fe detiveram finco dias: e como Manoel de Soufa hia com melancolias, e quafi alienado, já fe não governavam por elle, fem embargo de fempre lhe darem razão de tudo. Elle, a quem já os trabalhos levavam em eftado, que não eftava pera mais, determinou de não paffar dalli, e efperar até vir o navio do trato; e pera iffo fe foi ver com o Rey, e lhe pedio » lhes mandaffe » dar cafas pera fe apofentarem na fua po» voação: » ElRey lhes diffe que fim, » mas » que toda aquella gente não podia eftar al» li junta, por caufa dos poucos mantimen» tos que havia na terra; que ficaffe elle na » aldêa com as peffoas que quizeffe, e que » todos os mais fe partiffem pelos lugares » vizinhos, aonde lhes mandaria dar cafas, » e mantimentos; mas que era neceffario (pe» ra os feus fe fiarem delles, onde quer que » eftiveffem, pera que não cuidaffem que » eram ladrões) mandar-lhe entregar todas » as armas, e que elle as mandaria guardar » em huma cafa pera lhas tornarem a entre» gar, quando vieffe o navio de Moçambi» que. » Manoel de Soufa lhe refpondeo que o faria, (porque o tinha por amigo dos Portuguezes, pois com elles tinha commercio;) e ajuntando os feus, lhes diffe:

» Que elle já não podia continuar mais

» os

» os trabalhos do caminho, por causa de
» sua mulher, e filhos, que pois elle estava
» em parte aonde todos os annos vinha na-
» vio de Moçambique, mais seguro lhe era
» esperar alli por elle, que tornar a novos
» trabalhos, pera que já sua mulher não es-
» tava; que elle estava resoluto em se dei-
» xar ficar alli; e se Deos fosse servido, e
» tivesse determinado que acabasse alli com
» toda sua familia, que elle era muito con-
» tente: e que os que quizessem passar adian-
» te, o podiam fazer; e que lhes pedia, que
» se Deos os levasse a terra de Portuguezes,
» trabalhassem porque lhe mandassem logo al-
» guma embarcação em que se fosse; e que
» os que quizessem ficar com elle, o podiam
» fazer; mas que era necessario entregarem
» as armas a ElRey pera se segurar delles;
» porque já que se mettiam em seu poder,
» era necessario mostrarem-lhe confiança, ao
» menos pera que os seus não cuidassem que
» lhe podiam fazer mal os nossos, e que as-
» sim remediavam tanta desaventura, quan-
» ta lhes estava pela prôa, se quizessem pas-
» sar dalli.»

Alguns foram de parecer que se entre-
gassem as armas, mas outros não, e destes
foi Dona Leonor, que disse a seu marido,
» que nas armas estava todo o seu remedio,
» que lhe pedia por amor de Deos que tal

» não fizesse. » Mas como Manoel de Sousa de Sepulveda não hia já em si, tomou as armas, em que entravam quatro espingardas, e as entregou ao Rey, do que elle teve pouca culpa, porque já não sabia o que fazia, e toda foi dos que lhe consentíram entregallas. Repartio ElRey os Portuguezes pelos seus Ancoses, que são como Capitães das povoações, pera que os levassem comsigo, ficando Manoel de Sousa de Sepulveda com sua mulher, e filhos, e perto de vinte pessoas na povoação do Rey. Os Ancoses tanto que lhes entregáram os Portuguezes sem armas, antes de chegarem a suas povoações, os despíram, e roubáram sem lhes deixarem cousa alguma, e sobre isso lhes deram muita infinita pancada, e os lançáram fóra das aldêas. Tanto que os mais Portuguezes se apartáram, logo o Rey fez o mesmo a Manoel de Sousa de Sepulveda, (porque esta foi sua tenção de lhe tirar as armas,) e lhes tomou tudo o que levavam: que se affirma, que só naquella companhia havia mais de cem mil cruzados de pedraria, e joias; e não lhes tocando nas pessoas, lhes disse: » Que se fossem logo fóra de sua po» voação, que lhes não queria fazer mais » mal. » (Isto acabou de endoudecer Manoel de Sousa de Sepulveda, em que sua mulher trazia os olhos;) e tomando-o pela mão, lhe dis-

disse » que se fosse logo fóra da sua povoa» ção, porque aquillo eram castigos de Deos, » e que fosse elle louvado com tudo; » e tomando hum dos filhinhos no collo, dando o outro ás escravas, começou a caminhar pera fóra, levando o marido pela mão, com tanto soffrimento, e paciencia que espantou a todos. Hia com elle Duarte Fernandes, Contramestre do galeão, com os mais que com elle ficáram na aldêa, e o Piloto André Vaz, que nunca os quiz deixar. Os outros roubados, e espancados, em que entrava Pantaleão de Sá, e os mais Fidalgos, e Cavalleiros, depois de lançados fóra das aldêas, tornáram-se a ajuntar a paragens, e assim fizeram hum corpo de noventa pessoas; mas como hiam sem armas, e sem cousa alguma, com que pudessem resgatar o que haviam de comer, e sobre tudo já tão fracos, e debilitados do caminho, que escassamente podiam comsigo; aborrecidos da vida, se foram mettendo por esses matos, tomando desvairados caminhos, comendo das frutas bravas, e raizes das hervas, fazendo conta com Deos, e com suas almas, como homens que hiam em estado, que cada dia ficavam por esses caminhos mortos de fome.

Manoel de Sousa de Sepulveda com os da sua companhia foi seguindo o caminho do rio de Manheça, com determinação de

se

ſe deixarem ficar nelle, ſe aquelle Rey lho conſentiſſe; e indo aſſim, tornáram os Cafres dar nelles, e iſſo que ficou ſobre os corpos foi roubado, deixando-os nús; e Dona Leonor, quando os Cafres a quizeram deſpir, o não quiz conſentir, antes ás bofetadas, e ás dentadas como leoa magoada ſe defendia, porque antes queria que a mataſſem, que deſpirem-na. Manoel de Souſa de Sepulveda vendo ſua amada eſpoſa naquelle eſtado, e os filhinhos no chão chorando, parece que a mágoa, e dor lhe reſuſcitou o entendimento, (como acontece á candea que ſe quer apagar, dar antes diſſo maior claridade,) e tornando ſobre ſi mais algum tanto, ſe chegou á mulher; e tomando-a ſobre ſeus braços, lhe diſſe: » Senho» ra, deixai-vos deſpir, e lembre-vos que to» dos naſcemos nús; e pois diſto he Deos » ſervido, ſede vós contente, que elle have» rá por bem, que ſeja iſto em penitencia » de noſſos peccados; » com iſto ſe deixou deſpir, não lhe deixando aquelles brutos deshumanos couſa alguma com que ſe pudeſſe cubrir. Vendo-ſe ella núa, aſſentou-ſe no chão, e eſpalhou os ſeus formoſiſſimos, e compridos cabellos por diante, com o roſto todo baixo, porque a pudeſſem cubrir, e aſſim com as mãos fez huma cova na arêa, onde ſe metteo até á cinta, ſem mais ſe quererer

rer alevantar dalli. Os homens da companhia vendo Dona Leonor, foram-se affastando de mágoa, e vergonha. Vendo ella a André Vaz o Piloto que virava as costas pera se ir, chamou por elle, e lhe disse:

» Bem vedes, Piloto, como estamos, e que » já não podemos passar daqui, onde pare» ce tem Deos ordenado que eu, e meus fi» lhos acabemos por meus peccados, hi-vos » muito embora, fazei por vos salvar, e en» commendai-nos a Deos; e se fordes á In» dia, e a Portugal em algum tempo, di» zei como nos deixastes a Manoel de Sou» sa, e a mim com meus filhos. » André Vaz internecido de mágoa daquelle piedoso espectaculo, virou as costas, sem responder nada, mas todo banhado em lagrimas, e foi continuando seu caminho apôs os outros, que hiam já diante. Manoel de Sousa com todos aquelles infortunios, e mágoas não se esqueceo da necessidade da mulher, e dos tenros meninos que estavam chorando com fome; foi-se aos matos a buscar alguma cousa pera lhes dar, e quando tornou com algumas frutas bravas, achou já hum dos meninos morto, e Dona Leonor como pasmada com os olhos nelle, e com o outro no collo. Elle pondo os olhos fitos nella, e no menino morto, ficou assim hum pequeno espaço sem fallar cousa alguma: passa-

ſado elle fez huma cova na arêa, e por ſua mão o enterrou, lançando-lhe a derradeira benção.

Feito iſto, tornou-ſe ao mato a buſcar mais frutas pera a mulher, e pera o outro menino; e quando tornou achou ambos falecidos, e ſinco eſcravas ſuas ſobre os corpos com grandes gritos, e prantos: vendo Manoel de Souſa de Sepulveda aquella deſaventura, apartou dalli as eſcravas, e aſſentou-ſe perto da mulher, com o roſto ſobre huma mão, e os olhos nella, e aſſim eſteve eſpaço de meia hora, ſem chorar, nem dizer palavra. Paſſado aquelle termo, levantou-ſe, e começou a fazer huma cova com ajuda das eſcravas, (ſempre ſem fallar couſa alguma,) e tomando a mulher nos braços, chegando o ſeu roſto ao della hum pouco, a deitou na cova com o filho; e depois de a cubrir, ſem dizer couſa alguma ás moças, ſe tornou a metter pelo mato, onde deſappareceo, ſem mais ſe ſaber delle, e ſempre ſe preſumio que os tigres o comêram.

As eſcravas tanto que ſe elle apartou, tomáram ſeu caminho com grande preſſa até encontrarem a outra companhia do Piloto, e deſtas paſſáram á India tres, que contáram a morte de Dona Leonor, e filhos, porque ſó ellas a víram. Era iſto no mez de

Agosto , em que havia seis mezes que haviam partido. Os da companhia que hiam diante com Pantaleão de Sá , e da de Manoel de Sousa de Sepulveda , que seguíram o Piloto André Vaz , se foram mettendo por esse certão , por onde morrêram de fome, e com tantos trabalhos , que só oito Portuguezes escapáram , em que entravam Pantaleão de Sá , Tristão de Sousa , Balthazar de Siqueira , Manoel de Castro , feitor da náo, e o Piloto André Vaz , e quatorze escravos, que deram com os Cafres mais domesticos, que lhes davam alguma pouquidade , principalmente a Pantaleão de Sá , que se fingio chocarreiro , e chegava ás portas dos Cafres balhando , e fazendo momos , e todos lhe davam por isso algum milho. E andando espalhados pelas aldêas , sem esperança de poderem ir á India , quiz Deos que fosse hum pangaio , (em que hia hum parente de Diogo de Mesquita , que estava por Capitão em Moçambique) ao cabo das correntes ao rio de Juhambane a resgatar marfim , e dos Cafres que vinham do certão ao resgate , souberam como pela terra dentro andavam Portuguezes perdidos ; pelo que o Capitão do pangaio mandou algumas pessoas de recado com contas , e outras cousas pera os ir resgatar se estivessem cativos.

Estes homens foram dar com elles , e foi

foi o ſeu alvoroço tamanho, de verem homens conhecidos, e de ſaberem que tinham navio perto, que de prazer perdêram a memoria de todos os trabalhos paſſados, e aſſim ſe foram pera onde eſtava o pangaio, reſgatando pelos caminhos todas as couſas de que tinham neceſſidade abaſtadamente. Chegando a Juhambane foram muito feſtejados do Capitão do pangaio, (que nos parece que era hum foão Salgado,) que os agazalhou, veſtio, e curou muito bem, dandolhes tudo o de que tinham neceſſidade: dalli os levou a Moçambique, aonde chegáram a vinte e ſinco de Maio de ſincoenta e tres.

O Capitão Diogo de Meſquita os foi buſcar á praia, e levou comſigo Pantaleão de Sá, e Triſtão de Souſa; e os mais repartio por caſas de caſados ricos, onde lhes deram todo o neceſſario, e Dona Luiza mulher de Diogo de Meſquita curou muito bem os ſeus hoſpedes, como ſe foram ſeus irmãos; e dando-lhes Diogo de Meſquita todo o dinheiro que quizeram, ſe partíram pera a India. Depois correo o tempo de feição, que por morte de Diogo de Meſquita veio Pantaleão de Sá a caſar com ſua mulher, e aſſim eſteve duas vezes por Capitão de Moçambique.

DECADA SEXTA.

LIVRO X.

Da Hiſtoria da India.

CAPITULO I.

De como o Turco mandou huma Armada de vinte e ſinco galés, de que era General Pirbec, pera Baçorá: e do que aconteceo a algumas galés com os noſſos navios naquelle Eſtreito.

TAnto que o Turco ſoube que a Armada Portugueza, em que D. Antão de Noronha foi, (como diſſemos no Cap. IV. do IX. Liv.) entrou naquelle Eſtreito de Baçorá, pera favorecer os Arabios, e Gizares, e que ſem dúvida lhe tomára aquella Cidade, ſe não fora o ardil de que o Baxá uſou, receando-ſe que vieſſe a perder aquella fortaleza, e que os Portuguezes metteſſem pé nella, o que ſería em deſcredito,

e

e detrimento de ſeu Eſtado , e ſobre tudo ficaria perdendo as eſperanças de ſe fazer Senhor de todo aquelle Eſtreito Perſico , porque lhe ficariam fechando aquella garganta do rio Eufrates , por onde ſuas Armadas forçado haviam de ſahir pera fóra ,) determinou de prover niſſo , e ſegurar aquella fortaleza , e mandou com muita preſſa negociar vinte e ſinco galés das que eſtavam em Suez , e elegeo pera Capitão , e General deſta jornada Pirbec , hum grande coſſairo , homem muito determinado , e lhe deo por regimento , que fizeſſe em Alexandria , e outros portos mil e duzentos homens , e que ſe metteſſe nas galés , e ſe foſſe a Baçorá , onde acharia regimento do que havia de fazer ; e que por nenhum caſo tomaſſe Maſcate , nem Ormuz , nem tocaſſe em couſa alguma dos Portuguezes , e que trabalhaſſe muito por paſſar a Baçorá , ſem ſer viſto delles.

Deſpedido Pirbec ſe paſſou a Suez , e gaſtou todo eſte inverno paſſado em reformar as galés , e em as apparelhar. O Turco tanto que o deſpedio , mandou huma inſtrucção ao Baxá de Baçorá , em que lhe mandava , que tiveſſe preſtes quinze mil homens , e muitas terradas , e em outras embarcações , e que como Pirbec chegaſſe com as galés , foſſe pôr cerco á fortaleza de Ormuz ,

muz, e não se alevantasse della sem a tomar. Pirbec tanto que teve as galés negociadas as poz no mar pera partir em Julho. Estas novas corrêram logo pelo Estreito, e chegáram a Ormuz já em Maio, tempo em que não podiam avisar o Viso-Rey, nem se sabia mais certeza, que aquillo que andava geralmente na boca dos estrangeiros. Pelo que querendo-se D. Alvaro de Noronha, Capitão daquella fortaleza, certificar da verdade, despedio hum navio ligeiro, de que fez Capitão Fernão Dias Cesar, soldado velho, e muito bom cavalleiro, (que já andava em trajos de mercador, e tinha de seu perto de vinte mil cruzados,) e deo-lhe por regimento, que se fosse á costa de Xael, e que esperasse os navios que haviam de vir de Meca pera Caxém, Camphar, e todos os mais portos, e que soubesse a certeza das galés, e quantas eram, e se sabiam pera onde se negociavam.

Partido Fernão Dias Cesar, foi-se pôr naquella paragem, e houve falla de algumas embarcações, e lhe affirmáram ficarem vinte e sinco galés em Suez já no mar, e que corria fama geralmente que se hiam metter em Baçorá. Com estas novas se recolheo em Julho, e as deo a D. Alvaro de Noronha. E sabendo a certeza, mandou logo recolher todos os mantimentos, agua,

le-

lenha, madeira, taboado, e outras muitas cousas pera dentro da fortaleza. E despedio logo dous navios ligeiros, em que mandou Simão da Costa, e Miguel Colaço, e lhes deo por regimento, que se fossem pôr no cabo de Rosalgate, até que se acabasse o mez de Agosto, que era a monção em que vem de Meca pera aquelle Estreito; e que havendo vista das galés, sendo mais de vinte, Simão da Costa se fizesse na volta da India, e fosse dar as novas ao Viso-Rey, e que Miguel Colaço voltasse pera Ormuz, e fosse dando aviso a todas aquellas povoações de Coriate, Calayate, Mascate, e outras pera estarem negociadas, e sobre aviso.

Partidos estes navios, se foram pôr no cabo de Rosalgate, aonde se deixáram estar com grande vigia. E sendo na entrada de Agosto, houveram vista de sinco galés, que Pirbec tinha mandado diante, em que vinha hum seu filho, que vinha descubrindo se havia na boca do Estreito alguns navios Portuguezes. Simão da Costa tanto que vio as vélas, e se affirmou serem galés, se foi sahindo pera o mar, pera descubrir se havia mais que aquellas; e não vendo mais, tornou-se pera dentro, porque não pode soffrer o vento Ponente, que era muito rijo. Miguel Colaço tanto que vio as galés, voltou

tou de longo da coſta, e foi dando aviſo a todas as povoações.

Eſtava em Maſcate por Capitão hum João de Lisboa, que o Viſo-Rey D. Affonſo de Noronha tinha mandado alli fazer hum forte, por lho mandar ElRey aſſim no ſeu regimento, por ſegurar os Portuguezes, que ſempre eſtavam naquella povoação. Eſte João de Lisboa tinha começado eſte forte na cabeça da ſerra de Bacalá, que fica ſobre a barra, e havia tres mezes que trabalhava nelle, e o tinha ainda imperfeito. Tanto que lhe deram as novas das galés, logo embarcou ſua mulher em huma terrada, e outras de Portuguezes que alli havia, e mandou com ellas Bartholomeu Dias de Moraes, e Apollinario Mendes por velhos, pera que ſe foſſem pera Ormuz; e João de Lisboa com ſeſſenta Portuguezes que alli havia, ſe recolheo aſſima ao forte, e metteo dentro todos os mantimentos, lenha, agua, e munições que tinha, e fortificou-ſe o melhor que pode. O filho de Pirbec no tempo que Simão da Coſta voltou pera a terra, houve viſta delle; e mettendo o baſtardo, o foi ſeguindo; e como o vento era rijo, e os mares grandes, e a fuſta pequena, hia-ſe affogando de feição, que chegou a galé do filho de Pirbec a ella, e por deſejar de tomar a todos vivos, não quiz metter a fuſta

no

no fundo , e ſe foi deſviando de maneira, que lhe ficou debaixo dos remos. E havendo-ſe todos por perdidos, o bombardeiro, e hum ſoldado que hiam de prôa, lançáram as mãos aos remos pera ſe ſalvarem na galé , porque antes queriam ficar cativos que affogarem-ſe. Simão da Coſta, que era homem muito eſperto , não deſcoroçoou, antes encommendando-ſe a noſſa Senhora do Roſario , vendo que a galé ſe hia deſviando da fuſta, e que lhe hia ficando a gilavento, esforçando os marinheiros, foi preparando a véla, que lhe ficou abatida, e mettendo de ló tudo o que pode, foi deixando a galé a balravento, ficando-lhe dependurados nos remos o ſoldado , e o bombardeiro, que os Turcos recolhêram.

Vendo o filho de Pirbec que por ſeu deſcuido ſe lhe hia aquella fuſta, que bolinava mais que elle, a foi ſeguindo, atirando-lhe bombardadas. Simão da Coſta foi animando os marinheiros , deitando-lhes dinheiro na coxia pera mais os obrigar , e foi forçando a véla da fuſta tudo o que pode, tirando pera balravento, de feição , que conhecidamente lhe ficava já a galé, que ſempre o perſeguio até anoitecer , que perdeo a fuſta da viſta. Simão da Coſta vendo-ſe deſapreſſado, tanto que eſcureceo, mudou o rumo, e ſe foi paſſando á coſta de Perſia,

e

e de longo della foi tomar Ormuz , onde deo as novas das sinco galés, que causáram tamanho alvoroço em todos, que se começou a despejar a Cidade: a gente miuda pera a banda do Magostão, e a principal, e mais rica pera a Ilha de Queixome, que está perto de Ormuz. ElRey, e Guazil se recolhêram pera a fortaleza com suas mulheres, e riquezas, e D. Alvaro de Noronha Capitão della se recolheo dentro com todos os Portuguezes, e se começou a fortificar o melhor que pode. E fazendo alardo de toda a gente, achou perto de novecentos homens, porque estavam mais de trezentos da náo Caranja do Reyno, de que era Capitão Ayres Moniz, que foi tomar Ormuz por não ter tempo pera passar á India, como temos dito atrás no Cap. XVI. do IX. Liv. Antre toda esta gente tinha D. Alvaro de Noronha na fortaleza mais de mil espingardas, e muitas munições, e armas.

CA-

CAPITULO II.

De como Pirbec passou pera Mascate: e como o Feitor de Calayate partio com recado pera Goa: e de como os Turcos desembarcáram em Mascate: e do cerco que puzeram á fortaleza: e de como os de dentro se lhe entregáram a partido.

TAnto que o filho de Pirbec perdeo Simão da Costa de vista, tornou a voltar, e quando amanheceo achou-se á vista da outra costa de Arabia avante de Mascate; pelo que lhe foi forçado tornar em busca do pai, como fez. E quiz a desaventura, que tanto ávante como o lugar de Alfação, encontrasse a terrada em que vinham as mulheres de João de Lisboa, e as outras, e tomando-as comsigo, a Bartholomeu Dias, e a Apollinario Mendes, mandou metter a banco da sua galé, e com esta preza chegou a Mascate, onde já achou seu pai; porque Pirbec como vinha muito atrás com a Armada toda, quando entrou o Estreito não achou novas das galés em que tinha mandado o filho, nem sabia o que lhe tinha acontecido com as nossas fustas; e parecendo-lhe que o acharia em Mascate, foi de longo da costa pera o buscar, e passando por Calayate, onde estava hum Estevão Gomes por Feitor,

tor, tanto que vio paſſar as galés, como era muito determinado, e valente homem, ſe metteo em hum tarranquim muito pequeno, e deo á véla pera ir aviſar ao Viſo-Rey, e de ſua jornada adiante daremos razão.

Pirbec tanto que achou o filho, alvoroçado com a preza, entrou pela barra de Maſcate dentro; e ſem embargo de ſaber como os Portuguezes eſtavam fortificados, deſembarcou em terra ſem achar reſiſtencia, e ſaqueou a povoação, que eſtava deſpejada, aonde ainda achou muitas fazendas, que ſe não pudéram recolher. E deſejoſo de levar os Portuguezes ao Turco de preſente, tratou de os cercar, e haver ás mãos, pera o que mandou deſembarcar algumas peças de artilheria, e querendo-as paſſar aſſima, não pudéram levar mais que hum cão, por ſer o caminho tão ingreme, que com muito trabalho ſubiam por elle os homens. Subida eſta peça aſſima, ſe poz elle com todos os Turcos em ſima de hum tezo, que ficava padraſto ao forte, e alli ſe fortificou, e plantou ſeus beſtiães, e ſe cercou de vallos, e tranqueiras muito fortes. Dalli começou a dar ſua bateria, e accommetter os noſſos por muitos aſſaltos; e como o forte ficava muito deſcuberto ás ſuas eſtancias, mettiam-lhes dentro todos os pelouros, com que lhe feriam muitos; mas tambem os noſſos os eſ-

can-

candalizavam mui bem. Durou isto dezoito dias continuos, em que os Portuguezes se defendêram com muito valor; mas como não estavam muito provídos, nem cuidáram que os Turcos se detivessem alli tanto tempo, começou-lhes a faltar a agua, e mantimentos, e esses poucos que havia se hiam repartindo com grande provisão, porque lhes abrangesse mais alguns dias. O Pirbec vendo os Portuguezes tão determinados, desenganado de os entrar por força, e que o tempo se lhe hia gastando, determinou de os apalpar com os partidos que quizessem, e assim lhes mandou bradar por hum João da Barca Portuguez arrenegado, que trazia comsigo. E vindo á falla com os de dentro, lhes disse: » Que Pirbec mandava dizer ao » Capitão, que se lhe désse licença manda- » ria fallar com elle hum homem sobre cou- » sas que importavam muito. » O João de Lisboa tomando parecer com todos sobre o que faria, assentou-se que se ouvisse; e dandolhe recado, foi o mesmo João da Barca, e disse ao Capitão: » Que o Baxá lhe pedia » que não quizesse ir por diante com sua tei- » ma, que bem sabia as necessidades em que » estavam; que se entregassem a elle, que » lhes daria as vidas a todos, e embarca- » ções pera se passarem á India. » Com isto lhe disse mais o arrenegado João da Barca

mui-

muitas cousas das grandezas, e liberalidades de Pirbec, affirmando-lhe que lhe havia de cumprir o que lhe promettia, e que se não quizesse acceitar seus partidos, soubesse em certo, que se não havia de alevantar de sobre aquelle forte sem o entrar, e que não havia de dar a vida a hum só.

Depois do Capitão o ouvir o mandou deter, e poz em conselho aquelle negocio, apontando as difficuldades que havia, e a falta de tudo. E debatido antre todos, assentáram » que fosse o Capitão João de Lis» boa com hum Padre da Companhia que » alli estava a se verem com Pirbec, e a con» cluir com elle os partidos; e que o que » elles concluissem, elles o haviam por feito.» Com isto se foram ambos em companhia do arrenegado João da Barca ao Baxá, que os recebeo mui bem. E assentados todos, mostrando-lhes o Baxá grande benevolencia, lhes disse: » Que elle não queria naquelle nego» cio maior honra, que saber o Turco to» mar elle huma fortaleza aos Portuguezes: » que ás pessoas de todos os que dentro es» tavam lhes segurava as vidas, e liberda» des, pera que se pudessem ir pera onde » quizessem.» Nisto se espraiou tanto, que acceitou João de Lisboa os partidos, e o Baxá lhe passou hum largo salvo conduto em nome do Turco, com que João de Lis-

boa

boa mandou dizer a todos os que estavam no forte, que se fossem logo pera elle, como fizeram. E como o Baxá os teve comsigo, quebrando-lhes a palavra, (como todos os Turcos fazem,) os metteo a todos a banco nas galés, e mandou embarcar a artilheria do forte, e toda a fazenda que dentro tinham recolhida, que era muita. Feito isto se embarcou, deixando o forte vazio.

As pessoas principaes, que alli foram cativos com João de Lisboa, foram André, e Diogo Feyo, ambos irmãos naturaes da Ilha da Madeira, que depois foram casados, e Cidadãos de Goa, Bastião Criado de Abreu, que depois foi Capitão de Tarapór, e Maym, Manoel Castellão, Antonio Lopes de Oliveira, Diogo Luiz, Manoel Dias, Antonio Pinto, e outros casados, e Cavalleiros nobres, e honrados.

CAPITULO III.

De como a Armada dos Turcos chegou a Ormuz: e do cerco que puzeram á fortaleza: e do que aconteceo em todo o discurso delle.

PArtido o Baxá Pirbec de Mascate, em poucos dias foi ter a Ormuz, e appareceo a Armada hum dia de grande cerração,

e foi demandar da outra banda de Chaurú, onde poz logo toda a gente em terra. O Capitão D. Alvaro de Noronha, posto que andava doente de quartans, sahio fóra da fortaleza com seiscentos homens, deixando os mais em guarda della, e posto em muito boa ordem foi esperar os Turcos no campo, e chegou até á Cruz de fóra da Cidade, donde mandou espiar os inimigos, e soube estarem todos póstos em terra. E tomando parecer sobre o que faria, assentáram, que se recolhessem pera a fortaleza, até verem o que determinavam os inimigos, como logo fizeram. D. Alvaro de Noronha todo aquelle dia, e noite passou com grandes vigias sobre os Turcos, e proveo nas náos que estavam no porto, que eram quarenta, porque lhas não tomassem, e com muita brevidade as mandou despejar, e atracar á fortaleza debaixo do baluarte, as mais dellas desemmastreadas, e a náo Caranja do Reyno, que era muito grande, mandou que a chegassem tudo o que pudessem, como os Officiaes fizeram, lançando-lhe por baixo do leme grossos viradouros, e amarrados á fortaleza, porque a não pudessem levar, e dentro nella mandou Ayres Moniz Barreto (que era seu Capitão) metter o seu Mestre (que era o Rachachona) affamado em seu officio, e com elle todos os Grumetes, e o Con-

des-

deſtrabre com os bombardeiros, pera terem a artilheria ſempre preparada.

D. Alvaro de Noronha depois de prover nas náos, o fez tambem na defensão da fortaleza, por eſta maneira. No baluarte Santo André poz por Capitão D. Franciſco de Almeida, filho de D. Pedro de Almeida de Evora, e lhe deo duzentos e quarenta homens. No baluarte Sant-Iago, que cahe ſobre o jogo da bola, poz Gonçalo Guedes de Reboredo, cavalleiro muito esforçado, com cento e trinta ſoldados. O baluarte da varanda tomou o Capitão pera ſi com cem homens de ſua obrigação. E no muro que corre deſte baluarte pera o de Santo André, poz Ayres Moniz Barreto com ſincoenta homens. E no outro panno, que corre pera o de Sant-Iago, poz Manoel de Souſa, de alcunha o Fino macho, irmão de Fernão de Souſa de Caſtello-branco, com trinta homens. Da banda do mar poz Antonio Correa, cavalleiro honrado, caſado, rico, (que caſou ſua filha com D. Antonio de Noronha, que depois foi Capitão de Cochim, em quem muitas vezes havemos de fallar,) e lhe deo ſeſſenta homens. No baluarte do meio eſtava o Alcaide mór, que era hum João Homem da obrigação do Conde de Vimioſo, com quarenta homens. No meio da torre da menagem ſobre os armazens eſtava

ElRey com ſua mulher, e filhos, e o Guazil, e Miraberús, Juſtiça mór do Reyno, com ſuas familias. A outra ſoldadeſca que não coube nas eſtancias, ficou de fóra com alguns ſobre roldas, que o Capitão ordenou pera acudirem aonde foſſe neceſſario. O Pirbec dormio aquella noite em terra, e ao outro dia mandou deſembarcar a artilheria com que determinava bater a fortaleza, e aquella foi marchando até ſe pôr á viſta della, aſſentando o exercito naquella parte onde eſteve a Alfandega velha, e ſe começou logo a fortificar com muita madeira, que acháram na Cidade, pedra, e terra, que tudo acháram á mão. Ao outro dia plantáram ſeus beſtiães, e trincheiras na fórma ſeguinte.

Na ponta da Alfandega velha puzeram hum beſtião com tres peças groſſas, de quarenta arrateis de pelouro de ferro coado. Deſta eſtancia corria huma tranqueira forte atraveſſando o terreiro da fortaleza, e defronte das caſas do Capitão fizeram outro beſtião, em que puzeram outras ſinco peças groſſas, humas de pelouros de ferro, outros de pedra. Daqui foi correndo a tranqueira até á fronteria da fortaleza, em que fizeram hum angulo mui forte, por cauſa da bateria, e dalli foi correndo a tranqueira até o mar com tres beſtiães mais, com ſinco peças groſſas cada hum, ficando a frontaria da

for-

fortaleza cercada de mar a mar; e em ſima dos terrados das caſas de ElRey ſe puzeram duas peças groſſas, porque ſe deſcubria dahi a fortaleza toda mui bem. Plantadas eſtas eſtancias na fórma que diſſemos, começáram os Turcos a bater a fortaleza de todas as partes, com muita furia, e braveza, e com a meſma lhe reſpondêram della; e como os muros eram de gueche, os pelouros de pedra das peças groſſas ficavam mettidos no muro, e encaixados de maneira, (meios dentro, e meios fóra,) que ainda que os puzeram de induſtria, não ſe fizera a mór compaſſo, e alli ficavam, onde até hoje eſtam.

O Capitão deſejou de aviſar o Viſo-Rey, e mandou negociar huma fuſta, que eſtava varada ao pé da fortaleza, e deſpedio nella Pero Fernandes de Carvalho, que á noite dos quatro dias do cerco ſe affaſtou da fortaleza, e ſe foi a remo, até ſe pôr da outra banda do Magoſtão, e dalli foi correndo a coſta até o Cabo de Jaſques, donde tomou o caminho ordinario. E porque eſta fuſta poderia correr algum perigo, dahi a outros dous dias deſpedio outra, em que mandou hum morador de Ormuz, chamado Coſmo Alvares, que tomou a meſma derrota. Os Turcos foram continuando ſua bateria, ſem fazerem damno algum á for-

 ta-

taleza, recebendo elles della muitos; porque o Condestrabre, que era natural de Navarra, era tão grande official, que muitas vezes lhe mettia os pelouros pelas bocas das suas bombardas, com que lhas fazia arrebentar, e muitas lhes matáram muita gente, e lhes desfez os bestiães, que elles logo reformáram, mas com muito trabalho. Os soldados Portuguezes, que na India são muito soltos, e affoutos, enfadados de estarem encurralados, bradavam publicamente por batalha, requerendo ao Capitão que lhes mandasse abrir as portas, que elles queriam ir ganhar as estancias dos inimigos, e tomar-lhes toda sua artilheria. O Capitão os moderou com muita brandura, affirmando-lhes » que como fosse tempo o faria, mas que » por então não lhes convinha, porque não » tinha informação alguma da cópia dos ini- » migos; porque se se haviam de julgar pe- » lo número das galés, o menos haviam de » ser mais de tres mil homens; que se quie- » tassem, porque tratava de ver se podia ha- » ver alguma espia ás mãos; e que como se » certificasse da verdade, elle lhes faria a to- » dos a vontade. » Disto se não satisfizeram os soldados, e andavam quasi como amotinados, e ainda os azedavam mais os Turcos, porque tanto que se acabava a bateria, de noite lhes diziam do arraial muitas

cousas, que lhes soavam mal, chamando-lhes
» cocorins, que quer dizer gallinhas, e que
» não prestavam pera cousa alguma; que es-
» tavam em expoeirados » com outras cou-
sas a este som; mas os soldados se desem-
pulhavão, dizendo-lhes, » que fallavam el-
» les, porque o seu Capitão lhes não dava
» licença pera os irem lá buscar, porque se
» lha a elles deram, houveram de achar leões,
» e não gallinhas; mas que tempo viria, em
» que lho mostrariam. » Com isto, e por es-
ta causa murmuravam do Capitão publica-
mente; mas D. Alvaro de Noronha, como
aquella fortaleza era a mais importante de
todas as da India, porque com ella tinham
os Reys de Portugal posto hum grande freio
á insolencia do Turco, queria-se segurar,
porque não tinha certeza do que hia no ex-
ercito; e como andava de quartans, entris-
tecião-no aquellas cousas, e melancolizavão-
no mais.

Gonçalo Guedes de Reboredo, Capitão
do baluarte Sant-Iago, vendo quanto o Ca-
pitão desejava haver ás mãos huma espia,
se lhe offereceo pera lha ir tomar, e elle
lhe acceitou o offerecimento, e mandou fa-
zer prestes pera de noite com cem homens.
Pera esta sahida se lhe offerecêram todos os
Fidalgos, e Cavalleiros honrados, que na
fortaleza havia, a que o Capitão não quiz
dar

dar licença. Preſtes todos no quarto da modorra, eſtando já o poſtigo da fortaleza aberto pera ſahirem pera fóra; ou que receaſſe D. Alvaro de Noronha algum deſaſtre, ou que ſuſpeitaſſe que eram ſentidos, tornou a mandar recolher Gonçalo Guedes, do que todos os que com elle hiam ficáram muito triſtes.

A bateria ſe foi continuando; mas vendo Pirbec o pouco damno que fazia á fortaleza, determinou de ſe levantar; e primeiro que o fizeſſe, virou a artilheria pera as náos, e todo hum dia as bateo, deſcarregando nellas aquella tempeſtade, e trovoada de pelouros, de que os mais embaçáram na náo do Reyno, que lhe ficava mais em bateria; mas della tambem o viſitáram com huma formoſa ſalva, com que lhe matáram alguns, trabalhando o ſeu Meſtre com todos os marinheiros muito bem, porque com muita preſteza acudíram a tapar alguns rombos que lhe fizeram.

CAPITULO IV.

De como os Turcos alevantáram o cerco: e dos recados que passáram antre Pirbec, e o Capitão: e de como os inimigos saqueáram a Ilha de Queixome.

AO outro dia depois que isto passou, mandou Pirbec embarcar a artilheria, e aquella noite que se havia de recolher, chegou á falla com os da fortaleza hum foão Balieiro, bombardeiro de Mascate, que tambem foi cativo, e disse, » que dissessem ao » Capitão, que bem podia mandar resgatar » toda a gente de Mascate, que alli estava » cativa, porque Pirbec lhe queria fazer esse » serviço; » dizendo-lhes a voltas disto muitos louvores do Baxá, engrandecendo-o muito com palavras, que lhe faziam dizer. O Capitão então soube o successo de Mascate, porque até então não tivera novas algumas, do que ficou muito triste. E porque não sabia o que era passado naquelle negocio, nem o modo de como cativáram os de Mascate, não quiz que se respondesse cousa alguma ao Balieiro. Vendo o Baxá que lhe não fallavam a proposito, mandou salvar a fortaleza pera se embarcar, e della lhe respondêram com outra tamanha, que espantou aos inimigos, porque durou mais de duas ho-

horas fem ceffar, porque nunca os Turcos cuidáram que dentro naquella fortaleza havia tanto cabedal; e logo fe começáram a embarcar, havendo vinte dias que tinham cerçados os noffos, e ao recolher fe mettêram pela Cidade a roubar com tamanha desordem, que quaefquer trezentos homens que nelles déram os desbaratáram de todo.

Depois dos Turcos deftruirem, e arrazarem a Cidade fe embarcáram, e fe affaftáram de largo. Dalli defpedio o Pirbec huma bateria de huma galé, que chegou perto da fortaleza, e capeou com huma bandeira branca; e chegados á falla com os do baluarte de fobre o jogo da bola, differam della, » que traziam hum recado do Baxá » pera o Capitão; » elle lhe mandou abrir, e defembarcou hum Comitre Italiano, e com elle Bartholomeu Rodrigues de Moraes, e Apollinario Mendes, e a mulher de João de Lisboa, e o foldado, e o bombardeiro da fufta de Simão da Cofta, (como differmos, que ficáram dependurados nos remos da galé do filho de Pirbec,) e levados todos ao Capitão, lhe diffe o Comitre, » que » o Baxá lhe fazia ferviço daquelles homens, » e mulher, e de hum rico arco, e coldre » que levava na mão; e que fe quizeffem » refgatar toda a gente de Mafcate, que el- » le efperaria por iffo. » O Capitão depois

que

que ouvio o Comitre o mandou metter no tronco, com todas as pessoas que com elle vinham, até os marinheiros da barquinha, e alli os teve dous dias; ao terceiro os mandou levar diante de si, e os vestio de escarlata a todos, e disse ao Comitre, » que tor» nasse a levar a mulher de João de Lisboa, » e Bartholomeu Rodrigues de Moraes, e » Apollinario Mendes, e que dissesse ao Ba» xá, que elle não resgatava homens Portu» guezes tão fracos, que assim se entregá» ram, sem primeiro serem espedaçados, e » que aquella mulher a tornassem a entregar » a seu marido, porque até nella queria exe» cutar a culpa delle. E que o soldado, e » bombardeiro da fusta de Simão da Costa » tomava, porque não tinham culpa, por » cujo resgate lhe mandava aquellas peças, » dando-lhe logo huma formosa bacia, e » jarro de prata dourados de bestiães, e com » isso tambem hum rico arcabuz, e huma » formosa espada, e rodela; e que dissesse » ao Baxá, que aquelles eram os presentes » com que os Capitães de ElRey de Portu» gal agazalhavam os vassallos do Turco. » Com isto os mandou embarcar, sem lhe dar cousa alguma dos prantos, e lagrimas daquella pobre mulher, e dos dous velhos.

Chegados á galé, e dado o recado ao Baxá, mandou, tanto que foi noite, lançar na

Ilha

Ilha pelo meſmo Comitre a mulher de João de Lisboa, e os dous velhos; e levando-ſe, prepaſſou por huma náo de hum Portuguez, que ficou da outra banda deſpejada, e dando-lhe toa, a levou comſigo, e ſe paſſou á Ilha de Queixome; porque foi aviſado que todo o recheio da Cidade de Ormuz eſtava nella. E deſembarcando ſem reſiſtencia alguma, a entrou, e ſaqueou, e encheo as galés de riquezas, porque havia nella mais de trinta mercadores, de quarenta, trinta, e vinte mil cruzados, em que entrava hum Judeo Heſpanhol, chamado Salamão, que tinha de ſeu oitenta mil cruzados em ouro, perolas, pedraria, e outras fazendas, que tudo lhe tomáram, e o cativáram com ſua mulher, e familia. E da gente que eſtava na Ilha, que eram perto de vinte mil peſſoas, cativáram os Turcos as que quizeram, fazendo grandes cruezas, e deshumanidades.

Eſtá eſta Ilha de Queixome affaſtada da de Ormuz pera a coſta de Arabia duas leguas; ſerá de trinta de comprido, e de duas, e em partes de tres de largo: começa em hum lugar chamado Laphta, e acaba em outro que ſe chama Cirimião, que he a ponta mais de dentro. Os Turcos andáram nella muitos dias, porque a corrêram toda, e depois de fartos, e cheios ſe embarcáram, e ſe foram pera Baçorá. A mulher de João

de

de Lisboa , e os dous velhos foram ter á fortaleza. O Capitão tinha mandado alguns terranquins ligeiros a vigiar os Turcos ; e trazendo-lhe novas que já eram recolhidos pera Baçorá , se foi ElRey , e o Guazil pera a Cidade , que acháram destruida , e assolada , e logo começou a correr a gente que estava da outra banda , e se tornou a povoar , e reformar.

CAPITULO V.

Do recado que chegou a Goa das galés : e de como D. Diogo de Noronha o Corcôs , e D. Antonio de Noronha partíram pera Ormuz em duas fustas : e de como o Viso-Rey D. Affonso de Noronha se preparou pera ir em pessoa ao soccorro : e da falla que fez na Camara de Goa , pedindo-lhes ajuda , e emprestimo.

ESTEVÃO Gomes , Feitor de Calayate , que atrás deixámos partido pera Goa em o terranquim , foi atravessando aquelle grande Golfo até haver vista da terra de Baçaim , e entrando dentro , deo recado á Cidade ; e depois de tomar agua , e mantimentos , partio pera Goa. Causou em Baçaim grande alvoroço a nova dos Turcos , e se começáram a fazer algumas pessoas prestes pera irem de soccorro a Ormuz ; e primeiro que todos

dos foi Antonio de Sá o Rume, (hum Fidalgo, em que muitas vezes temos fallado neſtas noſſas Decadas.) Eſte ſe embarcou em hum catur ligeiro com vinte ſoldados, e ao outro dia ſe fez á véla, ferrolhando no mar todos os marinheiros em cadeias, que logo pera iſſo levou em ſegredo; porque determinava de paſſar por antre as galés dos Rumes, e não queria que com o medo ſe lançaſſem ao mar. E tanta preſſa ſe deo no caminho, que em vinte dias foi tomar Ormuz, andando ainda os Turcos na Ilha de Queixome, e o Capitão o recebeo com muitas honras. Eſtevão Gomes chegou a Goa por fim de Agoſto, couſa que foi eſpantoſa aos homens, em huma tão pequena embarcação atraveſſar em tempo tão forte hum tão grande, e perigoſo golfão.

Chegado eſte homem a Goa ſe foi ver com o Viſo-Rey, e lhe deo as novas da Armada dos Turcos, e de quantas galés eram, porque as contou elle muito de vagar. O Viſo-Rey poſto que lhe cauſou aquillo alguma alteração, todavia logo determinou de acudir áquelle negocio em peſſoa, e mandou chamar os Fidalgos, e Capitães do conſelho, a quem deo conta do que paſſava, e lhes declarou, que ſua tenção era embarcarſe logo, pedindo-lhes que ſe fizeſſem preſtes pera o acompanharem. Todos lho louváram

mui-

muito, e se lhes offerecêram com muito gosto.

Sahidos dalli, logo D. Diogo de Noronha o Corcôs, e seu primo D. Antonio de Noronha, irmão de D. Alvaro de Noronha, Capitão de Ormuz, foram tomar cada hum seu navio de remo, e ajuntando parentes, e amigos, embarcando-se cada hum com sincoenta soldados, e ao outro dia se fizeram á véla pera Ormuz, e foram seguindo seu caminho, em que os deixaremos até tornar a elles.

As novas se espalháram logo pela Cidade, a que acudíram todos, velhos, e moços a se offerecerem ao Viso-Rey, sendo dos primeiros os Cidadãos, que sempre nas semelhantes necessidades servíram ElRey com as fazendas, e pessoas. O Viso-Rey se foi á ribeira das Armadas, e com muita pressa mandou preparar os galeões, caravelas, galés, e fustas; e como na ribeira havia ainda mais de quinhentos homens do mar, repartindo-se por todas as embarcações, as foram preparando sem confusão, nem estorvo de huns, e outros, pela boa ordem que naquelle negocio houve.

A primeira cousa que o Viso-Rey fez, foi despedir dous navios ligeiros, hum pera ir pelas fortalezas do Norte com cartas ás Cidades, e a pessoas particulares, em que lhes

lhes reprefentava a neceffidade prefente, pedindo-lhes ajuda de gente, e navios. O outro navio, de que era Capitão Fernão Farto, bom cavalleiro, e grande homem do mar pera ir a Ormuz com cartas pera o Capitão, em que lhe affirmava ficar no mar pera o ir foccorrer, e que após efte chegaria. O Vifo-Rey ficou dando preffa ás coufas, mandando ajuntar mantimentos, e ordenar munições, e todas as mais coufas neceffarias pera a jornada. E porque o Eftado eftava falto de dinheiro, fe quiz valer da Cidade, como fempre os Governadores, e Vifo-Reys fizeram; e eftando os Vereadores em Camara, fe foi a ella, acompanhado dos Capitães, e Fidalgos velhos, e affentado em feu lugar lhes fez efta falla:

» A natureza univerfal mãi de todas as » coufas tem pofto os homens em tanta obri» gação, que por ella, e pela confervar, » muitas vezes fe offerecêram a grandes pe» rigos, e acabáram coufas, que quafi pare» ciam impoffiveis pera fe poderem commet» ter. E ainda por efta razão chamamos ge» ralmente á terra onde nafcemos noffa na» tureza, porque parece que alli nos obri» gou a fer mais inclinados com particular » affeição; e da creação que nella recebe» mos, vem muitas vezes alcançarmos fau» de em noffas enfermidades, por proprio

be-

» beneficio da natureza; mas eu verdadeira-
» mente tenho por muito certo ser a pro-
» pria natureza dos Portuguezes, mostrarem
» sua opinião, e lealdade no serviço do seu
» Rey, e Senhor; como muitas vezes se
» vio por experiencia dos mui grandes fei-
» tos que nos Reynos de Portugal, e nas
» partes de Africa, e nestas da India, com
» muito valor, e esforço fizeram, e acabá-
» ram, havendo muitas, e mui assinaladas
» vitorias com muito menos gente, e desi-
» gual poder dos inimigos. E por isso pra-
» ticando os Castelhanos no damno que re-
» cebêram na batalha real com grande es-
» panto, pela desigualdade dos poderes, e
» gente, disse ElRey de Castella que não se
» espantassem, que impossivel era desbara-
» tar-se hum pai de dez mil filhos, que tal
» era ElRey de Portugal dos Portuguezes,
» e elles do seu Rey. E que ElRey meu Se-
» nhor mais propriamente tenha este nome de
» pai de seus vassallos, claro parece pelas
» muitas honras, e grandes mercês que con-
» tinuamente delle recebemos, e pelo amor,
» e boa vontade com que nos trata. E por
» esta razão, pela confiança que sei que el-
» le tem de vós, e eu em seu nome sempre
» depois que a esta terra vim, tenho por
» mui certo que todos estais alegres, e ufa-
» nos de em nosso tempo succederem cou-

» sas,

» ſas, em que fazendo grandes, e aſſinala-
» dos ſerviços a Deos, e S. A. poſſais moſ-
» trar o amor, e lealdade, a que voſſa na-
» tureza vos inclina, e traz obrigados; e
» que na India ſejam feitos muitos ſerviços
» de grande qualidade, e merecimento, ne-
» nhum ſe póde igualar a eſte pela qualidade
» do negocio, e da parte em que eſpero em
» noſſo Senhor ſe faça. Porque Dio, e ou-
» tras fortalezas podem-ſe chamar membros
» particulares da India; mas Ormuz (a que
» he neceſſario ſoccorrer, por eſtar em peri-
» go, ſegundo tenho ſabido, e com Arma-
» da de Turcos ſobre elle) he corpo de que
» todos os membros recebem ſubſtancia, e
» ſe ſuſtem; porque além da renda que S. A.
» nelle tem, a mór parte da deſta Cidade
» della lhe vem; nem a India ſe pudéra ſuſ-
» tentar ſem a contratação de Ormuz.

» Donde ſe infere, que o Eſtado da In-
» dia todo pende da defensão, e ſegurança
» daquella fortaleza; e por os Turcos terem
» ſabido por experiencia não poderem por
» outra parte fazer damno na India, (pelo
» muito que recebêram, quando a ella vie-
» ram,) determinam pôr todas ſuas forças
» na tomada, e deſtruição de Ormuz, a que
» com grande preſteza, e muito poder he
» neceſſario acudir, e ſoccorrer. E pois eſ-
» ta Cidade, e os moradores della tão bem

» tem

» tem servido, e mostrado sua lealdade em
» todos os perigos, e necessidades passadas;
» nesta que he mui differente, e de muito
» maior qualidade, e obrigação, não se es-
» pera que o façam menos, nem com me-
» nos vontade; e mais tendo-me por vosso
» Capitão, que tão obrigado sou, assim por
» mim, como pelos de que descendo, a
» morrer pelo serviço de meu Rey, e Se-
» nhor, e principalmente pelo de S. A. de
» quem tantas honras, e mercês tenho rece-
» bido, o que assim mesmo farei por seus
» vassallos, e particularmente pelos desta Ci-
» dade, pela vontade, e amor que delles
» tenho conhecido.

» Pelo que além de vos notificar as no-
» vas que tenho, (que he como digo esta-
» rem os Turcos sobre Ormuz com grossa
» Armada, e os perigos que disso podem
» recrescer,) vos peço que pera seu soccor-
» ro me queirais ajudar com emprestar a S.
» A. sincoenta mil pardáos pera me fazer
» prestes, e os repartais antre todos de ma-
» neira, que se possam haver sem escanda-
» lo, e cada hum folgue de emprestar aquil-
» lo, que boamente lhe couber á sua parte,
» pois he pera tanto serviço de Deos, e de
» S. A., e pera segurança desta terra, e de
» vossas mulheres, e filhos: pera o que es-
» pero que vos não falte o favor, e ajuda

» de nosso Senhor, em quem todos cremos,
» e devemos confiar, que nos dará vitoria
» pera gloria, e louvor de seu santo Nome.
» E o dinheiro vos será tornado por Diogo
» Soares, contratador das terras firmes, que
» disso fará obrigação; e nos quarteis deste
» anno de seu arrendamento, que ora en-
» tra, vo-los irá pagando; e eu darei pera
» isso as Provisões que vos forem necessa-
» rias, pera que com effeito sejais pagos.
» Além disso o saberá S. A. por minhas car-
» tas, pera que com honras, e mercês vos
» satisfaça; e eu em seu nome ficarei na mes-
» ma obrigação pera sempre.»

Acabada a falla alevantou-se o Verea-
dor mais velho, e em nome de todos lhe
respondeo: » Que bem viam quão necessa-
» rio era acudir-se áquella necessidade, por-
» que a fortaleza de Ormuz era a chave de
» toda a India, e cabeça daquelle commer-
» cio da Persia, e Arabia, titulo de que os
» Reys de Portugal tanto se jactavam: que
» toda a Cidade em geral, e cada hum dos
» seus Cidadãos por si estavam muito pres-
» tes pera servirem o seu Rey com suas pes-
» soas, fazendas, navios, fustas, dinheiro,
» e com tudo o mais que pudessem; porque
» posto que em todas as necessidades passa-
» das sempre assim o fizeram, que na pre-
» sente, que era sobre todas, e mais em ne-
» go-

» gocio de Turcos, inimigos do nome Chri»
» ſtão, não havia quem ſe pudeſſe eſcuſar;
» antes agora com dobradas forças, e deſe»
» jos ſe offereciam com tudo o que a fortu»
» na lhes deo, e que eſtavam pezaroſos de
» não ſer a poſſe conforme aos deſejos que
» todos tinham.» O Viſo-Rey lhe deo os agradecimentos, aſſim da parte de ElRey, como da ſua. Os Vereadores começáram logo a tirar pelo povo, e não ſem alguma deſordem, e ajuntáram vinte mil pardáos, que leváram ao Viſo-Rey, com que ſe começou a negociar, e lançar a Armada ao mar.

CAPITULO VI.

Da Armada que eſte anno de ſincoenta e dous partio do Reyno, de que era Capitão mór Fernão Soares de Albergaria: e de como o Viſo-Rey D. Affonſo de Noronha ſe embarcou pera Ormuz: e das novas que no caminho teve das galés ſerem recolhidas: e de como deſpedio D. Antão de Noronha com huma groſſa Armada pera aquella fortaleza: e de como mandou Franciſco Barreto com poderes de Governador a Cochim a fazer a carga das náos do Reyno.

ANdando o Viſo-Rey dando preſſa á ſua embarcação, ſendo oito de Setembro, chegáram á barra de Goa tres náos, de ſeis

que este Abril passado de sincoenta e dous tinham partido do Reyno, de que era Capitão mór Fernão Soares de Albergaria, que vinha na náo S. Boaventura. Os outros Capitães que com elle chegáram, foram, Francisco da Cunha, na náo S. Pedro; Braz da Silva de Santarem em S. Filippe. As tres náos que faltavam eram a Barrileira, de que era Capitão D. Jorge de Menezes Baroche; e Sant-Iago, em que vinha Antonio Dias de Figueiredo, que ambos ficáram invernando em Moçambique. Da outra náo, que era o Zambuco, vinha por Capitão Antonio Moniz Barreto, despachado com a fortaleza de Baçaim; e vindo demandar a costa da India, foi varar no rio de Seitapór, trinta leguas de Goa, e a gente toda se salvou em terra com a mór parte da fazenda. Estas náos trouxeram novas como o Principe D. João ficava casado com a Princeza D. Joanna, filha do Imperador Carlos V., que era sua prima com irmã, sendo elle de idade de dezeseis annos. Estas novas festejou o Viso-Rey muito.

Com a chegada destas náos se começou o Viso-Rey a embarcar, dando despacho a muitos negocios, porque hia arriscado a não poder tornar senão em Março. E porque lhe tinham chegado novas da morte de D. João Henriques, Capitão de Ceilão, despa-

pachou pera aquella fortaleza D. Duarte Deça; e assim o fez tambem ás náos de Malaca, em que mandou o Licenciado Francisco Alvares pera ir tomar residencia a Dom Pedro da Silva da Gama, e pera fazer outras cousas que convinham ao serviço de ElRey.

Nestas náos se embarcou o Padre Mestre Francisco, da Companhia de Jesus, que hia pera passar á Provincia da China, a cujo Rey levava hum rico presente, que ElRey de Portugal lhe mandava, pera por meio delle ver se se podia dilatar naquella grande região a Fé de Christo; e aquelle anno lhe tinham vindo Breves, que o Summo Pontifice lhe mandava de Nuncio Apostolico da India.

Despachadas estas cousas, se embarcou o Viso-Rey no fim de Outubro, e deo á véla com huma Armada de mais de oitenta navios, em que havia mais de trinta grossos. Os Fidalgos, e Capitães que nesta jornada o acompanháram, são os seguintes: D. Fernando de Menezes, filho do Viso-Rey, D. Antão de Noronha seu sobrinho, D. Diogo de Sousa, Gonçalo Pereira Marramaque, D. João de Almeida, Alvaro de Mendoça, Pero Botelho, Heytor de Mello Pereira, D. Martinho da Cunha, e Dom Lopo da Cunha, ambos irmãos de D. Pe-

dro

dro da Cunha, Capitão mór das galés do Reyno, Pero de Taíde Inferno, Fernão de Caſtanhoſo, Fidalgo Caſtelhano, Cavalleiro da Ordem de Sant-Iago, Diogo Alvares Telles, Baſtião de Sá, Affonſo Pereira de Lacerda, Miguel Rodrigues Coutinho, de alcunha Fios ſeccos, Franciſco de Mello Pereira, Jorge de Mendoça, Antonio Moniz Barreto, Martim Affonſo de Miranda, Pero Barreto Rolim, Antonio Peſſoa, Vaſco da Cunha, Antonio de Souſa Coutinho o coxo, D. Pedro de Souſa, João Fernandes de Vaſconcellos, D. Filippe de Caſtro, e outros muitos Fidalgos, e Cavalleiros, que logo adiante nomearemos.

Dada á véla foram ſua derrota com ventos Levantes proſperos, e em poucos dias foram tomar Dio. Alli achou o Viſo-Rey hum navio ligeiro, que vinha de Ormuz, com cartas de D. Alvaro de Noronha, em que lhe fazia a ſaber ſerem as galés recolhidas pera Baçorá, e lhe dava muito miuda conta de todas as couſas acontecidas, aſſim em Maſcate, como em Ormuz. O Viſo-Rey ſentio muito o negocio de Maſcate. Logo ſe eſpalháram as novas das galés ſerem idas, o que todos ſentíram muito, porque hiam alvoroçados pera provarem a mão com elles. O Viſo-Rey mandou chamar os Capitães velhos, e lhes moſtrou a carta, e

poz

poz em conſelho o que faria naquelle negocio. Viſtas por todos aquellas couſas, aſſentáram, que pois os Turcos eram recolhidos, que mandaſſe huma boa Armada pera andar no Eſtreito de Ormuz, e pera no inverno ſe recolher áquella fortaleza pela ſegurar; e que o Viſo-Rey ſe tornaſſe pera Goa.

Com eſta reſolução deſpedio o Viſo-Rey logo ſeu ſobrinho D. Antão de Noronha, com doze navios groſſos, e vinte ligeiros. Dos grandes eram Capitães (a fóra D. Antão de Noronha, que hia no Galeão S. Lourenço) Gonçalo Pereira Marramaque no galeão Camorim, Fernão de Caſtanhoſo em S. Pedro, Belchior Botelho no de S. Thomé, D. João de Almeida no de Santa Cruz, Franciſco da Coſta, Alvaro de Mendoça, Pero Botelho, D. Manoel Maſcarenhas, Luiz Alvares da Cunha, Diogo de Mello da Cunha, e D. Jeronymo de Caſtello-branco em caravelas. Nas fuſtas hiam D. Diogo de Taíde, Jorge Pereira Coutinho, Diogo de Mendoça, João de Mello de Brito, Duarte Paym de Mello, Vicente de França, Gil de Goes, João Alvares Pereira, João de Siqueira, Gomes Ferreira, e Pero Ferreira ſeu irmão, Vicente de Souſa, Antonio de Betancor, Diogo Pereira, Gonçalo de Moraes de Souſa, João Serrão, Martim Barbu-

budo, Ruy Lopes, Antão de Seixas, Ruy Fernandes, e outros. O Viſo-Rey deo por regimento a D. Antão, que andaſſe no Eſtreito até Abril, e que ſe recolheſſe a Ormuz, e que tomaſſe entrega da fortaleza, porque acabava D. Alvaro de Noronha ſeu tempo, e que entregaſſe a Armada a Dom Diogo de Noronha, que lá eſtava pera andar nella até Outubro, e que ſe recolheſſe a Goa.

Deſpedida eſta Armada, voltou o Viſo-Rey pera Baçaim, aonde lhe chegáram novas de Cochim, que os Reys de Diamper, e Pimenta continuavam na guerra contra o de Cochim, e que deixava de correr a pimenta pera as náos.

Vendo o Viſo-Rey quão neceſſario era acudir áquellas couſas, elegeo a Franciſco Barreto, que acabára de ſer Capitão de Baçaim, (a quem ſuccedeo Franciſco de Sá de Menezes, dos oculos,) e lhe deo todos os ſeus poderes, aſſim na Juſtiça, como na Fazenda, com titulo de Governador, pera em quanto eſtiveſſe em Cochim correndo com a carga das náos. Franciſco Barreto ſe partio logo, e levou vinte navios ligeiros, e de ſua jornada adiante daremos razão. Eſta eleição foi muito eſtranhada de alguns Fidalgos, que falláram nella em público, principalmente D. Diogo de Almeida, filho do

Con-

Contador mór, e Francisco de Sá, dos oculos, e outros, que cuidavam merecer melhor aquelle lugar. O Viso-Rey ficou em Baçaim dando despacho a muitas cousas, e esperando pelas segundas novas de Ormuz. E havendo perto de hum mez que alli estava, vieram novas de Pero Lopes de Sousa, Capitão de Dio, que era falecido, que o Viso-Rey tinha deixado enfermo; e por não haver provídos, commetteo o Viso-Rey com ella a D. Diogo de Almeida, que a acceitou, dizendo » que agora que o serviço de » ElRey tinha delle necessidade, acceitava » a serventia da fortaleza, de que elle enjei- » tára seis annos; porque soubesse ElRey » que o não fazia por cubiçoso, que bem se » via que hia a servir, e não a fazer pro- » veito.

CAPITULO VII.

De como Diogo de Mello, Capitão de Ceilão, prendeo Tribuly Pandar pai de El-Rey: e das cousas que neste tempo acontecêram em Malaca no principio da Capitanía de D. Alvaro de Taíde.

SUccedêram tantas cousas juntas neste mesmo tempo, que não foi possivel poder continuar com ellas por sua ordem, porque as mais importantes, e substanciaes lhes occupáram o lugar; e assim daremos a estas hum

hum pequeno de vago, pera continuarmos com as que ſuccedêram na entrada deſte verão, aſſim em Ceilão, como em Malaca; e por iſſo continuaremos com ellas juntas, couſa de que ſempre fugimos, porque trabalhámos muito pelas ſeparar, e contar per ſi pera ſe acharem divididas quando ſe buſcarem. Mas aqui não guardaremos agora eſta ordem, porque he aſſim neceſſario. E continuando com as couſas de Ceilão, falecido D. João Henriques, depois de eſtarem concertados com Tribuly Pandar, e com ElRey ſeu filho pera irem contra o Madune, ſuccedeo Diogo de Mello Coutinho, (como atrás fica dito no Capitulo XIX. do Liv. IX. deſta ſexta Decada,) que tanto que tomou poſſe da fortaleza, achando nas inſtrucções que o Viſo-Rey deixou a D. João Henriques, que prendeſſe o Tribuly, tratou de o fazer, ſem dar conta a peſſoa alguma. E vendo-ſe com ElRey, lhe pedio, e requereo » que mandaſſe vir ſeu pai a Cota, porque » tinha que fallar com elles ambos couſas » que cumpriam ao ſerviço de ElRey de Por» tugal. » ElRey havendo que Diogo de Mello não bulliria com elle, mandou chamar o pai, que veio logo a Cota. Diogo de Mello tanto que ſoube ſer chegado, eſtando em Columbo, ſe foi lá, e em caſa de ElRey o prendeo, ſem ElRey bullir comſigo, e o le-

levou pera Columbo , e o metteo em huma torre, que servia de guardar a polvora, e lhe lançou huma forte adoba de ferro.

A mulher de Tribuly, mãi de ElRey, tanto que vio o marido prezo solicitou a mór parte da gente da Cota, e se sahio della, e se foi pera o lugar de Reigão, donde tratou de sua soltura; e havendo tres dias que isto tinha succedido, chegou D. Duarte Deça, que hia por Capitão, e logo tomou posse de Columbo. ElRey se foi ver com elle, e lhe pedio que soltasse seu pai, o que elle não quiz fazer, antes lhe estreitou a prizão: e assim o deixaremos até seu tempo, por continuarmos com as cousas de Malaca.

O Abril passado, como fica dito no Cap. XIX. do IX. Liv., deixámos embarcado pera aquella fortaleza D. Alvaro de Taíde, porque nella succedia a seu irmão D. Pedro da Silva, que tinha ainda hum anno por servir, e quiz D. Alvaro de Taíde anciparse tanto, e ir esperar lá aquelle tempo, por se tirar das despezas de Goa, e o Viso-Rey lhe passou Provisões de Capitão mór do mar de Malaca, e de todas aquellas partes; e segundo nos parece, que o isentou nas cousas da Armada da jurdição de seu irmão.

Chegado elle áquella fortaleza foi bem recebido do irmão, e dos moradores, que logo no Julho seguinte dia da Visitação o ele-

elegêram por Provedor da Misericordia. E como D. Pedro da Silva estava mal quisto de todos, e D. Alvaro de Taíde lhe hia succeder, começáram os moradores a continuar com elle, e grangeallo. Tomado D. Pedro da Silva disto, e de outras cousas que com isso succedêram, quebrou com o irmão, e chegáram a se desordenarem, e a descomporem hum com o outro; e D. Pedro da Silva clamava, e dizia » que seu irmão com » capa de misericordia lhe hia roubar a sua » fortaleza. » Assim, que estando na mór rotura que podia ser, em fim de Outubro chegáram as náos da India, em que hia o Licenciado Francisco Alvares tomar a residencia de D. Pedro da Silva, com que logo começou a correr.

O Padre Mestre Francisco, da Companhia, estava concertado com Diogo Pereira para vir da Sunda, aonde estava a o tomar áquella Cidade pera o levar á China. Diogo Pereira como foi tempo veio esperar seu recado ao Estreito de Sincapura, onde o Padre lhe escreveo que esperava por elle. Com este recado se foi a Malaca, e surgio naquelle porto, e o Padre começou a embarcar o seu fato pera se partirem. D. Alvaro de Taíde, ou porque tivesse algum escandalo de Diogo Pereira, ou porque quizesse dar os proveitos daquella viagem a hum

ho-

homem de ſua obrigação, mandou-lhe dizer, que não havia de ir na ſua náo áquella viagem, porque cumpria aſſim ao ſerviço de ElRey. Diogo Pereira como a náo era ſua, e viera alli ſó a tomar o Padre Meſtre Franciſco, allegou de ſeu direito, ſem lhe valer couſa alguma, nem lhe poder ſer bom o Licenciado Franciſco Alvares, porque aquellas couſas eram no mar, aonde D. Alvaro de Taíde tinha toda a jurdição. A iſto acudio o Padre Meſtre Franciſco, e Bernaldim de Souſa, e outras peſſoas; mas todas não pudéram acabar couſa alguma, ſem poderem tirar D. Alvaro de ſua teima; antes metteo na náo hum homem de ſua obrigação, chamado Affonſo de Rojes, que foi na náo, e Diogo Pereira ficou em terra. Tão eſcandalizado ficou deſte negocio o Padre Meſtre Franciſco, que ao embarquar no caes ſacudio os çapatos, dizendo: » que nem o pó de tão má terra » queria levar comſigo. »

D. Pedro da Silva ſentio tanto aquelle negocio, por ſer feito a hum Religioſo daquella ſorte, que largou a fortaleza, e a entregou nas mãos do Licenciado Franciſco Alvares, dizendo, que não queria mais ſer Capitão. E aſſim ficou Franciſco Alvares ſervindo alguns mezes que lhe faltavam, e depois entregou a Capitanía a D. Alvaro

de

de Taíde. Tanto que este Fidalgo tomou posse da fortaleza, logo mandou tomar os lemes a todas as náos que havia no porto, assim de ElRey, como de partes, dizendo que tinha novas do Achém, sobre o que teve algumas razões com Bernaldim de Sousa; porque lhe não quiz dar o da sua caravela, ficando quebrados, sendo d'antes grandes amigos. Estava alli huma náo que hia pera a Sunda, de que era Capitão Gonçalo Vaz de Carvalho, a quem o Viso-Rey deo aquellas viagens. D. Alvaro de Taíde lhe disse, que eram suas, que o Viso-Rey lhas não podia dar, e que os Capitães de Malaca estavam de posse de as mandar fazer por sua conta; que cumpria ao serviço de ElRey ficar naquella fortaleza, porque esperava por Achens; e mandou metter na náo hum criado seu, chamado João Pedrosa, e disse a Gonçalo Vaz de Carvalho, que bem podia mandar trazer por sua conta certos bares de pimenta. Gonçalo Vaz vendo aquella semrazão dissimulou; e sendo tempo em que a náo se havia de partir, mandou metter em segredo dez, ou doze soldados nella, que se escondêram em huma camara, e o dia que se havia de fazer á véla pedio licença a D. Alvaro de Taíde pera ir a ella, e mandar recolher as suas ancoras, e as amarras. D. Alvaro lha deo, e

el-

elle ſe foi á náo, e levada a ancora, e ſoltas as vélas ſahíram os ſoldados da camara, e tomáram o criado de D. Alvaro nos braços, e deram com elle em hum balão, e o mandáram pera Malaca. D. Alvaro como ſoube o caſo ficou tão apaixonado, que eſteve pera ir até a Sunda apôs a náo; mas Gonçalo Vaz de Carvalho foi fazer ſua viagem. Bernaldim de Souſa, como D. Alvaro tinha tomados os lemes a todas as embarcações, e eſtavam quebrados o Capitão, e elle, mandou diſſimuladamente embarcar o ſeu fato; e o dia em que eſperava de ſe fazer á véla, tendo preſtes de noite huma embarcação ligeira, ſe embarcou nella, e paſſando pela praia, onde os lemes eſtavam, dando cabo ao ſeu, deo com elle no mar, e o levou á caravela, e mettendo-o em ſeu lugar, deo logo á véla.

Ao outro dia pela manhã deram logo rebate a D. Alvaro, que foi ſua paixão tanta, que ſe foi ao caes, e ſe embarcou em huma fuſta, e foi apôs Bernaldim de Souſa, e chegando a elle, lhe brádou que amainaſſe. Bernaldim de Souſa lhe diſſe, » que » ſe recolheſſe, e ſe foſſe pera a ſua forta- » leza, que aquelles feitos eram de mance- » bo. » Em fim paſſadas algumas razões, Dom Alvaro ſe recolheo a Malaca, e mandou fazer hum Termo, em que houve Bernaldim

de Sousa, e todos os que com elle hiam por alevantados; e toda a fazenda que lhe ficou, que era muita, e vinha repartida pelos galeões de Maluco, tomou, e a julgou por perdida, e a carregou pera ElRey, e a mandou entregue a pessoas abonadas pera na India a darem ao Viso-Rey. D. Pedro da Silva se embarcou poucos dias depois no galeão Sant-Iago, em que tinha ido ao soccorro de Malaca João Henriques, e D. João Coutinho no seu galeão, e todas as mais náos. E o Licenciado Francisco Alvares tambem se embarcou nesta companhia com a residencia de D. Pedro da Silva, e com huma devassa que tirou das cousas de D. Alvaro de Taíde.

D. Pedro da Silva se encontrou no mar com Bernaldim de Sousa, que cuidou que se tomasse do que elle tinha passado com seu irmão; mas elle hia muito longe disso, por lhe parecerem muito mal aquellas cousas, e salvando-se foram juntos até Ceilão, e desembarcáram em Gale, e dalli foram por terra a Columbo, onde se detiveram alguns dias, indo visitar á prizão Tribuly Pandar, e o consoláram, e se lhe offerecêram pera fallarem ao Viso-Rey em seus negocios; e depois de tomarem algumas cousas necessarias, se embarcáram, e partíram pera Cochim. E porque nos esqueceo de conti-

ti-

tinuar com D. Rodrigo de Menezes que veio de Maluco, e teve aquellas differenças com Bernaldim de Sousa, o faremos aqui.

Chegados elle, e Bernaldim de Sousa a Malaca, sempre se ficou Bernaldim de Sousa temendo delle, porque se houve elle por muito affrontado do modo com que procedeo com elle. E ficando assim em Malaca, sem se encontrarem, veio D. Rodrigo a adoecer de humas febres, e o dia que tomou a purga, foi ella tal, que começou a arder por dentro, e a gritar por agua, dizendo que se lhe abrazavam as entranhas, e com esta angustia morreo logo. Não deixou de suspeitar que Bernaldim de Sousa peitára o Boticario pera lhe dar peçonha, e não faltou quem o escrevesse ao Viso-Rey. Foi este D. Rodrigo filho de D. Antão de Almada, Capitão da Cidade de Lisboa, e estava despachado com a Capitanía de Dio; era bom Fidalgo, e de muito grande opinião, e bom cavalleiro.

CAPITULO VIII.

Das cousas, que acontecêram a Francisco Barreto em Cochim: e de como D. Pedro da Silva, e Bernaldim de Sousa chegáram a Goa: e do que o Viso-Rey Dom Affonso de Noronha fez.

DEixámos atrás no Cap. VI. deste decimo Livro Francisco Barreto partido de Baçaim; e seguindo sua jornada, tomou Goa, onde se deteve pouco, e passou adiante até Cochim, onde começou a tratar da carga das náos, pera que faltava pimenta; porque aquelles Principes Malavares do Chembe, e Bardela lhe impediam a pássagem, e traziam nos rios suas manchuas, de que andava por Capitão mór hum Malavar, Christão nascido em Cochim, chamado Vasco. Este por saber muito bem aquelles esteiros, como quem se creou nelles, dava-nos mór trabalho, que se fora huma Armada muito poderosa; porque elle só bastou pera pôr toda a Cidade em revolta, e ainda a Armada de Francisco Barreto, (porque pela falta da pimenta lhe foi necessario acudir aos rios com toda a Armada.) Vasco andava em huma manchua muito ligeira de dous lemes; e como aquellas Ilhas são muito retalhadas de esteiros, estreitos, e intrincados, elle só fal-

tea-

teava os mercadores que vinham com pimenta, e mettia toda a Armada cada hora em affrontas, porque andava no meio della, de esteiro em estreiro, de Ilha em Ilha, sem lhe poderem fazer damno algum. E quando os nossos estavam mais descuidados, dava de supito nos navios, e passava por elles, e lhes deitava muitas panelas de polvora, com que os abrazava, e tratava mal; porque por sua muita ligeireza chegava quando queria, e recolhia-se quando lhe era necessario, sem haver quem lhe pudesse chegar, porque tanto remava pera trás, como pera diante; e como era tão ligeiro, e não dava volta pera fugir por ter dous lemes, não havia cousa que o pudesse alcançar.

Nisto se gastou todo o mez de Dezembro, e Francisco Barreto se recolheo a Cochim, deixando nos rios João Peixoto, Cavalleiro muito honrado, natural de Guimarães, por Capitão mór de dez, ou doze navios, pera ficar favorecendo alguma pimenta, que ainda corria. As náos foram-se carregando com trabalho pela falta que havia de carga; e sendo já alguns dias de Janeiro andados, chegáram os galeões de D. Pedro da Silva, e de Bernaldim de Sousa; e porque faltavam drogas pera a carga, comprou Francisco Barreto a Bernaldim de Sousa pera ElRey, quatrocentos e dezeseis quin-

taes de cravo a treze xerafins o quintal, cujo de páo, e baſtão. E tambem tomou a outras peſſoas o cravo que lhe pareceo, que ſe lhes pagou muito bem. Tomada a carga, deram as náos á véla pera Portugal, e tiveram todas muito boa viagem.

Franciſco Barreto mandou recolher os navios que trazia nos rios, e ſe partio pera a coſta do Malavar, onde andou todo o reſto do verão, e em Março ſe foi invernar a Goa. O Viſo-Rey depois que no Norte deo ordem a muitas couſas, aſſim em Baçaim, como em Chaul, e que teve as ſegundas novas de Ormuz, deo á véla pera Goa, aonde chegou no fim de Fevereiro. Poucos dias depois delle chegáram os navios com D. Pedro da Silva, e Bernaldim de Souſa, e o Licenciado Franciſco Alvares; e apreſentando a reſidencia de D. Pedro da Silva, ſe lhe acháram culpas obrigatorias ao prenderem, e o mandáram livrar, e foi condemnado em alguma couſa.

O Viſo-Rey deſpedio em Fevereiro Pero de Taíde Inferno com hum galeão, e dez navios de remo, com regimento, que foſſe ao Eſtreito de Meca eſperar algumas náos do Achém, e que ſe foſſe invernar a Ormuz, e que entregaſſe a Armada a D. Diogo de Noronha, que lá acharia. Bernaldim de Souſa achou em Goa cartas de ElRey,

mui-

muito honrosas, e com ellas huma Patente, em que lhe fazia mercê da Capitanía de Ormuz, em que entraria logo, porque não havia provído algum diante delle: com a Patente foi logo requerer a posse ao Viso-Rey, que lhe elle não quiz dar, porque tinha por dar residencia; e além disto lhe tinham mandado culpas de Malaca, em que o culpavam na morte de D. Rodrigo de Menezes; e o Viso-Rey lhe disse, » que não » podia entrar na fortaleza sem primeiro dar » residencia, que nas náos que haviam de » partir lha mandaria tirar, e que então o » despacharia. » Não faltáram induzidores que lhe disseram, que o Viso-Rey o entretinha por não mandar tirar daquella fortaleza seu sobrinho D. Antão de Noronha, com outras cousas que bastáram pera quebrar com Viso-Rey, se tivera menos prudencia; mas elle dissimulou tudo, e não se quiz dar por aggravado do Viso-Rey, antes sempre o acompanhou; e assim o Viso-Rey foi tão grande seu amigo, que todos os negocios de importancia praticava primeiro com elle que com os outros Fidalgos, e lhe fazia tudo o que lhe pedia, e dava cargos, e despachos a muitas pessoas por sua ordem.

Era Bernaldim de Sousa muito avisado, facil, e de grande conversação. E tanto, que os mais dos dias Santos, e Domingos

ajun-

ajuntava quinze, e vinte de cavallo feus vizinhos, e amigos, cafados todos, (porque geralmente era muito bem quifto,) e elle com elles veftido de loba azul de chamalote, cingido pela cinta, com hum barrete vermelho na cabeça, (porque os Fidalgos daquelle tempo não punham fua vaidade em capotes, e calças, fenão em muitos foldados recolhidos em fuas cafas,) e com todos de cavallo fahia ao terreiro do Paço, e tanto que o Vifo-Rey chegava á janella, acenava-lhe com a mão, e lhe dizia: » Ah » Senhor, fahi cá pera fóra, no campo de » S. Lazaro vos efpero; » e voltava com fua companhia pera elle. O Vifo-Rey mandava tocar a cavalgar, e com todos os Fidalgos fe hia ao campo, e lá lhe fahia Bernaldim de Soufa com os companheiros de embofcadas, e efcaramuçavam, e folgavam; e como cançavam, deitavam-fe na relva, e converfavam com difcurfos graves, praticando fobre os negocios da India, e dalli fe recolhiam. E efta facilidade dos Vifo-Reys daquelle tempo obrigava aos homens a muitas coufas.

Era tão pontual, que andando paffeando em hum cavallo, que tinha muito formofo, paffou por elle hum cafado, rico, e grande feu amigo, e lhe diffe » fe que» ria vender aquelle cavallo, que lhe faria

» dar

» dar muito dinheiro por elle. » Elle lhe refpondeo, que não. E virando-fe pera outro Fidalgo, que andava com elle, diffe: » Má terra he a India, parece-vos que em » Portugal me perguntára ninguem, fe que» ria vender o meu cavallo em que andaffe? » Trouxemos ifto, porque vimos efte primor tão trocado, que os mefmos Fidalgos andavam pelas ruas convidando com os feus cavallos pera lhos comprarem.

O Vifo-Rey começou a entrar no defpacho das coufas de Malaca, e Maluco, e mandou o Licenciado Gafpar Jorge, que era Defembargador, pera ir a Malaca devaffar do cafo da morte de D. Rodrigo de Menezes, (porque a refidencia de Bernaldim de Soufa das coufas de Maluco já lá era encommendada ao Ouvidor,) e pera tirar devaffa dos cafos de D. Alvaro de Taíde. E defpachou D. Jorge Deça, que era provído da Capitanía da carreira de Maluco, e lhe deo hum galeão com muitos provimentos pera aquella fortaleza. E affim defpedio alguns Capitães com foldados pera irem invernar a Cochim, e a Cranganor. Depois deftes navios partidos pera fóra fe cerrou o inverno.

CAPITULO IX.

De huma Armada de Malavares, que foi á coſta da Peſcaria, e dos damnos que por ella andou fazendo: e de como Gil Fernandes de Carvalho armou alguns navios á ſua cuſta, e a foi buſcar: e de como encontrou eſta Armada, e pelejou com ella, e a desbaratou, e tomou.

DEpois de Franciſco Barreto ſer partido da coſta do Malavar pera Goa, que foi em Março, offereceo-ſe hum Rume, que vivia a ſoldo do Çamorim, a ir eſperar as náos de Bengala, e ſaquear toda a coſta da Peſcaria, e as Cidades de Negapatão, e São Thomé, promettendo-lhe humas muito grandes prezas. E como o Çamorim neſte negocio do mar nunca entra com cabedal algum, mais que com licença pera quem quizer armar navios o poder fazer, a deo facilmente a eſte, a quem logo ſe lhe offerecêram pera eſta jornada muitos, e ſe começáram a negociar de navios, artilheria, munições, e ſoldados; e em poucos dias ſe ajuntáram de differentes portos quatorze navios mui formoſos, e mui bem petrechados, e com todos ſe fez o Rume á véla, indo elle em huma galeota latina grande, e poſſante; e fazendo-ſe na volta do Sul, paſſáram o cabo

bo do Camorim, e correndo a costa da outra banda, chegáram ao porto de Ponicale, aonde estava por Capitão Manoel Rodrigues Coutinho, Fidalgo honrado, que alli tinha sua mulher, e familia, e pera sua guarda tinha hum forte de taipa, que cercava a povoação, que era de Christãos; e assim elle era Capitão de toda aquella costa da Pescaria.

Está esta povoação de Ponicale em huma ponta da terra, que se cortou por huma parte, e ficou em Ilha, (porque era toda cercada de agua.) Chegada esta Armada, lançou logo o Rume em terra perto de quinhentos homens pera irem commetter a povoação. Manoel Rodrigues Coutinho acudio á praia com setenta Portuguezes que alli havia, em que entravam alguns Cavalleiros muito honrados; e com os Christãos da povoação, que acudíram com suas armas, remettêram com os inimigos, e traváram com elles huma formosa batalha, em que os nossos peleijáram mui bem, assinalando-se antre todos hum Antonio Franco de Gusmão, que levava a bandeira, ou guião; porque pondo-se diante de todos, como hum leão endireitou com hum Abexim, que trazia a bandeira do Rume; e liando-se com elle, o tomou, e deo com elle no chão, e o matou ás punhaladas, e tomando-lhe a bandeira, remetteo de novo com

os

os inimigos, ſeguindo-o todos os Portuguezes, e de feição apertáram com elles, que os fizeram lançar ao mar. O Rume que eſtava na prôa da ſua galeota, vendo o eſtrago dos ſeus, e a ſua bandeira perdida, e o pequeno número dos noſſos, começou a brádar com os ſeus, affrontando-os, e eſpancando-os, fazendo-os lançar outra vez ao mar; e elle com toda a mais gente, que ſeriam perto de mil e quinhentos por todos, ſe poz em terra. Os noſſos vendo a multidão dos inimigos, deſamparáram os mais delles ao Capitão, e foram-ſe recolhendo pera a povoação. Manoel Rodrigues Coutinho ficou com ſó dezeſete companheiros, em que entravam Nuno Pita, Antonio Camelo ſeu irmão, Eſtevão de Lemos, e Antonio Franco; mas com eſtes tão poucos fez roſto aos inimigos, porque a honra não lhes dava lugar pera lhes virarem as coſtas. Vendo todavia Nuno Pita que aquillo parecia mais temeridade que esforço, chegou-ſe a elle, e tomando-o por hum braço, lhe diſſe: » Que » determinais, Senhor? não vedes quão pou- » cos ſomos? pera que he perdermo-nos em » couſa que não ganhamos honra? recolha- » mo-nos, e ponhamos em cobro voſſa mu- » lher, e filhos, que he o que mais impor- » ta. » Manoel Rodrigues Coutinho ouvindo aquillo, foi virando com os companhei-

ros, que nunca o deixáram, e de quando em quando fazendo rosto aos inimigos com as espingardas, com que derribáram alguns, e quiz a desaventura que déssem huma espingardada a Manoel Rodrigues Coutinho, de que cahio logo; mas os companheiros o leváram nos braços, e o recolhêram pera a povoação, que acháram já despejada; porque como víram ir os primeiros em desbarato, logo todos se passáram da outra banda do Estreito, que eram terras de Bisme Naique, hum vassallo do Rey de Canará. Manoel Rodrigues Coutinho mandou tambem passar sua mulher, e filhos, e elle com os que o seguíram tambem o fizeram.

Os Mouros entráram na povoação, e a roubáram, e escaláram, tomando toda a fazenda que Manoel Rodrigues Coutinho, e os mais Portuguezes alli tinham, porque não salváram mais que o que leváram sobre si. Os Malavares depois que escaláram, e roubáram tudo, se tornáram a embarcar, e se foram pela costa adiante.

O Bisne Naique da outra banda, tanto que teve rebate daquelle negocio, acudio com sete, ou oito mil homens; e achando todos os Portuguezes nas suas terras, dando-lhes a cubiça de hum grande resgate, lançou mão de todos, e os prendeo. Manoel Rodrigues Coutinho despedio recados mui apres-

apreſſados a Cochim, tratando de ſeu reſgate com o Naique, (que porque ſe reſgataſſem mais depreſſa, e melhor, os tratou muito mal, e lhes eſtreitou as prizões.) Os recados que partíram pera Cochim, foram em poucos dias na Cidade, e ſe deram ao Capitão.

Eſtava então naquella Cidade de Cochim Gil Fernandes de Carvalho, que havia pouco era chegado, depois daquelle honroſo, e esforçado feito que fez em Malaca em tempo de D. Pedro da Silva, Capitão daquella fortaleza; e havida aquella grande vitoria, (como diſſemos atrás no Cap. IX. do Liv. IX.,) ſe tornou pera Quedá a fazer ſeu negocio; e depois de carregar de pimenta, ſe foi a Bengala, onde a vendeo, e carregou de outras fazendas com que era chegado.

Correndo as novas por Cochim da Armada Malavar, e do negocio de Ponicale, poz toda aquella Cidade em revoltas, porque bem entendêram que não havia alli de parar o mal. Gil Fernandes de Carvalho ſe foi logo á Camara, onde eſtavam os Vereadores, e Capitão, e lhes diſſe, » que elle » eſtava muito preſtes pera acudir áquelle ne- » gocio, porque pera o ſerviço de Deos, e » de ElRey tinha muito dinheiro, e muita » obrigação, e vontade; que lhe déſſem na-

vios,

» vios, e artilheria, que elle não tinha; que
» todos os ſoldados, e mantimentos elle os
» embarcaria á ſua cuſta, porque pera aquel-
» las, e outras ſemelhantes neceſſidades que-
» ria o que tinha. » A Cidade lhe agrade-
ceo muito aquelle ſerviço, que queria fa-
zer a Deos, e a ElRey, e lhe diſſe: » que
» lhe dariam quatro navios, e artilheria pe-
» ra elles. » Gil Fernandes de Carvalho lhos
acceitou, e logo ſe foi pôr na praça, onde
ſe fazem os leilões, armando meza, e man-
dando lançar pregões, offerecendo de ſua
caſa dez pardáos a cada ſoldado, que com
elle ſe quizeſſe embarcar: e aſſim começou a
pagar a todos os que acudíram, que foram
cento e ſetenta; e por outra parte mandou
comprar todos os mantimentos, e couſas ne-
ceſſarias, que ſe embarcáram logo nos qua-
tro navios, que a Cidade lhe mandou pôr
no caes. Gil Fernandes de Carvalho man-
dou negociar pera ſua peſſoa huma formo-
ſa galeota, o que tudo ſe fez em tres dias,
e ſe embarcou no fim de Abril.

Dada á véla, foi ſeguindo ſua derrota até
dobrar o cabo do Çamorim, e de longo da
coſta foi na demanda dos parós, e chegou
a Calecare, onde os inimigos eſtavam, e co-
mo hia com vento eſcaço, não pode do-
brar a reſtinga, em que ſe perdeo Manoel
de Macedo, (como na quarta Decada no
Cap.

Cap. XI. do Liv. VII. temos dito.) Hum Capitão de hum navio da ſua companhia, que ſe chamava Lourenço Coelho, natural de Tangere, que hia diante, foi deſatentadamente varar por ſima da ponta da reſtinga, onde ficou em ſecco. O Rume Capitão mór dos Malavares, que eſtava da outra banda, vendo varar aquelle navio, mandou ſinco, ou ſeis a elle pera o tomarem. Chegáram eſtes navios, e acháram os noſſos mettidos no ſeu, ſem nunca o quererem largar, e abalroando-o por todas as partes, tiveram com elle huma formoſa batalha á viſta de Gil Fernandes de Carvalho, que lhe não pode ſoccorrer por ſer o vento contrario, e muito rijo. Lourenço Coelho com ſeus companheiros, poſto que eſtavam em ſecco com o navio, quando ſe víram abalroados, puzeram-ſe em defensão, e fizeram tudo o que o valor Portuguez lhes pedia, ſuſtentando-ſe em damno dos inimigos muitas horas. Mas como onúmero era tão deſigual, e elles não ſe quizeram render, foram todos mortos á eſpada, ficando ſó hum muito ataſſalhado, que ſe metteo debaixo do jugo da fuſta.

Vencida a batalha por elles, deram os inimigos cabo ao noſſo navio, e o tiráram pera fóra, e o leváram á viſta de Gil Fernandes de Carvalho, que lhe não pode va-

ler.

ler. Gil Fernandes de Carvalho voltou pera a Ilha das Lebres, que era perto, onde achou hum navio de Portuguezes; e tomando-o comsigo ao outro dia, quiz nosso Senhor (por ser vespera do seu Triunfo da Ascensão, que foi aos quatorze dias do mez de Maio) que se mudasse o tempo, e lhe ficasse prospero, e dando á véla foi em busca dos inimigos. E ao outro dia pela manhã, que era de sua gloriosa Ascensão, houve vista da Armada inimiga junto do lugar de Calecare, e pondo-se em armas, a foi demandar, e accommetteo com grande determinação, pondo elle a prôa na galeota do Rume, dando-lhe aquella primeira surriada com que lhe matáram muitos, e lançando-se dentro com os seus, teve huma muito arriscada batalha, porque o Rume era muito cavalleiro, e levava perto de duzentos homens na sua galeota. Os outros quatro navios da nossa companhia tambem abalroáram cada hum com o seu, e depois de grandes refertas os rendêram, e investíram outros. Gil Fernandes de Carvalho depois de muitas horas, e de ter feito grande estrago nos inimigos, deo com os mais ao mar, onde tambem se salvou o Rume, e se foi pera a terra que era perto.

Rendida aquella galeota, que era a mais importante, se foi metter no meio das outras,

tras, e ás falcoadas desapparelhou duas, e envestio com outras, que logo se lhe despejáram, ficando-lhe os navios nas mãos. Em fim, quando foi sobre a tarde toda a Armada era rendida, e os navios ficáram em poder dos nossos, sem escapar hum só, que até a fusta de Lourenço Coelho foi tomada com o soldado ainda vivo, que se tinha escondido debaixo do jugo.

Alcançada tão grande vitoria, foi-se Gil Fernandes de Carvalho pera a costa de Negapatão, pera onde levou todos os navios, e invernou naquella Cidade. Estas novas corrêram logo a Cochim, e dahi a Goa, e foram tão estimadas, e festejadas, que lhe fizeram logo cantigas, que se cantavam nas folías, (que então havia muitas, porque tudo o daquelle tempo era alegria, e boas venturas,) e dizia huma: » Gil Fernandes » de Carvalho tomou os parós a quinze de » Maio. »

O Bisme Naique, tanto que soube da grande vitoria que a nossa Armada houve dos Malavares, logo se concertou com Manoel Rodrigues Coutinho no resgate das pessoas de todos, e os largou, ficando-lhe em refens do preço o Padre Henrique Henriques da Companhia, e depois de serem em Punicale, ajuntáram o dinheiro, e o mandáram. Os Paravás (que são os Pescadores do

al-

aljofar daquelle lugar) vendo que Manoel Rodrigues Coutinho ficava muito pobre, lhe deram de ſerviço hum dia de peſcaria, que foram fazer á ſua conta; e foi ſua ventura tal, que lhe rendeo ſete, ou oito mil pardáos. Gil Fernandes de Carvalho tomou nos parós toda a fazenda de Manoel Rodrigues Coutinho, e dos mais Portuguezes, e o que pode ſalvar das mãos dos ſoldados, que foram os veſtidos, e joias de ſua mulher, e algumas peças, que tudo lhe mandou.

CAPITULO X.

Do que aconteceo a D. Antão de Noronha na jornada até Ormuz: e do que fez Pirbec tanto que chegou a Baçorá: e do que mais paſſou D. Antão de Noronha, até entregar a Armada a D. Diogo de Noronha.

PArtido D. Antão de Noronha com a Armada pera Ormuz, (como atrás diſſemos no Cap. VI. deſte X. Liv.) curſando-lhe ſempre bons tempos, chegou áquella fortaleza no fim de Novembro, aonde já havia mais de hum mez que D. Diogo, e D. Antonio de Noronha eram chegados. O Capitão D. Alvaro de Noronha lhe fez grande recebimento, e o povo todo, que ainda eſtava aſſombrado das galés. D. Antão de

Noronha deſpedio logo Gomes de Siqueira, e Luiz de Aguiar (dous grandes Catureiros) pera irem até dentro de Baçorá vigiar as galés, dando-lhes por regimento, que hum lhe trouxeſſe novas do que achaſſe, e o outro ſe deixaſſe ficar lá até ſeu recado, ficando D. Antão negociando, e provendo a ſua Armada de novo.

Aqui ſe conta delle huma couſa, que ſe lhe notou a grande prudencia, e artificio, como elle realmente tinha; e foi eſta. Coſtumavam os Reys de Ormuz, quando chegava algum Capitão mór áquella fortaleza, mandallo viſitar com preſentes de brincos, e curioſidades, conforme á peſſoa, e á Armada que leva; e porque D. Antão de Noronha por ambas aquellas couſas havia que eſtava no ſegundo lugar da India, querendo que todos o eſtimaſſem niſſo, ſabendo que ElRey o havia de mandar viſitar com hum preſente, quiz que foſſe maior que todos os que até então mandára aos Capitães que alli tinham vindo; e pera iſſo ſe fiou de hum Letrado que alli eſtava por Veador da Fazenda, que era de ſua obrigação, e grande amigo de ElRey. Eſte eſtando hum dia praticando com ElRey, lhe deo elle conta do preſente que queria mandar a D. Antão de Noronha. O Bacharel lhe diſſe » que lhe » mandaſſe o maior, e o mais rico que pu-

» deſ-

» desse, que elle faria com D. Antão que
» lho tornasse depois, porque não queria
» mais que acreditar-se com os homens; e
» que pera segurança disso lhe daria hum as-
» signado do mesmo D. Antão, e outro seu. »
ElRey o fez assim; e estando hum dia Dom
Antão de Noronha com D. Diogo de No-
ronha, D. Antonio, e todos, ou os mais
dos Fidalgos, e Cavalleiros de sua Arma-
da, chegou a visitação de ElRey, e o pre-
sente, que valia dez, ou doze mil cruza-
dos, porque era hum fio de perolas riquis-
simo, algumas peças de ouro, e prata cu-
riosas, alcatifas grandes, e pequenas, mui
finas, e outras cousas. Acceitado o presen-
te em público, tanto que foi noite o tor-
nou a mandar a ElRey pelo Bacharel, que
recolheo os assignados, que disto lhe tinha
passado. Contamos isto, porque he necessa-
rio pera outras cousas que adiante havemos
de tocar, e agora os deixaremos por hum
pouco, porque he necessario continuar com
o Pirbec.

Partido este Turco de Ormuz com o re-
cheio que dissemos, foi ter a Baçorá, onde
se deixou ficar. O Baxá de Baçorá tanto que
soube que elle desembarcára em Mascate,
e Ormuz contra o regimento do Turco, des-
pedio logo pela posta recado disso a Con-
stantinopla. Disto foi avisado o Pirbec; e co-

mo era ſagaz , e prudente , tomou todo o recheio de Maſcate , e de Ormuz , e Lareca , que montaria mais de hum milhão de ouro , e embarcou tudo em tres galés ligeiras , e ferrolhou nellas todos os Portuguezes que cativou em Maſcate , e partio-ſe de Baçorá com tenção de ſe ir a Conſtantinopla deitar aos pés do Turco com todas aquellas riquezas , pera com iſſo o abrandar ; porque eſtava certo que ſe eſperaſſe recado ſeu em Baçorá , que lhe havia de mandar cortar a cabeça.

Partido de Baçorá , tomou a derrota de longo da coſta de Arabia ; e tanto ávante como Catifa , de noite deo huma das galés em huma reſtinga , onde ſe desfez , e eſpedaçou ; como iſto era de noite , e os Portuguezes que hiam afferrolhados não ſabiam a terra , receando de ſe affogarem , ſe deixáram ficar na galé já deſafferrolhados. Pirbec que hia diante achando logo a galé menos , tornou a voltar atrás ; e chegando á reſtinga , achou a galé quebrada , e toda a gente nella , e deitando barquinhas fóra , mandou recolher todos , e os Portuguezes que foram tão mofinos , que podendo-ſe ſalvar em terra , que era perto , ſe deixáram ficar. Os Turcos recolhêram as mais das couſas da galé , e foram ſeguindo ſua derrota.

Os noſſos navios , que andavam vigiando as

as galés, tanto que sahíram de Baçorá, logo houveram vista dellas, e deixou-se ficar o Siqueira vigiando-as, indo sempre á sua vista; e o Luiz de Aguiar se foi com recado a Ormuz com a mór pressa que pode; e chegando áquella fortaleza, deo rebate a Dom Antão de Noronha, que logo se embarcou com muita pressa, e com elle D. Diogo, e D. Antonio de Noronha; e ao partir de Ormuz chegou a elles o Siqueira, e lhes disse, que as galés hiam de longo da costa de Arabia pera fóra. D. Antão tornou a voltar apôs ellas; e indo os galeões a meia boroa, e a Armada de remo de longo da costa, e diante de todos o Siqueira, e Aguiar, pera descubrirem todas as enceadas, porque lhe não ficassem atrás. Era isto no mez de Fevereiro, em que cursão os ventos Xamais, que são os Noroestes, que dentro naquelle Estreito são mui tormentosos; e assim teve a Armada tanto trabalho, que esteve perdida com huma tormenta desfeita que lhe deo, com que corrêram com vélas pequenas até defronte de Mascate; e sendo vista a Armada da terra, lhe sahio Fernão Dias Cesar em hum terranquim, e disse a D. Antão de Noronha, que o dia d'antes passáram as duas galés á vista da terra. D. Antão mandou dar todas as vélas, e as foi seguindo, mandando diante os navios de remo pera as emba-

ra-

raçarem, ſe as achaſſem, e chegou até o cabo de Reſolgate ſem haver viſta dellas. Alli tomou parecer ſobre o que faria, e ſe as ſeguiria até o Eſtreito de Meca, e aſſentouſe, que já não era monção, porque ventavam os Ponentes, e que a Armada não hia apercebida pera iſſo, mas que foſſe eſperar as náos de Judá na ribeira de Teve, e as recolheſſe, e ſe foſſe com ellas pera Ormuz; e aſſim o fez, que logo voltou pera aquella ribeira, aonde eſteve até todo Abril, e ainda alguns dias de Maio, e recolheo todos os navios. Alli foi ter Pero de Taíde Inferno com toda ſua Armada, eſtando Dom Antão de Noronha pera dar á véla.

Eſte Fidalgo tanto que partio de Goa, foi demandar as portas do Eſtreito, onde eſteve até áquelle tempo, ſem lhe acontecer couſa notavel, nem haver viſta do Pirbec, porque parece que paſſou de noite por elle. D. Antão de Noronha tanto que vio a ſua Armada, teve com elle cumprimento ſobre as bandeitas; e todavia Pero de Taíde tirou a ſua, e o foi ſeguindo até Ormuz, aonde D. Antão de Noronha tomou poſſe da fortaleza, e entregou a Armada a D. Diogo de Noronha o Corcôs. Pero de Taíde Inferno achou hum regimento do Viſo-Rey, em que lhe mandava entregaſſe a ſua Armada a D. Diogo de Noronha

Cor-

Corcôs, como logo fez, e ſe embarcou com elle por ſeu ſoldado no galeão S. Lourenço. D. Diogo tanto que tomou poſſe da Armada a mandou negociar, e reformar, e D. Antão de Noronha lhe fez paga aos ſoldados, e lhes ordenou mezas, que ſe lhes deram todo o tempo que alli eſtiveram. Dom Diogo de Noronha deſpedio alguns navios ligeiros pera andarem de Ormuz até Baçorá em paragens, pera haverem falla das galés, e lhe mandarem cada dous dias recado do que ſe lá paſſava.

CAPITULO XI.

De como Franciſco Lopes de Souſa chegou a Maluco, e das couſas que fez: e de como faleceo: e das differenças que houve ſobre quem ſuccederia naquella Capitanía: e das couſas que ſobre iſſo fez o Rey.

DEixámos Franciſco Lopes de Souſa o anno paſſado partido de Malaca pera Maluco; e tendo boa viagem, chegou á fortaleza em Dezembro paſſado, e Balthazar Veloſo lhe entregou a fortaleza, com cujas obrigações começou a correr; e a primeira couſa que fez foi apreſentar a ElRey a Provisão do Viſo-Rey, que tambem levou, em que mandava, que nenhuma peſſoa vendeſ-

desse cravo , nem o comprasse , senão de cabeça , e limpo de páo , e bastão , pelos inconvenientes que atrás dissemos. Este Rey como desejava de se mostrar muito leal a todos os mandados dos Viso-Reys , e Governadores , mandou apregoar a Provisão por todas suas Ilhas ; o que tomáram muito mal todos seus vassallos , assim pela muita perda que recebiam , como pelo muito grande trabalho que se lhes offerecia no alimpar do cravo ; mas ElRey trabalhou tanto nisso, que os quietou , e fez com elles que obedecessem aos mandados do Viso-Rey ; e assim começáram logo a vender o cravo limpo , e a carregar-se no galeão da carreira. Succedeo mais em sua entrada dizerem-lhe os Padres da Companhia , » que era serviço » de Deos mandarem com elles alguns Portuguezes ao lugar de Camafo (que era de » ElRey de Tidore) dividir , e apartar os » Christãos , que alli viviam , dos Mouros , e » Gentios , porque viviam todos misturados , » e muitos Christãos casados com Mouras , » e Gentias , e muitas mulheres Christans pe» la mesma maneira ; o que era contra a Lei » de Deos , e grande perturbação daquella » Christandade. » Isto praticou o Capitão com ElRey , e lhe pedio algumas corocoras pera mandar áquelle negocio com os Padres. ElRey lhe disse » que aquella obra era ta-

» ma-

» manha, que ſe ambos ſe não achaſſem em
» peſſoa nella, não ſe poderia fazer couſa
» alguma, porque receava grandes altera-
» ções, e movimentos; e que elle eſtava
» preſtes pera iſſo. » O Capitão lhe agrade-
ceo aquelle conſelho, e lançou mão dos cum-
primentos, pedindo-lhe que ſe fizeſſe preſ-
tes, o que elle logo fez; e ambos ſe em-
barcáram em ſuas corocoras, levando o Ca-
pitão cem Portuguezes, e deixou a fortale-
za entregue a Gabriel Rabello.

Chegados ao lugar do Toloco, duas le-
guas de Camafo, deixáram-ſe ficar ElRey,
e o Capitão, e mandáram hum Padre da
Companhia, e com elle Baſtião Veloſo, e
Pero de Ramos com alguns Portuguezes pe-
ra irem fazer aquella diligencia. Chegados
eſtes homens a Camafo, começou o Padre
a dividir, e apartar os Gentios, e Mouros
dos Chriſtãos, as mulheres dos maridos, e
elles dellas; pais de filhos, e filhos de pais,
de maneira, que tal ordem tiveram, que fi-
cáram os Chriſtãos todos ſobre ſi, e os mais
em bairros, que pera iſſo lhes ordenáram;
e os que ſe não quizeram apartar das mu-
lheres Chriſtans, e aſſim meſmo as Gentias,
ou Mouras, que quizeram viver com ſeus
maridos, recebêram a agua do ſanto Bau-
tiſmo.

Feita eſta obra ſem alteração alguma, ſe
tor-

tornáram pera o Toloco, onde Eſtava ElRey, e o Capitão. Vendo ElRey aquelle negocio, que elle tinha por muito duvidoſo, e difficultoſo, movido de ſua boa inclinação, e natureza, diſſe ao Padre: » Ora » já que vós, Padre, vieſtes a fazer huma » obra tão ſanta, como foi apartar os Chri» ſtãos dos Mouros, eu tambem quero que » ſe faça em mim juſtiça, pois eu vos favo» reci pera as fazerdes nos outros. Eu tra» go ha muitos annos huma mulher Chriſtã » por manceba, nunca Deos queira que eu » fique com ella; » e mandando-a vir, logo lha entregou. O Capitão, e o Padre paſmáram daquella obra, e lha louváram, e engrandecêram muito, e logo ordenáram caſar a mulher, como fizeram, ajudando-a todos com ſeu quinhão.

ElRey de Tidore como nunca foi amigo dos Portuguezes, e deſejava vellos acabados, e fóra daquellas Ilhas, ſabendo que eſtava o Capitão no Toloco em poder de ElRey de Ternate, deſpedio huma corocora muito ligeira com huma carta pera ElRey, em que lhe dizia: » Que pois tinha » em ſua mão o Capitão, e os Portuguezes, » que lhe ſería muito facil matallos, e que » depois tomariam a fortaleza, e ficariam li» vres de ſua ſujeição. » ElRey como era bom homem, tornou a deſpedir a coroco-

ra,

ra, e respondeo a ElRey » que o não acon- » selhava bem naquelle negocio ; que antes » tinham todos obrigação de pouparem as » vidas dos Portuguezes, porque depois que » elles entráram naquellas Ilhas, foram to- » dos os dellas ricos, honrados, e politicos ; » sendo d'antes pobres, e barbaros. » E posto que ElRey quiz encubrir isto por não homiziar aquelle Rey com o Capitão, pelos parentescos que com elle tinha, elle o veio a saber, e dissimulou com o negocio. Acabado tudo ao que foram, se recolhêram pera Ternate, onde o Capitão adoeceo logo de humas febres mortaes, de que ao seteno dia faleceo com grande mágoa de todos, porque era muito bom Fidalgo. E abrindo-se seu testamento, achou-se nelle nomeado por Capitão Christovão de Sá, que de Malaca se tornou com elle. Filippe de Aguiar, que era Alcaide mór, acudio a requerer a Capitanía, conforme ao regimento, e trazia já comsigo alguns soldados, e quiz lançar mão das chaves da fortaleza com união, estando Francisco Lopes de Sousa ainda arquejando. A isto acudio ElRey, e o Ouvidor ; e vendo a cousa revolta, tomou a menagem ao Alcaide mór, e o mandou pera a torre; e lendo o testamento do Capitão, entregou a fortaleza a Christovão de Sá. Feito isto, tratáram de enterrar o Capi-

pitão, como logo se fez, e lhe fizeram seus Officios com muita solemnidade, a que ElRey com ser Mouro se achou vestido de dó á Portugueza.

Passado o Officio se assentou ElRey á porta da fortaleza, onde se ajuntou todo o povo, e mandou soltar o Alcaide mór a seu requerimento pera o ouvir de sua justiça, e elle lhe requereo a posse daquella fortaleza, porque lhe pertencia, conforme á Ordenação do Livro vinte, titulo dos Alcaides móres; e com isto apresentou hum regimento do Governador Nuno da Cunha, em que mandava » que por morte dos Capitães suc» cedessem os Alcaides móres. » Christovão de Sá acudio, dizendo: » Que elle estava já de » posse da Capitanía por virtude da verba » do testamento; e que além disso viera da » India provído da Capitanía daquella for» taleza por huma Provisão do Governa» dor Garcia de Sá. » Sobre isto debatêram ambos, e começou a haver alvoroço, a que ElRey acudio, e os apazigou, e por fim de todas as pertenções se louváram ambos em ElRey, do que o Ouvidor fez hum Termo assignado por elles. Acabado isto, fez ElRey a todos os Portuguezes esta breve falla.

» Ninguem vos póde negar, valorosos » Portuguezes, que antes que viesseis a estas » Ilhas, eramos todos barbaros, e sem po-

li-

» licia , nem ordem alguma boa de gover-
» no , e que todo o bom que hoje temos,
» de vós o tomámos , e aprendemos , por-
» que vos governais por razão , e justiça ,
» por homens doutos, e letrados , que en-
» direitam as cousas tortas; pelo que o vos-
» so governo, e ordem das cousas he tudo
» santo, e bom, e he razão que todos o si-
» gamos, e imitemos. E pois assim he, pe-
» ço-vos que me digais a qual destes direi-
» tos , que estes dous pertençores allegão
» por si, hei de obedecer, pera que ElRey
» de Portugal meu Senhor seja bem servido,
» porque vos hei de lançar a culpa do erro,
» se o houver, e a elle dareis conta de tu-
» do , porque eu desejo de acertar em seu
» serviço.

Acabada a falla, estiveram todos calados por hum espaço , e depois sahio de antre todos huma voz que dizia : » Eu obedeço » a Christovão de Sá, que está já de posse; » a isto disseram todos o mesmo. Vendo ElRey aquillo, deo a sentença por elle, e lhe tornou de novo a dar posse da fortaleza. Do que tudo o Ouvidor fez hum auto assignado por ElRey, e por todos, e com isto se quietáram os tumultos.

CA-

CAPITULO XII.

Dus cousas que este anno acontecêram em Ceilão; e de como Tribuly Pandar, que estava prezo, se fez Christão, e fugio da prizão: e dos damnos que fez, e de outras cousas.

DEixámos as cousas de Ceilão com a prizão de Tribuly Pandar, pai de ElRey da Cota, e com a chegada de D. Duarte Deça; agora continuaremos com as cousas que este verão succedêram. Entregue Dom Duarte da Capitanía de Ceilão, tratou El-Rey com elle sobre a soltura de seu pai, fazendo-lhe muito grandes partidos, e dando-lhe todas as seguranças que quizesse, sem o poder acabar com elle. Corriam com este Principe os Padres de S. Francisco, a quem rogou que o fizessem Christão, porque estava affeiçoado ás cousas da nossa Fé, e porque em ninguem achára humanidade, e caridade senão nelles. Os Padres estimáram aquillo muito, e o catequizáram, e bautizáram, sem darem conta disso ao Capitão; porque receavam de lho impedirem; mas depois de feito, lho fizeram a saber. D. Duarte sentio-o tanto, por se fazer aquillo sem lho communicarem, que logo mandou lançar ao Tribuly hum façanhoso grilhão, e fechallo

a

a huma corrente, e tirar-lhe a communicação dos Frades, por cujo meio elle cuidava tivesse algum remedio, e todas as outras consolações que hum prezo podia ter, com o que poz aquelle atribulado Principe em grande desesperação. A mulher, mãi de ElRey, (que, como dissemos, escandalizada da prizão do marido, se tinha passado pera o lugar de Reigão,) como era mulher prudente, e varonil, sendo avisada do máo tratamento que se fazia ao marido, tratou de o tirar dalli por industria, já que não podia ser por força; e tendo prática com algumas pessoas de que se fiou, Portuguezes, que tambem estavam escandalizados daquelles excessos, peitou tanto, e deo tanto, que ordenáram huma mina no quintal dos Padres, onde a prizão respondia, que foi dar no lugar em que Tribuly estava, e por ella o tiráram huma noite, e foi lançado fóra da fortaleza. Ao outro dia, que deram rebate ao Capitão daquelle negocio, acudio a fazer suas diligencias, e prendeo algumas pessoas, contra quem se não provou cousa alguma, e despedio logo recado ao Viso-Rey do que era passado. O Tribuly tanto que se vio fóra da prizão, como levava no coração a mágoa do máo tratamento que lhe fizeram, ajuntando muita gente, que a mulher lhe tinha mandado, se foi pera a banda de Ga-

le,

le, e todas as Igrejas, e Chriſtãos que achou foi pondo a ferro, e a fogo, ſem perdoar a couſa alguma; e chegando a Gale, fez o meſmo, e queimou huma formoſa náo que alli eſtava já acabada, e no eſtaleiro, que era de hum Miguel Fernandes; e paſſando a Reigão, tomou a mulher, e ſe foi pera o lugar de Pelande, que ſería da Cota oito leguas, com tenção de fazer aos Portuguezes toda a guerra que pudeſſe.

ElRey ſeu filho tanto que teve aviſo de ſua fugida, e ſoube os damnos que fora fazendo, pezou-lhe muito, e lhe mandou pedir » que não quizeſſe proſeguir mais na» quelle negocio, nem lembrar-ſe do aggra» vo que lhe fizeram; mas que puzeſſe os » olhos no Madune ſeu inimigo, que fora » cauſa de todos aquelles trabalhos; e que » ſe ajuntaſſem todos em ſeu damno, por» que de outra maneira perder-ſe-hia aquel» le Reyno; » e iſto meſmo praticou com o Capitão, e lhe pedio » que eſquecidas as » couſas paſſadas, trataſſem das preſentes, e » que ſe armaſſem todos contra o Madune, » que eſtava poderoſo, e alterado com aquel» las deſavenças; e que ſoubeſſe de certo, » que ſe ſenão acudia a iſto muito de pro» poſito, que ſe havia de perder toda aquel» la Ilha, e ficar em poder do Rey inimi» go; e que ElRey de Portugal era o que

» niſ-

» nisso mais perdia, pois era Senhor daquel-
» le Reyno da Cota, e o commercio da-
» quella canela lhe importava muito. »

D. Duarte Deça considerando todas aquellas cousas, se concertou com ElRey contra o Madune, mettendo na liga o Tribuly Pandar, pera que fosse do lugar de Pelande, onde estava, com a sua gente contra Ceitavaca; e que ElRey mandasse o Camereiro mór com todo o poder, e sincoenta Portuguezes que lhe daria. Estes concertos jurou o Capitão de cumprir sobre hum Missal, e ElRey lhe deo logo mil cruzados pera ajuda dos gastos dos sincoenta soldados, e começou a negociar as cousas pera a jornada, pondo no campo o Camereiro mór perto de tres mil homens; e quando esperava pelos Portuguezes, que D. Duarte Deça ficou de lhe mandar, faltou-lhe com todos, mandando-lhe dizer: » Que os solda-
» dos não queriam servir sem paga, que lhe
» mandasse mais dinheiro pera isso. » ElRey como estava roubado, e despezo, não teve que lhe mandar; mas o Camereiro mór tirou huma arelhana de ouro, que valeria quinhentos cruzados, e lha mandou, pera que pagasse os sincoenta soldados. D. Duarte recebeo a arelhana, e lhe respondeo com vinte soldados que lhe mandou, e por Capitão delles João Coelho. ElRey sentio mui-

to faltar-lhe assim D. Duarte Deça com o que tinha jurado; e não deixou de mandar proseguir na empreza, e despedio o Camereiro mór com ordem, que se fosse ver com o Principe das Corlas pera o metter na liga. Partido o Camereiro mór, chegou ao lugar de Madabe, aonde se vio com aquelle Principe, e concertou com elle, que o ajudasse contra o Madune por aquella banda, e lhe deixou quatrocentos homens pera ajuntar com a sua gente. Feito isto, commetteo o Camereiro mór com os Portuguezes as terras do Madune por huma parte, o Principe das Corlas pela outra, e o Tribuly Pandar pela outra de Pelande. Pela parte por onde o Camereiro mór entrou, lhe sahio ao encontro o Capitão geral do Madune, com quem tiveram os nossos alguns recontros, em que o desbaratáram. D. Duarte Deça, (ou que o Madune o mandasse peitar em segredo,) sabendo esta conjuração, pera que não favorecesse o Rey da Cota, ou que elle por cubiça do que delle esperava se lhe offerecesse, ou como quer que fosse, elles trouxeram antre si intelligencias, que não foram tão secretas, que o Tribuly Pandar as não viesse a saber, e avisou disso logo ao filho.

Vendo ElRey tamanha maldade, como era muito amigo dos Portuguezes, receando-se de alguma traição, mandou recolher

todos com o Camereiro mór. O Tribuly vendo aquella injustiça do Capitão, e como por sima do que jurára se carteava com o Madune, quiz tambem remediar-se, e sanear-se com elle, e assim entráram em concertos, que se vieram a concluir por esta maneira.

» Que o Tribuly Pandar casasse com hu» ma filha do Madune, já viuva, que tinha » huma filha, e que esta casasse com seu fi» lho segundo irmão de ElRey; » e disto fizeram seus assentos, que logo se publicáram. ElRey tanto que o soube, sentio-o muito, porque entendeo da malicia do Madune, que todos aquelles concertos eram pera segurar o Tribuly seu pai, pera vir a lhe tomar o Reyno, que era o que elle pertendia. A Rainha velha avó de ElRey, e do Madune, (que era huma Senhora muito grave, e de grande prudencia,) vendo ElRey da Cota desamparado até de seu proprio pai, tomou comsigo o Camereiro mór, e se foi ao lugar de Reigão, onde o Tribuly estava; e vendo-se com elle, lhe fez sobre este negocio huma falla muito honrosa, que teve tanta força, que lhe fez remover todos os partidos, que tinha feito com o Madune, tornando a pôr as cousas de seu filho em melhores esperanças; e quiz Deos que acudisse esta Senhora primeiro, que se consum-

 mas-

massem os Matrimonios com o Tribuly; porque se assim não fora, tudo se perdêra.

Declaradas estas cousas, foi D. Duarte Deça desapossado, e em seu lugar succedeo Fernão Carvalho, Alcaide mór de Columbo. ElRey, o Tribuly Pandar seu pai, e o Principe das Corlas (que por ordem da Rainha velha tornáram a jurar nova liga) se fizeram prestes pera proseguirem na guerra, pedindo ajuda de sincoenta soldados a Fernão Carvalho, que lhos offereceo, e elles lhe deram logo quinhentos cruzados pera suas despezas. Postos todos em campo, quando ElRey mandou pedir os soldados ao Capitão, mandou-se-lhe escusar, com dizer, que andavam pela costa de Columbo alguns navios Malavares, e que hia acudir, por lhes não saquearem a terra; e assim se foi sem lhes mandar soldados, nem dinheiro. Vendo ElRey quanto de mal em peior lhe hia com aquelles Capitães, não desistio da empreza, e mandou proseguir nella. Os conjurados entráram pelas terras do Madune, e lhes desbaratáram seus Capitães muitas vezes, e o chegáram a estado, que mandou pedir misericordia ao irmão, que como era bom homem, a teve delle, e fizeram novas pazes, com se effeituarem os casamentos, que estavam concertados. Neste estado deixamos estas cousas.

CA-

CAPITULO XIII.

De como o Turco teve o recado do Baxá de Baçorá, das cousas que Pirbec fez em Mascate, e Ormuz: e de como mandou Moradobec, que lhe tornasse quinze galés ao porto de Moçá: e de como Pirbec chegou á Corte, e o Turco lhe mandou cortar a cabeça: e de como D. Diogo de Noronha se encontrou com Moradobec: e da muito notavel batalha que as galés tiveram com o galeão de Gonçalo Pereira Marramaque.

TAnto que Pirbec chegou a Baçorá, (como atrás dissemos no Cap. X. deste X. Liv.,) logo o Baxá avisou pela posta o Grão Turco das cousas que fizera em Mascate, e Ormuz, e de como era partido com tres galés; e que ficava na fortaleza de Ormuz huma poderosa Armada de Portuguezes, que acudio a seu soccorro. Com estas cartas lhe chegou tambem recado, que nas portas do Estreito de Meca ficava outra Armada (que era a de Pero de Taíde Inferno.) E receando-se o Turco que lhe entrasse até a casa do seu falso Profeta, e que lha destruissem de todo, (porque ficava aquelle Estreito desamparado,) assentou mandar levar quinze galés, das que Pirbec passou a Ba-

ço-

çorá, pera o Eſtreito de Meca, pera ſua guarda, e defensão.

Iſto ſoube Moradobec, Capitão que foi de Catifa, que andava na Corte muito deſconfiado de largar tão depreſſa aquella fortaleza a D. Antão de Noronha, como atrás diſſemos no Cap. XIV. do Liv. IX. E querendo remediar a quebra que por elle paſſára, metteo ſuas valias, pera que lhe déſſem aquella jornada, e aſſim lha concedeo o Turco, e o deſpedio logo pela poſta, dando-lhe por regimento, que ſe foſſe a Baçorá, e que das galés que lá levára Pirbec tomaſſe quinze, e com ellas ſe foſſe pera o Eſtreito de Meca, e andaſſe em guarda delle; e que as mais galés ficaſſem em Baçorá fazendo guerra aos Gizares.

Partido eſte Moradobec, a menos de hum mez chegou Pirbec a Conſtantinopla; porque chegando a Suez com as galés as varou, e tomou todos os theſouros, e Portuguezes cativos em camellos, e ſe paſſou a Alexandria, e dalli por mar a Conſtantinopla, aonde chegou muito confiado nas riquezas que levava, e com tudo ſe apreſentou aos pés do Turco. Mas como eſte Senhor, ainda que barbaro, não conſente corromper ſuas leis, nem ſeus mandados com theſouros, ou privanças, alli logo mandou cortar a cabeça a Pirbec por quebrantador de ſeus

re-

regimentos, e os Portuguezes mandou metter nas galés a banco, donde a mór parte depois se resgatáram, e vieram á India.

E tornando a Moradobec, deo-se tanta pressa, que chegou a Baçorá no fim de Julho; e negociando quinze galés que lhe melhor parecêram, mettendo-lhe a melhor artilheria, e os melhores soldados de todas ellas, se sahio pera fóra em Agosto. Dom Diogo de Noronha tambem na entrada deste mez se tinha partido de Ormuz com toda a sua Armada, e se foi pôr no cabo de Moçandão; e dalli despedio Gomes de Siqueira, e Luiz de Aguiar com regimento, que fossem até Baçorá a tomar falla das galés, e que hum as ficasse vigiando, e outro lhe trouxesse recado do que achasse dellas.

Chegados estes navios á boca do rio Eufrates, tomáram hum terranquim com alguns Mouros, que lhes disseram como Moradobec ficava no mar com as galés pera sahir pera fóra. Com este recado se partio hum dos navios, e o outro ficou vigiando. Chegado este recado a D. Diogo de Noronha, preparou a sua Armada muito bem, e tornou a mandar o navio pera se ajuntar com o outro, pera lhe trazerem recado como fossem sahidas, e elle se deixou andar do cabo de Moçandão até á Ilha de Angão, aonde as galés forçado haviam de vir de-

man-

mandar. E ſendo já fim de Agoſto, chegáram as fuſtas a D. Diogo de Noronha, e lhe diſſeram, que alli atrás vinham quinze galés; e apôs eſte recado começáram de apparecer todos á véla de longo da coſta de Perſia com vento Ponente. D. Diogo de Noronha eſtava ſurto com toda a Armada da banda de Arabia; e em lhe dando o recado, mandou levar ancora, e dar á véla, e foi atraveſſando á coſta de Perſia; e chegando a tiro de bombarda das galés, ſe poz com ellas ás bombardadas, porque não ouſou de ſe chegar mais á terra pera onde as galés hiam mettendo de ló tudo o que podiam, e deſparando tambem ſua artilheria; e quiz a deſaventura que acertaſſe hum tiro da coxia no galeão do Capitão mór ao lume da agua, pela banda de gilavento, que o varou dentro, e começou a fazer tanta agua, que ſe hia ao fundo. Os Officiaes acudindo abaixo, víram o galeão que ſe hia alagando, e requerêram ao Capitão mór que voltaſſe em outro bordo, porque ſe perdiam. D. Diogo de Noronha o conſentio, ainda que contra ſua vontade, e os Officiaes viráram no outro bordo, e foram deitando rombos com muita preſſa. Era iſto ás dez horas do dia, em que o vento começou a calmar, e os galeões ficáram anhotos por eſſe mar, ſem governarem, divididos, e

apar-

apartados de feição, que o galeão de Gonçalo Pereira Marramaque ficou da banda de Persia, affastado de toda a mais Armada hum tiro de espera. Moradobec vendo os favores do tempo, tomou as vélas, e foi com todas as galés demandar o galeão de Gonçalo Pereira; e chegando a elle, o rodeáram por todas as partes, e o começáram a bater furiosamente, descarregando nelle huma prolixa tempestade de pelouros; e depois que despendiam todas as cargas, tornavam-se a affastar, e a carregar de novo, e a dar sua bateria por esta ordem. Gonçalo Pereira Marramaque tinha no seu galeão cento e vinte homens, em que entravam muitos Fidalgos, e Cavalleiros muito nobres, e esforçados; e vendo que as galés o demandavam, puzeram-se em armas, e guarnecêram o galeão de suas arrombadas, tomando os Fidalgos a artilheria á sua conta com os bombardeiros; e assim com grande determinação esperáram os inimigos, em quem desparáram tambem sua artilheria, que se empregou de feição, que lhes desaparelháram as mais das galés. Mas como o galeão pelejava a pé quedo (como lá dizem) sem se mover de hum lugar, e as galés por causa do remo se chegavam, e recolhiam cada vez que queriam, puzeram o galeão em estado, que lhe não ficou cousa em que pôr

os

os olhos; porque todas as obras de ſima eſtavam desfeitas em muitas rachas, que feríram todos os do galeão, a mezena toda quebrada, os maſtros ambos rachados por muitas partes, e as vergas com as vélas por eſſe mar. Mas aſſim eſtava o piedoſo galeão no meio de todas as galés, como hum formoſo, e forte baluarte, deitando chammas de fogo, e coriſcos por todas as partes; e todos os ſoldados, ainda que feridos de muitas feridas, tão esforçados, e animoſos, que deſejavam que as galés os commetteſſem de bordo a bordo, pera ſatisfazerem nos Turcos o furor com que todos andavam. Gonçalo Pereira Marramaque moſtrou eſte dia os quilates de ſeu ſangue, e esforço, apreſentando-ſe ſempre nos lugares mais perigoſos, ainda que alli não havia algum que o não foſſe, e eſtiveſſe, e em tudo era companheiro de todos, aſſim nos trabalhos, como nas feridas, porque tambem trazia tres muito crueis fréchadas por ſeu corpo.

D. Diogo de Noronha vendo aquella braveza, e que não podia ſoccorrer o ſeu galeão, esbravejava como homem ſem ſiſo, queixando-ſe de S. Lourenço, porque lhe não dava vento pera o ſoccorrer, dizendo-lhe » que era hum mancebo, e que lhe » roubava ſua honra; » e com eſta paixão mandou eſquipar todos os bateis dos galeões,

e

e dar-lhes toas, pera ver ſe podiam chegar alguma couſa, mas tudo era em vão; e deſpedio todos os navios de remo, pera que foſſem favorecer o galeão, no que ſeus Capitães trabalháram bem, chegando alguns muito perto das galés; mas como ellas tinham rodeado o galeão, não foi poſſivel poderem chegar a elle. Gonçalo Pereira não lhe ficava couſa alguma por fazer, porque tudo corria, e tudo via com os olhos, fazendo bem o officio de Capitão muito animoſo, e prudente. O Meſtre, e o Piloto, que eſte dia trabalháram como Elefantes, não ſe reſguardando dos perigos, foram mortos de eſpingardadas, porque de todas as partes choviam pelouros, e fogo, e nuvens de fréchas ſobre o galeão, de que todos os noſſos andavam empenados por muitas partes. Em fim, todos pelejáram tanto, que não houve algum que não tiveſſe inveja aos companheiros que tinha apar de ſi.

Franciſco da Cunha, homem Fidalgo, pelcijou ſempre com hum falcão com muito valor, e deſtreza, fazendo tiros tão certos, como ſe toda a vida uſára aquelle officio. E poſto que eſta batalha era merecedora de ſe engrandecer com mais alto eſtilo, e com muitas mais palavras, nós o deixámos de fazer, porque nos falta pera iſſo tudo; baſta que a briga durou até horas

de

de vespera, em que a viração começou a ventar, e os galeões se foram chegando. Moradebec tanto que vio ventar o vento, achando-se com todas as galés destroçadas, houve por melhor conselho tornar-se pera Baçorá; e tomando o remo em punho, se encostou á costa de Persia, e de longo della tornou a voltar pera dentro, ficando-lhe a náo, que era de João Nunes Homem, que he a que Pirbec tomou em Ormuz, que levavam carregada de artilheria, munições, e mantimentos pera provimento da Armada.

D. Diogo de Noronha chegou ao galeão de Gonçalo Pereira Marramaque, que senão via delle mais que o casco; e mettendo-se no batel, foi a elle. Gonçalo Pereira o esperou a bordo com todos os seus soldados, banhados em seu proprio sangue, e cheios de polvora, e suor, e empenados de muitas fréchas por todas as partes. Subindo D. Diogo de Noronha assima, foi Gonçalo Pereira Marramaque pera o abraçar, e elle lhe disse: » Affastai-vos, Senhor, pera lá, » que a vós não quero eu abraçar; nada se » vos deve, porque o que vós fizestes, vos» so sangue, e honra vos obrigou a isso, e » do ventre de vossa mãi trouxestes essas obri» gações; a estes soldados sim, » e abraçou a todos hum e hum, enchendo-se de seu

san-

ſangue, e de ſeu ſuor, dizendo a todos palavras de muitos, e grandes louvores.

As peſſoas principaes que aqui ſe acháram com Gonçalo Pereira Marramaque, são as ſeguintes: D. Affonſo Henriques, Luiz Freire de Andrade, que foi Capitão de Chaul, e ſuſtentou o famoſo cerco que o Zamaluco poz áquella fortaleza o anno de ſetenta e hum, Jorge de Souſa ſeu tio, André Pereira de Berredo, D. Leoniz Pereira, filho do Conde da Feira, Dom Luiz Pereira, Manoel Furtado Machado, Sebaſtião Machado, Diogo Nunes Pedroſo, Vaſco de Reboredo, Leonel Pereira, Franciſco da Cunha, Chriſtovão de Araujo Evangelho, e outros muitos Fidalgos, e Cavalleiros. Dom Diogo de Noronha deixou algumas fuſtas com Gonçalo Pereira pera o levarem a Ormuz; e elle com a mais Armada foi após as galés, que hiam cozidas com a terra. Os noſſos navios ligeiros foram demandar a náo, que lhes hia fugindo, até a vararem na Ilha de Queixome, onde os Turcos ſe lançáram ao mar pera ſe ſalvarem em terra; mas a mór parte delles perecêram á eſpada, ficando a náo com todo ſeu recheio em poder dos noſſos. D. Diogo de Noronha foi ſeguindo as galés, que ſe foram mettendo por antre as Ilhas, e a terra firme, aonde os noſſos galeões não podiam chegar, e aſſim foram

ram até entrarem pela boca do Eſtreito de Baçorá, e rio Eufrates dentro, ſeguindo-as a noſſa Armada ſete dias continuos até as enſacar. D. Diogo de Noronha tanto que as vio recolhidas, não tendo alli mais que fazer, voltou pera Moçandão, aonde ſe deixou andar, em quanto duráram os Ponentes; e como ſe acabáram, ſe foi pera Ormuz negociar-ſe pera ſe partir pera a India, como tinha por regimento.

CAPITULO XIV.

Da Armada que eſte anno de ſincoenta e tres partio do Reyno, de que era Capitão mór Fernão de Alvares Cabral: e das couſas em que ElRey mandou prover: e de como o Viſo-Rey D. Affonſo de Noronha partio pera Cochim.

ENtrando o verão, ſendo poucos dias de Setembro, chegáram á barra de Goa duas náos do Reyno: huma de que era Capitão D. Jorge de Menezes o Baroche, da companhia de Fernão Soares de Albergaria, que ficou o anno paſſado invernando em Moçambique; e a outra era a náo S. Bento, em que vinha Fernão de Alvares Cabral, que o Março atrás paſſado de ſincoenta e dous tinha partido do Reyno por Capitão mór de quatro náos, e dellas ſó eſta chegou a Goa.

Das

Das que faltavam eram Capitães, Belchior de Sousa da náo Santa Cruz, que com tempo arribou ao Reyno. D. Paio de Noronha da náo Rosario, que ficou invernando em Moçambique. E Ruy Pereira da Camara, que foi em Novembro tomar Cochim, como adiante diremos. O Viso-Rey recebeo muito bem o Capitão mór, que lhe entregou o saco das vias, onde achou algumas instrucções de cousas, em que ElRey mandava prover logo, e de algumas daremos razão, porque convem assim á historia.

Achou o Viso-Rey hum Alvará, em que lhe mandava ElRey » que logo, tanto que » aquelle visse, tornasse a ElRey de Ceilão » todo o dinheiro, e joias que lhe tomára; » e que sendo algumas vendidas, se lhe pa- » gassem pela avaliação; » porque se houve ElRey por muito desservido das cousas que o Viso-Rey usou com aquelle Rey, de que o reprehendeo por cartas. O Viso-Rey começou logo a dar execução ao Alvará, e despedio o galeão da carreira de Ceilão, aonde mandou embarcar Affonso Pereira de Lacerda, que proveo da Capitanía daquella Ilha, mandando vir D. Duarte Deça, e por elle mandou áquelle Rey todas as joias, que ainda estavam por vender; e dos mais, que poderiam ser perto de duzentos mil pardáos, ficou feita declaração na receita de Bel-

chior

chior Botelho (ſobre quem tudo eſtava carregado) pera ſe lhe ir pagando pouco e pouco; mas de tudo não logrou o pobre Rey vinte mil pardáos, por pedaços, e por peças que lhe mandáram, porque tudo o mais ſe lhe deſcontou, parte nas pareas, e a mór quantidade em dadivas, e mercês que fez a Capitães, Alcaides móres, Secretarios, Fidalgos, Officiaes, e criados dos Viſo-Reys, e Governadores. E neſtas dadivas ſe cumprio bem aquelle adajo velho, que diz: » Mouro que não podes haver, dá-o por tua » alma. » Aſſim eſte Rey vendo que não podia arrancar das mãos dos Governadores, que depois ſuccedêram até Mathias de Alboquerque, o que ſe lhe devia, fazia mercês largas aos que lhas pediam, que ſe pagavam por intelligencias, que pera iſſo todos tinham; injuſtiça muito grande, e muito uſada na India, não ſe pagar aos homens o dinheiro, a fuſta, o mantimento, o cairo, e tudo o mais que ſe toma pera as Armadas, e pagar-ſe a outros com quem ſe elles concertão pela terça parte. E deixando eſta materia, e outras em que vimos pouca ſatisfação, e menos emenda, tornemos a noſſo fio. Ficou eſte Rey puxando pelos Governadores, e Viſo-Reys pela ſua divida, ſem nunca lha poder arrancar das mãos, até o anno de ſincoenta e oito, que ſendo Go-

ver-

vernador Francifco Barreto , vendo quanto aquelle Rey apertava com elle, poz aquelle negocio em Relação , depois do Procurador de ElRey vir com hum Libello contra aquelle Rey : pelos Defembargadores foi fentenciado, que não eftava ElRey obrigado a lhe pagar coufa alguma, porque muito mais tinha defpendido o Eftado em Armadas, que lhe mandava de foccorro.

Efta fentença parece que não houve por boa ElRey D. Filippe , depois que fuccedeo nos Reynos de Portugal , porque no anno de oitenta e finco paffou hum Alvará, affignado pelo Cardial Alberto, Regente do Reyno, em que mandava, » que não fe fi» zeffe mais pagamento ás peffoas, a quem a» quelle Rey da Cota déffe fuas dividas; e » que á conta dellas lhe déffem cada anno » o que lhe coftumavam a dar de entretimen» to , que eram mil pardáos ; » como melhor , e mais largamente declararemos na noffa decima Decada , porque aqui não fazemos mais que referillo, por irem eftas coufas todas juntas.

Mandou ElRey tambem outro Alvará, em que mandava, » que prendeffem Bernal» dim de Soufa , e que lhe tomaffem toda » fua fazenda , porque fora metter ElRey » Aeiro de poffe do Reyno de Maluco; » e fegundo nos differam , que o mandava El-

Rey levar prezo pera o Reyno ; mas eſtes papeis nem os vimos, nem os achámos. E pera fazer eſta execução, mandou ElRey na náo com Fernão de Alvares Cabral o Licenciado Antonio Rodrigues de Gamboa, porque a não quiz fiar de Pero Soares, irmão de André Soares, que na India ſervia de Procurador da Coroa; porque tinha obrigações á caſa do Governador de Lisboa, irmão de Bernaldim de Souſa. Eſta execução aſſim crua mandava ElRey fazer, porque lhe eſcreveo Jordão de Freitas de Maluco, que fora muito contra ſeu ſerviço levar Bernaldim de Souſa ElRey Aeiro a Maluco, e mettello de poſſe daquelle Reyno; porque como todos os deſgoſtos paſſados antre ElRey D. João, e o Imperador Carlos V. ſeu cunhado, foram ſobre o direito das Ilhas de Maluco, cujas differenças ceſſáram pelo empenho, de que na quarta Decada no Cap. I. do Liv. VII. fizemos menção, que tanto que os Reys Catholicos tornaſſem os trezentos e ſincoenta mil cruzados, logo ſe tornaria a contender ſobre o meſmo direito, como os póvos de Heſpanha muitas vezes lhe requerêram. O que não poderia fazer, ſe Bernaldim de Souſa não mettêra de poſſe ElRey Aeiro, tendo-a elle Jordão de Freitas tomado por ElRey D. João de Portugal, por virtude do teſtamento de ElRey D. Manoel,

que morreo em Malaca, porque ſe ficavam acabando as contendas todas; porque já ElRey de Portugal, além do direito que allegava da poſſe, e propriedade, ficava-lhe agora muito melhor pela herança, como verdadeiro herdeiro de ElRey D. Manoel de Maluco, que o conſtituio por eſſe, por não ter filhos, nem irmãos legitimos. E como iſto importava tanto, e ElRey não tinha outra informação mais que a que lhe mandou Jordão de Freitas, mandava fazer aquella execução em Bernaldim de Souſa, eſtando elle ſem culpa, pois fora por mandado do ſeu Governador, ſobre ſentença dada na Relação de Goa, porque julgáram ElRey Aeiro por Rey de Maluco; e pera o metterem de poſſe delle, mandou o Governador Dom João de Caſtro à Bernaldim de Souſa, como no principio deſta ſexta Decada no Cap. IV. do Liv. I. fica dito.

O Viſo-Rey como eſtava informado daquelle negocio, e ſabia a pouca, ou nenhuma culpa, que Bernaldim de Souſa tinha, o mandou prender, e eſcrever-lhe a fazenda pera melhor ſe poder livrar. E vendo que lhe era neceſſario acudir ás couſas de Cochim, pela guerra que o Rey da Pimenta lhe fazia, começou a ſe preparar, e a fazer pagamento aos ſoldados, e a pôr a Armada no mar. E dando deſpacho a muitas

cousas apressadamente, entregando o governo aos Deputados, se embarcou no fim de Novembro, e deo logo á véla com toda a Armada, que era de mais de cem vélas. Os Capitães que o acompanháram nesta jornada, dos que pudemos saber os nomes, são os seguintes.

Seu filho D. Fernando de Menezes, Bastião de Sá, Vasco da Cunha, D. Antonio de Noronha, Francisco de Mello Pereira, e Francisco de Sousa em galés. D. Pedro da Silva da Gama, Antonio Moniz Barreto, Francisco Barreto, D. João de Almeida, filho do Contador mór, e Pero de Taíde Inferno em galeotas latinas. Gil Fernandes de Carvalho, Fernão de Castanhoso, e Belchior Botelho em galeões. Pero Botelho, Alvaro de Mendoça, Manoel Mascarenhas, Luiz Alvares da Cunha, Diogo de Mello da Cunha, e Affonso Basto em caravelas. O Veador da Fazenda Simão Botelho, Gomes da Silva, Duarte Paes de Mello, Jorge Pereira Coutinho, D. Diogo de Taíde, D. Jeronymo de Castello-branco, Gil de Goes, Gomes Furtado, e outros muitos Fidalgos, e Cavalleiros em fustas. O Viso-Rey hia embarcado na galé Reliquias, e com elle Bernaldim de Sousa, que já estava solto pera se livrar, e lhe tinha recebido sua contrariedade, e D. Alvaro de Noronha, filho do

Vi-

Viso-Rey D. Garcia, que tinha já chegado de Ormuz de ser Capitão, e outros muitos Fidalgos velhos, e dada á véla, foram seguindo sua derrota.

CAPITULO XV.

De algumas cousas que acontecêram ao Viso-Rey D. Affonso de Noronha até chegar a Cochim: e dos conselhos que tomou sobre dar no Chembe: e de como se assentou darem nas Ilhas alagadas, e de como as destruíram.

CHegando o Viso-Rey a Cananor, chegou a elle huma fusta que vinha de Cochim, que trazia as vias da náo, de que era Capitão Ruy Pereira da Camara, que havia poucos dias que era chegado áquella Cidade. O Viso-Rey as abrio, e achou nellas hum Alvará, em que lhe mandava « que se » não servisse em cousa alguma de D. Dio» go de Almeida, filho do Contador mór, » porque o tinha riscado de seus livros, » pelas razões que atrás dissemos no Cap. XVI. do Liv. IX. O Viso-Rey sentio aquillo muito por ser amigo daquelle Fidalgo, e porque tinha elle partes pera puxarem por elle todos os Viso-Reys, e Governadores. E porque não podia remediar aquelle negocio, por lhe não deixar ElRey lugar algum aber-

to pera isso, tratou logo de o mandar tirar da fortaleza de Dio em que estava, porque soubesse ElRey pelas náos o como cumpria seus mandados; e pera isso commetteo alguns Fidalgos pera irem tomar posse daquella fortaleza, pera se D. Diogo vir pera elle; mas nenhum a quiz acceitar, assim por não irem desapossar D. Diogo de Almeida, como por não se embaraçarem por dous, ou tres mezes naquelle negocio; porque tinha aquelle anno vindo do Reyno aquella Capitanía a D. Diogo de Noronha o Corcôs, que como chegasse de Ormuz, forçado havia de ir entrar nella. Só D. Jorge de Menezes Baroche a acceitou, o que lhe todos estranháram, porque diziam, » que aquella diligencia havia o Viso-Rey de mandar fazer por hum Desembargador; que » aquillo era mais profissão de hum Bacharel, que de hum Fidalgo tão honrado, » e sobre isso lhe fizeram muitas trovas; mas elle por sima de tudo se partio logo em huma fusta muito ligeira, e foi seu caminho em que o deixaremos.

D. Diogo de Noronha o Corcôs chegou a Goa com toda a sua Armada, poucos dias depois do Viso-Rey ser partido; e tomando mantimentos, e agua, deo logo á véla após elle, e o foi tomar na barra de Cochim, porque foi o Viso-Rey fazendo deten-

tença em Cananor, e Chalé. O Viſo-Rey o recebeo bem, e a todos os ſeus Capitães, principalmente a Gonçalo Pereira Marramaque, pela grande vitoria que houve das galés. O Viſo-Rey deixando fóra todos os galeões, e caravelas, entrou pela barra dentro nas galés, e em todos os navios de remo; e paſſando pela Cidade, que o ſalvou ſoberbiſſimamente, foi aquella noite ſurgir no caſtello de ſima, aonde foi viſitado dos Vereadores, e principaes da Cidade.

Alli teve hum conſelho geral, em que ſe aſſentou, que deſembarcaſſe no Chembe, e deſtruiſſe aquelle Reyno. Com eſta reſolução foi ſurgir com toda a Armada defronte do Chembe. Alli teve outro conſelho, em que os principaes de Cochim tornáram a revogar o paſſado, dizendo, » que não era » bem que déſſem no Chembe, porque ti» nham eſpias, que eſtava aquelle Rey mui» to fortificado, e com grande poder, e que » ſe arriſcaria a muito, mas que déſſem no » Pagode de Baiqueta, que he na meſma » Ilha, e que o deſtruiſſem, e aſſolaſſem; » porque era a mór affronta, e damno que » ſe podia fazer áquelle Rey. »

Com eſte parecer foi o Viſo-Rey ſurgir com toda a Armada defronte deſte Pagode; e ordenando a deſembarcação em terra, ſe deteve niſſo por eſpaço de tres dias. No cabo

bo delles tornou a haver outro conſelho, em que ſe aſſentou, « que foſſem dar nas » Ilhas alagadas, que eram daquelle Rey, » por ſer o mais importante rendimento de » ſeu Reyno, e de que ElRey ſe ſuſtentava, » por ſerem de palmares fertiliſſimos, que » era toda ſua ſubſtancia. » Com eſta ultima reſolução ſe levou o Viſo-Rey, e foi ſurgir no mar largo defronte de Tecancute, e alli ordenou a deſembarcação no modo que havia de ſer, que foi por eſta maneira.

Que o Viſo-Rey com os Capitães, e gente de ſua Armada deſembarcaſſem pela banda do Sul; João da Fonſeca, Capitão de Cochim, com todos os caſados, e gente de ElRey de Cochim pela banda do Norte; pera o que ſe ordenáram muitos tones, e embarcações pequenas pera entrarem por aquelles eſteiros.

Aſſentado iſto, mandou o Viſo-Rey a Franciſco Barreto, e a Bernaldim de Souſa que foſſem cada hum em ſeu navio ligeiro ver, e notar a parte por onde elle havia de deſembarcar, pera verem ſe tinha algum impedimento. Eſtes Fidalgos ſe embarcáram em os navios, e foram ambos juntos demandar o rio; e antes de chegarem a elle algum eſpaço, acháram o Siqueira Malavar, que era o homem que melhor ſabia todas aquellas entradas que todos; e ſabendo ao que

hiam,

hiam, chegou-se a Bernaldim de Sousa, e lhe disse, « que não hiam bem, porque se » entrasse o rio, que nenhum delles havia » de tornar, porque estava atravessado de es» tacadas grossas, e que era tão estreito, que » não podiam voltar nelle; e que os inimi» gos de sima das barranceiras os haviam de » matar hum, e hum ás fréchadas, e espin» gardadas. » Bernaldim de Sousa lhe respondeo « que fosse elle dizer aquillo ao Viso» Rey, porque elles não haviam de deixar » de ir seu caminho. » O Siqueira voltou pera a galé, e disse ao Viso-Rey « que pera » que arriscava aquelles Fidalgos? que os » mandasse recolher, porque hiam perdidos; » que quem havia de entrar o rio, havia de » passar ávante, porque não podia tornar a » voltar; que devia de entrar com todo o » poder, e ir desembarcar na Cidade, e » que perigasse quem perigasse, porque for» çado na entrada havia de haver damno. » O Viso-Rey mandou logo capear as fustas pera que se tornassem. Bernaldim de Sousa, depois que se apartou delle, chegou-se a Francisco Barreto, e lhe perguntou se hia confessado? e com isso lhe contou tudo o que passára com o Siqueira. Ouvindo Francisco Barreto aquillo, lhe perguntou o que fariam? Já não ha que tomar conselho, lhe respondeo Bernaldim de Sousa, senão pas-

ſar ávante, e encommendar a Deos; e foi remando. Em quanto eſtiveram neſtas práticas, vio hum pagem de Bernaldim de Souſa capear, e lho diſſe, e Bernaldim de Souſa pelejou com elle, e lhe diſſe que ſe calaſſe. E paſſando ávante, lhe atiráram huma bombardada, e apôs ella deſpedio o Viſo-Rey a ſua manchua apôs elles. A' bombardada diſſe Franciſco Barreto a Bernaldim de Souſa, que aquillo era chamallos; Bernaldim de Souſa lhe reſpondeo, que bem podia ſer que foſſe outra couſa; e foi remando, até que a manchua chegou a elles, e lhes diſſe que o Viſo-Rey os chamava. Com iſto voltáram ambos de melhor vontade do que hiam; o que não fizeram ao primeiro ſinal por pura deſconfiança.

Recolhidos á galé, mandou o Viſo-Rey negociar as fuſtas todas, e fazer arrombadas pera o outro dia deſembarcar. E tanto que rompeo a manhã, abalou o Viſo-Rey com todos os navios ligeiros, e ſeu filho D. Fernando de Menezes, e Franciſco Barreto na dianteira, e diante delles o Siqueira, e os mais Capitães Malavares; e chegando ás eſtacadas, as arrancáram com muito trabalho, e riſco, porque os inimigos de ſima dos vallos deſcarregáram ſobre elles nuvens de fréchas, com que feríram muitos dos noſſos. Tirado eſte impedimento,

en-

entráram os navios todos a fio até chegarem ás Ilhas, em que haviam de desembarcar, onde saltáram D. Fernando de Menezes, e Francisco Barreto com suas bandeiras, o que fizeram a poder de bombardadas, e espingardadas.

Franqueada a desembarcação, chegou o Viso-Rey a terra, e desembarcou com todo o poder, e começou a assolar, e destruir, e pôr a ferro, e a fogo todas aquellas Ilhas daquella parte, matando, e cativando muita gente; e depois de não haver cousa alguma em pé, se tornou a embarcar, e se foi pera a Armada. João da Fonseca, Capitão de Cochim, com a gente de sua companhia desembarcáram pela parte do Norte, e entráram naquelles esteiros, que estavam tambem entupidos com estacadas; e depois de as desfazerem, e arrancarem, saltáram em terra, e mettêram tudo a ferro, e a fogo, matando, e cativando muita gente. Depois que João da Fonseca fez a mór destruição que podia ser, mandou seu filho Antonio de Siqueira com recado ao Viso-Rey do que era passado, que elle estimou muito a vitoria que tinha havido, por não perder naquella jornada mais que hum homem; e logo o despedio, mandando dizer a João da Fonseca, que se recolhesse pera elle, como fez.

O Viso-Rey vendo que tinha bem castigado aquelle Rey, e que era necessario acudir á carga das náos, se partio pera Cochim, deixando por aquelles rios Gomes da Silva com doze, ou quinze embarcações ligeiras pera ir continuando na guerra. Neste estado os deixaremos hum pouco, porque he necessario continuarmos com o que neste tempo succedeo em Cambaya.

CAPITULO XVI.

Das revoltas que houve no Reyno de Cambaya por morte de Soltão Mahamude: e como D. Diogo de Almeida deo na Cidade de Dio, e a destruio.

SOltão Mahamude, Rey de Cambaya, era tão máo, e tão cruel, que aborrecia a todos os vassallos. E de muitas brutalidades, que delle se contam, só duas diremos pera prova bastante de sua maldade. Huma dellas he: tinha este barbaro trezentas mulheres de suas portas adentro, de que usava; destas, toda a que emprenhava delle, (porque de outrem não podia ser pelo grande resguardo com que as tinha,) tanto que era de tempo, lhe mandava abrir a barriga, e tirar-lhe o filho, ainda palpitando, recreando-se naquella deshumanidade. A outra he: costumava elle ir muitas vezes

a huns Paços de prazer que tinha fóra da Cidade, em que eſtava o mais rico, e curioſo jardim de quantos lemos de todos os Imperadores do Mundo; porque deixando aguas, fontes, eſguichos, tanques, boninas, e hervas freſquiſſimas, e ſuaves: todas as arvores de todas as ſortes das do Oriente que alli tinha, que eram muitas, todos os ſeus troncos, dos pés do chão até á rama eram forrados de veludos de cores, de borcados riquiſſimos, e de outras ſedas muito curioſas, que todos os verões as renovavam, porque nos invernos apodreciam a mór parte. Havia neſte jardim todas as aves bravas, e domeſticas, que ſe podiam imaginar, e todas as alimarias, porcos, veados, gazellas, e todas as mais que elle coſtumava amontear. Andando eſte barbaro hum dia neſte jardim á caça com ſuas mulheres, correndo apôs hum veado, cahio do cavallo, e ficou dependurado por hum pé, levando-o o cavallo a raſto hum eſpaço. Huma daquellas mulheres, que ficou mais perto delle, teve tal acordo, que arrancou de hum alfange, e cortando o loro do eſtribo, ficou ElRey no chão eſtirado hum pouco, e maltratado, e o cavallo paſſou por diante. Levantando-ſe ElRey, em lugar de pagar á pobre mulher a vida que lhe deo, (porque ſem dúvida o cavallo o eſpedaçára, ſe ella o não li-

livrára,) chegando-se a ella, a matou, dizendo, que mulher de tamanho animo, e determinação tambem o poderia hum dia matar.

Deste barbaro cruel se affirmava, que de moço se começou a crear com peçonha; e assim como veio a ser Rey, logo começou a usar de espantosas cruezas, e a temer-se de tudo, e de todos, não se fiando de cousa alguma, (que este he o mór trabalho que todos os tyrannos tem, e a mór vingança que se lhes póde desejar; como se lê de Dionysio de Sicilia, que fallava ás partes de sima de hum eirado, e que nunca fazia a barba, por não entregar a garganta nas mãos de algum barbeiro; e affirmão os Escritores, que elle mesmo a fazia com tições de fogo.) Assim este tyranno Soltão Mahamude não se fiava de pessoa alguma, mais que de hum pagem que lhe tinha a chave da sua agua, que elle creou de menino sempre dentro na sua camara, donde lhe nunca sahia, que se chamava Borandim. Este ou que fosse induzido de alguns, ou que o demonio lhe mettesse em cabeça que podia ser Rey, estando o Mahamude dormindo huma noite, o matou ás punhaladas, e metteo em segredo no Paço alguns Capitães de sua valía. Morto ElRey, mandou Borandim logo recado a todos os Capitães principaes, que

que na Corte havia, a chamallos da parte de ElRey; e assim como chegavam, os recolhia pera dentro, e lá os matava, e isto fez a dezesete. Só dous, chamados Mostafá Carman, e Bearcan Abexim, deixou vivos recolhidos em huma camara, porque eram grandes seus amigos, e tratou de os grangear, pera que elles consentissem em sua tyrannia, e o sustentassem nella.

Antre os Capitães que chamáram, foi hum Aimiticão, Gentio de nação, que se tinha feito Mouro. Este como era muito prudente, e prevenido, dando-lhe o recado da parte de ElRey a deshoras, cousa não costumada, parecendo-lhe mal aquelle negocio, se sahio logo fóra da Cidade, e foi-se metter em huma Mesquita. Borandim tanto que amanheceo tomou as insignias reaes, e se poz na cadeira, e mandou chamar Mostafá Carman, e Bearcan, e lhes fez grandes promessas, pera que lhe fizessem a veneração como a seu Rey, o que fez Bearcan Abexim; mas Mostafá Carman dissimulando com o negocio, sahindo-se pera fóra, se poz em hum cavallo muito ligeiro, e se partio pela posta pera Baroche a dar rebate a Madre Maluco, genro de Coge Çofar, que era hum dos Regedores do Reyno.

A morte de ElRey divulgou-se logo pela Cidade, e acudíram todos ao Paço a saberem

rem o que aquillo era. Antre todos estes foi Xavascan, Guzarate de nação, Capitão muito animoso, e de grande posse; e entrando na casa em que Borandim estava, que o vio com as insignias de Rey, ficou embaraçado. Borandim lhe disse, » que lhe fizesse a ve» neração como a seu Rey, que elle lhe fa» ria muitas honras, e mercês. » O Xavascan, que era homem muito determinado, entendendo que o Rey era morto, embebeo hum arco, e deo com huma setta pelos peitos a Borandim, dizendo, » que elle não » fazia veneração a hum escravo de ElRey » Borandim cahio logo morto; e indo-se o Xavascan recolhendo, as mulheres de ElRey que estavam nas janellas, que cahiam sobre a casa em que isto passou, vendo cahir o Borandim, embebeo huma dellas hum arco, e atrevessou o Xavascan por huma espadoa com huma setta, dando com elle logo morto no chão.

Os criados da casa de ElRey acudíram ao Paço, e achando-o morto, o enterráram com pompa real em huma mesquita muito rica, e formosa, que pera isso tinha feita; e o mesmo fizeram os criados dos Capitães, que Borandim tinha mortos, e ao mesmo Borandim, ficando assim a cousa aquelle dia, e o outro, sem saberem determinar o que haviam de fazer.

Mos-

Moſtafá Carman, que partio pela poſta pera Baroche, deo-ſe tanta preſſa, que chegou aquella noite; e dando as novas a Madre Maluco do que paſſava, logo ao outro dia ajuntando dez, ou doze mil homens, partíram pela poſta pera a Corte; e o meſmo fez Itimitican, que ſe tinha acolhido pera huma Villa ſua pera dalli ſe pôr em cobro. E aſſim acudio outro Capitão, chamado Cide Mombareque, que tambem era de grande poſſe; e cada hum deſtes tinha dez, ou doze mil homens de ſua obrigação.

Eſtes todos chegáram á Corte juntamente; e entrando nos Paços, ſouberam tudo o que era paſſado; e vendo-ſe ſem Rey, compuzeram-ſe entre ſi de feição, que repartíram todos os theſouros reaes irmãmente, ficando todos tres de poſſe dos Paços, e o Madre Maluco levantou hum arco com hum coldre de fréchas, ſobre hum alto do throno Real, e lhe fizeram todos a veneração como a Rey, até ſe mandar trazer hum moço, que Madre Maluco dizia que era filho do Rey morto, e que ſe creára em huma aldeia com muito ſegredo; porque a mãi tanto que ſe ſentio prenhe, temendo-ſe que ElRey a mataſſe, como fazia a todas, ſoube-ſe encubrir de maneira, que nunca ſe ſentio ſeu parto, nem emprenhidão; e parin-

do o menino, teve modo com que o deo á quem o levou eſcondidamente ſem ſe ſaber, e ſó Madre Maluco dizia que ſabia delle; mas outros affirmavam que tal não era, e que o fingia o Madre Maluco filho de ElRey, pera com aquella capa ficar tyrannizando o Reyno.

Em fim como quer que foſſe, elle mandou trazer o moço, que ſe chamava Hamedoxá, que ſería de ſete, ou oito annos, que foi havido por filho de ElRey; e aſſentado na ſua cadeira, e alli venerado por tal de todos os Capitães, ficando em poder de Madre Maluco, como Regedor, e peſſoa principal pera o crear como ſeu Ayo; não tendo o moço eleição de querer em nenhuma couſa, porque tudo governava, e mandava o Ayo abſolutamente, ſem lhe ninguem ir á mão pela muita poſſe que tinha.

Divulgadas eſtas novas por todas as Provincias do Reyno, logo os Governadores dellas lançáram mão de tudo o que tinham, entendendo que o Madre Maluco tratava de tyrannizar o Reyno. Os Capitães que ſe levantáram, são os ſeguintes.

Cide Mombareque com as Cidades de Cambayete, Mamadabá, Deolcá, e outras.

Alucan com a Cidade de Damão, e com todas as ſuas Tanadarias, deſde Bolcar até o rio de Agaçaim. Abixcan Abexim com as

terras de Dio, des da ſerra de Uná até a de Junager, e fez ſua reſidencia na Villa de Novanager, duas leguas de Dio, de cuja Cidade tambem lançou mão, e mandou metter nella hum Capitão Abexim, chamado Cide Elal, e mandou Embaixadores a D. Diogo de Almeida, Capitão daquella fortaleza, a lhe pedir pazes com as condições, que eſtavam feitas; e que ficaſſe a Alfandega correndo ametade pera ElRey de Portugal, e a outra pera o Cide Elal, e que teriam ambos ſeus Officiaes nella, como eſtava aſſentado pelo contrato das pazes, que fez D. Garcia de Noronha, e depois Dom Eſtevão da Gama.

Tartacan ſe alevantou com a ſerra de Junager, que era couſa inexpugnaviliſſima, e com toda a ſua Comarca, que ſe eſtendia até o Pagode de Jaquete, e mais de vinte leguas pelo certão dentro. Paſſado Cide Elal á Cidade de Dio, pôz logo Officiaes na Alfandega, e renovou a fortaleza velha, que eſtava ſobre hum tezo fóra da Cidade, que foi a antiga de Melique As, e ſe metteo nella com trezentos homens de guarnição. E como todos os Mouros são por natureza ſoberbos, e entendêram no ſeu Capitão inclinação contra os noſſos, tanto que ſe encontravam na ſua Cidade, aonde os noſſos ſoldados Portuguezes hiam comprar as couſas

que haviam mister, faziam-lhes affrontas, vexações, e desprezos grandes, que elles soffriam, porque lho tinha assim encommendado o Capitão. Em fim chegou a cousa a tanto, que mandou D. Diogo de Almeida recado ao Cide Elal » pera que provesse na» quillo, e castigasse os seus soldados, por» que não viessem a rompimento com os Por» tuguezes; porque se lhes tinham soffrido » muitas cousas, era por lho elle assim ter » mandado, porque desejava de conservar » com elle a amizade, e vizinhança; e que » senão provesse naquillo, que o faria elle » com dar licença aos seus pera se satisfa» zerem de quem os aggravasse. » O Abexim respondeo-lhe bem, e com grandes cumprimentos; mas todavia os seus não se emendáram, nem deixáram de usar sua soberba. Encontrando os nossos, como os achavam na sua Cidade, de má feição, trocendo-lhes os bigodes, e outras roncas semelhantes.

D. Diogo de Almeida, a quem os soldados fizeram queixume, vendo que todo o mais soffrimento ficava em descredito, determinou de castigar os Mouros; e ajuntando os Portuguezes que havia na fortaleza, que seriam perto de quinhentos, deixando o Alcaide mór em guarda da fortaleza com alguns, deo huma madrugada na Cidade, e commettendo as casas dos Mouros, que

eram

eram conhecidas, (porque nos naturaes não quizeram tocar,) e entrando-as, matáram todos os que acháram ſem perdoarem a algum, aſſolando-lhes, e deſtruindo-lhes as caſas, e roubando-lhes as fazendas, fazendo-lhes tamanhas deshumanidades, que foi eſpanto. E como vio que eſtava ſatisfeito, ſe recolheo a ſeu ſalvo, ſem o Capitão Abexim lhe ſahir, nem ouſar a bullir comſigo; antes mandou recado a D. Diogo de Almeida, pedindo-lhe perdão do paſſado, e que tornaſſem a correr em amizades. E deſta maneira ficáram os Mouros tão domeſticos, que aonde viam hum Portuguez ſe deſviavam. Poucos dias depois diſto paſſado, chegou a Dio D. Jorge Baroche com as Proviſões do Viſo-Rey, pera lhe D. Diogo de Almeida entregar a fortaleza, o que elle logo fez, e ſe embarcou no meſmo navio em que Dom Jorge foi, e com os Noroeſtes rijos veio em oito dias a Cochim, e tomou ainda o Viſo-Rey ſobre o Chembe.

CA-

CAPITULO XVII.

Das pazes que o Viſo-Rey D. Affonſo de Noronha fez com o Rey de Chembe: e das náos que partíram pera o Reyno: e de como ſe perdeo a náo S. Bento na coſta da Cafraria.

REcolhido o Viſo-Rey em Cochim, começou a dar preſſa ás náos do Reyno; e como não eram mais que duas, baſtou pera a carga dellas huma pouca de pimenta que havia feita, e outra que veio de Coulão, e com as mais drogas as acabou de encher, e carregar. Gomes da Silva, que o Viſo-Rey deixou entre aquellas Ilhas, andou por ellas fazendo tanta guerra, cortando, e deſtruindo ſeus palmares, e fazendas, e cativando-lhe tanta gente, que poz aquelle Rey em neceſſidade de mandar pedir pazes ao Viſo-Rey; e pera iſto lhe deſpedio ſeus Embaixadores, que o Viſo-Rey ouvio, e começáram a tratar de pazes, que ſe aſſentáram na fórma ſeguinte.

» Que aquelle Rey deixaria correr por » ſeus rios pimenta pera as náos, e torna- » riam a ficar fixas as perfilhações que tinha » feito com ElRey de Cochim. E que o Vi- » ſo-Rey lhe largaria as Ilhas alagadas, que » tinha tomadas. E lhe ſoltaria todos os Ca- » pitães que na guerra foram prezos. »

Aſ-

Aſſentado iſto, mandou o Viſo-Rey recolher Gomes da Silva, e largou logo a gente que eſtava cativa, e deixou ordem a João da Fonſeca, Capitão daquella Cidade, pera ir metter aquelle Rey de poſſe das Ilhas que lhe tinha tomado, o que elle depois no inverno mandou fazer por ſeu filho Antonio de Siqueira. O Viſo-Rey, porque era já cabo do verão, ſe recolheo pera Goa, ficando aquelle Rey da pimenta correndo com as pazes com as cautelas, e invenções, com que o coſtumam fazer todos aquelles Reys Gentios.

As náos do Reyno partíram até quinze de Janeiro deſte anno de ſincoenta e quatro, e na náo Capitania com Fernão de Álvares Cabral ſe embarcou D. Alvaro de Noronha, filho do Viſo-Rey D. Garcia de Noronha, que tinha acabado de ſervir a Capitanía de Ormuz. Eſta náo ſe foi perder na coſta da Cafraria, antes da aguada de S. Braz, ſalvando-ſe a gente della em algumas jangadas, que foram ter a terra; mas a em que hia Fernão de Alvares Cabral, e D. Alvaro de Noronha ſe virou, e elle com toda a gente de ſua obrigação ſe affogáram. A mais gente que chegou a terra ſe fez em hum eſquadrão, e foram caminhando por ella, e alguns chegáram depois a Moçambique. Contamos eſta viagem aſſim em ſo-

ma,

ma, porque não ſoubemos as particularidades della.

CAPITULO XVIII.

Das couſas, em que o Viſo-Rey D. Affonſo de Noronha proveo: e de como mandou ſeu filho D. Fernando de Menezes com huma Armada ao Eſtreito: e da ſentença que ſe deo contra D. Alvaro de Taíde, Capitão de Malaca: e dos Capitães que foram entrar em ſuas fortalezas: e do que aconteceo na jornada a D. Franciſco de Menezes até chegar a Ormuz.

CHegado o Viſo-Rey D. Affonſo de Noronha a Goa, a primeira couſa em que entendeo, foi em ordenar huma Armada pera ſeu filho D. Fernando ir ao Eſtreito de Meca, e de lá ir invernar a Ormuz pera eſperar as galés ſe ſahiſſem de Baçorá em Agoſto, e mandou pagar mil e duzentos homens pera eſta jornada; e tanta preſſa lhe deo, que no fim de Fevereiro a teve toda preſtes pera dar á véla. Bernaldim de Souſa, que eſtava deſpachado pera ir entrar na Capitanía de Ormuz, andava pejado de Dom Fernando ir invernar áquella fortaleza, porque por filho do Viſo-Rey havia de querer levar poderes ſobre tudo; e como era muito ſeu amigo, tratou de ſe deſviar de deſgoſ-

goſtos. E vendo-ſe com elle, lhe diſſe » que
» ſe elle hia a Ormuz com poderes ſobre tu-
» do, que lho diſſeſſe, que ſe deixaria fi-
» car, pera ir entrar naquella fortaleza em
» Outubro, porque era ſeu ſervidor, e não
» queria que houveſſe antre elles algum deſ-
» goſto ſobre jurdição. » D. Fernando lhe
reſpondeo: » que elle não levava poderes al-
» guns na fortaleza, aonde elle era Capitão,
» mais que os que lhe elle lá déſſe. » Bernal-
dim de Souſa ficou com iſſo deſalivado.

Poſta a Armada na barra, foi o Viſo-Rey fazella á véla, deitando grandes bençãos a ſeu filho, e a todos. Era eſta Armada de ſeis galeões, ſeis caravelas, e vinte e ſinco, ou ſeis fuſtas mui bem negociadas. Dos galeões eram Capitães D. Fernando de Menezes, filho do Viſo-Rey do galeão S. Mattheus; Gomes da Silva, Fidalgo Gallego, do de Santa Cruz; Gonçalo Falcão do de S. Sebaſtião; D. Alvaro Gonçalves de Taíde do de Sant-Iago; D. Alvaro da Silveira do de S. Lourenço; Balthazar Gomes, Feitor da Armada, do galeão S. Thomé, em que levava muitas munições, mantimentos, e outras couſas pera a Armada. Das caravelas eram Capitães Nuno Alvares de Caſtro, Antonio de Valadares, D. Manoel Maſcarenhas, Jorge de Moura, D. Jeronymo de Caſtello-branco, e D. Fernando de Mon-

royo,

royo, Fidalgo Caſtelhano. Os Capitães das fuſtas eram D. Duarte de Vaſconcellos, Jorge Pereira Coutinho, Franciſco de Souſa, Damião de Souſa, Ruy de Caſtro, Antonio Lopes de Carvalho, João de Mello da Cunha, João Pereira, Diogo de Mendoça de Vaſconcellos, João Mendes do Rio, João Teixeira Pinto, Simão da Coſta, Simão de Souſa, Alvaro de Caſtro, Antonio de Almeida, Inofre do Soveral, Gonçalo Guedes, Baſtião de Macedo, Antonio de Eſpindola, Manoel de Siqueira, João Vieira, Belchior Pires, Pedralvares de Cananor, Eytor Nunes, Coſmo Alvares, Franciſco Sanches, Gaſpar da Barca, e outros. Dada á véla, foram ſeguindo ſua jornada, a que logo tornaremos.

Partida a Armada, entrou logo o Viſo-Rey no deſpacho das couſas que haviam de ir pera fóra, e mandou dar preſſa aos feitos que corriam contra Bernaldim de Souſa, pelas culpas que lhe ElRey mandou do Reyno; e contra D. Alvaro de Taíde da Gama, Capitão de Malaca; e depois de correrem ſeus termos, foram concluſos á Relação, e os Deſembargadores pronunciáram, » que Bernaldim de Souſa não tinha culpas » nas couſas que lhe puzeram, por quanto » fora por mandado do Governador D. João » de Caſtro a metter ElRey Aeiro de poſ-

» ſe

» ſe do Reyno de Maluco, por huma ſenten-
» ça que elle diſſo houvera na meſma Rela-
» ção de Goa, (de que no principio deſta De-
» cada, no Cap. IV. do Liv. I. fizemos menção,)
» e que foſſe entrar na ſua fortaleza, e que
» ſe lhe tornaſſe toda a fazenda que lhe eſ-
» tava ſocreſtada. » E no feito de D. Alva-
ro de Taíde da Gama, por lhe acharem cul-
pas graves, pronunciáram, » que foſſe pre-
» zo pera o Reyno, com os autos de ſuas
» culpas; e que foſſe hum Deſembargador
» deſapoſſallo; e que D. Antonio de Noro-
» nha, filho do Viſo-Rey D. Garcia de No-
» ronha, foſſe entrar na fortaleza de Mala-
» ca, de que era provído. »

Dadas eſtas ſentenças, ordenou logo o Viſo-Rey que foſſe o Licenciado Antonio Rodrigues de Gamboa a Malaca dar á execução a ſentença contra D. Alvaro de Taíde da Gama, e a metter D. Antonio de poſſe daquella fortaleza; e no meſmo tempo deſpachou Jorge de Mendoça pera ir entrar na Capitanía de Chaul, e D. Diogo de Noronha na de Dio, e Henrique de Macedo na de Cananor, e D. Duarte Deça na de Maluco, por terem vindo novas da morte de Franciſco Lopes de Souſa. E porque todos eſtes Capitães haviam de dar as menagens de ſuas fortalezas, ordenou o Viſo-Rey, que o fizeſſem todos juntos em hum dia;

dia; e pera aquelle auto (que quiz que fosse feito com grande solemnidade) mandou armar a salla grande com estrado, e docel, e mandou recado a todos os Officiaes da Fazenda, e Justiça, e a todos os Fidalgos, e Capitães pera se acharem aquelle dia presentes, os mais galantes, e bem tratados que pudessem, como fizeram, indo todos os que haviam de dar as menagens, de plumas, e medalhas, só Bernaldim de Sousa não mudou o trajo ordinario, de que se tomou o Viso-Rey muito, havendo que o fizera em desprezo daquelle auto; e os Fidalgos amigos de Bernaldim de Sousa galanteáram com elle sobre isso, e hum delles lhe disse: » que » havia elle de dar alguma hora sinco dapar » dos páos; » ao que lhe elle respondeo: » Esses Senhores Capitães, que vem dar a menagem, he-lhes necessario virem a este auto com seixinhos na boca, que eu já sou » noivo velho. » Em fim o Viso-Rey fez aquelle auto com grande ceremonia, e tomou as menagens a todos, e os despedio, e logo se começáram a embarcar pera suas fortalezas.

E porque as cousas de Dio estavam arruinadas pelas alterações que atrás contámos no Cap. XVI. deste Liv. X., ordenou o Viso-Rey trezentos homens com seus Capitães pera lhes irem dar mezas, que são os seguin-

guintes. D. João de Almeida, filho do Contador mór; João Lopes Leitão, pagem da lança do Principe D. João; Triſtão Vaz da Veiga; Filippe Carneiro, ſobrinho de Pero de Alcaçova; Fernão de Caſtanhoſo, a fóra outros Fidalgos, que foram invernar áquella fortaleza por amor de D. Diogo de Noronha, e pela guerra que ſe eſperava. O Viſo-Rey encommendou a D. Diogo de Noronha, que trabalhaſſe por tomar a fortaleza aos Mouros, e lançallos fóra da Ilha.

Pera Ormuz pagou o Viſo-Rey quinhentos homens, que repartio por quatro, ou ſinco navios de mercadores de alto bordo, que haviam de ir em companhia de Bernaldim de Souſa, a quem o Viſo-Rey deo hum formoſo galeão, de que era Capitão Ruy de Caſtro, em que hiam embarcados trezentos homens, e lhe deo mais dous navios de remo, com regimento, que como chegaſſe a Ormuz, entregaſſe a gente a D. Fernando de Menezes, e o galeão a D. Antão de Noronha pera ſe vir nelle pera a India. Eſtes Capitães partíram por todo o mez de Março, e logo ſe cerrou o inverno de Goa em que não ha que fazer, e por iſſo continuaremos com D. Fernando de Menezes.

Partida eſta Armada de Goa, foi ſeguindo ſua derrota até monte de Felix, aonde ſe deixou andar eſperando pelas náos do Achém,

e

e Cambaya, ſobre que teve grandes vigias, e mandou algumas fuſtas ligeiras, que foſſem ás portas do Eſtreito a tomar falla das galés. Eſtes navios tomáram algumas gelvas de mercadores, de quem ſouberam que no porto de Meca não havia mais que as tres, ou quatro galeotas, de que era Capitão Cafar, que foi com quem Luiz Figueira pelejou; e recolhendo-ſe com eſte recado, o deram ao Capitão mór. Era já iſto entrada de Abril, tempo, em que lhe era neceſſario recolherem-ſe a Ormuz, o que fizeram ſem acharem couſa alguma.

Dada á véla, foram correndo a coſta de Arabia; e chegando á fortaleza de Dofar, ſurgio com toda a Armada, porque levava D. Fernando por regimento de ſeu pai, que lançaſſe della os Fartaquins, que ſe tornáram a metter dentro. Ao outro dia ſe paſſou toda a gente da Armada aos navios de remo, e bateis dos galeões, e caravelas, e commettêram a terra, onde os noſſos deſembarcáram com trabalho por cauſa da quebrança dos mares, que alli são muito ſoberbos. Os Fartaquins ſahíram da fortaleza perto de trezentos em cavallos Arabios, e camellos, que pera iſſo trazem enſinados, e ſe começáram a baralhar com os primeiros que ſahíram em terra, mettendo-ſe antre elles como brutos, ſem temor da morte, deri-

ribando, e ferindo daquelle primeiro encontro dez, ou doze dos nossos, em que entraya João Velho, Capitão de hum navio, Lopo Gonçalves Maracote, e Thomé Figueira, Cavalleiros muito honrados. Os nossos que hiam desembarcando devagar por causa dos mares, vendo os que estavam em terra travados com os inimigos, com aquelle furor se lançáram ao mar pera se acharem com os companheiros naquella envolta. A nossa espingardaria fez grande estrago nos inimigos, e dos primeiros tiros lhes derribáram muitos, huns mortos, e outros feridos, que logo foram recolhidos. Os Fartaquins vendo-se apertados da arcabuzaria, se recolhêram pera a fortaleza, e tratáram de se defenderem nella. D. Fernando de Menezes desembarcou em terra com toda a gente, e chamando a si os Capitães, tomou com elles conselho sobre o que faria, e assentáram, que se não commettesse a fortaleza, já que se não podia desembarcar a artilheria pera se bater. Com esta resolução se foram embarcar adiante daquelle posto hum tiro de espera, onde fazia mais remanço pera as embarcações chegarem.

Recolhidos nellas, deram á véla, e foram correndo a costa de Arabia, Curia, Muria, Matraca, Amicieira, e os Palheiros, até dobrarem o cabo de Rosalgate. Dalli foram

ram a Mascate, onde a Armada grossa entrou, e D. Fernando a entregou a Manoel de Vasconcellos, (de que fallámos muitas vezes no cerco de Dio, na quinta Decada no Liv. IV. Cap. I. e VI.,) que foi sogro de Diogo de Mesquita, e de Pantaleão de Sá, que era hum Fidalgo velho de muito bom entendimento, que o Viso-Rey mandou embarcado com seu filho pera o aconselhar em tudo; porque havia de ficar alli com ella invernando, e D. Fernando era-lhe necessario passar a Ormuz. E sabendo que Bernaldim de Sousa não era ainda passado ávante, despedio sinco navios de remo a esperallo ao Cabo de Rosalgate, e pera recolherem os navios de mercadores.

Chegados estes navios ao Cabo, veio logo ter com elles Bernaldim de Sousa; e porque o vento era ponteiro, mudou-se aos navios de remo, e foi ter a Mascate, onde achou D. Fernando, que o recebeo bem: dahi a poucos dias chegáram as náos da companhia de Bernaldim de Sousa, e com ellas se partio elle, e D. Fernando pera Ormuz, onde foram muito festejados, e Dom Antão de Noronha entregou a Fortaleza a Bernaldim de Sousa, e tomou posse do seu galeão, que logo mandou pera Mascate a invernar com os outros.

CAPITULO XIX.

De como D. Diogo de Noronha, Capitão de Dio, tomou a fortaleza aos Mouros: e da gente que Abiſcan mandou de ſoccorro: e do recontro, que com ella teve Fernão de Caſtanhoſo, em que foi morto com dezeſete ſoldados: e de como D. Diogo de Noronha acudio, e lançou os Mouros fóra da Ilha.

PArtido D. Diogo de Noronha de Ormuz, chegou a Dio no fim de Abril, e D. Jorge lhe entregou a fortaleza, e ſe embarcou logo pera a outra Coſta. Entregue D. Diogo da fortaleza, tomou informação das couſas da Ilha, e ſoube como o Cide Elal, Abexim, não deixava de uſar de ſua natureza, nem nunca ſería bom vizinho naquella Ilha por ſua ſoberba; porque os ſeus eſquecidos do caſtigo, que lhe deo Dom Diogo de Almeida, como diſſemos no Cap. XVI. deſte Liv. X., não deixavam de aſſoberbar os officiaes Portuguezes, que eſtavam na Alfandega, e de ſe encontrarem com os que hiam á Cidade, fazendo-lhes deſprezos, e affrontas, que elles ſoffriam por lho ter aſſim mandado o Capitão. E querendo uſar do Regimento, que lhe o Viſo-Rey deo ſobre aquelle negocio, determinou de ti-

tirar dalli aquelle vizinho, e desfazer aquella fortaleza; pera o que se fez prestes, e deo recado aos Capitães, que repartíram munições pelos soldados, e mandáram fazer escadas pera commetterem a fortaleza á escala vista. Prestes tudo, sahio o Capitão huma tarde a horas de vesperas da fortaleza, aonde deixou só velhos, e mancos; e mandou que se fechassem as portas, e com seiscentos homens repartidos por suas bandeiras, ao som de muitos tambores, e pifaros atravessou a Cidade, que se lhes despejou toda de medo.

O Cide Elal, tanto que teve rebate de como o Capitão hia, recolheo-se na fortaleza com toda a gente que pode, com determinação de se defender. Os nossos chegáram á fortaleza, e com grandes estrondos, gritas, e determinação accommettêram, arvorando-lhe logo muitas escadas, por onde começáram a subir, e dos primeiros foi Filippe Carneiro, a que deram huma espingardada por huma perna, de que ficou sempre manquejando, e a Alexandre de Sousa huma fréchada na mão, e outros muitos. Vendo D. Diogo de Noronha que pelas escadas se não podia entrar a fortaleza, mandou trazer muita lenha, e palha, para queimar as portas, e em lhes pondo o fogo, mandou gritar aos de sima por Coge Abrahão Judeo, » que se entregassem, e lhes daria as

» vi-

» vidas, e que queria mandar fallar com Abif» can; » de fima lhe refpondêram, que mandaffe embora; e lançaram-lhe huma efcada de cordas pera iffo. D. Diogo de Noronha mandou fubir affima Coge Abrahão, que ainda hoje vive, e lhe deo o feu annel de finete pera credito do que diffeffe.

Pofto Coge Abraham em fima, diffe ao Capitão » que D. Diogo de Noronha lhe » mandava dizer, que lhe entregaffe a for» taleza, e que deixaria fahir della todos os » que lá eftavam, falvas fuas peffoas; e que » pera penhor de fua palavra, mandava a» quelle annel de fuas armas. » O Abexim tomou parecer com os feus fobre o que faria, e affentáram, que acceitaffem os partidos; e em recados, que foram, e vieram fobre ifto, fe gaftou a noite toda, e em amanhecendo abríram as portas, e fe fahíram todos da fortaleza fem levarem mais, que fuas peffoas, deixando dentro até as armas, e fe foram recolhendo livremente pera fe paffarem á outra banda.

D. Diogo de Noronha, depois dos foldados efcalarem a fortaleza, a mandou derribar por muitos trabalhadores, e efcravos, que pera iffo levava, com muitos picões, e alviões.

E eftando nefta obra, lhe deram rebate, que pelo paffo do Callado paffavam da outra banda muitos Mouros, e que era alli

chegado Abiſcan com quatro mil homens pera ſoccorrer a fortaleza, porque logo foi aviſado pela poſta. D. Diogo de Noronha deſpedio logo Fernão de Caſtanhoſo, com cento e vinte homens, que partio tão apreſſadamente, que não eſperou por todos os que haviam de ir com elle; e chegando ao campo, deo com mais de trezentos de cavallo, pelo que lhe foi forçado recolher-ſe. Neſta retirada ſe lhe deſmandáram os ſeus, e elle ſe achou com ſó dezeſete, que ſempre o ſeguíram. E vendo que os inimigos o hiam entrando, ſe recolheo a hum tezo todo de huma lagea, onde os cavallos não podiam chegar: alli ſe fizeram os noſſos fortes, e com ſuas eſpingardas ſe defendêram valoroſamente. Os Mouros vendo-os naquelle poſto, deſcendo-ſe dos cavallos, os rodeáram, e commettêram mui determinadamente. Fernão de Caſtanhoſo com os companheiros pondo as coſtas huns nos outros, pelejáram mui animoſamente, derribando muitos dos inimigos; mas como o número era tão deſigual, foram todos mortos ás fréchadas, porque ſe não atrevêram os Mouros commettellos á eſpada, pelas façanhas, e couſas que com ella lhes viam fazer.

Mortos eſtes esforçados Cavalleiros, os inimigos lhes abríram os peitos, e lhes tiráram aquelles grandes, e mui animoſos co-

rações, que ainda eſtavam palpitando, pera os levarem de preſente a Abiſcan; e de todos os que ſe aqui acolhêram ſó dous eſcapáram, que ſe recolhêram, e eſcondêram em huma vaſa. D. Diogo de Noronha teve rebate de como os da companhia de Fernão de Caſtanhoſo vinham fugindo; e dando-lhe a paixão, tomou o guião de Chriſto apar de ſi, e abalou pera o campo com todo o corpo da gente. Luiz Cabral, que era Feitor de Dio, Cavalleiro mui honrado, e esforçado, vendo ir aſſim D. Diogo cheio de colora, e tendo informação como o campo eſtava já cheio de inimigos, chegou-ſe a elle, e o liou, dizendo, » que lhe requeria da parte d'ElRey, que não paſſaſſe dalli, porque a fortaleza d'ElRey ficava ſó, » e que poderiam os inimigos ir por outra » parte, e tomarem-na; e ainda que não » tentaſſem iſto, ſe lhe aconteceſſe hum deſ» aſtre, tudo ſe perderia. » D. Diogo como a paixão o tinha cego, deſaſindo-ſe delle, lhe diſſe: » Como eu morrer, acabe-ſe tudo.» Eſta palavra ſoou mal a muitos, e pezoulhes de lha ouvirem; e a nós nos affirmáram algumas peſſoas muito graves, que ſe eſcreveo a ElRey, e que iſſo fora cauſa de não ſucceder nas vias, por não querer ElRey entregar a India nas mãos de hum homem tão arriſcado.

D.

D. Diogo de Noronha foi caminhando pera o campo, e despedio Coge Abrahão em hum cavallo muito formoso, pera que fosse ver onde os inimigos estavam, e o que faziam; o Judeo passou adiante, e chegou ao lugar onde Fernão de Castanhoso estava morto com os companheiros; e passando ávante, descubrio os inimigos, que não seriam mais que aquelles, que pelejáram com Fernão de Castanhoso, que estavam parados, esperando por mais gente, que vinha passando. E voltando, chegou a D. Diogo de Noronha, e lhe disse, que adiante tinha os inimigos. E mandando-lhe que o guiasse, o fez; e como era Judeo, e prudente, o foi desviando do lugar em que Fernão de Castanhoso estava, de quem o Capitão não sabia novas; e dissimulando Coge Abrahão, se chegou a elle á orelha, e lhe disse em segredo o que víra; e D. Diogo lhe disse, » que se calasse, porque os seus se não des» baratassem por si. » E chegando á vista dos inimigos, mandou alguns Capitães que os fossem commetter, o que elles fizeram mui determinadamente; os inimigos não ousando aos esperar, se foram recolhendo pera o passo, até onde os nossos os seguíram, e os apertáram de maneira, que os fizeram lançar á agoa, e se passáram da outra banda.

Abiscan vendo os seus desbaratados, man-

dou

dou atirar aos noſſos com algumas bombardas, que trazia acarretadas. Como o campo era todo deſcuberto, receando D. Diogo que lhe mataſſem alguns, ſe foi recolhendo pera a Cidade; e paſſando por onde os mortos eſtavam, os mandou recolher á fortaleza, e dar-lhes honroſas ſepulturas; e não ſe quiz apartar da fortaleza, que ſe eſtava derribando, até ſer toda poſta por terra. E como teve aquella obra acabada, ſe recolheo á Cidade, e mandou fechar as portas, e repartio pelo muro (que a cérca de mar a mar) trezentos homens, e poz pelas guaritas algumas peças pequenas de artilheria pera ſua defensão, porque bem entendeo que Abiſcan havia de commetter a Cidade, como fez ao outro dia; mas foi-lhe tão bem defendida dos noſſos, que o fizeram recolher com muita gente morta.

Paſſado iſto, deſpedio logo D. Diogo de Noronha Coge Abrahão em hum catur ligeiro, e com elle hum Diogo Fernandes, Caſtelhano, e por elle mandou dizer a Madre Maluco, Regedor do Reyno, » que Abiſcan ſe alevantára com aquellas terras; » e que por lhe parecer que ſervia niſſo a » ElRey de Cambaya, o caſtigára como trai» dor, e lhe tomára a fortaleza, e Cidade » de Dio, com toda a Alfandega, mas que » tudo era d'ElRey de Cambaya; e que o » en-

» entregaria a quem elle mandasse. » Este recado estimou muito Madre Maluco, e mandou os agradecimentos a D. Diogo de Noronha, e lhe escreveo » que Abiscan fi» caria na Cidade de Novanager, aonde El» Rey mandava que residisse, e que não en» tendesse mais com os Portuguezes; e que » lhe deixasse arrecadar a metade da Alfan» dega, que lhe ElRey dava, conforme aos » contratos das pazes; » e sobre isto mandou hum largo formão a Abiscan. D. Diogo de Noronha folgou muito com a resposta de Madre Maluco; e o Abiscan mandou logo visitar, e a tratar de pazes por lho mandar assim Madre Maluco: e concertaramse, que corresse a Alfandega como d'antes, e que não fosse mais o recebedor della Cide Elal, porque fora o alvoroçador de todas as cousas passadas. Abiscan o mandou tirar, e proveo em seu lugar de outro Abexim, chamado Cide Merjão. Neste estado deixamos estas cousas até tornar a ellas.

CAPITULO XX.

De como o Turco mandou outro Capitão, chamado Alecheluby, por lhe levar as galés de Baçorá a Suez: e de como ſahio de Baçorá, e ſe encontrou com a Armada de D. Fernando de Menezes, e lhe tomou ſeis galés.

REcolhido Moradobec pera Baçorá com as galés, fugindo a D. Diogo de Noronha, daquella grande batalha que teve com Gonçalo Pereira Marramaque, logo o Turco teve recado por terra do ſucceſſo, do que ficou mui enfadado. Andava na Corte hum coſſairo, que ſe chamava Alecheluby, que fora theſoureiro do Cairo, homem muito rico, e valído antre os Baxás. Eſte em chegando as novas do que ſuccedeo a Moradobec, o começou a vituperar diante dos Baxás, dizendo » que homem, que entregára a fortaleza de Catifa aos Portuguezes ſem eſperar golpe de eſpada, não ſe » lhe houvera de entregar aquelle negocio » nas mãos; » offerecendo-ſe aos Baxás pera elle paſſar aquellas quinze galés a Suez, como o Turco mandava. Os Baxás porque eram ſeus amigos lhe houveram a jornada, e elle partio pela poſta pera Baçorá; e tomando poſſe da Armada, começou a nego-

ciar

ciar as quinze galés muito bem, pera partir na entrada de Agosto.

D. Fernando de Menezes como entrou o mez de Julho, despedio tres navios, de que eram Capitães Gomes de Siqueira, Luiz de Aguiar, e Bastião de Macedo, da obrigação do Conde da Vidigueira, e deo-lhe por regimento, que se fossem pôr na boca do estreito de Baçorá, e vigiassem as galés; e que das novas que achassem o avisassem por hum delles; e que sempre os dous ficariam em vigia até as galés sahirem. Estes Capitães se foram pôr na paragem, que lhes mandavam, onde se deixáram estar; e de algumas terradas que tomáram, souberam como era chegado Alecheluby, e que ficava já com as galés no mar, negociando-as pera sahir pera fóra. Com este aviso partio o Gomes de Siqueira.

Bernaldim de Sousa teve tal maneira, que mandou algumas espias a saber das galés, que se foram em terranquis feitos pescadores, pescando dentro no estreito, e levavam o peixe a vender ás galés, e viam, e notavam tudo sem ninguem se recear delles, e cada dous dias era Bernaldim de Sousa avisado do que se passava.

Alecheluby tendo as galés prestes, sendo já alguns dias de Agosto, sahio com ellas fóra do estreito. Os nossos navios, que

lá

lá andavam, tanto que houveram viſta dellas, voltáram pera Ormuz, e deram as novas a D. Fernando de Menezes, que no meſmo dia ſe embarcou nos navios ligeiros, que tinha preſtes, e partio pera Maſcate a ſe metter na ſua Armada, e ſahir em buſca das galés, e em ſua companhia foi Dom Antão de Noronha em huma galeota com quarenta ſoldados, e Fidalgos. Chegando áquelle porto, tomando depreſſa algumas couſas neceſſarias, ſe embarcou nos galeões, e com toda a Armada tornou a voltar em buſca das galés.

Bernaldim de Souſa, tanto que ſe partio D. Fernando de Menezes, armou hum galeão, que alli eſtava de hum Gomes Farinha, e tres, ou quatro náos de mercadores, e lhes metteo artilheria, e muitas munições, e ſoldados, e ſe embarcou no galeão, com tenção de tanto que as galés paſſaſſem, ir-ſe pôr na boca do eſtreito de Baçorá; porque ſe as galés vieſſem fugindo da Armada de D. Fernando de Menezes, lhes tiveſſe as portas fechadas, pera ſenão poderem recolher, e aſſim não eſcaparia nenhuma; e diſto aviſou a D. Fernando por terranquins muito ligeiros, aviſando-o » que ſe as galés lhe fugiſſem pe» ra dentro, as ſeguiſſe até Baçorá, onde » elle eſtaria, e que aſſim lhe ficariam as ga-

» lés

» lés no meio, e se perderiam todas: » discurso, e ardil de muito grande Capitão.

D. Fernando de Menezes, tanto que sahio de Mascate, foi correndo a costa de Arabia pera dentro em busca das galés, e mandou diante alguns catures ligeiros pera as espiarem: estes chegando ao cabo de Moçandão houveram vista das galés, que eram quinze, e todas vinham em huma ala; e voltando ao Capitão mór, lhe deram recado de como vinham atrás. D. Fernando negociou os seus galeões, e deo ordem no modo de como haviam de commetter as galés; e indo adiante, encontrou-se com ellas, e mandou as fustas, e caravelas por mais ligeiras pera pegarem com ellas, como fizeram, ateando-se antre todos huma formosa batalha de bombardadas.

Alecheluby tanto que vio a nossa Armada, deixou-se ir á véla, e foi arribando pera terra, e despedindo sua artilheria. Dom Antão de Noronha, que hia no seu galeão, metteo-se em huma galeota com muitos Fidalgos, e soldados, e foi demandar o Capitão mór pera se metter com elle, por lhe ter assim escrito o Viso-Rey; e que seu filho não fizesse cousa alguma sem elle. O vento hia refrescando, e as galés arribando pera terra, ficando-lhe o galeão de Gomes da Silva muito perto ás bombardadas

com

com ellas , e ſabia D. Antão que levava pouca gente , porque com a preſſa lhe ficáram todos em Ormuz. E receando que lhe aconteceſſe algum deſaſtre , por eſtar hum pouco deſviado da Armada , pedio aos Fidalgos , que com elle hiam , que ſe foſſem metter naquelle galeão , que era aſſim neceſſario ao ſerviço d'ElRey ; e tomando o remo, chegou a elle arriſcado as galés o commetterem , e deitando-lhe dentro vinte e tantos homens , voltou pera o galeão do Capitão mór , onde ſe metteo. As galés foram arribando pera terra , e ſe recolhêram na enceada de Lima, aonde os galeões não podiam chegar. D. Fernando de Menezes vendo-ſe atalhado , tomou conſelho ſobre o que faria , porque as galés hiam fazendo ſua derrota cozidas com a terra ; e huns diziam huma couſa , outros outra : mas hum Piloto velho , e antigo , que hia na Armada , de quem parece que fallou o Eſpirito Santo , diſſe , » que os ventos eram » Oeſtes , Oes-Sudueſtes pela prôa , e que os » galeões naquelle bordo per nenhum caſo » poderiam ſurdir avante, nem tomar Maſ- » cate : que era de parecer , que ſe fizeſſem » na volta da coſta da Perſia , e que della » na outra volta poderiam tomar Maſcate , » (porque elle o anno paſſado indo em hu- » ma náo do Capitão de Ormuz pera Ben-

» ga-

» gala naquella meſma monção, tomára a-
» quella derrota, e que pela outra coſta achá-
» ra os ventos galernos, e fora correndo á
» vontade; e que do cabo de Jaſques atra-
» veſſára, e fora tomar Maſcate muito fol-
» gadamente.) » Parecendo aquillo bem a to-
dos, voltáram no outro bordo, e foram fer-
rar Maſcate, deixando o Capitão mór os
navios mais ligeiros pera vigiarem as galés.

Chegada a Armada áquelle porto, ſur-
gio na bahia, e mandou o Capitão mór fa-
zer agua, e lenha, e deſpedio mais navios
ligeiros a eſpiar as galés. Neſtes dias que
aqui eſteve ſe notáram dous caſos notaveis.
Hum delles foi: eſtando a Armada ſurta na
bahia, entrou hum dia por ella dentro hum
monſtro marinho, muito maior que huma
balêa, e da mais eſtranha feição, que nun-
ca ſe vio; e chegando ao galeão de Dom
Fernando de Menezes, o rodeou muito de-
vagar. Os Mouros da terra tendo rebate, ſe
embarcáram alguns peſcadores em hum gran-
de, e formoſo terranquim, e tomando be-
tas groſſas amarradas humas nas outras, fi-
zeram hum grande laço, e pondo-lhe ſuas
iſcas, foi-as o monſtro demandar, e dando
no laço, ficou prezo. Os Mouros tanto que
o ſentíram, foram-lhe largando as betas to-
das, dando-lhe fugalaça, porque os não met-
teſſe no fundo, levando-os o monſtro á toa

pe-

pela barra fóra; porque com a força, que era mui grande, foi dando pancadas, e tirando pela terrada, no que se gastáram muitas horas. Cançada aquella alimaria, puzeram-se os Arabios aos remos, e foram remando pera dentro, levando-a apôs si até á enceada de Mocalachina, e lançando os cabos em terra, foram amarrados em parte segura; ajuntando-se muita gente, alaram por elles, e puzeram o monstro á borda da agua, onde o desfizeram pelo não poderem trazer a terra.

A outra cousa que se notou, foi: huma noite antes de pelejarem com as galés, víram correr pelo Ceo hum Cometa desses errantes, muito grande, e fogoso, e se foi desfazer naquella parte, em que depois os nossos tomáram as galés, que durou muito grande espaço. Estando a Armada assim surta, chegáram as fustas que as foram espiar, e disseram ao Capitão mór, que as galés ficavam aos Ilheos de Soar, doze leguas de Mascate. Com estas novas se levou, e mandou embandeirar a Armada, e deo á véla em busca das galés; e aos vinte e sinco dias do mez de Agosto, dia de S. Luiz, Confessor, ás nove horas do dia houveram vista dellas.

O Alecheluby vendo os galeões, cuidou que eram náos de mercadores, porque ti-

nha deixado atrás a Armada com tempos tão ruins, que depois que a perdeo de vista até alli, poz quinze dias, e pareceo-lhe que se tinha tornado pera Ormuz. As galés vinham todas a remo de longo da terra a fio com o vento pela prôa; e aos Ilheos, que estam duas leguas de Mascate, se encontráram na mais formosa, e limpa praia, que ha em toda a costa da Arabia. O Capitão mór foi cingindo o mar com toda a sua Armada, porque as galés lhe não pudessem escapar, e as foi demandando com os navios de remo diante, e as caravelas logo apôs elles, e os galeões estendidos pelo mar, todos embandeirados, que era huma formosa cousa de ver. O Alecheluby vendo-se encurralado á terra, e que pera voltar pera trás já o não podia fazer, determinou de passar a remo, cozido com a terra pelas prôas dos nossos navios, e foram forçando o remo pera vingarem huma ponta, que alli lançava ao mar. D. Fernando de Menezes chegou com o seu galeão até dar em oito braças, que mandou lançar ferro, e as caravelas foram arribando a terra sobre as galés. O Alecheluby com nove galés as mais ligeiras, que hia diante, vingou a ponta primeiro, que as nossas caravelas chegassem, e as seis, que ficáram mais atrás, não a pudéram passar. As caravelas, que eram navios mais pe-

que-

quenos, e ligeiros, foram-se mettendo bem a terra; a de D. Jeronymo de Castello-branco, que hia diante de todos, foi prepassando pelo galeão do Capitão mór. D. Antonio de Castello-branco, irmão de D. Jeronymo, que hia com D. Fernando de Menezes, vendo ir o irmão diante de todos, se poz em sima do capiteo, e bradou pelo irmão, dizendo: » Ah rapaz, vara-me essa caravela: » o D. Jeronymo o fez assim, porque mettendo de ló tudo o que pode, chegou a terra pela prôa das galés: e quiz Deos que nesse tempo désse do galeão do Capitão mór huma bombardada em huma galé, que hia diante, com que a atravessou, e as outras foram encalhar nella. Ao mesmo tempo chegou D. Jeronymo de Castello-branco, e atravessou-se antre as galés, pondo a caravela em secco no meio de duas dellas, sobre quem lançou tanto fogo, que as abrazou. D. Manoel Mascarenhas, que hia logo pegado a D. Jeronymo de Castello-branco, chegou ás galés, em que elle estava afferrado, e lançou tanto fogo sobre huma, que a abrazou, e passou adiante, e ferrou em outra. D. Jeronymo lançou-se com quinze, ou vinte soldados em huma das galés em que estava encalhado, e á espada a axorou matando todos os Turcos.

As outras caravelas foram chegando, e

ferráram cada huma da ſua; Antonio de Valadares, e D. Fernando de Monroy, tanto que puzeram as prôas em as galés, logo ſe baldeáram dentro, e á eſpada, e rodela tiveram huma aſpera batalha com os Turcos; e por fim della matáram muitos, e os mais ſe lançáram ao mar.

D. Manoel Maſcarenhas, depois que axorou huma das galés, das em que D. Jeronymo eſtava encalhado, foi pôr a prôa n'outra, que tambem rendeo.

D. Jeronymo de Caſtello-branco, depois que rendeo as ſuas duas galés, mandou lançar hum virador ao mar, e alando-ſe por elle, ſe tirou do ſecco, e levou as galés comſigo; confeſſando publicamente, que Dom Manoel Maſcarenhas rendêra, e abrazára huma dellas, do que a D. Manoel lhe não deo couſa alguma.

Rendidas as ſeis galés, a gente dellas que ſe lançou ao mar, foi toda morta pelas das noſſas fuſtas, (que ſe mettêram antre as galés, e a terra,) ſem darem vida a peſſoa alguma. Alecheluby, que tinha paſſado a ponta com nove galés, foi-ſe pôr ao mar da noſſa Armada, e eſteve olhando a briga; e vendo as galés rendidas, deo á véla, e ſe fez na volta da outra coſta, com tenção de ſe paſſar a Cambaya, porque a Conſtantinopla não havia de ir, porque o Turco eſtava

cer-

certo cortar-lhe a cabeça. As noſſas caravelas vendo ir as galés, largáram as vélas, e as foram ſeguindo até a coſta da India.

D. Fernando de Menezes com aquella vitoria ſe recolheo a Maſcate pera ſe curarem alguns feridos que havia, que os Capitães das caravelas paſſáram ás fuſtas; e as ſeis galés mandou reformar, e concertar, e reſgatou a chuſma das mãos dos ſoldados, e as mandou benzer pelos Sacerdotes, e lhes poz a todas nomes pera ſerem conhecidas, e as repartio por Fidalgos Capitães das fuſtas.

A galé Santa Elena, a Baſtião de Macedo; Santa Luzia, a Manoel de Siqueira; a Conceição, a Balthazar Monteiro; a Vitoria, a Gomes de Siqueira; Sant-Iago, a Jorge Pereira; e S. Miguel, a Gonçalo Guedes. Tomaram-ſe neſtas galés quarenta e ſete peças de artilheria de bronze, em que entravam baſiliſcos, eſperas, e canhões forçados de até quarenta arrateis de pelouro, e outros camelos, e aguias.

D. Fernando de Menezes em quanto provía a Armada, deſpedio hum navio ligeiro com as novas da vitoria a ſeu pai; e elle ficou refazendo a Armada. As noſſas caravelas, que hiam ſeguindo as galés, deram-lhe caſſa até á coſta da India; as ſete ſe recolhêram a Surrate, aonde as caravelas de

D. Jeronymo de Caſtello-branco, de Nuno de Caſtro, e de D. Manoel Maſcarenhas as enſacáram, e ſe deixáram ficar ſobre a barra. As outras duas galés foram ſeguindo D. Fernando de Monroy, e Antonio de Valadares, que as acoſſáram de maneira, que as fizeram varar, huma em Damão, e outra em Danú, aonde ſe deſpedaçáram, e elles ſe paſſáram a Baçaim. Franciſco de Sá de Menezes, Capitão daquella fortaleza, ſabendo o que paſſava, e de como as outras galés eſtavam recolhidas em Surrate, negociou dez, ou doze navios em que ſe embarcou, e ſe foi pôr ſobre aquella barra em companhia das caravelas.

Chegando eſtas novas a Jorge de Mendoça, Capitão de Chaul, armou com muita preſſa outros dez, ou doze navios, em que ſe embarcou, e ſe foi ajuntar com Franciſco de Sá. Era já iſto perto de vinte de Setembro, e aos vinte e tres ſurgio na barra de Goa D. Pedro Maſcarenhas, que vinha por Viſo-Rey da India. E porque as couſas que mais ſuccedêram entram em ſeu tempo, as guardaremos pera a ſetima Decada ſeguinte, em que com o favor Divino entraremos, dando primeiro fim a eſta ſexta á gloria, e honra de Deos noſſo Senhor, que vive, e reina pera ſempre. Amen.

FIM.

COUTO
DECADA
T.III. P.II.